AS MÃES

BRIT BENNETT

intrínseca

BRIT BENNETT

AS MÃES

TRADUÇÃO DE CAROLINA CARVALHO



Copyright © 2016 by Brittany Bennett

TÍTULO ORIGINAL
The Mothers

REVISÃO
Giu Alonso
Cristiane Pacanowski

ARTE DE CAPA
Rachel Willey

REVISÃO DE E-BOOK
Maria Fernanda Slade

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0197-4

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para minha mãe, meu pai, Brianna e Jynna

UM

Nem acreditamos quando ficamos sabendo, porque a gente sabe como o pessoal da igreja gosta de uma fofoca.

Como naquela vez em que pensamos que o Primeiro John, um dos nossos diáconos, estivesse enganando a mulher porque Betty, secretária do pastor, o viu num café com outra. Era jovem e bem-vestida, a tal outra mulher, e andava toda se balançando, apesar de não ter por que balançar coisa nenhuma na frente de um homem com quarenta anos de casado. Dá até para perdoar se o sujeito trai a mulher uma vez, mas ficar de intimidades com a moça à vista de todos, regado a uns bons croissants amanteigados? Aí a coisa muda de figura. Mas nem chegamos a repreender o Primeiro John, porque no domingo ele apareceu na Upper Room Chapel com a esposa e a moça rebolante a tiracolo — era uma sobrinha-neta dele, que morava em Fort Worth e estava de visita, e ficou tudo por isso mesmo.

Quando ficamos sabendo, achamos que fosse esse mesmo tipo de segredo, mas, temos que admitir, era de uma consistência diferente. Tinha um sabor diferente também. Todos os bons segredos têm um sabor antes de serem contados, e, se tivéssemos parado um pouco para mastigar melhor aquele, talvez notássemos o amargor de um segredo ainda verde, colhido cedo demais, arrancado e distribuído antes da época. Mas não esperamos. Compartilhamos aquele segredo amargo, um segredo que começou quando Nadia Turner engravidou do filho do pastor e foi até a clínica de aborto para dar um jeito nisso.

A garota tinha dezessete anos na época. Morava com o pai, fuzileiro naval, e sem a mãe, que havia se matado seis meses antes. Desde então, conquistara uma péssima reputação: era jovem, estava assustada e tentava esconder o medo com a beleza. E era mesmo bonita, linda até, com a pele cor de âmbar, longos cabelos sedosos e olhos que misturavam tons de castanho, cinza e dourado. Como a maioria das garotas, já tinha aprendido

que a beleza pode ser tanto um holofote quanto um esconderijo e, como a maioria das garotas, ainda não havia aprendido a traçar o caminho entre um e outro. Por isso é que ficamos sabendo das escapadas dela para o outro lado da fronteira para as boates de Tijuana, da garrafinha de água cheia de vodca que levava para a escola, dos sábados que passava na base militar jogando sinuca com os rapazes fuzileiros, noites que terminavam com os saltos do sapato na janela embaçada do carro de um homem. Histórias que o povo inventa, quem sabe, com exceção de uma que se provou verdadeira: que passou todo o último ano do colégio rolando na cama com Luke Sheppard e que lá para agosto o filho dele começava a crescer dentro dela.

———

LUKE SHEPPARD TRABALHAVA como garçom no Fat Charlie's Seafood Shack, um restaurante perto do píer conhecido pela comida fresca, pela música ao vivo e pela atmosfera familiar. Pelo menos era o que dizia a propaganda no *San Diego Union-Tribune*, se você fosse bobo de acreditar. Quem morava há muito tempo em Oceanside sabia que a prometida comida fresca era na verdade pescado do dia anterior com batata frita requentada e que a música ao vivo, quando existia, geralmente eram adolescentes desgrenhados em calças rasgadas e com alfinetes enfiados nos lábios. Nadia Turner sabia mais algumas coisas que não ficariam bem nas propagandas do Fat Charlie's, por exemplo: que os nachos com queijo eram a comida perfeita para bêbados esfomeados e que um dos cozinheiros vendia a melhor erva ao norte da fronteira. Nadia também sabia que a área do bar era decorada com coletes salva-vidas amarelos pendurados no teto e que por isso os três garçons negros, ao fim dos dias mais puxados, chamavam o lugar de navio negreiro. Ela sabia informações secretas sobre o Fat Charlie's por Luke.

— O peixe empanado é bom? — perguntava ela.
— Uma papa, de tanta gordura.
— E o macarrão com frutos do mar?
— Melhor nem chegar perto.
— Como é possível estragar macarrão?

— Sabe como é feita aquela merda? Eles pegam os peixes que estão parados há mais tempo e enfiam no ravióli.

— O pão, então.

— Se não comem tudo numa mesa, a gente serve em outra. Você meio que encosta no mesmo pão que um cara que coçou o saco o dia inteiro.

No ano em que a mãe dela se matou, Luke a salvou de pedir o bolinho de siri (feito com uma carne de siri falsa e frito na banha). Nadia tinha começado a sumir depois da escola, a pegar ônibus para qualquer que fosse o destino. Às vezes ia para o leste, para a base dos fuzileiros em Camp Pendleton, onde via um filme, jogava boliche no Stars and Strikes ou jogava sinuca com os fuzileiros. Os mais novos eram os mais solitários, então ela sempre encontrava um grupo de soldados rasos, ainda desacostumados com a cabeça raspada e os coturnos grandalhões, e acabava a noite beijando um deles até os beijos a deixarem com vontade de chorar. Outras vezes ia para o norte, passando pela Upper Room, onde o litoral se torna fronteira. Fosse ela para o sul, chegaria a outras praias, praias melhores, praias de areia tão branca quanto as pessoas que nela se deitam, praias com calçadão e uma montanha-russa no píer, praias protegidas por portões. Só para o oeste ela não podia ir. A oeste fica o mar.

Nadia pegava os ônibus para se afastar de sua vida antiga, aquela em que depois da aula fazia hora com os amigos no estacionamento até dar o horário da autoescola, ou se instalava nas arquibancadas para assistir aos treinos do time de futebol americano, ou ia em caravana comer hambúrguer na In-N-Out. Em que ficava de bobeira na Jojo's Juicery com os colegas de trabalho, ia dançar em volta da fogueira em luais e escalava o deck do píer quando a desafiavam porque ela sempre fingia não ter medo. Era incrível notar que raramente ficava sozinha naquela época. Sentia que era passada de mão em mão como um bastão, da professora de matemática para a de espanhol, que a passava para a de química, depois para os amigos e finalmente de volta para os pais. Até que um dia a mão da mãe não estava mais lá e ela caiu, estatelada no chão.

Por isso, tinha passado a não suportar ficar perto de ninguém — nem dos professores, que perdoavam as entregas de trabalhos atrasados com sorrisos pacientes; nem dos amigos, que paravam de fazer brincadeiras quando ela se sentava para almoçar, como se a alegria deles fosse ofendê-la. Na aula avançada de ciências políticas, quando o sr. Thomas passava tarefas em

dupla, seus amigos rapidamente se juntavam em pares e ela se via obrigada a formar dupla com a outra garota quieta e isolada da turma: Aubrey Evans, que fugia para as reuniões do Clube Cristão durante o almoço, e não para melhorar o histórico escolar para a faculdade (ela não havia levantado a mão quando o sr. Thomas perguntara quem já tinha se inscrito), mas porque achava que Deus gostava que ela passasse seu tempo livre enfurnada numa sala organizando distribuições de enlatados. Aubrey Evans, que usava um anel da pureza de ouro e mexia nele enquanto falava, que sempre ia à igreja sozinha, provavelmente a pobre filha abençoada de ateus devotos, sempre se esforçando para fazê-los encontrar o caminho da salvação. Depois do primeiro trabalho em dupla que fizeram, Aubrey se aproximou dela e baixou a voz para falar:

— Só queria dizer que sinto muito. Estamos todos orando por você.

Ela pareceu sincera, mas que diferença fazia? Nadia não ia à igreja desde o enterro da mãe. Em vez disso, pegava ônibus. Um dia, ela desceu no centro da cidade, em frente à Hanky Panky. Tinha certeza de que alguém iria barrá-la (parecia uma criança, com a mochila nas costas), mas o segurança instalado num banquinho próximo à porta mal tirou os olhos do celular quando ela entrou. Às três da tarde de uma terça-feira, a boate de strip-tease estava às moscas, as mesas prateadas desocupadas, foscas sob as luzes do palco. Cortinas pretas bloqueavam a luz plástica do sol; na escuridão artificial, brancos gordos com boné enterrado na cabeça se sentavam largados nas cadeiras voltadas para o palco. Sob os holofotes, uma garota branca de carne flácida dançava, os seios balançando como pêndulos.

Na escuridão da boate, ela podia ficar sozinha com sua tristeza. O pai havia se enfiado na Upper Room. Ia aos dois cultos de domingo, ao estudo bíblico na quarta, ao coral na quinta à noite, embora não cantasse e os ensaios não fossem abertos, mas ninguém tinha coragem de mandá-lo embora. O pai depositava a tristeza em um templo, enquanto Nadia colocava a dela em lugares que ninguém podia ver. O barman deu de ombros ao ver sua identidade falsa e preparou o drinque pedido, e ela ficou sentada num canto escuro, tomando cuba-libre e vendo as mulheres de corpo cansado girarem no palco. Nunca as jovens e magras (essas, a boate guardava para os fins de semana ou as noites), só as mais velhas, pensando nas compras a fazer e nas babás a contratar, o corpo marcado pelas estrias e pela idade. A mãe dela ficaria horrorizada só de pensar — a filha numa

boate de strip-tease, em plena luz do dia —, mas Nadia ficava, bebendo devagar os drinques aguados. Na sua terceira vez ali, um velho negro puxou uma cadeira e se sentou ao lado dela. O homem usava uma camisa xadrez vermelha sob os suspensórios e tufos de cabelo grisalho despontavam por baixo do boné da Bait & Tackle.

— O que está bebendo? — perguntou ele.

— O que *você* está bebendo? — devolveu ela.

O homem riu.

— Rá. Bebida de adulto, isso aqui. Não é para uma mocinha que nem você. Vou te arranjar uma coisa doce. Que tal, meu amor? Você tem uma carinha de quem é louca por doces.

Ele sorriu e insinuou a mão pela coxa de Nadia. Seus dedos se curvaram, as unhas escuras e compridas afundando na calça jeans da menina. Antes mesmo que ela fizesse algum movimento, uma mulher negra de uns quarenta anos, com um conjunto de fio dental e sutiã rosa-shocking, se aproximou. Faixas amarronzadas atravessavam a barriga dela como as listras de um tigre.

— Deixa a menina, Lester — disse a mulher. Depois, para Nadia: — Vem, eu pego outra bebida para você.

— Que isso, Cici, eu estava só conversando — retrucou o velho.

— Ah, me poupe — respondeu Cici. — Até seu relógio é mais velho que essa menina.

A mulher levou Nadia de volta ao balcão do bar e derramou na pia o que restava da bebida. Depois, vestiu um casaco branco e a chamou para ir lá fora. Delineado contra o céu cinzento, o contorno reto e simples do Hanky Panky parecia ainda mais deprimente. Mais à frente, junto à fachada, duas garotas brancas fumavam, e ambas ergueram a mão ao verem Cici e Nadia. Cici devolveu o cumprimento preguiçoso e acendeu um cigarro.

— Você tem um rosto bonito — disse Cici. — Esses seus olhos são de verdade? Você é mestiça?

— Não — respondeu Nadia. — Quer dizer, sim, são meus olhos, mas não sou mestiça.

— Parece. — Cici soprou uma nuvem de fumaça para o lado. — Tá fugindo de casa? Ah, não me olha assim. Não vou chamar a polícia. Toda hora aparece alguma garota assim que nem você, tentando arranjar uma grana. É ilegal, mas o Bernie não liga. Ele deve te dar um tempo no palco,

para ver o que você sabe fazer. Mas não vai esperando uma recepção calorosa. Já é difícil disputar as gorjetas com essas louras. Espera só até as outras garotas verem sua bunda lisinha.

— Eu não quero dançar.

— Bom, eu não sei o que você está procurando, mas não é aqui que vai encontrar. — A mulher aproximou o rosto do dela. — Sabia que os seus olhos são transparentes? Dá para ver através deles. E só tem tristeza do outro lado. — Ela enfiou a mão no bolso e sacou algumas notas de um dólar amassadas. — Isso aqui não é lugar para você. Vai comer alguma coisa no Fat Charlie's. Anda, vai.

Nadia hesitou, mas Cici pôs as notas na mão dela e fechou seus dedos. Talvez ela pudesse fazer isso, fingir que estava fugindo de casa, ou talvez estivesse mesmo, de certa forma. O pai nunca perguntava aonde ela tinha ido. Ao voltar para casa à noite, Nadia o encontrava na poltrona reclinável da sala, vendo TV num cômodo às escuras. Ele sempre ficava surpreso quando ouvia a porta se abrindo, como se só então notasse que a filha havia saído.

———

NO FAT CHARLIE'S, Nadia estava sentada a uma mesa mais para os fundos, folheando o cardápio, quando Luke Sheppard surgiu da cozinha, o avental branco amarrado na cintura, a camisa preta do uniforme bem justa no peito musculoso. Estava tão bonito quanto ela se lembrava dele na igreja, com a diferença de que se tornara um homem, a pele bronzeada e os ombros largos, o maxilar firme coberto por uma sombra de barba. E agora mancava, pendendo um pouquinho para o lado direito, mas a deficiência do seu andar — o passo irregular e a fragilidade que aquilo evocava — só a fez desejá-lo ainda mais. Nadia perdera a mãe um mês antes e se sentia atraída por qualquer pessoa que conseguisse demonstrar sua dor de maneira explícita, coisa que ela não conseguia. Nem tinha chorado no enterro. Durante o velório, um desfile de convidados lhe dissera que estava se saindo muito bem, e o pai apoiara o braço nos ombros da menina. Ele ficara um tempo curvado no banco durante o culto, em silêncio mas com os ombros

tremendo, um choro masculino mas ainda assim um choro, e aquela foi a primeira vez que Nadia considerou que talvez fosse mais forte que o pai.

Feridas internas devem permanecer internas. Como devia ser estranho ter uma ferida externa impossível de ser escondida. Ela brincou com a capa do cardápio enquanto Luke se aproximava, mancando. Assim como todos os membros da Upper Room Chapel, Nadia tinha acompanhado, no ano anterior, o fim da até então promissora primeira temporada do garoto no futebol americano. Uma devolução de bola banal, uma defesa malfeita e pronto, Luke quebrou a perna, fratura exposta e tudo. Na época, os comentaristas disseram que ele teria sorte se conseguisse voltar a andar normalmente, imagine continuar a jogar, por isso ninguém ficou surpreso quando a Universidade Estadual de San Diego cancelou a oferta de bolsa de estudos do rapaz. Mas Nadia ainda não o tinha visto depois que ele deixara o hospital. Na cabeça dela, ele ainda estava no leito, cercado por enfermeiras dedicadas, a perna enfaixada apontando para o teto.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Eu trabalho aqui — respondeu ele, e riu, mas a risada soou pesada, como o ruído de uma cadeira sendo arrastada. — Como você tem andado?

Luke não a encarou, ficou mexendo no bloco de anotar os pedidos, e por isso Nadia percebeu que ele tinha ficado sabendo sobre a mãe dela.

— Com fome — respondeu Nadia.

— É assim que você tem andado? Com fome?

— Vou querer os bolinhos de siri.

— Melhor não. — Ele guiou o dedo dela pelo cardápio plastificado, descendo até os nachos. — Aqui. Prove isso.

A mão dele se curvou suavemente sobre a dela, como se a estivesse ensinando a ler, conduzindo seu dedo por palavras desconhecidas. Luke sempre a fizera se sentir absurdamente mais nova, e foi assim também dois dias depois, quando Nadia voltou ao Fat Charlie's, sentou-se na mesma área do salão e tentou pedir uma margarita. Ele riu, olhando a identidade falsa dela.

— Fala sério. Você não tem, sei lá, doze anos?

Ela estreitou os olhos.

— Vai à merda. Tenho dezessete.

Mas disse isso com um pouco de orgulho demais, fazendo Luke rir de novo. Mesmo se tivesse dezoito (que só faria no fim de agosto), pareceria

pouco para ele. Nadia ainda estava no colégio. Luke tinha vinte e um anos e já havia ido para a universidade, e das grandes, não como as comunitárias, em que as pessoas passavam alguns meses depois do colégio só até arranjarem emprego. Nadia tinha se candidatado a vagas em cinco instituições e, enquanto esperava as respostas, perguntava como era a vida na faculdade, se os chuveiros dos alojamentos eram mesmo tão nojentos quanto ela imaginava e se as pessoas realmente colocavam uma meia na maçaneta do quarto quando queriam privacidade. Luke contou sobre as corridas de lingerie e as festas com banho de espuma, explicou como fazer render o cartão-alimentação, disse que para ganhar mais tempo nas provas era só fingir que tinha dificuldades de aprendizado. Ele conhecia o mundo e conhecia mulheres, garotas universitárias, que iam de salto alto à aula, não tênis, que carregavam bolsas, não mochilas, que passavam as férias estagiando em empresas de tecnologia ou bancos, não preparando sucos numa lanchonete. Ela se imaginou frequentando a faculdade, sendo uma daquelas garotas sofisticadas, e Luke indo de carro vê-la ou, caso ela fosse estudar em outro estado, pegando um avião. Ele riria se soubesse como ela o imaginava em sua vida. Ele a provocava, como na vez em que ela começou a fazer o dever de casa no Fat Charlie's.

— Merda — disse ele, dando uma folheada no livro de matemática dela. — Você é dos nerds.

Nem era, na verdade, mas Nadia tinha facilidade para aprender. (A mãe brincava sobre isso: deve ser bom, comentava quando Nadia lhe mostrava uma prova gabaritada para a qual só tinha estudado na véspera.) Nadia achava que as aulas avançadas podiam afastá-lo, mas Luke gostava do fato de ela ser inteligente. Está vendo essa garota aqui, dizia aos garçons que passavam, primeira mulher negra presidente, anota o que eu digo. Toda garota negra com um mínimo de inteligência ouvia isso, mas ela gostava dos elogios de Luke e gostava ainda mais quando ele fazia brincadeiras com o fato de ela estar estudando. Não a tratava como as pessoas da escola, que ou a evitavam ou a tratavam como se fosse uma coisinha frágil capaz de quebrar com qualquer palavra mais dura.

Certa noite de fevereiro, Luke a levou em casa e ela o convidou a entrar. O pai ia passar o fim de semana num seminário religioso, por isso encontraram a casa silenciosa e escura. Ela queria oferecer uma bebida — era o que as mulheres faziam nos filmes, estendiam ao homem um copo

quadrado, com um líquido escuro e masculino —, mas o luar se refletiu no vidro da cristaleira vazia e Luke a encostou na parede e a beijou. Ela não contou que era sua primeira vez, mas ele soube. Na cama dela, perguntou três vezes se ela queria parar. Três vezes Nadia disse que não. O sexo ia doer e ela queria a dor. Queria que Luke fosse sua ferida externa.

Em maio, ela já sabia a que horas Luke saía do trabalho e quando encontrá-lo no canto vazio do estacionamento, onde duas pessoas podiam ficar sozinhas. Sabia quais eram suas noites de folga, noites em que ela ficava de ouvidos atentos esperando o carro dele surgir na rua e cruzava o corredor na ponta dos pés ao passar pela porta fechada do quarto do pai. Sabia quais dias ele entrava mais tarde no trabalho, dias em que ela o levava para casa antes que o pai chegasse. Sabia que Luke sempre usava a camiseta mais justa do uniforme do Fat Charlie's, para ganhar mais gorjetas. Que, quando ele desabava na beira da cama dela sem falar muito, era porque estava temendo um longo dia no trabalho, por isso Nadia também não falava muito; apenas tirava aquela camiseta apertada e passava as mãos por seus ombros. Ela sabia que passar o dia todo de pé fazia a perna dele doer mais do que ele jamais admitiria e às vezes, enquanto Luke dormia, ficava olhando a cicatriz fina que subia até o joelho. Os ossos, como tudo mais na vida, são fortes até não serem mais.

Ela também sabia que o Fat Charlie's ficava deserto entre o horário do almoço e o happy hour, então, quando o teste de gravidez deu positivo, pegou um ônibus para ir lá contar a Luke.

— PUTA MERDA — FOI a primeira coisa que ele disse.

E depois:

— Tem certeza?

E depois:

— Mas certeza *certeza*?

E depois:

— Puta merda.

No salão vazio do Fat Charlie's, Nadia afogou as batatas fritas numa piscina de ketchup até ficarem molengas e empapadas. Claro que tinha

certeza. Não daria um susto daqueles se não tivesse certeza. Tinha passado dias torcendo para a menstruação descer, implorando por um fiozinho de sangue, uma gota que fosse, mas só encontrara a brancura imaculada da calcinha. Então, naquela manhã pegara um ônibus até o centro de planejamento familiar nos arredores da cidade, um prédio baixo e cinza em uma rua comercial. Na recepção, uma fileira de plantas artificiais quase escondia a recepcionista, que indicou a sala de espera. Nadia se viu junto com algumas garotas negras que mal ergueram os olhos quando ela se sentou entre uma gordinha que fazia bolas de chiclete roxo e uma garota de jardineira que jogava tetris no celular. Uma conselheira branca e gorda chamada Dolores levou Nadia até os fundos, onde se espremeram num cubículo tão entulhado que os joelhos das duas se tocavam.

— Você tem motivo para achar que está grávida? — começou Dolores.

A mulher usava um suéter de ovelhinhas cinza meio empelotado e falava como uma professora de jardim de infância, sorrindo, as frases terminando com um leve cecear. Devia achar que Nadia era uma idiota — mais uma garota negra burra a ponto de não insistir em usar camisinha. Mas eles tinham usado, pelo menos na maioria das vezes, e Nadia se sentiu estúpida por ter relaxado com o sexo geralmente seguro que faziam. Em tese, ela era a mais esclarecida da relação. Deveria saber que bastava um erro para que seu futuro lhe fosse arrancado das mãos. Ela conhecera meninas grávidas. Vira muitas andando pesadamente pela escola, camiseta apertada e casaco justo na barriga. Nunca via os garotos que haviam causado aquilo — seus nomes ficavam protegidos pelo mistério, tão fugidios quanto o próprio boato —, mas era impossível não ver as garotas, grandes e cada vez maiores diante de seus olhos. Mais do que qualquer um, deveria ter se cuidado. Ela própria nascera de um descuido da mãe.

Sentado diante dela, Luke se debruçou na mesa, flexionando os dedos como fazia na lateral do campo, quando ainda jogava. No primeiro ano do ensino médio, Nadia passara mais tempo de olho nele do que acompanhando a partida. Como seria se aquelas mãos a tocassem?

— Achei que você estivesse com fome — disse ele.

Ela jogou mais uma batata na pilha. Não tinha comido nada o dia todo. Sentia a boca salgada, como se fosse vomitar. Tirou os chinelos e apoiou os pés descalços na coxa dele.

— Estou me sentindo um lixo — disse Nadia.

— Quer outra coisa?

— Não sei.

Ele se afastou da mesa.

— Vou trazer outra coisa…

— Não posso ter esse filho.

Luke, que se levantava da cadeira, parou.

— Como é que é?

— Não posso ter um bebê — repetiu. — Não posso ser mãe, porra. Eu vou para a faculdade, e meu pai vai…

Ela não conseguia se obrigar a pronunciar a palavra (*aborto* parecia algo feio e mecânico), mas Luke entendia, não entendia? Ele tinha sido a primeira pessoa para quem Nadia contara sobre o e-mail da Universidade do Michigan. Ele a abraçara antes mesmo que terminasse a frase, quase a esmagando. Ele precisava entender que aquela oportunidade não podia ser desperdiçada, sua única chance de sair de casa, de deixar para trás o pai calado, cujo sorriso nem chegara aos olhos ao ver o e-mail, mas que, ela sabia, ficaria mais feliz se ela fosse embora, se não tivesse a filha para lhe lembrar o que perdera. Ela não podia permitir que uma gravidez paralisasse sua vida justo agora que tinha ganhado uma oportunidade de fugir.

Se Luke entendeu, não demonstrou. Não disse nada a princípio, apenas desabou de volta na cadeira, o corpo repentinamente lento e pesado. Naquele momento, ele parecia ainda mais velho, o rosto cansado e abatido sob a barba fina. Pegou os pés descalços dela e os aninhou no colo.

— Tudo bem — falou, e depois, mais baixo: — Tudo bem. O que você quer que eu faça?

Não tentou fazê-la mudar de ideia. Nadia gostou disso, embora nutrisse uma pequena esperança de que ele fizesse algo tradicional e romântico, como pedi-la em casamento. Ela nunca teria aceitado, mas teria sido legal se ele tivesse tentado. Não; Luke só perguntou quanto seria necessário. Ela se sentiu burra (nem tinha pensado em providências práticas, como pagar pela cirurgia), mas ele prometeu arranjar o dinheiro. No dia seguinte, quando Luke lhe entregou o envelope, Nadia pediu que ele não a levasse à clínica.

— Tem certeza? — perguntou ele, acariciando seu pescoço.

— Tenho. Só me busque quando terminar.

Ela se sentiria pior com alguém observando. Vulnerável. Luke a vira nua, estivera dentro dela, mas, por algum motivo, deixar que a visse com medo

seria uma intimidade intolerável.

———

NA MANHÃ DA consulta, Nadia foi de ônibus até a clínica de aborto, no centro. Tinha passado por ali dezenas de vezes — uma construção bege comum, à sombra de um Bank of America —, mas nunca tivera a curiosidade de imaginar como seria por dentro. Durante a viagem de ônibus em direção à praia, ela ficou olhando pela janela, visualizando paredes de um branco estéril, instrumentos afiados em bandejas, recepcionistas gordas e de suéteres largos conduzindo garotas aos prantos até a sala de espera. Mas o saguão era arejado e iluminado, as paredes pintadas de um tom de bege com um nome chique como *marfim* ou *ocre* e, nas mesas de madeira maciça, ao lado das pilhas de revistas, havia vasos azuis cheios de conchas. Sentada numa cadeira o mais distante possível da porta, Nadia fingia ler a *National Geographic*. Ao lado, uma ruiva resmungava baixinho enquanto tentava fazer palavras cruzadas; o namorado estava encolhido ao lado da ruiva, olhando para o celular. Era o único homem na sala, então talvez a ruiva se sentisse superior — mais amada — por estar acompanhada, embora ele não parecesse um bom namorado, pois não conversava com ela ou segurava sua mão, como Luke teria feito. Do outro lado da sala, uma menina negra de vestido amarelo justo fungava na manga da jaqueta jeans. A mãe da menina, uma mulher corpulenta com uma rosa lilás tatuada no braço, estava ao lado dela, os braços cruzados. Parecia irritada, ou talvez apenas preocupada. A menina devia ter uns catorze anos, e quanto mais alto ela fungava, mais as pessoas em volta tentavam não olhar para ela.

Nadia pensou em mandar uma mensagem para Luke. *Cheguei. Está tudo bem*. Mas tinha acabado de dar o horário do trabalho, e ele já devia estar bastante preocupado. Ela folheava a revista devagar, o olhar escorregando das páginas para a recepcionista loura que sorria com seus fones de ouvidos, para o tráfego lá fora, para o vaso azul cheio de conchas. Sua mãe odiava praias — areia suja e bitucas de cigarro por toda parte —, mas adorava conchas, então sempre que iam à praia ela passava a tarde andando na beira da água e se abaixando aqui e ali para catar conchas na areia úmida.

"Elas me acalmam", dissera uma vez, pegando Nadia no colo e virando uma concha com cuidado, para mostrar o interior brilhante. Tons de lilás e verde cintilaram na concha em sua mão.

— Turner?

Uma enfermeira negra com dreadlocks grisalhos, parada à porta, lia um papel em uma prancheta de metal. Enquanto pegava a bolsa, Nadia sentiu que a enfermeira a observava de cima a baixo, os olhos passando pela blusa vermelha, a calça jeans skinny, o sapato preto com salto.

— Você devia ter escolhido alguma roupa mais confortável — disse a enfermeira.

— Isso é confortável — respondeu Nadia.

Ela se sentiu novamente com treze anos, de pé no gabinete do vice-diretor, levando uma bronca por causa do que vestia.

— Calça de moletom — sugeriu a enfermeira. — Alguém devia ter avisado quando você ligou.

— Eles avisaram.

A enfermeira balançou a cabeça, já voltando pelo corredor. Parecia cansada, ao contrário das brancas animadas que tagarelavam pelos corredores de uniforme rosa e sapatos de borracha. Como se já tivesse visto tanta coisa que nada mais a surpreendesse, nem mesmo uma menina de respostas atrevidas em roupas inapropriadas, uma menina tão abandonada que não conseguira uma única pessoa para acompanhá-la. Não, não havia nada de especial numa garota assim — nem as boas notas, nem a beleza. Era apenas mais uma menina negra tentando se livrar da barriga.

Na sala da ultrassonografia, o técnico perguntou se ela queria ver a tela. Não precisa se não quiser, disse ele, mas para algumas mulheres dá uma sensação de encerramento. Ela recusou. Tinha ouvido falar de uma garota de dezesseis anos do colégio que dera à luz e deixara o bebê na praia. A garota foi presa quando voltou ao local para avisar a um policial que tinha visto um bebê abandonado e ele descobriu que ela era a mãe. Como ele soube, Nadia nunca conseguiu entender. Talvez tivesse visto o sangue escorrendo pelas coxas da garota à luz da sirene ou sentido o cheiro de leite brotando dos seios. Ou talvez tivesse sido algo totalmente diferente. A hesitação ao entregar o bebê, a apreensão nos olhos da garota quando ele passou a mão no cabelo sedoso da criança para tirar a areia. Talvez ele tivesse visto, ao se afastar, o amor maternal se estendendo como um fio

dourado da garota até o bebê. Algo a denunciara, mas Nadia não cometeria o mesmo erro. Voltar atrás. Não hesitaria, não se permitiria amar o bebê ou mesmo conhecê-lo.

— Pode começar logo — pediu ela.

— E se for múltipla? — perguntou o técnico, aproximando-se dela em seu banquinho com rodas. — Gêmeos, trigêmeos…

— Por que eu ia querer saber?

Ele deu de ombros.

— Algumas mulheres querem.

Ela já sabia demais sobre o bebê; sabia que era menino, por exemplo. Era cedo demais para ter certeza, na verdade, mas ela sentia a estranheza dele dentro de si, algo que ao mesmo tempo era e não era ela. Uma presença masculina. Um menino que teria os cachos largos de Luke e aquele seu jeito de sorrir com os olhos apertados.

Não, também não podia pensar nisso. Não podia se permitir amar o bebê por causa de Luke. Por isso, virou o rosto quando o técnico passou o sensor no gel azul em sua barriga.

Depois de alguns instantes, o técnico se interrompeu, o sensor parado no umbigo dela.

— Hum — fez ele.

— O que foi? O que aconteceu?

Talvez não estivesse grávida. Podia acontecer, não podia? Talvez o teste tivesse errado, ou talvez o bebê tivesse sentido que não era desejado. Talvez ele próprio tivesse desistido. Nadia não se conteve: virou-se para o monitor. A tela estava preenchida por uma fatia curva de luz branca granulada; no centro, uma forma oval preta, com única mancha branca.

— Seu útero é uma esfera perfeita — disse o técnico.

— O que isso significa?

— Não sei. Que você é uma super-heroína, talvez.

Ele riu, mexendo o sensor no gel. Ela não sabia o que esperava ver na tela do ultrassom: a curva de uma testa, talvez, ou o contorno de uma barriga. Não aquilo, aquele negócio branco em forma de feijão, tão pequeno que poderia ser coberto com o polegar. Como era possível que aquela luz minúscula fosse uma vida? Como algo tão pequeno podia acabar com a vida *dela*?

Quando Nadia voltou à sala de espera, a garota de jaqueta jeans chorava. Ninguém olhava para ela, nem mesmo a mulher corpulenta, que tinha pulado uma cadeira ao lado. Nadia tinha se enganado: aquela mulher não podia ser a mãe da menina. Uma mãe consolaria a menina aos prantos, em vez de se afastar. A mãe de Nadia teria abraçado a filha e absorvido suas lágrimas com o próprio corpo. A mãe dela a teria acalentado e só a largaria quando a enfermeira chamasse seu nome outra vez. Aquela mulher se inclinou e beliscou a coxa da menina que chorava.

— Já chega — disse ela. — Não queria ser adulta? Agora você é.

———

O PROCEDIMENTO LEVA só dez minutos, informou a enfermeira de dreads. Menos que um episódio de série.

Na sala de cirurgia gelada, Nadia encarava o monitor pendurado à sua frente, que mostrava imagens de praias ao redor do mundo. Acima dela, alto-falantes tocavam músicas para meditação (acordes de violão com ondas quebrando ao fundo), e ela sabia que deveria mentalizar a si mesma deitada em uma ilha tropical, sobre areia branca, mas quando a enfermeira pôs em seu rosto a máscara de gás anestésico e pediu que contasse até cem, ela só conseguia pensar na menina que abandonara o filho na praia. Talvez a praia fosse um lugar mais natural para se deixar um bebê que a pessoa não podia criar. Bastava colocá-lo na areia e torcer para que alguém o encontrasse — um casal de idosos que estivesse fazendo um passeio à noite, um policial patrulhando a área com sua lanterna iluminando engradados de cerveja. Se nada disso acontecesse, se ninguém o encontrasse, ele voltaria a seu primeiro lar, um oceano como o que havia dentro dela. A água invadiria a praia, o tomaria nos braços e o ninaria até devolvê-lo ao sono.

———

QUANDO ACABOU, LUKE não foi buscá-la.

Uma hora depois de ligar para ele, Nadia era a única garota ainda esperando na sala de recuperação, encolhida numa poltrona rosa fofa demais, apertando uma bolsa térmica na barriga dolorida. Passara uma hora

encarando a escuridão que a rodeava, incapaz de distinguir os rostos das outras garotas, mas imaginando-os tão desprovidos de expressão quanto o seu. Talvez a de vestido amarelo tivesse chorado nos braços da poltrona. Talvez a ruiva ainda estivesse nas palavras cruzadas; de repente já havia feito aquilo antes, ou quem sabe já tinha filhos e não podia criar mais um. Será que era mais fácil para as que já eram mães? Como quem recusa educadamente uma segunda porção de comida quando está satisfeito?

As outras enfim foram embora, e, quando ela pegou o celular na bolsa para ligar para Luke pela terceira vez, a enfermeira de dreads entrou, arrastando uma cadeira de metal. Trazia um pratinho descartável com bolachas cream cracker e uma caixa de suco de maçã.

— Você vai sentir cólicas fortes por um tempo. Aqueça bem a barriga que passa. Tem uma bolsa de água quente em casa?

— Não.

— Use uma toalha. Também serve.

Nadia havia torcido para ser atendida por uma enfermeira diferente. Vira as outras mulheres andando pela sala para cuidar de suas garotas, oferecendo sorrisos, apertando mãos. Mas a enfermeira de dreads apenas estendeu o prato diante do rosto dela.

— Não estou com fome.

— Mas precisa comer. Senão, não posso liberar você.

Nadia suspirou, pegando um biscoito. Onde estava Luke? Não aguentava mais aquela enfermeira de pele enrugada e olhar firme. Queria estar na cama, enrolada no edredom, a cabeça no peito de Luke. Ele prepararia uma sopa e colocaria uns filmes para passar no laptop até ela adormecer. Ele a beijaria e elogiaria sua coragem. A enfermeira descruzou as pernas, voltou a cruzá-las.

— Conseguiu falar com seu amigo? — perguntou ela.

— Ainda não, mas ele já vem.

— Tem outra pessoa que possa chamar?

— Não preciso de outra pessoa, ele já vem.

— Ele não vai vir, bebê — disse a enfermeira. — Tem outra pessoa que você possa chamar?

Nadia olhou para a enfermeira, impressionada com aquela certeza de que Luke não ia aparecer e mais assustada ainda com a palavra *bebê*. Um *bebê* muito suave, que pareceu surpreender a própria enfermeira, como se tivesse

saltado sem querer de sua boca. Da mesma maneira que, depois da cirurgia, Nadia, em um delírio, olhara para o rosto embaçado da enfermeira e chamara “Mãe?”, com tanta doçura que a mulher quase respondera “Sim”.

DOIS

Se Nadia Turner tivesse nos consultado, nós a teríamos avisado para ficar longe dele.

Você sabe o que dizem sobre filhos e filhas de pastores. Na escola dominical, ficam correndo pela igreja, aos berros, rabiscando os bancos com giz de cera; na escola, os filhos correm atrás das meninas, levantando saias e vestidos, enquanto as filhas pintam a boca com cores chamativas, feito prostitutas; quando adolescentes, os filhos do pastor fumam maconha no estacionamento da igreja enquanto a filha está no banheiro sendo apalpada pelo filho do diácono, o rapaz silenciosamente descendo a meia-calça que a mãe teve que obrigá-la a usar porque garotas direitas não mostram as pernas na igreja.

Luke Sheppard, atrevido e prepotente com seus cachos soltinhos, seus ombros largos de atleta e seu sorriso de olhinhos fechados. Ah, qualquer uma de nós poderia ter dito a Nadia que era melhor ficar longe dele. Mas ela não nos teria dado ouvidos, claro. Afinal, o que as Mães da igreja sabiam? Não sabiam que Luke dormia segurando a mão dela, assim como não sabiam que ele brincava com seu cabelo quando estavam deitados, nem que ele aconchegara os pés dela no colo quando soubera da gravidez. Ora, um homem que passava a noite toda com os dedos enlaçados nos seus e acariciava seus pés quando você estava triste só podia amar você, nem que fosse só um pouco. Além do mais, o que um bando de senhorinhas sabia?

Teríamos contado a ela que, juntas, nossas idades somam séculos. Que, estendendo nossas vidas em uma única grande linha, nascemos antes da Grande Depressão, antes da Guerra de Secessão, antes mesmo dos Estados Unidos. Ao longo de todo esse tempo, nós conhecemos homens. Ah, sim, conhecemos o amor mínimo. Aquele finzinho de mel esquecido no fundo do pote, que mantém a doçura na boca por tempo suficiente para nos fazer esquecer a fome. Todas já passamos a língua pelos dentes para saborear esse

último bocadinho o máximo possível, e, em toda a nossa vida, nada nos fez mais famintas.

———

DEZ ANOS ANTES de Nadia Turner, já havíamos feito nossa primeira visita à clínica de abortos do centro. Ah, mas não do jeito que você está pensando. Quando a clínica foi construída, teríamos rido como Sara da ideia de ter filhos, fossem desejados ou não. Sem contar que já éramos mães na época, algumas de útero e outras de coração. Acalentávamos netos deixados aos nossos cuidados, ensinávamos piano a filhos de vizinhos e fazíamos bolo para os doentes e os inválidos. Cada uma de nós cuidava de alguém, e, mais importante, todas cuidávamos da Upper Room, e por isso é que, quando a congregação da igreja decidiu fazer um protesto diante da clínica, aderimos à ideia. E a Upper Room nem era do tipo de igreja que cria caso com qualquer coisinha que não seja do seu agrado. Não reclamávamos de filmes adultos nem comprávamos montanhas de CDs de rap só para destruí-los; não escreveríamos para o governador para garantir que a lista de livros banidos das escolas estaduais permanecesse longa e atualizada, nada disso. Na verdade, só tínhamos protestado uma vez antes, ainda nos anos 1970, quando abriram a primeira boate de strip-tease de Oceanside. Um lugar daqueles, a minutos da praia onde crianças nadavam e brincavam! O que viria depois? Um bordel no píer? Por que não transformar logo o porto todo numa zona de prostituição? Pois bem, o Hanky Panky foi erguido, e, embora isso ainda fosse uma ferida aberta na comunidade, todos concordávamos que a clínica de aborto era coisa muito pior. Um sinal dos tempos, com certeza. Uma clínica de aborto sendo aberta assim, como se fosse uma padaria.

Na manhã do protesto, todos nos reunimos em frente à clínica ainda em construção. O Segundo John, responsável por levar na van da igreja algumas pessoas que não tinham carro; a irmã Willis, que pedira aos seus alunos da escola dominical que pintassem os cartazes; até Magdalena Price, que nunca se dignava a fazer nada na Upper Room que exigisse sair do seu banquinho de piano — todos compareceram ao protesto para, nas palavras de Magdalena, entender o porquê de tanto alvoroço. Formamos um círculo em

volta do pastor Sheppard e da esposa e do filho deles, que era só um menino na época, chutando torrões de terra, enquanto o pastor, no meio, orava pelas almas dos inocentes.

Nosso protesto durou apenas três dias. (E não porque nossa convicção tivesse sido abalada, mas por causa dos militantes que se juntaram a nós, aqueles brancos birutas que acabariam no noticiário por explodir uma clínica ou esfaquear um médico, e isso era a última coisa que queríamos, estar por perto quando um deles surtasse). Em cada um daqueles três dias, Robert Turner foi até o centro da cidade às seis da manhã para entregar uma nova leva de cartazes buscados na igreja. Ele e a esposa não eram muito de protestar, Robert explicara ao pastor, mas levar os cartazes era o mínimo que podia fazer, já que tinha uma caminhonete.

Isso foi dez anos antes de ele ficar conhecido na Upper Room como o homem da caminhonete, uma Chevrolet preta que se tornou o meio de transporte oficial da igreja, a julgar pela frequência com que Robert era visto saindo de lá, o braço para fora da janela e a caçamba cheia de cestas básicas, roupas para doação ou cadeiras de metal. Ele não era o único membro da igreja que tinha uma caminhonete, claro, mas era o único que sempre se oferecia para disponibilizá-la. Robert deixava um calendário ao lado do telefone e sempre que ligavam da Upper Room anotava a data com cuidado, com um cotoco de lápis. Às vezes ele brincava que deveria pôr a caminhonete na mensagem da secretária eletrônica, porque ela recebia mais recados do que ele. Era uma piada, mas ele desconfiava que tivesse um fundo de verdade, que só o chamassem para os piqueniques e festas por causa da caminhonete, que a verdadeira convidada fosse ela, necessária para carregar alto-falantes, mesas e cadeiras, mas que ninguém fazia questão de que ele fosse também. Afinal, por que outro motivo ele receberia cumprimentos tão efusivos quando entrava na Upper Room todo domingo? Os diáconos davam tapinhas em suas costas, as senhoras da secretaria sorriam para ele, e o pastor havia mencionado certa vez, *en passant*, que não ficaria chocado se toda a ajuda de Robert lhe garantisse uma vaga no presbitério um dia.

A caminhonete havia melhorado a vida de Robert, acreditava ele. Mas havia também sua filha. As pessoas sempre eram benevolentes com pais solteiros, ainda mais se fossem pais solteiros de meninas, e ajudariam Robert Turner mesmo se não tivesse acontecido aquela tragédia com a

esposa dele, mesmo se ela tivesse apenas feito as malas e ido embora, o que, para alguns, era o que parecia ter acontecido.

———

NAQUELA NOITE, QUANDO o pai estacionou a caminhonete na garagem de casa, Nadia estava encolhida na cama, apertando a barriga dolorida. "As cólicas podem ser fortes", dissera a enfermeira de dreads. "Devem durar algumas horas. Vá a uma emergência se ficarem violentas." A enfermeira não explicou a diferença entre cólicas fortes e violentas, mas deu a Nadia um saquinho de papel branco com o topo dobrado, como uma marmita. "Isso é para a dor. Tome dois a cada quatro horas." Uma voluntária da clínica se ofereceu para levá-la em casa, e, ao entrar no carro empoeirado da garota branca, Nadia olhou pela janela para a enfermeira, que ficou à porta observando as duas se afastarem. A voluntária (loura, animada, vinte e poucos anos) passou a viagem inteira tentando puxar papo, mexendo nervosamente nos controles do rádio. A garota contou que estava no segundo ano da Universidade Estadual da Califórnia em San Marcos e que fazia trabalho voluntário na clínica por causa do curso de Estudos Feministas. Tinha bem cara de quem podia cursar faculdade, se especializar em um tema como Estudos Feministas e ainda assim ser levada a sério. Perguntou se Nadia planejava fazer faculdade e pareceu surpresa com a resposta. "Ah, a Michigan é boa", comentou, como se Nadia já não soubesse.

Isso tinha sido duas horas antes. Nadia fechou os olhos com força, passando pelo núcleo de frio cortante da dor até a leve calidez das extremidades. Queria tomar mais um comprimido, mesmo sabendo que precisava esperar, mas, quando ouviu o rangido da porta da garagem, devolveu o frasco laranja ao saco branco e o enfiou na gaveta da mesinha de cabeceira. Qualquer objeto diferente poderia chamar a atenção do pai, até um simples saco de papel. Desde que se descobrira grávida, Nadia tinha certeza de que o pai notaria que havia algo errado com ela. Quando era viva, a mãe conseguia notar que tinha sido um dia ruim na escola segundos antes de Nadia entrar no carro. O que houve?, perguntava, antes mesmo de a filha dizer "oi". O pai nunca fora tão perceptivo assim, mas uma gravidez era bem

diferente de um dia ruim na escola — ele notaria seu pânico, tinha que notar. Por sorte, isso ainda não tinha acontecido, mas ao mesmo tempo era assustador que fosse possível sair de casa e voltar com um corpo diferente, que algo enorme pudesse acontecer dentro dela e ninguém notar.

O pai bateu três vezes e abriu uma fresta da porta. Estava com a farda do trabalho, que parecia uma segunda pele, tão naturalmente ele se encaixava na calça reta, a série de insígnias no peito. As amigas de Nadia ficavam surpresas ao descobrir que o pai dela era fuzileiro. Ele não era como os jovens que viam pela cidade desde crianças, esnobes e musculosos, brincando de brigar diante do Regal e provocando as meninas que passavam. Talvez tivesse sido daquele jeito quando novo, mas era difícil imaginar. Era um homem calado e intenso, alto, magro porém forte, e parecia nunca relaxar, como um cão de guarda em seu posto, as orelhas sempre erguidas em alerta. Ele se abaixou para desatar os cadarços das botas pretas reluzentes.

— Você não parece muito bem. Está passando mal?

— É só cólica — respondeu ela.

— Ah. É a… — Ele apontou para a barriga da filha. — Quer que eu traga alguma coisa?

— Não. Quer dizer, posso usar a caminhonete mais tarde?

— Para quê?

— Dirigir.

— Sim, mas para ir aonde?

— Você não pode fazer isso.

— Isso o quê?

— Exigir saber aonde eu vou. Já tenho quase dezoito anos.

— Quer dizer que eu não posso perguntar aonde você vai com a minha caminhonete?

— Aonde eu iria? — perguntou ela. — Cruzar a fronteira?

O pai nunca ligava para onde Nadia ia, a não ser que ela pedisse emprestada a preciosa caminhonete. Passava os fins de tarde rodeando o veículo, mergulhando uma flanela vermelha num pote de cera até a pintura estar brilhando como vidro. Aí, quando alguém da Upper Room pedia um favor, ele ia correndo atender, sempre com pressa de chegar à caminhonete, como se fosse *ela* sua única filha, carente de atenção e amor. O pai suspirou, passando a mão pelo cabelo grisalho que ela cortava a cada duas semanas,

como a mãe costumava fazer, o pai sentado no quintal com uma toalha em volta do pescoço, as mãos de menina guiando a máquina. Era o único momento em que se sentia próxima dele.

— Vou ao centro. Pronto — disse ela. — Posso pegar a caminhonete, por favor?

Ela estremeceu quando uma nova onda de cólica a atingiu, apertando o cobertor ao redor do corpo. O pai se demorou à porta por um instante, até, enfim, deixar a chave na cômoda.

— Posso fazer chá para você — disse ele. — Ajuda a… Suas tias gostavam quando…

— Só quero a chave mesmo.

———

NO DIA SEGUINTE à notícia de que Nadia fora aceita na Michigan, Luke a levou ao Wave Waterpark, onde desceram de boia os tobogãs e se divertiram no rio com correnteza até ficarem encharcados e exaustos. De início, ela teve medo de que a sugestão de um parque aquático significasse que Luke a achava infantil, mas ele se divertiu tanto quanto ela, gritando ao pular nas piscinas ou arrastando-a para o brinquedo seguinte, gotículas de água no peito, as costeletas molhadas brilhando ao sol. Depois, os dois comeram cachorro-quente e churros na varanda do Rippity's Rainforest, onde as crianças menores batiam as perninhas nas boias. Ela lambeu o açúcar com canela dos dedos, cansada do sol e feliz, o tipo de felicidade que antes daria por comum mas que agora parecia frágil, como se fosse escorregar de seus ombros e quebrar caso se levantasse rápido demais.

Não esperava um presente de Luke, considerando que o pai mal lhe dera parabéns. Caramba, dissera ele ao ver o e-mail, dando um abraço rápido na filha, meio de lado. Mais tarde, na cozinha, seus olhos passaram rapidamente por Nadia como se ela fosse um móvel interessante que perdera a graça com o tempo. Ela tentou relativizar — na verdade, o pai não ficava feliz com nada naqueles tempos —, mas mesmo assim derramou algumas lágrimas no banheiro, enquanto escovava os dentes. Pela manhã, encontrou um cartão de parabéns na mesinha de cabeceira, com vinte dólares dentro. *Me desculpe*, escrevera o pai, *estou tentando*. Tentando o quê? Amá-la?

Nadia esticou as pernas sobre as de Luke, que massageou a pele macia de seus tornozelos até ela acabar de comer. Ele nunca a vira daquela maneira (o cabelo molhado e enrolado, o rosto sem maquiagem), mas Nadia se sentiu bonita quando ele sorriu, massageando seu tornozelo, e se perguntou se aquele toque suave significava algo mais, se ele não estaria até apaixonado por ela um pouquinho. Ela tentou tirar uma foto de casal antes de irem embora, mas Luke cobriu o celular com a mão. Queria manter o relacionamento em segredo.

— Não em segredo — corrigiu-se ele. — Uma coisa só nossa.

— Dá no mesmo.

— Claro que não. Só estou dizendo que é melhor a gente ser discreto. Só isso.

— Por quê?

— Essa história da idade.

— Eu tenho quase dezoito anos.

— *Quase*.

— Eu não causaria problemas a você. Não confia em mim?

— Não é só isso — explicou ele. — Você não sabe como é. Não é filha de pastor. A igreja inteira se mete na minha vida o tempo todo. E vai começar a se meter na sua também. A gente não pode dar mole, é só isso o que estou dizendo.

Talvez houvesse mesmo uma diferença. As pessoas escondem relacionamentos por vergonha, mas mantêm um relacionamento em particular por outros motivos. Todos os relacionamentos são, de uma forma ou de outra, particulares — se você estiver feliz, por que os outros precisam saber? E assim ela aprendeu a ser discreta. Não andavam de mãos dadas em público e ela não postava fotos dos dois juntos. Até parou de ir ao Fat Charlie's todos os dias depois do colégio, para não levantar suspeitas. Naquele dia, no entanto, como Luke não aparecera na clínica para buscá-la, ela deixou de lado a discrição e foi, na caminhonete do pai, ao restaurante. Sabia que ele fechava o lugar nas noites de quinta, mas não o viu no salão ao chegar, então foi até o balcão do bar e acenou para Pepe, um mexicano grandalhão com um rabo de cavalo grisalho. Ele ergueu os olhos do copo que secava com um velho pano de prato amarronzado.

— Nem me venha com essa falsificação fajuta. Não vou servir álcool para você.

— Cadê o Luke? — perguntou ela.
— E eu lá sei?
— Ele não vai sair por agora?
— Não sou babá dele.
— Sim, mas você o viu?
— Você está bem?
— Você viu o Luke hoje?
— Por que não liga para ele?
— Ele não está atendendo. Estou preocupada.

Luke não era de desaparecer daquela maneira, não atender ao telefone, prometer que estaria em algum lugar e não aparecer. Ainda mais num dia como aquele, em que Nadia precisava dele, e Luke sabia disso. Nadia tinha medo de que algo ruim tivesse acontecido, ou, pior, de que não tivesse acontecido nada. E se ele a tivesse abandonado na clínica pura e simplesmente por vontade própria? Não, ele nunca faria uma coisa dessas — mas então lhe veio à mente aquele momento no parque aquático, ele cobrindo seu celular, o breve instante em que ela se sentira segura e amada, justo antes de Luke recuar.

Pepe suspirou e pousou o copo no balcão. Ele tinha quatro filhas, pelo que Luke contara. Talvez fosse por isso que sempre negava bebidas alcoólicas a Nadia, sempre afugentava homens que a cantavam, sempre oferecia carona para casa.

— Ah, meu bem, você conhece o Luke. Deve ter só saído com os amigos. Amanhã ele te liga. É melhor você ir para casa, está bem?

ACABOU ENCONTRANDO LUKE numa festa.

E não uma festa qualquer, mas uma festa de colégio, embora Cody Richardson fosse ficar ofendido se ouvisse isso, porque, afinal, ele tinha se formado já fazia dez anos, mas suas festas sempre seriam de colégio porque Nadia e todos os alunos da Oceanside High haviam passado incontáveis fins de semana em festas na casa dele. Era um skatista louro, o tipo de cara branco sem nada em comum com ela. Mas, apesar de normalmente odiar festas de caras brancos — a música eletrônica repetitiva, o perfume barato

sufocante, as danças horríveis —, Nadia ia às festas de Cody porque todo mundo ia. Todo fim de semana era mais uma no bangalô lotado na beira da praia, onde nunca havia a preocupação de os pais voltarem mais cedo de viagem ou de a polícia acabar com a diversão, de tal maneira que a planta da casa se tornara um mapa registrando todas as suas primeiras vezes da adolescência: a varanda em que ela fumou maconha pela primeira vez, tossindo em meio à maresia; o canto da cozinha em que terminou com o primeiro namorado; o corredor em frente ao banheiro em que se entregou a um choro embriagado na semana em que a mãe foi enterrada.

Desde aquele dia, não voltara mais lá. A casa amarela já lhe parecia parte de outra fase da vida, e, ao terminar o colégio, tinha prometido a si mesma nunca mais pisar lá. Sempre a incomodara ver como tanta gente insistia em frequentar aquelas festas, como que presas no tempo, os anos após a formatura parecendo anulados assim que cruzavam a porta. No entanto, aquele era o único lugar em que Nadia achou que poderia encontrar Luke, depois de passar pela casa dele e ver que sua caminhonete não estava na garagem. De alguma maneira que não conseguia explicar, ela soube que ele estaria na casa de Cody.

Sentiu isso enquanto caminhava, abalada e irritada, pela areia úmida da praia. Seguiu a trilha de pegadas que levavam ao bangalô imaginando que encontraria as de Luke, que seus pés estariam pisando nos dele o tempo todo.

Subiu os degraus de madeira empenados, a música eletrônica pulsando pela porta aberta em ondas verdes, a batida grave fazendo vibrar o piso já todo melado de cerveja. Ela parou à porta e esperou os olhos se adaptarem à penumbra. Não teria visto Luke de cara se não fosse pelo mancar dele. Atrás da multidão de adolescentes brancos dançando juntos, dos balcões da cozinha cobertos de garrafas pela metade e de duas pirâmides de copos de uma partida abandonada de *beer pong*, ela viu a silhueta de Luke atravessar o cômodo escuro; o leve claudicar, tão sutil que a maioria das pessoas nem notava, mas que, para Nadia, era tão familiar quanto a voz dele. Luke parecia bêbado, uma garrafa quase vazia de uísque na mão. Quando ela se aproximou, ele cambaleou um pouco, como se vê-la já bastasse para tirar seu equilíbrio.

— Nadia. O que você está fazendo aqui?

— O que *você* está fazendo aqui? Eu te liguei mil vezes, porra!

— Você não devia estar numa festa. Devia estar na cama, sei lá…

— Onde você se meteu? — quis saber ela. — Eu fiquei horas esperando na clínica.

— Eu tive uns imprevistos, está bem? Eu sabia que você ia dar um jeito de ir para casa.

Mas ele disse isso olhando para o chão, e foi por esse gesto que ela soube que era mentira.

— Você me largou lá.

Luke finalmente a encarou, e aquilo a impressionou, como ele parecia igual. As pessoas não deveriam ficar diferentes quando são pegas mentindo, quando são vistas de verdade pela primeira vez?

— Olha só, essa história toda era para a gente se divertir, não para virar esse dramalhão do cacete — disse ele. — Eu arranjei o dinheiro. O que mais você quer que eu faça?

Ele se afastou, abrindo caminho pelo aglomerado de gente em direção à porta, o andar instável. Ela deveria ter entendido. Deveria ter entendido, quando Luke lhe entregou o envelope com os prometidos seiscentos dólares, que o dinheiro era a parte dele no trato e que o resto cabia a ela. Arranjado o dinheiro, ela passara a ser um problema já resolvido. De certa forma, ela já sabia disso (ou pelo menos suspeitava), mas quisera acreditar nele, no amor, em pessoas que não iam embora. Nadia foi até a cozinha, se espremendo por entre um grupo de adolescentes bobos que disputavam algum joguinho alcoólico, e pegou uma garrafa de tequila do balcão. A enfermeira de dreads dissera que ela não deveria beber por quarenta e oito horas — "afina o sangue, aumenta o sangramento" —, mas que se dane. Sentiu alguém tocá-la na cintura e, ao se virar, deu com Devon Jackson ali parado, segurando um baseado entre os dedos. Não falava com ele desde o primeiro ano, quando ficaram, só uma vez, mas ele não tinha mudado nada, a aparência quase delicada, alto, magro e com cílios longos, só que agora tinha o corpo todo coberto de tatuagens. Até o pescoço levou tinta, uma flor-de-lis subindo para o queixo.

— Nossa. Você está todo rabiscado.

Ele riu.

— Por onde você andou?

Em lugar nenhum. Por toda parte. O garoto lhe passou o baseado e Nadia se sentiu novamente com quinze anos, fumando com um garoto que

a bolinara uma vez, no alto de uma roda-gigante, o carrinho balançando de leve como se os ninasse. A última coisa que ouvira sobre Devon era que ele estava fazendo uns trabalhos como modelo, basicamente para sites voltados ao público gay. Dois anos antes, uma amiga tinha mandado para ela um link com uma foto de Devon deitado só de cueca em lençóis brancos, o rosto de um homem louro a centímetros de sua virilha.

— Soube que você ficou famoso — disse ela, devolvendo o baseado.

Não pretendia ficar bêbada. Só pegou mais uma dose porque ele mencionou o copo vazio, por acaso tinha virado freira? Colocou uma dose de tequila num copo de refrigerante, depois mais uma, e mais uma, depois se deixou levar para a pista. Não porque quisesse dançar, mas porque era uma desculpa para ficar perto, tocar, ser confortada pelo toque do corpo de Devon no seu sem ter que dizer nada. E a bebida a fez se sentir bem, apesar do ambiente abafado ali dentro da casa e da repulsa que sentiu ao abraçar a cintura dele e tocar a camiseta suada. Seu sangue devia estar ficando mais fino à medida que ela dançava, mas como era bom se sentir bêbada, relaxada, quente, como era bom tocar e ser tocada.

Devon começou a beijar seu pescoço, apertando a bunda dela com as duas mãos.

— Você é tão gostosa… — disse ele, o hálito quente em sua orelha.

E se roçou nela, mordendo o lábio com aquele ar sério de quem está tentando ser sexy com muito afinco. Ela deu uma risadinha. Ele riu também, apertou-a outra vez.

— Que foi? — perguntou ele.

— Achei que agora você gostasse de homens.

— Quem te disse isso?

— As pessoas.

— Parece que eu gosto de homem?

Ele pegou a mão dela e a fez apertar o volume em sua calça. Nadia tentou soltar o braço, empurrando-o. Sentiu-se presa de repente, como se estivesse sufocando. Com a visão embaçada, foi tateando a parede, passando por corpos que esbarravam nela, atravessando o ritmo eletrônico frenético que pulsava nos alto-falantes, a umidade grudenta, até a porta dos fundos. Na outra ponta da varanda, Cody Richardson apoiava-se na balaustrada de madeira. Estava mais alto, mais magro, o cabelo louro escuro mais desgrenhado, a camisa xadrez larga nos ombros angulares. Cody sorriu,

mostrando o piercing prateado no lábio, e ela foi devagar até ele, apoiando-se na balaustrada ao seu lado.

— Você não acha estranho? — perguntou ele.

— O quê?

Ele apontou para alguma coisa atrás dela. Além dos telhados roxos dos outros bangalôs via-se o topo da usina nuclear de San Onofre, dois domos brancos que as crianças chamavam de "os peitos" ao passarem por ali nas excursões escolares.

— Uma hora… Bum! — Cody arregalou os olhos, as mãos fazendo o movimento de uma explosão. — Do nada. Tipo, uma tempestade e pronto, a gente vai pelos ares.

Nadia apoiou a cabeça na balaustrada, fechou os olhos.

— Assim que tem que ser quando eu morrer — disse ela.

— Jura?

— Bum!

———

ERA ASSIM QUE ela imaginava:

A mãe dirigindo pela cidade, a arma de trabalho do marido no colo. Uma curva, depois outra curva, a luz da manhã tão rosada quanto uma camisola de bebê. A mente enevoada, ou talvez não — talvez pensasse com mais clareza do que nunca.

Sua primeira opção foi a praia porque seria um bom lugar para morrer. Razoavelmente quente. O local da morte de uma pessoa tinha que ser quente — já bastava o frio que a aguardava no pós-morte. Mas era tarde demais. Já havia surfistas na areia e a morte era para ser um momento particular, como quem murmura uma melodia audível apenas para si mesmo.

Por isso ela continuou em frente e estacionou quase um quilômetro acima, na colina da Upper Room, onde o carro estaria escondido pelos galhos das árvores. Desligou o motor e pegou a arma. Nunca havia atirado em nada, mas vira animais morrerem: porcos berrando enquanto sangravam, galinhas batendo as asas em desespero enquanto a mãe dela lhes torcia o pescoço. Pode-se convencer a vida a ir embora ou pode-se encerrá-la de uma

vez. A morte lenta talvez pareça mais suave, mas a morte súbita é mais bondosa. Piedosa, até.

Decidiu ser piedosa consigo mesma, ao menos uma vez.

———

QUANDO O PAI a questionou, Nadia disse que não viu a árvore. No escuro, era quase impossível enxergar a árvore que havia em frente à casa deles, por isso ela fizera a curva fechada demais. Eram quase quatro da manhã e os dois estavam na entrada de casa, o pai em seu roupão xadrez verde e de chinelo, ela recostada na porta da caminhonete, os sapatos nas mãos. Tinha planejado entrar de fininho, mas o pai saíra apressado logo que ouvira a batida.

Agachado, ele passava a mão no para-choque amassado, sentindo as ondulações no metal.

— Por que você não estava com a porcaria do farol aceso?

— Mas eu estava! Eu só… Eu olhei para baixo para desligar, e aí quando olhei para cima de novo, a árvore…

Ela cambaleou um pouco. O pai se levantou.

— Você está bêbada?

— Não.

— Estou sentindo seu bafo de álcool daqui.

— Não, eu…

— E veio dirigindo?

Ele deu um passo na direção da filha, e o movimento repentino, brusco, a fez derrubar tudo que segurava, bolsa, sapatos e chave, uma barulheira. Nadia esticou os braços para impedi-lo. Ele parou, os dentes cerrados, e ela não soube dizer se o pai tinha a intenção de lhe dar um tapa ou um abraço. As duas opções a machucavam, a raiva e o amor, enquanto permaneceram ali parados na escuridão, as batidas do coração do pai se fazendo sentir nas mãos dela.

TRÊS

Nós oramos.

Não sem cessar, como manda Paulo, mas bastante. Aos domingos e às quartas-feiras fazemos as reuniões de oração; nos despimos dos casacos e deixamos os sapatos à porta, escorregando um pouco ao andarmos só de meia, como menininhas brincando no piso recém-encerado. Sentamos em um círculo de cadeiras brancas no meio da sala, e uma de nós pega os papéis com pedidos de oração depositados na caixa de madeira instalada ao lado da porta principal. Então oramos: por Earl Vernon, que pede pela volta da filha viciada em drogas; pelo marido de Cindy Harris, que decidiu deixá-la porque descobriu no celular dela as fotos nuas que a mulher mandava para o chefe; por Tracy Robinson, que voltou a beber, e pesado; por Saul Young, que está enfrentando uma barra com a esposa em estágio avançado de demência. Lemos os cartões e oramos, por novos empregos e novas casas e novos maridos, por saúde melhor, crianças mais bem-comportadas, mais fé e mais paciência, por menos tentações.

Não nos consideramos "guerreiras da oração". Deve ter sido um homem quem inventou essa expressão — para os homens, qualquer coisa difícil é uma guerra. Mas orar é um ato mais delicado que uma batalha, especialmente as orações de intercessão. Mais do que apenas projetar um desejo, é tomar para si o fardo do outro, muitas vezes de alguém que nem conhecemos. Fechamos os olhos e ouvimos o pedido. Então, temos que entrar no corpo da pessoa em necessidade. Somos Tracy Robinson, ardendo de desejo por uísque. Somos o marido de Cindy Harris, vasculhando o celular da esposa. Somos Earl Vernon, desfazendo os nós do cabelo imundo da filha.

Se o intercessor não se torna o outro, mesmo que por apenas um segundo, a oração não passa de palavras.

Por isso não foi difícil deduzir o que havia acontecido com a caminhonete de Robert Turner. Normalmente encerada e brilhante, o veículo chegou ao estacionamento da Upper Room no domingo com o para-choque dianteiro amassado e um farol rachado. No saguão, ouvimos alguns rapazes e moças rindo de como Nadia Turner tinha ficado muito bêbada numa festa na praia. Então nos tornamos novamente jovens, isto é, nos tornamos Nadia, dançando a noite toda com uma garrafa de vodca na mão, saindo trôpega da festa. O percurso descuidado até em casa, vacilando entre uma pista e outra, o ruído do metal na colisão. Sabíamos que, ao sentir o cheiro do álcool, Robert devia ter batido na filha ou a abraçado. E que ela provavelmente merecia ambos.

A caminhonete foi o primeiro sinal de que havia algo errado naquele verão, mas nenhuma de nós enxergou isso de imediato. Na época, a caminhonete danificada só significou uma coisa para nós.

— Olha lá o que ela fez.
— Quem?
— A garota dos Turner.
— Quem é essa?
— Você sabe muito bem.
— Morena, olho claro.
— Ah, aquela?
— E por acaso os Turner têm outra garota?
— Ela não…?
— Ah, se parece.
— Cuspida e escarrada.
— Não viram o…?
— Aham.
— Deve custar quanto, consertar aquilo?
— Por que ela foi fazer isso?
— É doida.
— Pobre Robert.
— Doida.

Só tivemos pena de Robert Turner, que já passara por poucas e boas. Seis meses antes, a esposa tinha roubado a arma dele e estourado os miolos. Logo que amanheceu, ela estacionou o Tercel azul numa rua pouco movimentada e o carro chegou a balançar com a força do tiro. Uma pessoa

que corria por ali a encontrou, uma hora depois. Robert buscou o carro na delegacia e o levou para casa, o apoio de cabeça ainda escurecido pelo sangue da esposa. Ninguém soube o que aconteceu com o carro depois disso. Dizem as más línguas que, depois de retirar o restante das coisas dela (um caderninho, livros da biblioteca com a entrega atrasada, uma presilha vermelha que ele trouxera do México para a esposa, anos antes), Robert pôs um tijolo no acelerador e mandou o Tercel direto para o fundo do rio San Luis Rey. Mas Robert, racional como era, provavelmente vendeu as peças do carro antes de despachá-lo, por isso às vezes nos perguntávamos se um carro que passava tinha o silenciador de Elise Turner, ou se a seta dela piscava para nós da pista ao lado.

E agora, para completar, uma filha sem juízo. Não era à toa que Robert parecia tão tenso.

Naquela noite, a caixa de madeira ao lado da porta tinha um pedido de oração com o nome dele. Bem no meio do cartão, em letras minúsculas, as palavras *Orem por ela*. Não sabíamos a qual *ela* se referia — a esposa falecida ou a filha sem juízo —, então oramos pelas duas. Não é só expressar um desejo, sabe?, orar por uma pessoa morta. Quando não há um corpo em que possamos entrar, só nos resta tentar encontrar a alma, mas quem é que gostaria de ir atrás da alma de Elise Turner, seja lá onde estivesse escondida?

Naquela noite, quando a reunião de oração terminou, sentimos algo mudar na atmosfera da Upper Room. Não dava para explicar o quê, só que algo parecia diferente. Fora do lugar. Conhecíamos as paredes da Upper Room como as das nossas próprias casas. Andávamos a passos leves pelos corredores quando o coral estava ensaiando, reparávamos na pintura lascada num canto em frente ao armário de instrumentos ou no azulejo torto do banheiro feminino. Passamos décadas analisando a mancha em forma de orelha de elefante no teto logo acima do bebedouro. E sabíamos o ponto exato do carpete em que Elise Turner se ajoelhara um dia antes de se matar (as mais sensíveis espiritualmente juravam ainda ver a marca curva de seus joelhos). Às vezes brincávamos dizendo que, quando morrêssemos, nós todas nos tornaríamos parte daquelas paredes, aplainadas como o papel que as revestia — perto dos vitrais do templo, num canto do anexo em que se ministrava a escola dominical, ou mesmo no teto da sala de orações, onde nos reuníamos todas as quartas e domingos para interceder pelos enfermos e necessitados.

Não sabíamos então que a caminhonete amassada de Robert Turner havia atado o futuro de Nadia ao nosso e que a veríamos ir e voltar ao longo dos anos, cada vez puxando um pouquinho mais a corda e apertando mais e mais aquele nó.

———

NO DOMINGO À noite, os Turner receberam uma visita.

Nadia havia passado o fim de semana todo na cama, não porque a barriga ainda doesse, mas porque não tinha aonde ir. Não estava mais grávida, mas tinha batido a caminhonete do pai. E se o conserto levasse semanas? Como ele aguentaria, sem a caminhonete para se distrair, sem poder fazer favores, só com o trabalho e a casa? Ela havia destruído a única coisa que o pai amava. E o pior é que ele nem tinha gritado com ela. Quem dera ele expressasse a raiva com fúria — seria mais fácil assim, mais rápido —, mas não; em vez disso, o pai se encolhia dentro de si mesmo, movendo-se em silêncio ao redor dela na cozinha ou simplesmente a evitando. Sentia que estava se diluindo no silêncio, até que ouviu duas notas agudas tocarem o ar, tão leves que ela pensou que as tivesse sonhado. Então soaram três batidas, e uma breve pontada percorreu seu corpo. Luke. Nadia se levantou num salto, prendendo o cabelo num rabo de cavalo, enfiando as alças do sutiã embaixo da blusa, ajeitando o short. Foi descalça pelo piso gelado e abriu a porta.

— Ah. Oi.

À porta, o pastor Sheppard sorriu. Ela nunca o vira assim, em trajes tão casuais, sem a túnica da igreja ou o terno, só uma camisa polo, calça jeans e os tênis pretos com solas especiais que usava porque, segundo Luke, tinha dores nos joelhos. Ela sempre pensara em pastores como velhos desanimados de suéter e óculos, mas o pastor Sheppard parecia os seguranças de boate que ela enrolava para conseguir entrar: alto, ombros largos, a cabeça escura brilhante quase tocando o batente da porta. Parecia ainda maior nas manhãs de domingo, andando pelo púlpito em sua longa túnica preta, a voz grave ressoando até os fiéis. Mas de camisa polo, parado diante da porta, ele parecia relaxado, até amigável. Ele sorriu, e por um segundo Nadia viu Luke, um fragmento dele, como um veio de luz num caco de vidro.

— Oi, querida — disse o pastor. — Seu pai está?

— No quintal.

Ela deu um passo para trás, abrindo passagem. Ao entrar, ele parou, olhando ao redor, para a sala de estar, e Nadia se perguntou o que ele pensaria da casa. Provavelmente visitava tantas residências que era capaz de atribuir-lhes significado assim que entrava. Algumas eram cheias de doença; outras, de pecado; outras, de tristeza. A dela? Provavelmente parecia apenas vazia. Cômodos silenciosos e com poucos móveis, toda a casa aberta como uma ferida que nunca cicatrizaria. Ela o conduziu até o quintal, onde o pai se exercitava no banco de concreto. Robert Turner largou os pesos, com um *beng* alto.

— Pastor. — Ele enxugou o rosto com a camiseta cinza do corpo de Fuzileiros Navais. — Não sabia que o senhor ia passar aqui.

Nadia fechou a porta de tela e se afastou. No meio do corredor, sentiu que o pastor a observava e se perguntou, por um segundo, se ele sabia. Talvez o cargo o tivesse imbuído de ciência divina e ele conseguisse ver, pousado nos ombros dela, o peso dos segredos. Ou talvez não tivesse nenhum poder divino, apenas sentisse. Talvez sentisse a conexão que um dia houvera entre eles e, quando Nadia lhe dera as costas, talvez tivesse erguido a mão na tentativa de tocar o tecido esgarçado, a costura desfeita.

Ela foi até o banheiro na ponta dos pés, subiu na privada e ficou ouvindo pelo basculante aberto.

— Eu estava passando por aqui — dizia o pastor. — Vi sua caminhonete mais cedo. Está tudo bem?

— Vai ficar. Só precisa de uns consertos. Desculpe pelo piquenique… Eu sei que fiquei de levar as cadeiras…

— A gente dá um jeito. — O pastor fez uma pausa. — Me contaram que foi sua filha que bateu.

Ela apertou os joelhos com mais força.

— A gente era doido assim quando era jovem? — perguntou o pai.

— Até piores, talvez. Ela está bem?

— É uma garota inteligente. Muito mais que eu, disso tenho certeza. Daqui a pouco vai para a faculdade, devia tomar mais cuidado. É isso o que me preocupa.

— Você sabe como é essa garotada… Querem ultrapassar os limites. Acham que são invencíveis.

— Ela não era assim — disse o pai. — Ou talvez fosse. Talvez eu é que não a conhecesse. Elise estava sempre por perto para… Elas eram tão próximas… Eu não conseguia me meter entre as duas, e nem queria muito. Mães são criaturas egoístas. O senhor sabia que no início ela nem me deixava segurar Nadia? Teve que o médico mandar ela descansar. Não dá para se meter entre uma mãe e um filho. Não sei, pastor… Estou tentando ser um bom pai. Talvez eu só não saiba como.

Ela desceu e voltou ao corredor, tomando cuidado para não fazer barulho. Não queria escutar mais. Era horrível ouvir o pai se culpar pelos erros dela, embora também o culpasse. Afinal, ela é que tinha segurado a barra. Atendera a porta todas as vezes que as Mães iam visitá-los levando comida, enquanto o pai sumia na escuridão do quarto. Ela comeu tudo que as Mães da igreja deram, até enjoar, até achar que conseguia identificar exatamente quem havia preparado qual prato. Mãe Hattie fizera o macarrão com queijo, tão gorduroso que a manteiga se acumulava no canto do refratário. Mãe Agnes, magra como um varapau, fizera a torta de maçã, o trançado retinho, como que feito à régua. Nadia comeu os alimentos doados durante semanas, cada bocado temperado pela tristeza, até se cansar das velhinhas e dos sorrisos bondosos que escondiam a sede por fofocas. Então um dia ela deixou as travessas vazias na porta e ignorou a campainha. Depois, pegou a caminhonete do pai, foi até a mercearia e preparou um bolo de carne para o jantar. Ficou seco e duro que nem pedra, boiando numa camada gelatinosa de líquido marrom, mas o pai comeu mesmo assim.

Depois que o pastor foi embora, ela pegou a máquina de cortar cabelo e foi até a sala, onde o pai assistia a um filme de faroeste. Apesar de ser o horário usual em que faziam isso, achou que ele fosse ignorá-la, mas não: sem dizer nada, ele se levantou e saiu para o quintal. Assim podiam conversar, com o zumbido da máquina ao fundo, sem ter que olhar um para o outro.

— O pastor perguntou por você — disse o pai.

O céu estava claro e translúcido, como um lenço de seda lilás ondulando acima de Nadia. Ela guiou a máquina pelo cabelo do pai, punhados de lã grisalha caindo nos ombros dele.

— Humm — respondeu ela.

— A sra. Sheppard precisa de uma secretária. Só durante os meses de verão. Não é nada incrível, mas é um dinheiro que entra, e você ainda aprende algumas coisas úteis.

— Não posso trabalhar lá.

— Por que não? — perguntou o pai.

— Porque não. Vou encontrar outra coisa.

— É um bom trabalho…

— Não me interessa, vou encontrar outra coisa…

— Você vai pagar o conserto da caminhonete e o resto vai para os seus livros e para a faculdade — afirmou ele. — É um bom trabalho e vai ser bom para você. Passar um tempo na igreja. Vai ajudar você. Deus vai… Tem que confiar nEle, entendeu? Confie nEle e busque Seu caminho que Ele vai guiar você, como tem me guiado.

Parecia estar tentando convencer a si mesmo. Como se a santidade fosse impregnar nos ossos da filha caso ela passasse tempo suficiente na igreja. Nadia suspirou, limpando o cabelo dos ombros do pai. Por acaso sabia o que era bom para ela? O que ele sabia sobre *ela*?

NO PRIMEIRO DIA de trabalho, o pai a levou no carro reserva providenciado pela seguradora, a garota encolhida junto à janela enquanto subiam a colina rumo à Upper Room.

A igreja, com paredes bege e uma torre alta, se erguia em meio à vegetação silvestre de uma área elevada, a pior localização possível numa região em que queimadas não eram raras. Os turistas nunca se aventuravam por aquela área. Quem visita uma cidade litorânea quer mar cristalino e brisa fresca, por isso quem vinha de fora ficava apenas no centro, passeando pelo longo píer de madeira, onde pescadores deixavam as varas apoiadas no corrimão e iam descansar em cadeiras de praia e crianças saltitavam até a sorveteria carregando baldinhos vermelhos. Ao norte da costa, no entanto, estendiam-se quilômetros de arbustos secos que se tornavam estopim nas secas. Na primavera, os incêndios eram esquecidos, mas naquele momento, enquanto o pai dirigia, Nadia olhava para fora, para os tocos negros que despontavam do solo carbonizado. Apesar de a Upper Room ficar

empoleirada bem no meio de um imenso chão de palha, apesar de todos saberem que bastava uma única brasa trazida pelo vento alcançar os degraus, a igreja nunca havia pegado fogo. Era uma prova, acreditava a congregação, da proteção divina. Deus amava tanto a Upper Room que a poupava das chamas.

Histórias que as pessoas contavam a si mesmas. Nadia tinha ouvido milhares de vezes a história de como Deus levara sua mãe à Upper Room. Elise era uma mãe recente na época, esposa de militar recém-chegada à Califórnia, e vinha se sentindo muito sozinha. Não tinha nem completado o ensino médio, por isso trabalhava como faxineira no Days Inn do centro, e a chefe dela, uma senhora negra, dizia que ela tivera sorte de conseguir aquele emprego.

— Ajudava muita gente a ganhar a vida — disse a senhora. — Mas hoje em dia? Só querem mexicanas. Não falam uma palavra de inglês, mas aceitam salário de fome. Tudo por baixo dos panos. Você fala espanhol?

— Não — respondeu a mãe.

— Não tem problema. Vai aprender.

E ela aprendeu mesmo, com o tempo. Frases básicas como *Oi tudo bem* ou *Me passa aquilo* e todos os palavrões. Às vezes, quando não tinha com quem deixar Nadia, levava a menina para o trabalho. As outras moças a paparicavam, cantando em espanhol enquanto a ninavam em varandas com vista para o mar. A mãe dela pouco entendia das músicas, mas tinha visto no programa da Oprah que era bom expor o cérebro do bebê a idiomas diferentes. Foi por isso, diria ela mais tarde, que Nadia ficou tão inteligente; por isso que leu o primeiro livro antes mesmo de ser alfabetizada na escola, assustando tanto os outros pais que a mãe de uma das crianças levou o próprio livro só para testá-la, convencida de que a menina tinha apenas decorado a história. Mas Elise se lembrava das mexicanas em volta da filha, arrulhando em espanhol, o cérebro pequenino absorvendo as palavras até ficar cheio e pesado.

O espanhol gaguejado dela não ajudava muito. O marido havia sido enviado para o Golfo Pérsico e, apesar de estarem em Oceanside fazia um ano, ela ainda não tinha feito nenhum amigo de verdade. Em sua solidão, buscou um lar na igreja. Não sabia muito bem por onde começar a procurar. Com exceção das católicas, devidamente identificadas por nomes de santos, a maioria das igrejas de San Diego tinha nomes náuticos, como a Coastline

Baptist ou a Seacoast Community Church. Com nomes assim, ela imaginava bancos repletos de gente em trajes de banho e o pastor subindo ao altar com uma prancha de surfe embaixo do braço. Visitou a Calvary Chapel e a Emmanuel Faith, mas em nenhuma das duas se sentiu acolhida. A pastora da Emmanuel Faith era formada em Harvard, fato mencionado três vezes durante o sermão. Na Calvary Chapel, uma mulher atrás dela foi tomada pelo Espírito Santo e começou a se debater, quase derrubando outros fiéis. Durante anos ela pulou de igreja em igreja, e cada uma delas era pequena demais ou grande demais, moderna demais ou tradicional demais. Até que, certa tarde, Elise estava tirando o lixo de um quarto na hospedaria quando um boletim da Upper Room foi parar em seus pés.

— Era a igreja perfeita para mim — dizia ela a Nadia. — Eu soube assim que entrei. Tudo simplesmente se encaixava.

Nas manhãs de domingo, a Upper Room ficava cheia e agitada, homens de terno trocando abraços brutos, senhoras plantando beijos nas bochechas das outras antes de anotar datas de lanches nos papeizinhos com que marcavam as páginas da Bíblia, crianças desviando de vasos de flores em perseguições de pega-pega e as Mães desfilando seus chapéus coloridos coroados com plumas esvoaçantes. Na sua primeira visita à Upper Room, Nadia ficou atrás dos joelhos da mãe, observando, impressionada, as penas dos chapéus passarem de lá para cá. Luvas brancas cobriam os braços das Mães até os cotovelos, os pandeiros tilintando enquanto andavam, e Nadia perguntou se o tilintar vinha com a idade, se um dia, quando estivesse enrugada e grisalha, seus passos também criariam músicas. A mãe riu da pergunta.

— Bom, seu corpo vai fazer uns barulhos, isso é certo — respondeu, pegando a mão da menina.

Naquele primeiro domingo, Robert Turner não as acompanhou. A mãe se desculpou pela ausência dele ao apertar a mão do pastor na saída, após o culto.

— Meu marido acabou de chegar do exterior — explicou. — E ele não é muito de igreja.

O pai de Nadia havia chegado uma semana antes. Ela tinha quatro anos na época e mal se lembrava dele, embora sua idade fosse suficiente para entender que isso era algo vergonhoso de admitir. Nos meses anteriores à volta dele, a mãe a colocara no colo, pegara um álbum de fotos e folheara

lentamente páginas cheias de imagens do pai segurando a bebê. Em uma das fotos, Nadia aparecia enrolada como um filhotinho de gato no peito dele, e o pai, jovem e elegante em seu uniforme azul, sorria para a câmera. Ele tinha uma verruga ao lado do nariz e cabelo preto e curto, que parecia fofinho como as cerdas do pincel de maquiagem da mãe. Nadia analisara o rosto dele, em busca de características que fossem suas também. Todos diziam que ela era exatamente igual à mãe.

No início, Nadia ficara temerosa perto do pai; tímida, até. Na rodoviária, ele se ajoelhou para abraçá-la e ela se afastou, assustada com aquele homem de roupa camuflada que carregava uma enorme bolsa de viagem, o rosto bronzeado pelo sol do deserto. As fotografias não a haviam preparado para a realidade, para o tamanho e o cheiro dele.

— A garota não se lembra de mim? — perguntou o pai, desgostoso.

— Ela era só um bebê quando você viajou. — A mãe deu um empurrãozinho nela. — Vá abraçar seu pai. Anda.

Nadia deu alguns passos para a frente e o pai a abraçou. O peito dele era duro de tão forte. O abraço doeu, mas ela sorriu. O pai a levou no colo no percurso para casa, apesar de a mãe insistir para deixá-la na cadeirinha.

— Ela tem que se acostumar comigo — disse ele.

— É só uma questão de tempo, Robert.

— Não importa quanto tempo vai levar. Ela vai me amar.

O pai parou a caminhonete num cruzamento antes de pegar a rua que levava à igreja. Nadia não fazia aquele caminho desde o enterro da mãe. Lembrava-se do trajeto naquela manhã como um borrão: sentia como se fosse atuar numa peça para a qual não se oferecera e de repente esperassem que ela soubesse todas as falas. Será que teria que falar no culto? O que deveria dizer? Que um dia tinha mãe e no seguinte não tinha mais? Que a única circunstância trágica que recaíra sobre a mãe tinha sido ela mesma, Nadia? No banco traseiro do carro funerário, ela encontrou um fio puxado na meia-calça e remexeu nele até abrir um buraco, encontrando paz na destruição.

— Você tem que levar isso a sério — disse o pai. — É uma coisa legal, o que a sra. Sheppard está fazendo por você.

Talvez fosse, mas ela não entendia por que a esposa do pastor tinha se disposto a ajudá-la. Ela a odiava desde que flagrara Nadia beijando o sobrinho do diácono Lou atrás da igreja, no sétimo ano. Ele era o tipo de

menino de que Nadia gostava na época: alto e magro, engolido pelas camisetas que usava. Ela havia traçado as linhas das tranças nagô no cabelo dele, pressionando-o contra a parede da igreja enquanto arfavam, boca com boca. Nunca beijara um garoto antes dele, não de verdade. No início daquele ano, tinha namorado um menino por três semanas, mas os dois só se beijaram uma vez, e mesmo assim pressionados pelo grupo de amigos, então não contava muito. Aquele, sim, foi um beijo de verdade. Nadia sentiu um ardor no corpo todo quando o garoto subiu a mão por dentro da blusa dela e a acariciou por cima do top que ela usava, e ela achou que ele havia sentido o mesmo, pois se afastou de repente, como se tivesse tocado algo muito quente. Então ela seguiu o olhar dele e viu a esposa do pastor. A mulher a puxou pelo braço e a arrastou de volta para a igreja, sacudindo o pulso da menina enquanto brigava.

— Nunca vi uma coisa dessas! Se comportar desse jeito na igreja! — A sra. Sheppard deu mais uma boa sacudida no pulso de Nadia e se abaixou para aproximar o rosto do dela. — Não está cansada de saber que boas garotas não agem assim? Não sabe disso?

Nadia ainda se lembrava do rosto da mulher aparecendo bem na sua frente de repente. Um dos olhos era castanho e o outro, azul, e naquele momento viraram um borrão desorientador. A sra. Sheppard a arrastou de volta para a sala da irmã Willis, que a fez se sentar nos fundos e passar o resto da escola dominical sozinha, escrevendo cem vezes a frase *Meu corpo é um templo de Deus* para só então ser liberada. A mãe não falou muito na volta para casa, mas, depois de estacionar na garagem, desligou o motor e ficou em silêncio no carro por um minuto, ainda com as mãos no volante.

— Minha mãe tentou me manter longe dos garotos — disse ela enfim. — Obviamente, não conseguiu, então não vou lhe pedir isso. Você só precisa ser esperta e se cuidar. Os garotos podem viver do jeito que querem pelo resto da vida, mas você só tem a opção de tomar cuidado agora ou se arrepender mais tarde. É sua única escolha, na verdade. Você tem um grande futuro pela frente. Não desista disso por ninguém.

— A gente só estava se beijando — defendeu-se Nadia.

— Não deixe que passe disso — pediu a mãe. — Não siga o mesmo caminho que eu. É a única coisa que você poderia fazer para magoar seu pai.

O pai era um fuzileiro naval, estoico e durão, com a musculatura peitoral tão forte que seus abraços machucavam. Nadia nunca se julgara capaz de

magoar ninguém, muito menos a ele. Mas a mãe tinha engravidado aos dezessete anos. Devia saber por experiência própria como aquilo havia magoado seus pais. E, se engravidar era a pior coisa que Nadia podia fazer, então quanta dor ela própria havia causado com sua chegada inesperada? Devia ter arruinado a vida da mãe, se ela achava que uma gravidez era a pior coisa que poderia acontecer.

Nadia uma vez contara a Luke a história do beijo e ele riu com o rosto enfiado no travesseiro.

— Não é engraçado — reclamou ela.

— Ah, qual é. Essa história já tem um tempão. E como sabe que ela odeia você? Você nem fala com ela.

— Pelo jeito que ela me olha.

— Ela olha assim para todo mundo. É o jeito dela de olhar.

Luke havia rolado na cama e enterrado o rosto no pescoço de Nadia, mas ela se desvencilhou de seu abraço e tateou embaixo das cobertas à procura da calcinha. Nunca demorava muito na casa dele. Era excitante no início — transar na casa do pastor —, mas depois a emoção se tornava pânico, e ela imaginava ouvir passos lá fora, chaves tilintando, um carro estacionando. A mãe de Luke a arrancando nua da cama, agarrando-a pelo pulso e sacudindo. Ele achava graça dessa paranoia, mas Nadia não queria dar à mulher mais um motivo para odiá-la. Tinha esperança de que um dia ele a convidasse para sua casa, em vez de levá-la para o quarto às escondidas quando os pais não estavam. Luke a apresentaria como namorada, e sua mãe a conduziria até a mesa.

O pai entrou no estacionamento com o Chevrolet prata e, lentamente, avançou até a entrada da igreja. Ela sentiu o estômago se revirar.

— Eu posso arranjar outro trabalho — repetiu. — Se eu tivesse mais um tempinho…

— Anda — mandou o pai, destrancando a porta. — Você não pode se atrasar.

Ela nunca tinha ido à Upper Room durante a semana, e, assim que abriu as pesadas portas duplas, se sentiu invadindo o lugar. A igreja, cheia e agitada nas manhãs de domingo, estava tomada pelo silêncio, os corredores escuros, e o saguão principal, com seu extenso carpete azul, vazio. Ficou quase decepcionada, como se sentira certa vez na Disney quando a Space Mountain parou no meio do passeio e as luzes se acenderam, revelando

apenas um galpão cinza e um carrinho sobre trilhos com pequenos declives, que só pareciam quedas incríveis graças à magia dos efeitos especiais. Seguiu por um corredor escuro até os fundos da igreja, passando pela sala da escola dominical que havia frequentado obedientemente desde a alfabetização até o oitavo ano, pela sala do coral e pelo gabinete do pastor, até chegar à sala da sra. Sheppard, no fim do corredor. O cômodo majestoso se abria diante dela, os móveis de mogno brilhando ao sol, vasos de plantas por todo canto. A sra. Sheppard estava de pé encostada na mesa, os braços cruzados. Era uma mulher alta — um e oitenta no mínimo — e, de tailleur e sapatos altos vermelhos, tinha presença.

— Entre, vamos. Não fique aí parada.

Nadia sempre a achara intimidadora, se não pela altura ou pelo cargo ou pelo jeito de caminhar lentamente enquanto falava, como uma pantera cercando a presa, então pelos olhos estranhos, um castanho e outro azul, a frieza do azul forçando Nadia a baixar a cabeça sempre que passava por ela no saguão da igreja.

— Quantos anos você tem, querida?

— Dezessete — respondeu Nadia, baixinho.

— Dezessete. — A sra. Sheppard fez uma pausa, olhando de relance para a porta como se na esperança de que aparecesse uma opção melhor. — E vai para a faculdade no segundo semestre?

— Michigan — respondeu Nadia, mas sentiu que era uma resposta rude, então acrescentou: — Michigan, senhora.

— Estudar o quê?

— Ainda não sei. Mas quero fazer Direito.

— Bom, você deve ser inteligente, se vai fazer faculdade. Já trabalhou em escritório?

— Não, senhora.

— Mas já trabalhou antes, não?

— Claro.

— O que fazia?

— Trabalhei como caixa uma vez, numa loja do shopping. E também fui atendente na Jojo's Juicery.

— Jojo's Juicery. — A sra. Sheppard franziu os lábios. — Bom, eu nunca tive uma assistente e nunca precisei de nenhuma, mas, pelo jeito, meu

marido acha que eu preciso de ajuda. Então vamos encontrar alguma coisa para você fazer, certo?

Mandou Nadia pegar uma xícara de café no gabinete do pastor. Nadia estava passando pelo corredor quando olhou para o estacionamento pela janela. No gramado em frente à igreja, crianças brincavam de pega-pega. A Escola Bíblica de Férias, imaginou, mas mesmo assim se surpreendeu ao ver, no meio do caos, Aubrey Evans. Claro que Aubrey passava as férias na igreja; claro que não tinha nada melhor para fazer. Com uma espécie de chapéu de caçador ridículo e uma bermuda cargo, fingia correr na direção das crianças, que fugiam assim que ela se aproximava. Aubrey deixou a maioria escapar, mas no fim agarrou um mais lento e o ergueu enquanto o menino gritava, sacudindo as perninhas no ar. Em outra vida, Nadia talvez pudesse ser como ela. Brincando numa manhã de verão, erguendo no colo uma criança sorridente, feliz em estar em seus braços.

———

NAS PRIMEIRAS SEMANAS de trabalho na Upper Room, Nadia e o pai entraram numa rotina: acordavam cedo, tomavam café calados e pegavam o carro reserva. Ele a deixava na igreja e seguia para o trabalho. No caminho, o pai reclamava da direção diferente e de ficar na altura dos outros carros, mas Nadia sabia que ele só sentia falta da caminhonete por não ser chamado para fazer favores à igreja. Ao chegar do trabalho, ficava parado sem saber onde enfiar as mãos, como se tivesse entrado na casa de um estranho e não soubesse como se portar. Deveria deixar os sapatos à porta? Onde era o banheiro? Por fim, acabava indo levantar pesos no quintal, como um homem resignado matando o tempo na prisão.

No trabalho, Nadia fazia o que a sra. Sheppard mandava: contratava o bufê para o almoço da Sociedade Auxiliadora Feminina, revisava o boletim semanal, programava doações de brinquedos para o hospital pediátrico e xerocava formulários de inscrição para a Escola Bíblica de Férias. Tentava não cometer nenhum errinho, porque quando isso acontecia a sra. Sheppard fazia cara feia, os olhos semicerrados e um bico que ficava entre a careta e o sorriso de desdém, como se dissesse *É isso o que eu tenho que aturar*.

"Querida, se importa de refazer isso?", dizia ela, chamando Nadia com um gesto, ou "Por favor, veja se presta atenção. Não foi para isso que contratamos você?".

Para ser sincera, Nadia não entendia direito por que o pastor e a esposa a haviam contratado. Tinham pena dela, isso ela sabia, mas quem não tinha? No velório da mãe, sentada no primeiro banco da igreja, ela sentira a piedade de todos irradiar em sua direção, acompanhada de uma raiva contida que eram educados demais para externar, mas que Nadia sentira mesmo assim, fazendo cócegas em sua nuca. "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica", foram as primeiras palavras do pastor, mas o fato de ele ter começado com esse versículo significava justamente que a congregação já havia condenado a mãe dela, ou pior, que o pastor considerava o ato cometido por ela algo condenável. Após o enterro, a irmã Willis a abraçara e dissera: "Ainda não consigo acreditar que ela fez isso com você", como se a mãe tivesse matado Nadia, não a si mesma.

Depois disso, todo domingo o pai insistia em bater na porta do quarto dela de manhã, embora Nadia lhe desse as costas, fingindo dormir. Ele não a forçaria a acompanhá-lo à igreja. Não a forçava a nada. Chamá-la já exigia energia demais dele. Às vezes ela achava que deveria ir, para fazer o pai feliz, mas então se lembrava da irmã Willis sussurrando em seu ouvido e sentia o estômago se revirar. Como alguém daquela igreja ousava julgar a mãe dela? Ninguém sabia o que havia despertado nela o desejo de morrer. E o pior era que aquilo havia feito com que a própria Nadia julgasse a mãe. Às vezes, quando a voz da irmã Willis ressoava em sua mente, uma parte de Nadia pensava: Também não acredito que ela fez isso comigo.

Na Upper Room, Nadia tentava não se lembrar do velório, concentrando-se nas pequenas tarefas das quais a encarregavam. E eram sempre pequenas, porque a sra. Sheppard, muito objetiva e eficiente, era daquele tipo de pessoa que prefere fazer as coisas a ensinar a fazer (do tipo que prefere dar o peixe a um homem faminto não só por saber pescar melhor, mas por se sentir importante em evitar que o homem morra de fome). Nadia odiava passar tanto tempo observando a sra. Sheppard na tentativa de adivinhar seus desejos. Pela manhã, ficava parada na frente do armário procurando uma roupa capaz de agradá-la. Jeans, short e blusinhas justas estavam proibidos. Só calças sociais, camisas e vestidos discretos.

Como uma boa garota da Califórnia, ela raramente usava algo que não mostrasse as pernas ou os ombros, portanto não tinha muitas roupas que atendessem aos padrões da sra. Sheppard. Ainda não havia recebido o primeiro salário e não queria pedir dinheiro ao pai, de modo que se viu obrigada a passar algumas noites da semana curvada na pia do banheiro atacando as manchas de desodorante das mesmas camisas com uma toalha úmida. Se notava as roupas repetidas, a sra. Sheppard não dizia nada. Mesmo porque, na maior parte do tempo, mal reparava nela. Nadia não conseguia saber o que era pior: a hostilidade ou a indiferença. Ela via como a sra. Sheppard olhava para Aubrey Evans: de um jeito suave, como se um olhar mais duro fosse quebrá-la. O que tornava a outra garota tão especial?

Um dia, Nadia encontrou Aubrey à porta do banheiro. As duas se assustaram ao se verem.

— Oi — disse Aubrey. — O que você está fazendo aqui?

Ela usava o mesmo chapeuzinho de escoteiro e a bermuda cargo que a deixavam com cara de carteiro.

— Trabalhando — respondeu Nadia. — Com a sra. Sheppard. Faço as coisas chatas para ela, basicamente.

— Ah.

Aubrey sorriu, mas parecia incomodada, como uma ave delicada que pousa no nosso joelho: um movimento amplo demais, um gesto brusco demais, e ela sai voando para as árvores. Usava chinelos com girassóis de plástico brotando no ponto em que as tiras se encontravam, como se as flores tivessem nascido entre os dedos dela. Nadia quis arrancá-las ao ver aquilo. Como ela conseguia gostar de uma coisa tão ridícula? Imaginou Aubrey na sapataria passando por fileiras de sandálias pretas normais e escolhendo justamente o chinelo com girassóis. Como se ela se julgasse merecedora de todos os ornamentos e flores possíveis.

Certa tarde, quando as crianças da Escola Bíblica de Férias já tinham ido embora, a sra. Sheppard abraçou Aubrey e a chamou para tomar chá em sua sala. Como seria ficar sentada lá dentro, em vez de entrar só para deixar envelopes na mesa ou fazer uma pergunta? Será que as cortinas pareciam mais roxas do que cor-de-rosa? Será que do sofá dava para ver o sorriso de Luke nos porta-retratos? Nadia tentou voltar a se concentrar nos papéis que estava enfiando nos envelopes, mas era tarde demais. Sua mente tinha sido capturada. Luke ainda menino, espremido entre os pais no primeiro banco

da igreja e mexendo na gravata, ou sentado na frente de Nadia na escola dominical, quando ela estudava o rosto dele em vez da Bíblia, decorando as ondas de seu cabelo cacheado. Luke andando por aí de chuteiras, depois do treino. Luke saindo do estacionamento da igreja com o rádio nas alturas, fazendo os idosos taparem os ouvidos. Sentiu um frio na barriga, como se tivesse pulado um degrau. A tristeza não é uma fila, em que esperamos avançar para cada vez mais longe da perda. Nunca sabemos quando seremos lançados de volta para suas garras.

———

NAQUELA NOITE, ANTES de adormecer, Nadia abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e procurou os pés de bebê. Foi um presente — se é que podia chamar assim — do centro de planejamento familiar, pelo resultado positivo do teste. A conselheira Dolores lhe dera um saco plástico cheio de panfletos com títulos do tipo *Como cuidar do seu bebê antes de ele nascer*, *Segredos da indústria do aborto* e *A pílula pode matar?*. Sob o folheto *O amor verdadeiro sabe esperar*, a conselheira havia colocado um cartãozinho roxo que explicava as etapas do desenvolvimento do feto, semana a semana. Preso ao cartão havia um minúsculo broche: um par de pezinhos dourados, do mesmo tamanho e formato, segundo Dolores, dos pés do bebê de oito semanas que ela carregava.

Antes de ir embora, Nadia vomitou no banheiro da clínica, tentando não fazer barulho, e jogou fora os panfletos, enfiando todos pela fina abertura da lixeira até chegar ao cartãozinho com o broche. Nunca tinha visto uma coisa daquelas — um par de pés soltos, sem corpo —, e talvez tivesse sido essa estranheza o que a levou a guardar o alfinete. Ou talvez naquele momento já soubesse que ia abortar. Até então, sentira as duas alternativas quase equilibradas numa balança, e quando não conseguiu se desfazer do broche, soube que não haveria bebê, que dele só restaria aquilo. Por isso, escondeu o pequeno broche no fundo da gaveta, atrás de cadernos velhos, elásticos de cabelo e um porta-joias vazio que ganhara do pai anos antes. Toda noite, antes de dormir, ela vasculhava a gaveta atrás do broche, colocava-o na palma da mão e acariciava os pezinhos dourados ainda a brilhar no escuro.

———

OCEANSIDE FICAVA TÃO coberta de névoa quando o ano ia chegando à metade que os habitantes chamavam a época de Abril Hostil. Quando o céu encoberto se estendia até o início do verão, tornava-se Junho Judiado. Julho do Entulho. Agosto Indisposto. Naquele ano, a neblina que se formava estava tão espessa que as praias ficavam vazias até o meio-dia; os surfistas, incapazes de ver um palmo à frente, estavam abandonando a costa. Era uma névoa pesada, contínua, que se desenrolava, gorda e preguiçosa, tão densa que as senhoras da Upper Room começaram a usar chapéus e lenços para proteger o permanente do cabelo ao longo do caminho até a igreja. E a mudança climática trouxera uma novidade: a esposa do pastor havia contratado uma assistente, e o nome dela era Nadia Turner.

Latrice Sheppard nunca tivera uma assistente e todos duvidaram de que ela conseguisse manter uma. Era assertiva e exigente, não uma mulher submissa que só fazia ficar sentada no primeiro banco com um sorriso calado. Quando os mais velhos, e às vezes o marido, comentavam que tinha afazeres demais, a sra. Sheppard retrucava que não havia sido chamada pelo Senhor para ficar sentada, mas para servir. E como servia! Servia aos desabrigados e aos enfermos, servia às crianças, servia aos drogados em recuperação e às mulheres, inclusive cuidando diretamente das doações ao abrigo para vítimas de violência doméstica. Tinha se acostumado ao caos que era sua vida de correr pela Upper Room de reunião em reunião, enfiar roupas no porta-malas do carro para levar aos desabrigados, dirigir pela cidade para entregar brinquedos na ala pediátrica dos hospitais. Ia ao abrigo feminino, ao centro de detenção juvenil, a qualquer lugar que fosse preciso, até voltar para casa no fim do dia e ainda preparar o jantar do marido. Mas nunca havia tido uma assistente e não era agora que ia precisar.

— Não consigo simpatizar com ela — reclamou a sra. Sheppard ao marido, determinada manhã.

— Você não simpatiza com muita gente — rebateu ele.

— E não tenho motivo para isso?

— Não é justificativa para demitir ninguém.

Sentado à mesa de seu gabinete, John tomava café. Latrice suspirou e tornou a encher a própria xícara. Lá fora a névoa se movia devagar pelo

estacionamento. Já estava cansada daquilo. Latrice era de Macon, Georgia. Estava acostumada a chuva e umidade, mas odiava aquele interlúdio estranho, principalmente porque, na Georgia, a primavera era quando as azaleias, os pessegueiros e as magnólias floresciam e o clima ficava perfeito para churrascos, boas conversas na varanda e viagens de carro com as janelas abertas. Ali, no entanto, ela mal conseguia enxergar a rua. O que bastava para deixá-la mais frustrada do que já estava.

— Querido, todos nós gostamos do irmão Turner, mas eu não preciso de uma garota promíscua e ignorante me seguindo durante meses.

— A Palavra diz que o bom pastor deixa as noventa e nove…

— Ah, eu sei o que a Palavra diz. Não me venha com sermão, como se eu fosse uma mulher qualquer da sua igreja.

John tirou os óculos, como fazia quando queria deixar algo claro. Talvez algumas coisas fossem mais fáceis de dizer quando estavam embaçadas, fora de foco.

— Nós devemos isso a ela.

Latrice bufou, virando-se para a janela. Ela se recusava a ficar em dívida com alguém, muito menos com uma garota a quem só havia ajudado. Tinha sido a única a tomar alguma atitude, e rápido. Naquele mesmo dia, pela manhã, o filho estava sentado à mesa da cozinha, curvado, a cabeça nas mãos, enquanto o marido andava de um lado para o outro. Tanto a imobilidade do filho quanto o movimento constante do marido a irritaram. Ela mal havia acordado, nem tirara os rolinhos do cabelo. Uma garota grávida antes mesmo do café.

— Você não podia ter escolhido uma menina que não fosse da Upper Room? — perguntara ela finalmente.

— Mãe…

— Não me venha com "mãe". Tem certeza de que é seu? Quem sabe com quantos garotos ela já dormiu?

— É meu. Eu sei.

— Nem terminou o colégio ainda — continuara Latrice. — Ela tem dezoito anos, pelo menos?

— Quase — respondera ele, baixinho.

— Depois de tudo que lhe ensinamos — reclamara John. — Depois de crescer conhecendo a Palavra, depois de aprender sobre como é viver em pecado, você vai e me faz uma estupidez dessas?

Ela já vira aquela cena dezenas de vezes, o marido gritando com Luke. Por fazer pega com os amigos, por sair da lanchonete sem pagar, por levar cerveja para a praia em garrafas de Coca-Cola, por fumar um baseado no parque, por se meter em brigas com fuzileiros. Não era um mau garoto, mas era irresponsável. Garotos negros não podem se dar ao luxo de ser irresponsáveis, ela tentava explicar ao filho. Garotos brancos irresponsáveis se tornam políticos e banqueiros, garotos negros irresponsáveis morrem. Quantas vezes ela havia pedido a Luke que se cuidasse! Aí ele resolvia se envolver com uma garota que nem maior de idade era. O que Robert ia pensar? Ficaria enraivecido, é claro, mas a que ponto? A ponto de arrastar Luke até a polícia?

— Ela quer tirar — dissera Luke.

Com uma postura de derrota, ele limpava as lágrimas do canto dos olhos. Fazia anos que a mãe não o via chorar. O seu menino, como todos os outros meninos, já estava crescido demais para buscar os cuidados maternais. Ela acompanhara os estirões de Luke, as estrias nos ombros causadas pelo levantamento de peso, e, quanto mais homem ele se tornava, menos parecia seu filho. Tinha se tornado outra pessoa, um jovem furtivo e fechado que sumia atrás de portas fechadas e encerrava conversas ao telefone quando ela entrava no cômodo. Quando criança, ele já brigara com amigos no tapete da sala, mas, aos dezesseis, ela o vira empurrar um amigo com tanta força que um quadro caíra da parede. O mais perturbador tinha sido a expressão de surpresa no rosto do filho ao ouvi-la gritar, exigindo que parasse, como se a brutalidade fosse algo tão natural para ele que era surpreendente alguém vê-la como um problema.

As meninas se aproximam da mãe à medida que crescem, até gradualmente tomarem seu lugar, como um molde de costura. Mas meninos se tornam irremediavelmente distintos. Por isso, apesar de odiar ver o filho chorar, Latrice gostou de ter novamente a chance de acalentá-lo. Ela o puxou para si e acariciou seu cabelo.

— Shhhh. A mamãe vai cuidar disso.

Foi ao banco, sacou seiscentos dólares e pôs o dinheiro num envelope para Luke dar à menina. John não tinha conseguido dormir, passara a noite se revirando na cama e, depois, andando de um lado para o outro no quarto.

— Não devíamos ter feito isso — afirmara ele. — Minha alma está em luto.

Mas Latrice se recusava a sentir culpa. Eles não haviam forçado a menina a fazer nada que ela já não quisesse. Se a garota não queria ter o filho, ia encontrar uma maneira de não tê-lo. O certo a fazer (a atitude cristã) era facilitar as coisas para ela. Agora a menina podia ir para a faculdade e sair da vida deles. Não era a solução perfeita, mas, graças a Deus, não era o desastre que poderia ter sido.

Mas John se sentia mal mesmo assim, e quando Robert Turner chegou à igreja naquele domingo, a caminhonete amassada lhe pareceu um sinal, o início de um longo julgamento. Por isso John foi à casa de Robert oferecer à garota um emprego por piedade, sem nem consultar a esposa. E agora ela ficaria sob os cuidados de Latrice durante todo o período de férias, só porque o pastor queria expiar seu sofrimento despropositado.

— Eu não devo nada a ela — retrucou Latrice. — Minha parte está paga.

QUATRO

No velório de Elise Turner, a congregação chegou cedo, em peso, e se espalhou pelos bancos da igreja.

Já tínhamos visto mortes violentas. Sammy Watkins, esfaqueado em frente a um bar, o corpo encolhido e enfiado entre duas latas de lixo. Moses Brewer, encontrado no parque Buddy Todd, espancado até a morte. Kayla Dean, uma menina de catorze anos que levou um tiro de gangues mexicanas por estar usando a jaqueta azul do namorado. A escola dela tinha passado a semana inteira sofrendo com brigas entre negros e mexicanos, até o batalhão de choque chegar e os helicópteros da polícia sobrevoarem o local. Enquanto isso, a Upper Room permaneceu o tempo todo uma fonte de calma, com o pastor Sheppard pedindo que mantivéssemos a razão em uma situação irracional. Ser morto por causa de uma jaqueta. Uma criança, esperando seus tacos de peixe diante do Alberto's, que pegou a jaqueta emprestada porque estava com frio, e a mãe havia reclamado por ela ter voltado para casa sem agasalho, correndo o risco de ficar doente. No velório de Kayla, a Upper Room cercou a mãe chorosa e a abraçou, em silêncio, porque mortes violentas resistem a palavras. Uma morte suave pode ser digerida com um *Foi chamada para ficar ao lado do Senhor* ou *Vamos vê-la de novo na glória*, mas mortes violentas ficam presas entre os dentes como nervos de carne.

Já tínhamos visto algumas mortes violentas, mas a diferença no caso de Elise Turner foi que ela escolheu seu fim. Não um monte de remédios para estender o sono indefinidamente ou o motor ligado na garagem fechada, mas um tiro na cabeça. Como era possível que ela decidisse se destruir daquela forma? A congregação inteira se espremeu nos bancos, sem saber o que esperar. O que o pastor diria? As costumeiras passagens bíblicas para ocasiões fúnebres não serviriam daquela vez. Não a veríamos de novo na glória, porque, bem, qual glória haveria de esperar uma mulher que tinha

enfiado uma bala na cabeça? E ela também não tinha voltado para casa, para se reunir ao Criador — simplesmente decidira partir. Imagine, ter a empáfia de escolher isso quando tantos tinham essa opção arrancada das mãos. Como ela ousava ir ao encontro de uma morte violenta quando estávamos todos lutando contra a contínua violência da vida que nos coubera?

Nunca entendemos aquilo, embora talvez devêssemos ter tentado. Afinal, fomos as últimas a ver Elise Turner viva. No dia em que ela se matou, tínhamos chegado bem cedo à Upper Room, para fazer nossas orações. Quando olhamos pelas portas do templo, só vimos lá dentro uma pessoa num casaco comprido, caída para a frente diante do púlpito. Parecia estar orando ou em sono profundo. Um mendigo, provavelmente. Às vezes encontrávamos um, dormindo nos bancos.

— Muito bem, muito bem… Você tem que ir embora — disse Betty. — Não vamos reclamar com ninguém, mas você não pode ficar aqui.

Nenhuma resposta. Devia ter bebido. Meu Pai do céu, como era difícil lidar com os bêbados. Apagavam depois de confundir a cesta de doações com uma privada e deixavam garrafas quebradas pelo chão, um perigo para as crianças.

— Vamos lá — disse Hattie. — Vamos levantando, sim? Não queremos chamar a polícia.

Chegamos um pouco mais perto e só então notamos, acima do colarinho de pele do casaco, o cabelo preto comprido mas preso cobrindo o fino pescoço amarelado. Um pescoço que parecia limpo demais para ser de um mendigo, delicado demais para ser de um homem. Agnes tocou as costas da estranha.

— Elise! O que está fazendo aqui?

— Eu… Eu vim ontem à noite e…

Elise parecia atordoada enquanto Flora a ajudava a se levantar.

— Menina, já é de manhã — observou Agnes. — É melhor você ir para casa, para a sua filha.

— Minha filha?

— É, querida. O que deu em você para ficar aqui a noite toda?

— Robert deve estar louco de preocupação — disse Hattie. — Vá para casa, vá.

Na hora, rimos enquanto observávamos Elise seguir pela névoa da manhã até o carro. Ah, espere só até as senhoras do bingo saberem disso.

Elise Turner, dormindo na igreja como uma mendiga. Vão se fazer com essa história. Ela sempre nos pareceu um pouco estranha mesmo — o tempo todo com a cabeça nas nuvens, como se sua mente fosse um balão na ponta de um longo barbante e ela esquecesse de trazê-la para baixo de vez em quando.

Durante anos nos fixamos naquela última conversa. Elise hesitou antes de sair, uma pausa cuja duração varia de acordo com a memória: Betty diz que foi longa; Flora, um breve segundo. Deveríamos ter adivinhado que Elise se mataria ao sair dali? Será que havia algum jeito de saber? Não, ninguém tinha como prever aquilo, se nem Robert desconfiava de nada. Elise Turner era uma mulher bonita. Tinha uma filha, um marido com um bom emprego público. Antes limpava os banheiros dos brancos, mas tinha passado a cortar cabelos no salão da base. Uma bela negra que vivia tão bem quanto qualquer branca. Do que podia se queixar?

———

NAQUELE ANO, NADIA Turner nos assombrou.

Era tão parecida com a mãe que os membros da Upper Room começaram a achar que estavam vendo Elise outra vez. Como se aquela alma inquieta — e ninguém duvidava de que fosse inquieta — estivesse vagando pelo lugar em que fora vista pela última vez. A menina, que assombrava os corredores da igreja com sua beleza e impertinência, mal notava os olhares, até que uma noite o Segundo John lhe ofereceu uma carona na van da igreja. Ele estava saindo do estacionamento quando, por um segundo, os olhares dos dois se encontraram no retrovisor.

— Você é a cara da sua mãe — comentou ele. — Fico arrepiado só de olhar para você.

Ele desviou os olhos, quase envergonhado, como se tivesse dito algo errado. Naquela noite, durante o jantar, Nadia contou o incidente ao pai, que ergueu o rosto para ela na mesma hora, como se precisasse lembrar como era a fisionomia da filha.

— Parece muito mesmo — disse ele por fim, cortando a carne no prato.

Seu rosto tinha a expressão pesada que sempre assumia quando Nadia trazia à tona o nome da mãe. Talvez fosse por isso que Robert sempre fugia

para a Upper Room: por não conseguir ficar perto dela. Talvez odiasse olhar para a filha porque ela lhe lembrava tudo que ele havia perdido.

Um dia antes da morte da mãe, Nadia a vira olhando para o nada através da janela da cozinha, os braços mergulhados na água com sabão, tão imersa nos próprios pensamentos que a pia estava quase transbordando e ela nem notava. Ela deu uma risadinha curta quando Nadia fechou a torneira.

— Olha só — dissera ela. — Já estou eu aqui, distraída de novo.

O que será que ela estava pensando naquele momento? As últimas horas de uma pessoa não eram para ser dramáticas e significativas? O último diálogo entre mãe e filha não deveria ter sido profundo, tocante, mesmo que só se notasse isso depois? Mas não houve nada de especial. Nadia também riu e passou pela mãe no caminho até à geladeira. No dia seguinte, ao acordar, deparou-se com o pai sentado na ponta da cama dela, o rosto nas mãos, tão imóvel que ela nem sentira seu peso no colchão, seu corpo esvaziado pela dor.

Nadia ainda procurava pistas, coisas estranhas que a mãe tivesse feito ou dito, sinais que ela deveria ter notado. Pelo menos assim faria algum sentido. Mas não conseguia se lembrar de nada que tivesse indicado um desejo de morrer. Talvez ela nunca tivesse conhecido a mãe de verdade. E, se não conhecemos a pessoa cujo corpo foi nosso primeiro abrigo, quem podemos conhecer?

Ela se sentia sozinha. Como poderia ser diferente? Todo dia de manhã o pai a deixava na Upper Room, e ao fim da tarde lá estava ela sentada na escadaria da igreja, esperando que a buscasse. Chegando em casa, passava o tempo na cama, vendo reprises de *Law & Order*, esperando vir mais uma manhã para acordar e recomeçar tudo. Às vezes achava que era só continuar assim, um dia se fundindo no outro, até chegar o segundo semestre, quando os ventos quentes começariam a soprar e a levariam para novos estudos numa nova cidade, onde poderia começar uma nova vida. Em outros momentos, porém, sentia-se tão triste que pensava em ligar para as antigas amigas. Mas dizer o quê? Que antes tinha uma mãe e agora não tinha mais, e que antes estava grávida e agora não estava mais? Tinha imaginado que, com o tempo, a distância que a afastava dos amigos diminuiria, mas não, só se expandira, e Nadia não conseguia encontrar energia para fingir o contrário. Por isso continuava solitária, trabalhando a manhã toda em silêncio na sala da sra. Sheppard, saindo mecanicamente ao meio-dia para

almoçar nos degraus da entrada. Certa tarde, estava comendo seu sanduíche quando Aubrey Evans se aproximou. A garota sorria, trazendo uma bolsinha térmica do mesmo azul-celeste do vestido. Claro que ela não levaria o almoço numa sacola, como todo mundo.

— Posso me sentar aqui? — perguntou Aubrey.

Nadia deu de ombros. Não queria que ela ficasse ali, mas também não podia dizer que não. Aubrey cerrou os olhos para o sol forte e se sentou no degrau, depois abriu a bolsinha e começou a sacar vários potes de plástico, arrumando-os meticulosamente ao seu lado, no degrau. Nadia olhou para os potes cheios de macarrão ao molho de queijo, rosbife e salada de batatas.

— Jura que isso aí é o seu almoço? — perguntou Nadia.

Claro que sim. Claro que os pais de Aubrey Evans preparavam banquetes elaborados para a filha levar, imagine se ela ia comer algo tão banal quanto um sanduíche.

— Quer um pouco? — ofereceu Aubrey.

Nadia hesitou, mas pegou o brownie e quebrou um pedacinho. Mastigou devagar, quase decepcionada por ser uma delícia.

— Nossa. Sua mãe que fez?

Aubrey fechou o zíper da bolsa térmica com cuidado.

— Eu não moro com a minha mãe — explicou ela.

— Seu pai, então.

— Não. Eu moro com a minha irmã, Mo. E Kasey.

— Quem é Kasey?

— Namorada da Mo. Ela cozinha muito bem.

— Sua irmã é lésbica?

— O que que tem? Não é nada de mais.

Mas sua reação tinha sido defensiva, então tinha, sim, algo de mais. Nadia lembrava que alguns anos antes a igreja se convencera de que a filha da irmã Janice se tornara homossexual por ter entrado para o time de rúgbi da faculdade. As velhinhas passaram semanas comentando que aquele esporte não era apropriado para uma menina — não era *certo* —, até que ela apareceu no domingo de Páscoa de mãos dadas com um garoto tímido e o assunto foi dado por encerrado. Na Upper Room, ter uma irmã gay era um escândalo. Então, por que Nadia nunca tinha ouvido falar da irmã de Aubrey? Talvez porque Aubrey não quisesse que ninguém soubesse. Nadia não conseguiu disfarçar a surpresa. A vida perfeita que tinha projetado sobre

Aubrey — mãe dona de casa, pai amoroso — adquiriu contornos turvos. Por que ela morava com a irmã, não com os pais? Será que havia acontecido alguma tragédia com eles? Nadia sentiu brotar em si um vínculo repentino com aquela menina também sem mãe. Uma menina que também tinha sua cota de segredos. Aubrey ofereceu o brownie de novo, e, sem dizer nada, Nadia pegou mais um pedaço.

———

O QUE ELA sabia sobre Aubrey Evans:

Tinha aparecido do nada certa manhã de domingo, uma desconhecida que levava apenas uma bolsa de mão, nem mesmo uma Bíblia. Tinha começado a chorar antes mesmo de o pastor perguntar quem precisava de uma oração e chorou ainda mais alto ao seguir para o púlpito. Tinha se convertido aos dezesseis anos e desde então ia ao culto toda semana, além de trabalhar no ministério infantil, no ministério de ajuda aos desabrigados e no ministério do consolo pela fé. Crianças, mendigos, enlutados. Pistas de sua origem, talvez, embora Nadia só soubesse o que a maioria das pessoas sabia: que Aubrey tinha chegado à Upper Room repentinamente e que em um ano era como se sempre tivesse estado ali.

Toda tarde, desde aquele dia, as duas almoçavam juntas na escadaria. Toda tarde, Nadia conhecia Aubrey um pouco melhor, a começar pelo fato de que ouvira falar da Upper Room pela TV. Acabara de chegar à Califórnia e ficava plantada diante do televisor acompanhando as notícias sobre os incêndios. Nunca ouvira falar de uma temporada de incêndios, e Aubrey já tinha morado em tudo quanto era lugar, por isso achava que já ouvira falar de tudo. Passara dois anos na úmida Portland, onde volta e meia precisava torcer as meias encharcadas de chuva; depois, três anos congelando em Milwaukee, e um ano abafado em Tallahassee. Aubrey então se secara em Phoenix, só para ser recongelada em Boston. Sentia que já havia estado em todos os lugares e em lugar nenhum, como se suas viagens a tivessem levado a milhares de aeroportos, mas nunca lhe permitido se aventurar fora do terminal.

— Por que você se mudou tanto? — perguntou Nadia. — Algum militar na família?

Nadia morava em Oceanside desde que nascera, ao contrário de todos os filhos de militares da escola, que seguiam os pais de uma base para outra até acabarem em Camp Pendleton. Ela nunca havia morado fora da Califórnia, nunca fizera uma viagem incrível, nunca deixara o país. Levava uma vida banal e tediosa e só podia se consolar imaginando que as partes boas estavam por vir.

— Não — respondeu Aubrey. — Minha mãe toda hora arranjava um namorado novo. Se ele trocava de mulher, a gente trocava de cidade.

E Aubrey acompanhara a mãe atrás dos namorados, de estado em estado. Um mecânico de Cincinnati, um gerente de supermercado em Jackson, um caminhoneiro de Dallas. A mãe nunca havia se casado, embora quisesse. Em Denver, ela namorou um policial chamado Paul por três anos. Uma vez ele lhe deu de Natal uma caixinha de veludo, e as mãos da mãe tremiam ao abri-la, mas era só um bracelete, e, apesar de ter chorado no banheiro depois, ela ainda o usava. Aubrey nunca mencionava o pai. Contava algumas poucas coisas sobre a mãe, mas apenas histórias de anos antes, e Nadia começou a se perguntar se a mulher ainda está viva.

— Ela já… Quer dizer, sua mãe está…

Mas não terminou a frase. Mal conhecia a garota, não podia perguntar aquilo. Mas Aubrey entendeu.

— Não, não, nada disso. Eu só… A gente não se dá muito bem, só isso.

As pessoas podiam fazer isso? Abandonar a mãe por causa de uns desentendimentos ocasionais? Quem é que nunca tinha brigas em casa? Mas Aubrey não explicou, e a reticência dela só deixou Nadia mais intrigada. Imaginou a mãe apaixonada correndo atrás dos homens de estado em estado; e, quando mais um namoro acabava, imaginou a mulher xingando e gritando, jogando roupas numa mala; e ficou pensando que Aubrey e a irmã já deviam saber que, quando o amor fosse embora, elas iriam também.

———

— COMO VOCÊ ERA quando pequena? — perguntou Nadia certa vez.

Estava no jipe de Aubrey, aquecendo os pés descalços no painel enquanto aguardavam na fila infinita do In-N-Out, atrás de uma minivan marrom

cheia de crianças agitadas. Aubrey havia sugerido que almoçassem fora naquele dia: no Del Taco, no Carl's Jr. ou mesmo no Fat Charlie's, onde Luke Sheppard trabalhava; talvez ele as reconhecesse da igreja e conseguisse um desconto. Mas Nadia recusara a ideia alegando que odiava frutos do mar.

— Como eu era?

Aubrey sorriu, os dedos dançando no volante. Ela sempre fazia isso, repetir a pergunta. Como se estivesse numa entrevista de emprego e precisasse ganhar tempo para pensar.

— É, quando pequena — explicou Nadia. — Eu era uma peste. Não obedecia ninguém. Quem diria, não é mesmo?

Ela riu, e Aubrey também. Era outra coisa que ela sempre fazia, esperar que o outro risse primeiro.

— Eu era… Não sei. Eu jogava futebol. Tinha muitos amigos. Minha melhor amiga tinha uma cama elástica, a gente ficava horas pulando naquilo. Minha mãe não gostava, dizia que eu ia quebrar o pescoço. Então eu sempre mentia para ela.

— Que rebelde.

— Uma vez a gente estava morrendo de fome, então pegamos um pão de milho meio velho para comer. Estava esfarelando, mas a gente não parava de pular e comer ao mesmo tempo, e todas as migalhas ficavam voando em volta e a gente não conseguia parar de rir.

Ela sorriu, como se ainda tivesse orgulho daquela pequena subversão infantil, mas o sorriso não chegou aos seus olhos. Mais uma coisa que ela fazia o tempo todo: forçar sorrisos.

Aubrey estava na Califórnia fazia três meses quando começou a estação seca. Ela não sabia que em determinados lugares os incêndios fazem parte do calendário, que são acontecimentos esperados, tão regulares quanto neve e chuva, e a ideia a assustou muito. Sua irmã tinha falado que ela não precisava se preocupar com esse tipo de coisa, pelo menos não em Oceanside. O litoral era bastante seguro nesse sentido. Mesmo assim, ela acompanhava as notícias locais, que mostravam repórteres tossindo em campos varridos pelas chamas e helicópteros sobrevoando o chão queimado. Foi assim que ouviu falar da Upper Room pela primeira vez. A igreja estava funcionando como abrigo temporário e um repórter foi entrevistar o pastor, um negro alto chamado John Sheppard.

“Ficamos felizes em poder ajudar.” Ele tinha uma voz grave, sonora, como a de um locutor de rádio. “Somos gratos por Deus nos ter dado a chance de ajudar nossa comunidade. Então, se você foi forçado a sair da sua casa, venha até a Upper Room e nos deixe ser um lar para você.”

Depois de um tempo, contou Aubrey, ela percebeu que aquele chamado do pastor é que a havia atraído. Estava num momento sem raízes, por ter acabado de mudar de cidade — tinha sido assim a vida inteira, na verdade —, e ainda se sentia uma hóspede na casa de Mo e Kasey. Sempre que lavava suas roupas, dobrava tudo e devolvia à mala, com medo de ocupar as gavetas. Mas ninguém a obrigou a ir embora de Oceanside, por isso Aubrey foi até a Upper Room um domingo e pronto.

A temporada de incêndios daquele ano tinha sido uma das piores de que Nadia se lembrava. Os noticiários locais mostravam gráficos impressionantes e chamavam aquele outubro de “O Cerco do Fogo”, e mesmo depois dos meses de pico houve quinze incêndios em diversas partes do sul da Califórnia. Quando havia necessidade de evacuar uma área, um telefonema automático era disparado para os moradores, mas a mãe de Nadia sempre dizia que a ligação só vinha quando já era tarde demais, com uma janela de apenas quinze minutos para que as pessoas fugissem. Por isso, na temporada anterior, a mãe tinha feito malas e deixado tudo ao lado da porta.

— Você pode achar bobagem — dissera ela à filha —, mas temos que estar preparados. Mesmo para as coisas que não vemos.

A mãe havia crescido no Texas, entre tornados e furacões, por isso sabia se preparar para esse tipo de desastre, ao contrário de vocês, garotas da Califórnia, dizia ela a Nadia, que só vão pensar em terremotos se o mundo começar a tremer debaixo de seus pés.

No fim daquele ano, a morte da mãe seria o terremoto que a arrancaria do sono. Mas pouco antes de isso acontecer, ainda em setembro, Nadia vira a mãe embalar roupas, garrafas de água e álbuns de fotos. Então as duas saíram para o culto, e foi naquele dia que uma garota chorosa apareceu na igreja num vestido azul bem fresco, mas apertado na cintura, como se tivesse engordado fazia pouco tempo. Usava o cabelo cacheado preso num rabo de cavalo e tênis brancos de lona gastos na ponta. Estava vestida como uma pessoa que nunca fora à igreja imaginava que deveria se vestir para a ocasião. A garota estava passando por algum período de grande dificuldade, e meses

depois, já mergulhada na própria dor, Nadia viu Aubrey na escola e invejou aquela facilidade para expressar a tristeza, o suporte integral que a igreja lhe ofereceu. Bastava se ajoelhar lá na frente e pedir ajuda, só isso? Ou será que, para ser salvo, era preciso convidar todos a participar de sua tristeza particular?

Naquele fim de tarde, à luz minguante, as duas ficaram se balançando devagarzinho na velha rede esfarrapada do quintal. O pai de Nadia nunca mais se sentara nela (nem se lembrava da última vez que o vira relaxado o suficiente para isso), mas Aubrey quis deitar assim que Nadia a levou ao jardim. "Isso é tão Califórnia", comentou, e por isso elas repetiram a dose todos os dias da semana, conversando deitadas enquanto o sol descia no céu.

Nadia observou o pai pela porta de tela. Ele vinha preparando o jantar a semana toda e não demonstrara má vontade por ter que fazer um pouco a mais para Aubrey. Parecia quase feliz, até. Sorria e tentava fazer piadas sobre seu dia na base — que teriam sido engolidas com bocados de comida caso estivesse sozinho com Nadia. Talvez ficasse alegre por ter companhia, ou talvez Aubrey tivesse algo especial que o fizesse se abrir.

Ela lambeu um pouco de sorvete do polegar e perguntou a Nadia como era seu pai.

— Como assim? Você conheceu meu pai.

— Quis dizer como pessoa. Ele é legal, mas não fala muito.

— Acho que ele é legal. Não sei. Ele é sério, gosta de ficar sozinho. Por quê? Como era o seu?

— Não sei. Ele foi embora de casa quando eu era pequena.

— Sua mãe, então.

Aubrey roeu a unha do polegar.

— A gente não se fala faz um tempo.

— Um tempo quanto?

— Quase um ano.

Nadia já havia se acostumado com a dinâmica das conversas com Aubrey, o abrir e fechar, os avanços, os recuos, então apenas fingiu entender, como haveria de fingir por toda a vida quando ouvisse as amigas reclamando das mães. Soltava murmúrios solidários enquanto elas lamentavam que a mãe não aprovava um trabalho ou um namorado, sempre se apiedando, sempre sorrindo, apesar de odiá-las por reclamarem. Entendia Aubrey ainda menos. Como seria, pensava, ser a que foi embora, e não a que ficou?

SEGUINDO PARA LESTE da praia, deixando para trás as barracas de surfe, as lojinhas de material de pesca e as sorveterias, os surfistas esguios e os policiais que patrulham o porto, chega-se a Back Gate. A entrada de Camp Pendleton é guardada por fuzileiros armados, mas, do lado de fora, seus limites são demarcados por um bairro que não é nem ruim, nem bom. Isso se percebe pelo seguinte: as cercas são mais altas, mas as janelas das casas não são gradeadas; o Pizza Hut tem vitrines à prova de balas, mas fica aberto até tarde da noite; e a polícia ainda patrulha a área, mais do que os bairros nobres, porém menos do que nos realmente ruins, já abandonados ao caos. Naquele local nem ruim nem bom morava Aubrey, com a irmã e a namorada da irmã, numa casinha branca. A casa em si era simples, mas o quarto de Aubrey surpreendia pela bela decoração. As paredes eram verde-claras com flores em prata, e luzinhas brancas contornavam o teto. Cortinas cinza cobriam as janelas e uma espécie de mosquiteiro de renda se derramava sobre a cama como um véu de noiva. Na primeira vez que a visitara, Nadia tinha se movimentado devagar pelo quarto, os braços para trás por medo de tocar nas coisas, como se estivesse em um museu.

— Eu não conseguia dormir quando cheguei — disse Aubrey, apontando para o apanhador de sonhos pendurado no teto. — Kasey achou que isso podia me ajudar.

Kasey era magra e esguia como um gato de rua e tinha cabelo louro escuro e comprido, que gostava de bagunçar no meio da conversa, como se quisesse provar que não dava a mínima para a aparência. Era bartender no Flying Bridge e gostava de contar histórias sobre os clientes assíduos do lugar. Um homem que odiava tocar em vidro seco, uma mulher que morria de medo de picles.

— Sabe aqueles compridos, que às vezes acompanham os sanduíches? Tem pavor. Sai correndo e gritando se você aparecer com algum perto dela, mesmo se estiver dentro do vidro. Doideira, não acha?

Kasey tinha conhecido aquela região do país oito anos antes, com o irmão mais velho, que agora estava alocado em Camp Pendleton. Triste por causa de uma paixão não correspondida por uma menina hétero, ela resolvera viajar para a Califórnia na tentativa de esquecê-la. Era uma longa

viagem do Tennessee até lá, e ela comprou o apanhador de sonhos na lojinha de uma parada de caminhões, pegando-o simplesmente porque podia. Mais tarde, o apanhador de sonhos passaria a flutuar em um quarto quase doloroso de tanto esforço. Aubrey explicou que, quando foi morar com a irmã, ela a ajudou a decorar o cômodo.

— Mo achou que a gente precisava fazer alguma coisa juntas. Fazia anos que a gente não se via.

— Por que tanto tempo? — perguntou Nadia.

— Ela foi fazer faculdade em outra cidade.

— E nunca voltou?

Aubrey ajeitou a postura lentamente, aproximando um pé do outro, parecendo desconfortável.

— Ah, é que ela não gostava do Paul.

— Qual era o problema dele?

— Ele batia na minha mãe.

— Ah. — Nadia parou diante da estante de livros. — Em você também?

— Às vezes.

Nadia não conseguia se imaginar sendo agredida por um homem adulto. Mesmo quando criança, se ela fazia algo errado, o pai a levava para a mãe, que era responsável pelos tapas, como se a disciplina fosse uma atribuição feminina.

— E o que sua mãe dizia? — perguntou ela.

— Eles ainda estão juntos. — Aubrey deu de ombros e se levantou. — Venha. Vamos lá para fora.

Assim Nadia finalmente entendeu por que Aubrey tinha ido embora e por que a mãe a havia deixado ir; por que a irmã a ajudara a criar um quarto saído de um filme da Disney; por que a sra. Sheppard gostava tanto dela. De certa forma, Nadia achou até que tinha sorte, porque pelo menos podia se agarrar à doença da mãe como justificativa — pelo menos ela fizera mal apenas a si mesma. Pelo menos a mãe nunca havia deixado um homem bater nela. Sim, tinha se matado, mas o que poderia ser pior do que saber que sua mãe estava viva em algum lugar, mas que preferia um homem abusivo à própria filha?

No feriado de Quatro de Julho, Nadia estava sentada na varanda da casa de Aubrey, vendo os vizinhos prepararem os fogos de artifício na rua. Haveria um show pirotécnico no píer, promovido pela prefeitura, mas um

Quatro de Julho que se prezasse tinha que ter fogos ilegais, dissera Kasey. Ela ficava indignada com a rigidez das leis da Califórnia nesse quesito, então aplaudia quem contrabandeava fogos de Tijuana para soltar nas ruas. Que mal faria? Não eram bombas nem nada. Ela tomou um gole de cerveja e abraçou a cintura de Monique, que observava os vizinhos na rua, balançando a cabeça em reprovação.

— Alguém vai perder a mão — disse Monique. — Certeza.

Monique não tinha filhos, mas tinha o dom maternal de sempre imaginar o pior. Na emergência do hospital Scripps Mercy, onde trabalhava como enfermeira, era o que via todo dia, sempre o pior. Mas não era só isso, afinal, Monique era daquele tipo de pessoa que vive preocupada com os outros. Todos os dias, ao chegar em casa, perguntava se as duas tinham comido. Lembrava a Aubrey de tomar as vitaminas e a chamava para perguntar se estava levando um casaco, faz frio no centro, e não me olhe assim porque você sabe que sempre passa frio. Um homem no meio da rua soltou um berro quando um carro que desviava dos fogos quase o atropelou. Monique deu mais um suspiro de reprovação.

— Está bem aquecida, neném? — perguntou ela.

Aubrey estava sentada com Nadia debaixo de um cobertor.

— Eu não sou bebê, Mo — reclamou ela.

— É o *meu* neném — retrucou a irmã.

Kasey riu e Aubrey fez uma careta, mas não parecia irritada de verdade. Era o olhar de incômodo teatral que lançamos para alguém que nunca nos chateia de verdade. Às vezes Nadia invejava a amiga, embora se sentisse culpada por isso. Aubrey também tinha perdido a mãe, mas era amada pela irmã e pela cunhada, até pela esposa do pastor. Três mulheres cuidavam dela por vontade própria. Elas duas haviam sido abandonadas na praia, mas só Aubrey fora encontrada. Só Aubrey fora escolhida.

O amor de Monique e Kasey por Aubrey transbordava dos olhos delas, e, apesar de não ser direcionado a Nadia, ela se aproximava, as mãos erguidas para absorver parte do calor. Na rua, pequenos grupos se movimentavam, dando ordens em espanglês. Adolescentes puxavam bebês para o gramado enquanto coroas em camisas de flanela redirecionavam o trânsito e skatistas vigiavam a rua caso a polícia aparecesse. Das janelas jorravam reggaeton e rap, sacudindo os carros estacionados às portas das casas. Em breve os fogos iluminariam o píer, mas Nadia não queria estar em nenhum outro lugar, só

ali, numa casa em que todos eram queridos, com uma família em que todos tinham liberdade para ir embora mas ninguém ia. Uma bombinha iluminou o céu. Nadia se sobressaltou, encantada e um pouco surpresa com o primeiro brilho.

———

LATRICE SHEPPARD TINHA olhos de fantasma.

Um castanho e outro azul, o que, segundo o avô dizia, permitia ver o céu e a terra ao mesmo tempo. Sua mãe levou um susto quando a segurou pela primeira vez — devia ter alguma coisa errada, o olho azul devia ser cego, já obscurecido por alguma doença —, mas o médico disse que era cedo demais para saber. "Leva tempo para os olhos dos bebês se ajustarem ao mundo", explicou ele. "Você só precisa ficar atenta. Se ela desenvolver estrabismo ou se esse olho ficar embaçado, talvez tenha motivo para se preocupar." Assim, Latrice passara os primeiros anos de vida com o rosto da mãe sempre a centímetros do seu, analisando seus olhos. Talvez por isso ela sempre sentira que havia algo errado com eles, embora enxergasse normalmente. O olho castanho parecia feio perto do azul, o azul parecia feio perto do castanho, e ela aprendeu que era melhor ser apenas uma coisa, reduzir-se ao mais simples possível. Seu estirão infinito havia começado — no segundo ano, já era a primeira a ser posicionada para a foto de turma —, e Latrice passava o horário de almoço sentada sozinha no parquinho enquanto as outras meninas faziam coro para cantar uma musiquinha que tinham inventado sobre ela:

Latrice esquisita
Que come titica
Tem olho de doido e cabelo com piolho

A altura não tinha como esconder, mas os olhos, isso ela tentava. Começou a usar óculos escuros sempre que podia: na mercearia, no quarto e até na sala de aula, entregando ao professor um atestado médico falso alegando hipersensibilidade à luz. Conforme crescia, no entanto, passou a considerar os olhos estranhos uma bênção. Nada de olhos fantasmas, sua

visão era na verdade ultrapoderosa: ao olhar para uma mulher, sabia dizer se ela já havia sofrido violência. Não era preciso hematomas nem cicatrizes (mulheres agredidas aprendem a esconder ou justificar essas coisas), tampouco falsas histórias envolvendo um esbarrão na quina da mesa ou uma queda na escada — bastava olhar no fundo dos olhos delas para diferenciar as mulheres surpresas ou indignadas com a dor infligida e aquelas que já haviam se acostumado aos maus-tratos. Via através de peles sedosas, enxergando as queimaduras poligonais feitas a ferro, os arranhões profundos de fivelas de cintos, os pequenos cortes de facas de cozinha, os lábios abertos por anéis de formatura, os inchaços roxos no rosto, quase pretos. Latrice explicou isso a Aubrey na terceira vez que a convidou para tomar chá, e, depois, a garota ficou se encarando no espelho e imaginando o que mais a mulher via nela. Será que todo o seu passado estava escrito em sua pele? Será que a sra. Sheppard podia ver tudo que Paul havia feito com ela? Pelo menos isso explicava por que a esposa do pastor tinha sido tão gentil com ela; por que, depois do culto em que ela fora à frente pedir bênção, a mulher a havia procurado no saguão da igreja e lhe dado um abraço; por que, no domingo seguinte, lhe dera uma pequena Bíblia com capa florida e depois a convidara para tomar chá em sua sala. Aubrey nem gostava de chá, mas durante meses se acomodou na outra ponta do sofá cinza listrado, jogando torrões de açúcar na xícara. Gostava bem doce: com açúcar, mel e leite.

— Aqui, tudo bem — disse a sra. Sheppard certa vez. — Mas, em público, as pessoas podem julgar infantil uma jovem adoçar tanto o chá.

Foi uma repreensão gentil, mas Aubrey se sentiu tão envergonhada que, por semanas, colocou apenas um torrão de açúcar.

Certa tarde, enquanto tomava o chá amargo, ela perguntou à sra. Sheppard o que havia acontecido com Elise Turner. Lançou a pergunta de forma casual, nem parecia que estava pensando no assunto fazia semanas, quer dizer, meses, desde que o pastor dera a notícia, sombriamente. Na época, ele não explicou a causa da morte, o que levantou suspeitas como só uma morte repentina e não explicada é capaz. Uma mulher da idade de Elise Turner não morreria assim do nada. Ela não parecia doente, e, se não tinha sofrido um acidente terrível, então o que poderia ter sido?

— Não sei, não — disse a irmã Willis no banheiro, depois do culto. — Tem alguma coisa mal contada nessa história.

E, apesar de as outras mulheres em torno da pia terem concordado, ninguém esperava a notícia que chegou aos poucos, dias depois, de que Elise Turner tinha dado um tiro na cabeça. Os membros da igreja já tinham imaginado todo tipo de escândalo trágico: uma overdose acidental, um acidente por dirigir embriagada, até um assassinato por motivos escusos. Talvez Elise tivesse um amante (ela podia arranjar coisa melhor que Robert, não podia?) e o sujeito a tivesse matado no quarto de hotel barato em que se encontravam.

Apesar da especulação chocante, no entanto, ninguém estava preparado para a realidade, muito menos Aubrey. Ela nunca havia conversado com Elise Turner, mas sentia que a conhecia, pelo menos um pouco, como conhecemos as pessoas que vemos com frequência mas sempre a distância. Aos domingos ela via os Turner entrando na Upper Room: o marido muito empertigado em seu terno, a esposa sorrindo para quem a cumprimentava no saguão, a filha como uma versão mais jovem da mãe. Família de comercial de margarina. O pai forte e másculo, a mãe bonita e a filha sortuda por ter sido abençoada tanto com beleza quanto inteligência. Na aula de política avançada, sentada nos fundos da sala, Aubrey observava Nadia flanar porta adentro com as amigas, e sempre que chegava depois do sinal ela aplacava o professor com um sorriso antes que ele lhe desse uma bronca. Como ele poderia puni-la? Semana após semana, quando era atualizada a lista das dez notas mais altas nas avaliações, lá estava o nome de Nadia no quadro, como se escrito com caneta permanente. Todos sabiam que um dia ela iria para uma boa universidade, enquanto Aubrey e o restante da turma se contentariam com uma qualquer. Nas manhãs de domingo, ela observava aquela garota — a tal Nadia Turner — sentada no banco da igreja entre a mãe e o pai e se perguntava como seria ir à igreja com a família. Mo não acreditava em Deus. Kasey acreditava, mas só de maneira abstrata, como acreditava na capacidade de o universo consertar seus erros. Nenhuma das duas havia ficado feliz quando Aubrey começara a frequentar a igreja, embora não expressassem isso abertamente.

— Tem certeza de que quer passar tanto tempo assim lá? — perguntava Mo. — Quer dizer… Não acha que é meio cedo demais?

Cedo para quê, isso Aubrey nunca perguntava, mas nem precisava. A irmã temia que ela tivesse virado uma doida fanática. Que começasse a ver o rosto de Jesus em fatias de pão, a falar em línguas no meio de uma conversa

ou a protestar nas ruas contra o casamento gay. Quando via os Turner aos domingos, Aubrey imaginava como seria legal ser filha deles, ser inteligente e bonita, ter pais que seguravam suas mãos durante as orações. Tinha inveja especialmente da mãe, que não parecia em nada a sua. Elise Turner, jovem, bonita e cheia de energia, ria no saguão antes do culto, sempre recebia cumprimentos quando entrava na igreja e havia falado com Aubrey certa vez, quando se cruzaram nos corredores antes da cantata de Natal.

— Você deixou cair, querida — dissera Elise, apontando para o programa de Aubrey no carpete. Tinha uma voz fresca e sedosa, como leite.

Como uma mulher feito ela podia se matar? Aubrey sabia que era uma pergunta estúpida, afinal, qualquer pessoa podia se matar, caso se sentisse impelida a isso. Mo dizia que era fisiológico. Uma falha nas sinapses, um desequilíbrio na química cerebral, o corpo inteiro como uma máquina em que alguns curtos-circuitos levavam à autodestruição. Mas as pessoas não eram meros corpos, eram? A decisão de cometer suicídio devia ser mais complicada que isso, pensava Aubrey. Do outro lado do sofá, a sra. Sheppard ergueu as sobrancelhas enquanto se inclinava para encher a xícara dela outra vez.

— Como assim? — perguntou ela. — Você sabe o que aconteceu, Aubrey.

— Só sei que ela se matou com um tiro.

— Bom, é só isso o que tem para saber, querida.

— Mas por quê? — insistiu Aubrey.

— O demônio ataca a todos nós — respondeu a sra. Sheppard. — E algumas pessoas não têm força suficiente para mandá-lo embora. — Falou isso sem emoção, mexendo o chá lentamente, a colher tilintando na xícara.

A sra. Sheppard também não se parecia em nada com a mãe dela, tão assertiva, firme e segura de si. Aubrey via a mãe como uma das mulheres fracas por quem a sra. Sheppard sentiria pena ou desprezo, dependendo de quanto soubesse. Até então, ela não sabia muita coisa, só que Aubrey tinha ido morar com a irmã porque não se dava bem com a mãe. Ela não contara sobre Paul, que entornava garrafas de uísque em um fim de semana e às vezes batia nas duas mas sempre chorava depois porque não queria ter feito aquilo, o trabalho era estressante demais, elas não tinham ideia do que ele passava, o tempo todo nas ruas sem saber se voltaria vivo. Aubrey saiu de casa um ano depois que Paul foi morar lá. Por um ano, toda noite ele ia até

o quarto dela, abria sua porta, depois abria suas pernas, e por um ano ela não havia contado a quase ninguém. "Quase" porque contou à mãe na primeira vez que aconteceu, e a mãe balançou a cabeça com força, o corpo retesado, e disse "Não", como se pudesse tornar aquilo inverdade por pura força de vontade.

A sra. Sheppard pegou um biscoito.

— E por que você está perguntando essas coisas?

— Não sei — disse Aubrey. — Nadia nunca fala sobre isso.

Ela não podia perguntar à amiga, embora o assunto muitas vezes lhe viesse à mente quando estavam juntas. Será que Nadia sabia por que a mãe havia se matado? Será que valia a pena saber, aliás?

— Eu sempre vejo você duas almoçando juntas lá fora. — A sra. Sheppard sorriu, limpando o açúcar dos dedos com um guardanapo. — Não sabia que se davam tão bem.

— Nadia é legal. — Aubrey fez uma pausa, tomando um gole de chá. — Ela é… Não sei. Engraçada. Me faz rir. E não deixa ninguém passar por cima dela. Não tem medo de nada.

— Eu não ficaria muito amiga dela, se fosse você.

Aubrey estranhou o comentário.

— Por quê?

— Ora, não me olhe assim. Você sabe que ela vai para a faculdade no segundo semestre, estudar em outra cidade. Vai fazer novas amigas. As pessoas mudam, só isso. Só não quero ver você triste, querida.

A sra. Sheppard lhe passou o prato de biscoitos, e Aubrey pegou um sem dizer nada. Na primeira vez que fora à casa de Nadia, vira numa estante uma escultura de argila da Arca de Noé, tão pequena que caberia na palma da mão. Havia um Noé de cabelo branco parado no deque e cabecinhas de girafa, chimpanzé e elefante saindo pelas vigias. Aubrey ergueu a mão para pegá-la, mas Nadia a impediu.

— Não. Foi minha mãe que me deu.

Aubrey baixou o braço, envergonhada por ter violado uma regra que desconhecia. Naquele momento, entendeu que Nadia não falava sobre a mãe porque queria preservá-la, guardá-la para si. Já Aubrey não falava sobre a mãe porque queria esquecê-la. E era mais fácil esquecer quando estava com Nadia.

Ela não queria pensar em como seria quando Nadia fosse para a faculdade. Sentia-se em casa no mundo da amiga, um mundo sem mãe. Naquela noite, na casa dos Turner, as duas mais uma vez ficaram no quintal se balançando na rede até escurecer. Nadia esticou a perna comprida para fora da rede e ficou dando impulso na grama com os dedos dos pés, tomando cuidado para não alterar o delicado equilíbrio que mantinham, juntas, na rede.

CINCO

Nós já fomos jovens. Embora não pareça.

É claro, quem nos vê hoje nem imagina com éramos — a flexibilidade e o vigor se foram, a pele do rosto e do pescoço caiu. É o que acontece quando envelhecemos. Tudo cai, como se o corpo estivesse se aproximando de onde veio e para onde vai retornar. Mas já fomos garotas, e isso significa que todas já amamos homens de merda. Não há maneira cristã de dizer isso. Existem dois tipos de homens no mundo: homens de verdade e homens de merda. Quando jovens, moramos em tudo que é canto. Colhemos algodão nos campos da Louisiana até o ar úmido fazer a camisa grudar nas costas; batemos os dentes em cozinhas congelantes enquanto preparávamos o almoço para nossos pais levarem para as fábricas da Ford; andamos com cuidado nas calçadas cobertas de neve do Harlem, enfiando trapos nos buracos do bolso dos casacos. Então crescemos e conhecemos homens que queriam nos trazer para a Califórnia. Militares baseados em Camp Pendleton, que nos prometeram casamento, filhos e toda a alegria do mundo. Mas, antes de avistarmos as nuvens rosadas pairando no céu do litoral, antes de conhecermos a Upper Room e umas às outras, antes de sermos esposas e mães, fomos garotas, e todas amamos homens de merda.

Naquela época era um bocado mais fácil identificar os homens de merda. Nos botequins e nos bailes, nos depósitos ilegais de bebida e nas festas improvisadas, às vezes até na igreja, tirando um cochilo num banco dos fundos. O tipo de homem que nossos irmãos tinham em mente quando nos alertavam, porque um homem de merda não nos levaria a lugar algum e ainda nos trataria mal no caminho. Mas esses jovens de hoje? Todos parecem homens de merda, andando gingados aí pelo centro, enchendo a cara e falando palavrões, brigando na saída das danceterias, fumando maconha na casa da mamãe. Na nossa época de garotas, o homem que quisesse nos cortejar tinha que primeiro tomar café na sala de estar com

nossos pais. Hoje em dia, esses moleques se enrolam com qualquer garota que aparecer pela frente, e se a história toma um rumo ruim… Bom, é só perguntar a Luke Sheppard para saber o que esses garotos fazem se isso acontece.

As garotas de hoje em dia só vão saber se o cara não é um merda se ficarem em cima, e aí pode ser tarde demais. Já fomos jovens um dia. É divertido amar alguém que nunca vai poder retribuir esse amor. Não há vergonha nenhuma em se envolver com um homem de merda, desde que você consiga tirar o sujeito da cabeça num estalar de dedos. Se a mulher não abre o olho, acaba se agarrando a um homem de merda, ou pior, deixando que ele se agarre a ela. E o homem arrasa com a mulher até não ter mais o que tirar dela, e aí se instala nos ombros dela, e o corpo da mulher desaba sob o peso desse amor.

Ah, sim, é com essas que nos preocupamos.

———

DESDE A ÚLTIMA vez que vira Nadia, Luke tinha quebrado sete pratos, duas tigelas e seis copos.

— Um recorde pessoal — anunciou certa manhã o chefe dele, Charlie, ao reunir os funcionários. — Mentira: é nosso recorde oficial. Uma salva de palmas para Sheppard, pessoal. Entrando para a história dos que sabem fazer merda.

Luke nunca quebrava pratos. Tinha anos de prática em pegar bolas no ar, tirá-las do alcance dos *quarterbacks*, esticar as mãos por baixo para não tocarem a grama. Na verdade, todos no Fat Charlie's o elogiavam por seus salvamentos milagrosos. Se fizessem uma coletânea com os melhores momentos do restaurante, seria composta apenas por cenas dele: Luke agarrando copinhos de criança antes que caíssem no chão, Luke segurando tigelas empurradas por cotovelos impertinentes, Luke equilibrando bandejas que escorregavam do suporte enquanto os clientes aplaudiam e os colegas lhe davam tapinhas nas costas. Mas, desde a festa de Cody Richardson, ele não fizera nenhum salvamento heroico de última hora, nenhuma exibição milagrosa de reflexo e atenção. Se o *SportsCenter* cobrisse atletismo em locais de trabalho, seus comentaristas teriam baixado a cabeça e dito: "Que

pena… Aquele garoto Sheppard era uma grande promessa." Agora, copos tinham começado a escorregar de suas mãos e a cair de sua bandeja, e Luke, que idolatrava os salvamentos, o salto gracioso para a grande área, viu-se ajoelhado no chão gosmento, a perna da calça encharcada de Sprite aguado.

— Puta que pariu — reclamou Charlie, surgindo ao lado dele.

— Eu sei, eu sei.

— Está tentando quebrar toda a minha louça?

— Já pedi desculpa. O que quer que eu faça? Estou limpando.

— Quero que aprenda a segurar uma porra de um copo. Até os macacos sabem segurar um copo, Sheppard. Até os chimpanzés.

Luke passou direto por Charlie a caminho da lata de lixo, e o leve esbarrão no ombro (o único centímetro que conseguiu forçar Charlie a recuar) foi como o instante em que o médico injetara remédio em sua perna: uma picada, e depois, o alívio.

Concentração, era disso que Luke precisava. Uma coisa de cada vez. O movimento suave do braço ao pegar o copo, a sensação do vidro na palma da mão ao segurá-lo com firmeza. E ele até se concentrava, de vez em quando. Sobrevivia a um dia de expediente sem deixar nada cair. Então Nadia ressurgia em sua mente, uma dor aguda e repentina, como a fome. A sensação de beijá-la na ducha da praia, de acariciar sua barriga com as mãos ainda sujas de areia, de passar os lábios pela nuca bronzeada. Depois, ajoelhado na beira da cama, deslizar os dedos por baixo da lateral da calcinha do biquíni, a pele dela ardendo sob suas mãos. Ela cheirava a mar. Sentia o oceano se agitando quando estava dentro dela: agitado, agitado, calmo. Quando acabavam, ele a beijava no rosto, naquele trecho de pele macio atrás da orelha, os fiozinhos curtos encrespados pelo suor. Sua boca nunca havia tocado nada tão delicado.

Passou o intervalo fumando com CJ no beco atrás do Fat Charlie's. Os dois haviam jogado juntos no colégio. CJ era um samoano grandalhão, com cabelo cacheado e comprido, um bom zagueiro. Tinha recebido convites de algumas escolas meio ruins, embora nada como as propostas elaboradas e as visitas que Luke recebera, mas mesmo assim os dois acabaram ali, num beco cheirando a lixo úmido, maresia e mijo de gato. Luke apoiou o corpo na parede, devolvendo o baseado.

— Tudo bem contigo, *uso*? — perguntou CJ. — Você está com uma cara estranha.

— Um lance aí com uma garota — respondeu Luke.

— Quem? A baixinha dos livros?

Luke hesitou, mas precisava contar a alguém.

— Ela engravidou.

CJ riu, uma risada estranha, meio chiada.

— Ah, moleza — disse ele. — Muito simples: não dê um tostão enquanto não tiver certeza de que é seu. Que se foda se a criança for linda, você não compra nem uma fralda antes de testar o moleque…

— Ela nunca transou com ninguém além de mim.

Não podia ter certeza, claro, mas sabia que havia sido o primeiro. Ela não admitiu que era virgem, mas Luke sentiu pela rigidez, pelo breve arfar quando a penetrou, pelos olhos fechados com força quando ele mal tinha se movido. Perguntou três vezes se ela queria parar. Três vezes ela disse que não. Era do tipo que nunca admitia sentir dor, como se isso a tornasse mais forte. Tinha perdido a mãe dois meses antes, e Luke sabia que ela queria transar por esse motivo; por isso ela não mencionou a perna manca e fez questão de tirar a camiseta dele, mesmo a roupa cheirando a suor e gordura. Era uma garota de dezessete anos sem mãe que queria eliminar a tristeza pelo sexo. Toda vez que sentia culpa por achar que a estava machucando, ela o abraçava mais forte, forçando-o a penetrá-la mais fundo, e ele se movimentava o mais devagar possível, até que terminou com um leve tremor. Ele fingiu não notar o sangue no lençol. Aconchegou-se junto dela e dormiu em cima das manchinhas irregulares.

CJ soprou uma nuvem de fumaça para a beirada do telhado bambo e jogou a ponta numa poça.

— Mesmo assim — disse. — É melhor fazer o teste. É só achar que é seu que o governo deixa você sem nada. Aconteceu com um conhecido meu. A lei só quer foder a gente.

— Ela tirou — explicou Luke.

— Ah. Porra. — CJ deu um tapinha nas costas dele. — Mais fácil ainda. Você deu sorte, parceiro.

Luke não se sentia com sorte. Ao ouvir a notícia de Nadia, ele se sentira agitado, como acontecia depois de levantar peso, como se pequenas faíscas corressem sob a pele. E pensar que naquela manhã sua maior preocupação tinha sido não chegar atrasado ao restaurante, para não ser demitido daquele emprego de merda. E aí vinha um bebê. Um maldito bebê de verdade. Ele

se sentira horrível ao saber — Nadia parecia arrasada, mal comera —, mas uma parte bem pequena dentro dele tinha se maravilhado ao pensar o que haviam feito. Tinham criado vida de verdade, uma pessoa real, que nunca existira antes no mundo. O mais perto de uma vitória que Luke alcançava no dia a dia era conseguir citar os especiais de cor. Na hora, ele pensara em ir correndo à sala dos funcionários logo depois que ela fosse embora, para pesquisar na internet sobre quando a gravidez começava a aparecer, como evitar enjoos, quanto custava criar um filho. Mas então Nadia disse que queria abortar. Ele prometeu arranjar o dinheiro, apesar de ter apenas duzentos dólares em economias, para ir morar sozinho — os maços de notas guardados embaixo da cama numa caixa laranja da Nike. Tinha sido tão fácil gastar os salários em cerveja e tênis, e ele se sentiu patético, tirando toda a sua poupança de uma caixa de sapatos. Como podia ter se julgado capaz de criar uma criança?

Ele não pretendia deixá-la sozinha na clínica. Mas no dia da consulta, quando guardou o celular no armário do trabalho, como fazia todos os dias, lhe ocorreu como seria fácil se esquivar. Tinha feito sua parte, Nadia tinha feito a dela, e ele não precisaria vê-la nunca mais. Não precisaria imaginar como estaria depois da cirurgia — devastada, dolorida —, nem encontrar as palavras certas para confortá-la. Não precisaria dizer a ela que fora a decisão certa, nem falar que sentia nem ter participado da decisão. Podia apenas deixar o celular ali no armário e fugir. Era essa sua grande bênção, um corpo livre, não atrelado a ninguém.

Mas então ela apareceu na festa de Cody. E nem parecia que tinha acabado de "desengravidar". Ele se lembrava de ter visto esse termo anos antes, quando toda a congregação da igreja do pai se reunira para protestar diante da clínica de aborto. Luke era pequeno na época, agarrado à mãe porque as pessoas em volta o deixavam nervoso. Um homem de rosto vermelho e usando um colete camuflado batia os pés e repetia: "Isso aqui é guerra, e estamos na linha de frente." Um velhinho negro segurava um cartaz com os dizeres: ABORTOS SÃO O GENOCÍDIO NEGRO. Uma freira carregava a foto da cabeça ensanguentada de um bebê sendo espremida por um fórceps. Acima, estava escrito: NÃO EXISTE "DESENGRAVIDAR", EXISTE MATAR BEBÊS. Anos depois, Luke não esquecia aquele cartaz. A palavra ficou gravada em sua memória com mais força que a fotografia chocante — a ideia de algo totalmente encerrado, a estranheza. Uma mulher que

desengravidasse, pensava ele, de alguma forma devia demonstrar isso tão abertamente quanto uma mulher grávida. No entanto, quando viu Nadia abrindo caminho entre as pessoas na festa, ela não lhe pareceu em nada diferente de quando ele a vira pela última vez. Pernas compridas, sapato alto, uma blusa vermelha justa nos seios, ferindo Luke com sua beleza. Nem estava chorando. Ele é que foi o fraco, pois não conseguiu se forçar a encará-la.

E agora não parava de quebrar louça. Quando algum funcionário deixava um prato cair, Charlie humilhava o responsável na breve reunião de equipe que fazia antes do expediente. Se fossem dois pratos, a pessoa deixava de servir mesas (e ganhar por isso) pelo resto da noite. Luke contou o dinheiro das gorjetas que tinha no bolso: quinze dólares em notas de um amassadas, além de algumas moedas de cinco centavos. Não dava nem para a gasolina. CJ ainda sorria para ele, impressionado com sua sorte.

— Tenho muita sorte mesmo — disse Luke, soprando fumaça no ar carregado.

———

NAQUELE ANO, NADIA passou mais noites na cama de Aubrey Evans que na própria.

Dormia no lado direito, o mais distante do banheiro, porque Aubrey se levantava mais vezes no meio da noite. De manhã, depois de escovar os dentes, deixava a escova no copo em cima da pia. Tomava café na cadeira ao lado da janela, os pés apoiados na beirada do assento. Bebia suco nos copos de plástico laranja de Kasey, que exibiam o escudo de um time do Tennessee. Deixava roupas no quarto de Aubrey — no início, sem querer: um moletom esquecido no encosto da cadeira, um maiô secando no varal. Depois, passou a esquecer coisas de propósito, até as roupas das duas se misturarem num nó indistinguível dentro da cesta da lavanderia que Monique deixava na cama.

Não é difícil entrar na vida de alguém quando se faz isso aos poucos. Aubrey não perguntava mais se Nadia queria passar a noite na casa dela. Depois do trabalho, iam juntas até o estacionamento, e Aubrey já abria a porta do passageiro para a amiga. Também se sentia sozinha. Não tinha

feito muitos amigos na escola, e passava mais tempo fazendo trabalho voluntário na igreja do que assistindo a jogos ou saindo para dançar. É estranho conhecer os contornos da solidão de outra pessoa. Nunca conseguimos apreender tudo de uma vez só: é como se entrássemos numa caverna escura, tateando as paredes e esbarrando em pedras afiadas.

— Tem certeza de que não está abusando da hospitalidade dessa menina? — perguntou o pai dela uma noite.

— Tenho. Aubrey me chamou.

— Mas agora você só vive lá.

— Então agora você se importa em saber onde eu estou?

Ele parou à porta do quarto dela.

— Não seja abusada.

Ela saiu mesmo assim. Na maioria das vezes, as duas não faziam nada, só ficavam deitadas no sofá, vendo programas ruins na TV e pintando as unhas uma da outra. De vez em quando, iam até o centro e perambulavam pelas lojinhas do calçadão. No ano anterior, Nadia tinha trabalhado ali, na Jojo's Juicery, sorrindo melancolicamente enquanto os clientes tentavam ler o cardápio multicolorido no alto. Ficava pensando na vida enquanto seguia as receitas de *smoothies*. Os clientes eram brancos ricos que passeavam com suéteres em tons pastel amarrados nos ombros, como se carregá-los na mão fosse cansativo demais. Ela nunca havia entrado em nenhum dos restaurantes do píer, como o Dominic's Italian ou o Lighthouse Oysters — eram chiques e caros demais para ela —, mas às vezes brincava com os garçons desses lugares quando eles apareciam na Jojo's. Uma garçonete do D'Vino's contou que um produtor de Hollywood devolveu o linguini três vezes, até estar no ponto que o agradasse, o tempo todo gritando com ela: "*Al dente! Al dente!* Significa 'ao dente'!" O sujeito estava tentando impressionar a moça que o acompanhava, mas a loura bronzeada mal reagiu à cena. Era a coisa mais triste: de que adiantava ser produtor de Hollywood se ele precisava gritar com garçonetes para impressionar as mulheres? Pelo menos na Jojo's ninguém se daria ao trabalho de tentar algo do tipo. Durante o expediente, Nadia gostava de ficar olhando pelo janelão de vidro para os barcos ancorados no porto, com suas velas coloridas enroladas. Embora, às vezes, aquilo a deixasse triste. Ela nunca tinha pisado num barco, e olha que ficavam a poucos metros de distância. Nunca tinha ido a lugar algum, na verdade.

Ocasionalmente, ela ficava na igreja até mais tarde para ajudar Aubrey no trabalho voluntário. As duas preparavam cestas básicas para os desabrigados e limpavam a sala de aula da irmã Willis: lavavam o quadro-negro e raspavam massinha das carteiras. Nas noites de sexta-feira, quando a igreja promovia o bingo da terceira idade, arrumavam as cadeiras de metal, preparavam o lanche e sorteavam os números. Tinham que gritar no mínimo três vezes, porque os velhinhos sempre pediam para repetir. Outras noites, ficavam no calçadão tomando milk-shake e olhando as bugigangas nas vitrines. Contra o céu vespertino, os barcos subiam e desciam de leve com as ondas; mais tarde, deitada na cama de Aubrey, Nadia se sentia como um daqueles barcos, oscilando sem nunca sair do lugar. Ia começar a faculdade em duas semanas. Estava à deriva, entre duas vidas, e, apesar de empolgada com o futuro, achava que ainda não estava realmente pronta para deixar para trás a vida que encontrara naquele verão.

———

ÀS VEZES KASEY fazia churrasco e elas jantavam no quintal, depois iam tomar picolé na rua. Monique contava histórias do trabalho: um homem que arrancara o próprio olho durante um surto psicótico, uma mulher que adormecera ao volante e quase fora empalada ao bater numa cerca. Certa noite, ela contou sobre uma garota que havia tomado pílulas abortivas ilegais compradas no México e só confessou quando já estava quase morrendo de hemorragia no chão do pronto-socorro.

— O que aconteceu com a menina? — perguntou Nadia um tempo depois, enquanto lavavam a louça.

— Que menina?

Monique lhe entregou um prato molhado.

— Aquela. A que tomou o remédio mexicano.

Ela ainda não conseguia dizer a palavra *aborto*. Talvez soasse diferente se saísse de sua boca.

— Teve uma infecção horrível, mas sobreviveu. Essas meninas têm tanto medo de falar que estão grávidas que vão lá e compram esses remédios baratos na internet. Só que ninguém sabe o que tem neles. Ela teria morrido se não tivesse tido o bom senso de buscar ajuda. — Mais um prato. —

Vocês não me façam isso nunca, ouviram? Liguem para mim, ou para Kasey. A gente arranja um médico. Nem pensem em fazer uma coisa dessas por conta própria.

Nadia tinha lido na internet sobre as pílulas abortivas: quarenta dólares e entregavam na sua porta, numa caixa comum sem identificação. Era o que ela teria feito se Luke não tivesse conseguido o dinheiro para a cirurgia. Até se ver frente a frente com o desespero, a gente nunca sabe o que é capaz de fazer.

— Você acha que foi ruim? — perguntou ela a Aubrey, depois. — O que a menina fez?

— Claro. Mo disse que ela quase morreu.

— Não, não é isso. Quis dizer se você acha que foi errado.

— Ah. — Aubrey apagou a luz. A outra metade da cama baixou um pouco quando ela se deitou. — Por quê?

— Sei lá. Curiosidade.

Na escuridão do quarto, ela mal conseguia distinguir a silhueta de Aubrey, muito menos seu rosto. Na escuridão, sentia-se segura para falar. Ela se virou e ficou deitada de costas, olhando para o teto.

— Às vezes eu fico pensando… — Uma pausa. — Se minha mãe tivesse se livrado de mim, será que ela ainda estaria viva? Talvez tivesse sido mais feliz. Tido uma vida.

Fosse qualquer outra amiga, teria ficado assustada e a encarado de olhos arregalados. "Que ideia absurda é essa?", diria, censurando-a por considerar algo tão sombrio. Mas Aubrey apenas apertou a mão dela, porque entendia o que era a perda, entendia como ela nos faz imaginar toda e qualquer possibilidade de evitá-la. Nadia já inventara para a mãe diversas versões de vidas que não terminavam com uma bala estraçalhando seu crânio. Não a via embalando um corpinho enrugado numa cama de hospital, com um sorriso exausto, mas aos dezessete anos e com medo na sala de espera de uma clínica de aborto, esperando sua vez. Via a mãe, não mais sua mãe, formando-se no ensino médio, na faculdade, fazendo pós-graduação, até. Ouvindo e dando palestras, de pé ao microfone. Viajando o mundo, posando para fotos nos penhascos de Santorini, os braços abertos erguidos para o céu azul. Sempre a mãe, embora ela, Nadia, não existisse naquela versão da realidade. Quando sua vida acabava, então era que a da mãe começava.

NAQUELE VERÃO, AS duas foram a Los Angeles, explorar outras praias. Por algum motivo, aquelas combinações de sol, areia e água salgada pareciam melhores, até mais glamourosas, quando se estendiam à sombra de Hollywood. Caminharam por Venice Beach, passando por homens levantando peso para se exibir e lojinhas de maconha, por bancas de camiseta, barraquinhas de churros, músicos. Nadaram em Santa Monica e dirigiram pelos penhascos tortuosos até Malibu. Outros lugares que conheceram: o centro de San Diego, onde andaram de bonde, olharam as vitrines no Horton Plaza, andaram pelo Seaport Village e entraram escondidas em boates no Gaslamp Quarter. Nadia convenceu um segurança a deixá-las entrar numa boate underground onde copinhos de shot vermelhos brilhavam acima do balcão do bar, ventiladores industriais giravam preguiçosamente no teto e tinham que gritar no ouvido uma da outra para conversar. Conheceram garotos. Garotos jogando bola na praia, garotos enfiando a cabeça para fora de janelas de carros, garotos fumando em frente a chafarizes, garotos já não mais tão garotos oferecendo bebidas para elas na noite. Os garotos enxameavam em torno das duas nos bares, e, enquanto Nadia paquerava, Aubrey parecia se recolher para dentro de si mesma, os braços cruzados irredutivelmente. Ela nunca tinha namorado, e como é que pretendia mudar isso se não se soltasse? Assim, em uma de suas últimas noites juntas em Oceanside, Nadia soube exatamente aonde precisava levar Aubrey: à casa de Cody. Aubrey nunca estivera lá, e, faltando poucos dias para sua partida, a nostalgia fez Nadia querer voltar uma última vez. Além disso, se fosse honesta consigo mesma, também tinha esperanças de ver Luke. Até imaginara a despedida — não dramática, pois não eram dramáticos, mas uma conversa final em que ela veria nos olhos dele a compreensão de que a havia magoado. Queria sentir nele o arrependimento por tê-la abandonado, por não tê-la amado como deveria. Queria, uma vez na vida, um encerramento decente para alguma coisa que fosse.

Na noite da festa, Nadia estava sentada na ponta da cama de Aubrey, ajudando com a maquiagem. Ela inclinou o rosto da amiga e, lentamente, passou sombra dourada nas pálpebras dela.

— Você tem que usar aquele vestido.

— Já falei que é muito curto.

— Confie em mim — insistiu Nadia. — Todos os caras vão querer ficar com você hoje.

Aubrey deu um riso de desdém.

— E daí? Isso não significa que eu queira ficar com eles.

— Você nem fica curiosa para saber como é?

— Saber como é o quê?

— Transar. — Nadia deu uma risadinha. — Só não vá esperando que seja lindo e romântico. Vai ser estranho pra caramba.

— Por que tem que ser estranho?

— Porque… Cara, você nunca ficou pelada com nenhum garoto?

Aubrey abriu os olhos.

— O quê?

— Tipo, até onde você já foi?

— Não sei. Até a parte do beijo, eu acho.

— Deus do céu. Nem uns amassos?

Aubrey voltou a fechar os olhos.

— Por favor, a gente pode mudar de assunto?

Nadia riu.

— Você é tão fofa! Eu nunca fui assim. Perdi a virgindade com um cara e… — Ela deu de ombros. — Nem falo mais com ele.

Ela nunca havia contado a Aubrey sobre Luke. Não sabia como explicar aquele relacionamento e tinha vergonha de tentar, porque tudo começara com mais uma de suas atitudes estúpidas. Ela é que começara a ir todo dia ao Fat Charlie's para vê-lo. Ela é que se apaixonara por um cara que não queria contar sobre o namoro deles a ninguém. Ela é que começara a dormir com ele meses antes de ir embora para a faculdade e nem insistira para usarem camisinha todas as vezes. Ela é que havia sido o tipo de mulher burra que a mãe a alertara para nunca ser, e odiava a ideia de Aubrey saber essas coisas.

Aubrey abriu os olhos outra vez. Estavam marejados. Nadia passou um lencinho, tomando cuidado para não borrar o delineador.

— Eu queria ser mais como você — disse Aubrey.

— Pode acreditar: você não quer ser igual a mim.

Naquela noite, a praia estava vazia, exceto pelo brilho de uma fogueira depois do posto de salva-vidas. Quase deserta, como se fosse a ilha

particular delas. Nadia pegou a mão da amiga, que arrastava os pés atrás, puxando a bainha do vestido preto curtinho.

— Não me deixe beber muito — pediu Aubrey.

— Mas a ideia é beber. Fazer você relaxar.

— Nadia, é sério. Sou muito fraca para bebida.

— Ah, duvido.

— É o que você pensa.

A cozinha de Cody estava mais cheia que de costume. Skatistas altos de calça skinny rasgada gritavam enquanto jogavam *beer pong*; ao lado deles, três gordos louros faziam contagem regressiva aos berros antes de virar shots de tequila; no chão, uma menina clarinha e sardenta passou um baseado para dois magricelas, que nem notaram a oferta pois estavam ocupados demais se agarrando.

Nadia preparou um drinque para Aubrey, mas ela recusou.

— É demais — disse, empurrando o copo de volta.

— São só duas doses!

— Você nem mediu!

— Eu contei até dois. Dá no mesmo.

Depois do primeiro copo, Aubrey começou a relaxar. Depois do segundo, ficou toda sorrisos e tinha parado de se importar se o vestido estava mostrando a bunda ou não. Depois do terceiro, foi para a pista dançar com um garoto que com certeza se importava se o vestido dela estava mostrando a bunda ou não, por isso Nadia a tirou dali antes que ele tomasse liberdades demais. Aubrey era uma bêbada divertida. Agarrava Nadia, abraçava-a, brincava com o cabelo dela. Desabou no colo da amiga, um dos braços nos ombros dela. Disse que a amava, e disse duas vezes. Em ambas, Nadia apenas riu.

— Não, eu te amo mesmo.

Quando havia sido a última vez que ela ouvira isso? Nadia sentiu até vergonha por não lembrar, então fingiu não ouvir. Abriu uma garrafa de água para Aubrey.

— Tome um pouco, antes que você vomite.

Ficar sóbria numa festa de Cody era uma experiência estranha. Nadia se sentia num museu, passando por baixo das cordas para olhar de perto os objetos em exibição. Notou os detalhes, a tristeza por trás dos sorrisos, os rostos cansados, retesados pelo esforço de fingir alegria. Sentiu-se

reconfortada, de certa maneira, por saber que não era a única que às vezes fingia. Terminou a cerveja, ainda sóbria, enquanto Aubrey tentava incentivá-la a beber mais.

— Não posso — disse Nadia. — Vou dirigir.

— Mas você nem está se divertindo!

— Estou, sim…

Aubrey fez bico.

— Não está, não.

— Estou, sim, e você também. Esse era o objetivo.

— Mas você só está sentada aí.

— Estou me divertindo vendo você — disse Nadia.

E estava mesmo, por mais estranho que fosse, mesmo sóbria e decepcionada por não ter encontrado Luke. Era uma alegria ver Aubrey se divertindo com a animação de alguém que acabou de se libertar do próprio corpo.

———

— MEU DEUS. — SEGURANDO Aubrey pela cintura, Nadia a ajudou a andar do carro até a porta de casa. — Você não aguenta nem meio gole.

— Não estou *tão* bêbada assim.

— Ah, está, sim…

— Não…

— Está, sim, cacete. — Ela remexeu na bolsa de Aubrey, procurando a chave dourada da casa. — Agora fique quieta. Já deve estar todo mundo dormindo.

Ela tapou a boca de Aubrey com a mão enquanto a guiava pela casa às escuras. O assoalho rangia sob o peso das duas. Ela tentou dar passos leves, enquanto empurrava Aubrey adiante, a mão úmida com o hálito da amiga. No quarto, Aubrey desabou na cama e se esparramou como uma estrela-do-mar. Nadia tirou o vestido e se olhou no espelho. Atrás dela, Aubrey se ergueu nos cotovelos e ficou vendo Nadia se despir.

— Você é tão bonita…

Nadia riu, vasculhando a gaveta atrás de uma camiseta para dormir. Sentia-se pouco à vontade sabendo que Aubrey a observava. Não gostava

que a vissem tirando a roupa, nem mesmo Luke. Pegou uma camiseta velha de um time de Los Angeles e prendeu o cabelo num coque bagunçado.

— É sério — disse Aubrey. — É tão bonita que dá raiva.

— Ei, vamos dormir.

— Mas eu não estou com sono.

— É melhor você pôr um short. Não vai dormir assim, vai?

— A gente vai se falar, né? — perguntou Aubrey. — Quando você estiver na faculdade.

Nadia sentiu a voz embargada, mas não disse nada, protegida pela escuridão e pelo silêncio.

— Claro — respondeu por fim, sem saber se estava tentando reconfortar Aubrey ou a si mesma.

No final do corredor, o ar-condicionado zumbia alto, mas a mente de Nadia se recusava a descansar, mesmo depois que Aubrey parou de falar e de se mexer ao seu lado. Aubrey dormia de bruços, como um bebê. Nadia pôs a mão nas costas da amiga, sentindo seu corpo subir e descer.

— Lembra do trampolim? — disse Aubrey. — Da história que eu contei? O que ficava no quintal da minha vizinha?

— O que tem ele?

Aubrey fechou os olhos com força. Sua voz era um sussurro quando ela completou:

— Foi meu primeiro segredo.

———

DE MANHÃ, A perna de Luke queimava. Uma dor esquisita. Outras dores ele conhecia bem — consequências de uma juventude desregrada. Um braço quebrado depois de apostar que conseguiria atravessar o trepa-trepa vendado; tornozelos torcidos e dedos esmagados em jogos de basquete levados a sério demais; fissuras nas costelas em brigas com amigos bêbados. Na faculdade, ele havia aprendido a conhecer intimamente cada tipo de dor, a rigidez de músculos doloridos, o esforço fervoroso além dos limites da razão, o peso de cinquenta quilos nas costas, que penetrava nos ombros, tirava o fôlego. A dor do cansado demais, do não consigo levantar, do não pensar, do ir levando. Depois dos treinos, ele achava que jamais

desaprenderia a sentir dor. A violência permanecia no corpo, ecoando nos ossos.

A perna doía de forma diferente, sem as conhecidas pontadas e os inchaços, mas uma dor leve, experiente, que provocava uma leve queimação quando ele pisava, principalmente pela manhã, depois de horas sem se mexer. Por isso, quando a mãe bateu na porta do quarto bem cedo no domingo de manhã, Luke levou um tempinho para se livrar das cobertas e atravessar o quarto, descalço. Estilhaços dourados de luz atravessavam as lâminas da persiana e se espalhavam pelo carpete. Ele abriu a porta com relutância e enfiou a cabeça pela fresta. A mãe estava ali parada num tailleur salmão, a bolsa embaixo do braço. Ele apertou os olhos contra a luz que banhava o corredor, pigarreando.

— O que você quer, mãe? — perguntou.

— Oi, mãe. Bom dia, mãe. É tão bom ver você, mãe…

— Desculpa, eu acabei de acordar.

— Vim dar um abraço em você, já que eu passo o dia inteiro enfurnada no escritório.

Ele avançou um passo tímido e a abraçou rapidamente, com um braço só.

— Não falei para você ir ao médico? — disse ela.

— Não está doendo tanto assim.

— Você mal consegue andar, mas continua de teimosia — observou ela, balançando a cabeça em reprovação. — Por que está parado aí como se estivesse protegendo a porta?

— Não quero que você entre. Está uma bagunça.

— Acha que eu não sei disso?

— Por favor, mãe, diga logo o que quer.

— Não quero nada. Só vim ver meu filho.

— Eu andei ocupado.

Ela riu com desdém.

— Ocupado. Sei. Você está é pensando na garota dos Turner. Ainda! Igualzinho ao seu pai. Não consegue deixar o passado para trás. — Ela tocou o rosto do filho. — Olha, o que está feito está feito. Você devia agradecer a Deus de joelhos. Nem todos têm uma segunda chance, sabia?

— Sim.

— Você precisa ir à igreja, isso sim — afirmou a mãe. — Se ouvisse mais a Palavra, talvez nada disso tivesse acontecido.

Luke se recostou no batente. Não queria ter envolvido os pais naquela história, mas precisava de dinheiro rápido, e no fundo tinha torcido para que lhe dessem uma bronca por considerar um aborto e se recusassem a lhe dar um tostão sequer. Ele teria procurado Nadia, desolado, as mãos erguidas, e dito que havia feito tudo que podia, mas que não conseguira o dinheiro, e que talvez eles devessem esperar um pouco e pensar melhor. Mas os pais, que não bebiam e não falavam palavrão e nem viam pornô, tinham ajudado Nadia a matar o filho dele. Ele mesmo pedira.

— Tudo bem — disse Luke. — Vou tentar.

———

Em Oceanside, o sol incessante fazia as estações se fundirem umas nas outras ao longo do ano, mas o outono vinha mesmo assim: alegres mensagens de boas-vindas surgiam na entrada da Oceanside High, mochilas e fichários eram trazidos às prateleiras de destaque do Walmart. Nadia recebera e-mails da Universidade do Michigan informando sobre a semana de orientação. Tentava engolir o nervosismo toda vez que passava pelas imagens genéricas de volta às aulas emolduradas por folhas vermelhas e laranja. Em Oceanside, as folhas não ganhavam aquelas cores, elas murchavam e adquiriam um tom verde-claro, enchendo os bueiros e margeando as ruas. Mas, pela primeira vez na vida, Nadia estaria morando em outro lugar quando as árvores ficassem nuas.

No domingo anterior à partida de Nadia, os membros da Upper Room fizeram uma vaquinha para ajudá-la. Ela era a primeira pessoa da igreja a ganhar uma bolsa de estudos para uma universidade grande, mas o auxílio não cobria tudo. Ela precisaria também de outras coisas (como um bom casaco de frio), por isso o pastor pediu a Nadia e ao pai que fossem à frente com um balde a seus pés. O Segundo John ofertou o dinheiro dos cigarros; afinal, tinha mesmo prometido à esposa reduzir o vício. A irmã Willis doou o dinheiro que havia separado para os bilhetes da loteria e sussurrou para Magdalena Price que era melhor que seus números não saíssem naquela semana. Até as Mães puseram alguns dólares, já acostumadas a esticar a aposentadoria como quem põe água no detergente para fazer render. Nadia ficou tão distraída com todos os membros que se levantavam que quase não

notou Luke, no último banco. Ele usava um terno cinza justo nos ombros, e quando os olhos de Nadia encontraram os dele, ela sentiu o braço do pai pesar um pouco mais nos ombros.

Depois do culto, enquanto o pai aguardava para falar com o pastor e agradecer, Nadia sentiu Luke se aproximar.

— A gente pode conversar? — perguntou ele.

Ela o acompanhou, passando pelo aglomerado de gente no saguão. Dali, saíram e contornaram o prédio da igreja até o jardim dos fundos. Margaridas africanas se acumulavam em torno da fonte. Uma acácia de folhas amargas se abria acima do banco de pedra em que Luke se sentou, esticando a perna ruim.

Nadia se instalou ao lado dele.

— Soube que você bateu o carro do seu pai — disse ele.

— Isso faz meses.

— Você está bem?

Aquela preocupação falsa era irritante. Ela se levantou.

— O dinheiro não está comigo.

— O quê? — perguntou ele.

— Das ofertas. Está com o meu pai. Mas eu vou pagar você.

— Nadia…

— Foi seiscentos dólares, não foi? Não quero que você ache que já me fez algum favor.

— Desculpe. — Luke olhou em volta de relance, depois se inclinou para junto de Nadia e explicou, baixando a voz: — Eu não podia ir àquela clínica. Se alguém tivesse me visto…

— Mas estava cagando se alguém ia me ver, não é?

— É diferente. Você não é filha do pastor.

— Eu precisava de você. E você me abandonou.

— Me desculpe — disse ele, mais gentil. — Eu não queria.

— Mas foi o que você fez, e eu…

— Não — interrompeu ele. — Eu não queria matar nosso bebê.

Mais tarde, ela imaginaria o filho dos dois crescendo. Bebê dando os primeiros passos. Bebê jogando a mamadeira do outro lado da sala. Bebê aprendendo a pular. Sempre Bebê, embora Nadia já tivesse pensado algumas vezes em qual nome daria a ele. Luke, como o pai, ou Robert, como o avô. Cogitara até familiares mais distantes (como o bisavô materno, Israel), mas

não conseguia imaginar uma criança carregando o peso daquele nome, sua rigidez bíblica. Por isso ele continuou sendo Bebê, mesmo depois de crescer em sua imaginação, depois de se tornar um garoto, um adolescente, um homem. Desde que Luke disse "nosso bebê" pela primeira vez, não "o bebê", não "ele", ela nunca deixou de se perguntar quem Bebê teria se tornado.

Naquela noite, o Flying Bridge estava quase vazio, afora alguns pescadores tomando cerveja, as costas largas curvadas sob as camisas de flanela. Nadia entrou e foi direto à mesa dos fundos em que Aubrey esperava. Às vezes pensava em contar tudo a ela: sobre Luke, sobre o aborto. Imaginava que estariam num quarto com as luzes apagadas, que respiraria fundo e confessaria, que Aubrey lhe diria que ela havia sido perdoada. Talvez fosse isso o que a atraíra em Aubrey. Talvez no fundo achasse que a mera proximidade com aquela garota de bom coração que usava um anel da pureza a absolveria. Ela fecharia os olhos, sentiria Aubrey tocar sua testa e assim todos os pecados sairiam de seu corpo.

— O que houve? — perguntou Aubrey assim que Nadia se sentou.

Talvez ela pudesse contar que não se sentira pronta para ser mãe, pronta para abdicar de seu futuro, que não conseguia se imaginar vivendo nem mais um único dia presa em uma casa que só a fazia se lembrar da mãe. Que achava que a decisão tinha sido em comum com Luke, mas que na verdade não se preocupara muito com isso porque tinha o direito de ser egoísta pelo menos naquele caso, não tinha? Era ela quem dividiria o corpo com outra pessoa, então cabia a ela decidir, não? Mas a expressão de Luke naquela tarde ao revelar que queria o bebê — não o bebê, *nosso* bebê — acabou com ela, já que nunca tinha considerado essa possibilidade. Qual garoto iria querer um filho? Ele deveria era estar aliviado por se livrar da responsabilidade, por ela ter feito o trabalho sujo e resolvido o problema dos dois. Mas e se Luke tivesse ficado horrorizado com o que ela havia feito? Talvez a tivesse deixado sozinha na clínica porque não aguentaria olhar para ela depois.

Nadia podia contar tudo isso a Aubrey, e a amiga entenderia. Ou não. Ela fecharia o rosto, como Luke, cheio de desespero e nojo, e se afastaria da mesa, sem conseguir imaginar como alguém seria capaz de matar um pobre bebezinho inocente. Ou diria que entendia, mas seus sorrisos ficariam mais rígidos e ela passaria a ligar cada vez menos, até que parassem de se falar. E desapareceria de sua vida, como faziam todos, mais cedo ou mais tarde.

Nadia se afastou da mesa, sentindo-se presa de repente. Sem pensar, foi até a mesa de sinuca, passando a mão pelo feltro verde. O pai a ensinara a jogar quando era pequena. Tinha levado Nadia a uma festa de Natal na casa do comandante e, enquanto os amigos passaram a noite tomando uma tradicional batida de gemada, ele ficou nos fundos da casa ensinando a filha a jogar. Depois, voltaram devagar para casa, cruzando vários bairros só para ver os pisca-piscas. Apesar dos pedidos incessantes de Nadia, ele nunca se dava ao trabalho de pendurar pisca-piscas em casa, mas a levava de carro para ver as belas decorações que outras pessoas faziam.

— Você sabe jogar? — perguntou Aubrey.

Nadia fez que não.

— Quer aprender?

— Você sabe jogar sinuca?

— Kasey me ensinou. — Ela pegou um taco e estendeu outro a Nadia. — Relaxa, eu te mostro como é.

Aubrey pacientemente demonstrou as jogadas básicas e se colocou atrás dela para corrigir sua postura. Ela guiou a mão de Nadia para a primeira tacada, o cabelo fazendo cócegas na nuca da amiga. Nadia queria a pressão suave e constante do toque. Quis ser abraçada mais uma vez, mesmo não sendo um abraço genuíno.

— Pode me mostrar de novo?

SEIS

Nós nos retiramos do mundo.

Cada uma a seu tempo e a seu modo. Betty se retirou do mundo quando o marido morreu. Durante uma viagem a trabalho, ele dormiu e nunca mais acordou. Betty não se conformava que uma pessoa morresse sozinha num hotel de beira de estrada, o corpo sendo encontrado apenas quando a faxineira chegasse com o carrinho de toalhas limpas. Ela pensava muito nesse momento, em como a faxineira devia ter gritado e recuado até bater no carrinho de metal e fazê-lo tombar, as toalhas se espalhando… Imaginava-se enrolando o marido com uma das toalhas macias e embalando-o no colo. Mas ele já havia deixado o mundo, e ela fez o mesmo. Flora se retirou do mundo quando os filhos começaram a brigar para decidir quem assumiria o fardo de cuidar dela. Tinha urinado nas calças outra vez e ouviu toda a discussão sentada na própria sujeira. Agnes se retirou faz muito tempo, quando estava no mercado com os filhos e o homem branco ao balcão disse: Quero ver quanto você tem aí, garota. Agnes teve que esvaziar a carteira no balcão, as poucas moedas girando enquanto o homem ria e as crianças assistiam a tudo.

Não tem nada neste mundo para mim, meu bem, diz ela. Nada que eu queira, isso é certo.

Até tentamos amar o mundo. Nós o limpamos, esfregamos os pisos de seus hospitais e passamos suas camisas a ferro, suamos em suas cozinhas e servimos almoços para seus estudantes, cuidamos de seus doentes e embalamos seus bebês. Mas o mundo não nos quis, por isso nós o deixamos, e devotamos nosso amor à Upper Room. Agora tememos o mundo. Um menino arrancou a bolsa de Hattie uma noite dessas e agora não saímos mais de casa depois que escurece. Nunca vamos a lugar nenhum, na verdade, apenas à Upper Room. Já vimos o que este mundo tem a nos oferecer. E temos medo do que ele quer em troca.

———

NO MICHIGAN, NADIA Turner conheceu o frio.

Aprendeu a usar luvas, apesar de não conseguir digitar no celular com elas. A nunca mexer no celular enquanto andava, porque podia escorregar numa poça de gelo. Aprendeu a usar cachecol, sempre usar cachecol: não eram meros acessórios para incrementar o visual como na Califórnia, por cima da camiseta. A sempre tomar a vacina gratuita contra a gripe no hospital universitário. Começou a ingerir as cápsulas de óleo de fígado de bacalhau que o namorado, Shadi, dizia fazer milagres — ou melhor, que a mãe sudanesa dele dizia, quando mandava carregamentos daquilo. Shadi havia crescido em Minneapolis, sabia o que era passar frio. Ensinou Nadia a colocar bolsas de água quente nos bolsos, a derreter gelo com areia em vez de sal, recomendou que ela tomasse complemento de vitamina D porque era negra.

— Você acha que estou brincando, mas não é natural para nós, de cor, viver neste frio — justificou ele. — Precisamos de mais sol que os brancos.

Ela pesquisou na internet. Shadi tinha razão: pessoas de pele mais escura precisavam mesmo de mais vitamina D. E também tinha razão quanto à sensação de não ser natural um negro viver em Ann Arbor. Ela nunca havia morado num lugar tão branco. Antes, era a única garota negra — nos restaurantes, nas turmas de aula avançada —, embora o tempo todo estivesse cercada de filipinos, samoanos e mexicanos. Agora, ela olhava para as salas de aula e via um monte de garotos brancos vindos do interior do Michigan. Nas aulas de debate, ouvia os colegas brancos elogiarem a diversidade da instituição, e como era progressista e acolhedora, e talvez fosse mesmo, para uma pessoa do interior. Mas Nadia sentia o racismo velado que predominava ali, a espera maior por mesas, as meninas brancas esperando que ela andasse na parte enlameada da calçada, um garoto bêbado diante de um clube de salsa gritando que ela até que era bonita para uma negra. De certa forma, o racismo sutil era pior, porque a fazia se sentir maluca. Toda hora se via na dúvida: será que foi mesmo racista? Será que foi paranoia minha?

Conheceu Shadi num encontro da União de Estudantes Negros, para a qual sua amiga Ekua a havia arrastado no início do primeiro ano de

faculdade. Barack Obama tinha acabado de ser eleito presidente, e a UEN e a Aliança Gay-Hétero estavam organizando um simpósio para discutir se o número maior de eleitores negros contribuíra para que a proibição ao casamento gay fosse aprovada na Califórnia. Na época, Nadia já havia se cansado de reuniões daquele tipo, mas foi mesmo assim porque estava com saudade de casa. Ficou nos fundos, enchendo o prato de comida grátis, quando viu Shadi na mesa de debate. Ele tinha a pele de um marrom-escuro e um sorriso que dividia o rosto ao meio, transformando os olhos já puxados em meias-luas. Os óculos de aro preto lhe davam um ar meio nerd, mas o corpo parecia magro e atlético mesmo coberto pelo suéter. Ela descobriria depois que ele havia feito boxe na adolescência, o que não era típico dele, algo desnecessariamente perigoso para um homem que ainda tomava óleo de fígado de bacalhau porque a mãe mandava. Shadi não era nada parecido com os garotos que normalmente a atraíam: meninos prepotentes e metidos, que nem levavam mochila para a aula, apenas enfiavam um fichário fino debaixo do braço, como se quisessem mostrar que não davam a mínima para nada. Dava para ver que Shadi *seria alguém na vida*. Vencera todos no debate, apesar de ter passado por tantos pontos diferentes que era difícil saber de que lado ele estava. Shadi até desafiou a ideia de haver um lado.

— Por que estão inventando essa baboseira de negros contra gays? — perguntou ele em determinado momento, inclinando-se sobre a mesa. — Existem gays negros, sabiam?

Por um instante ela perdeu o chão. Será que ele estava falando de si mesmo? Mas, no fim do debate, ele foi até os fundos para perguntar o que ela havia achado. Pôs as mãos nos bolsos e ficou de cabeça baixa enquanto ela falava, e Nadia percebeu que ele a notara ali nos fundos durante todo o debate, que tinha se exibido para ela. Talvez ele fosse, afinal, um pouquinho como os garotos de quem ela normalmente gostava.

Shadi era apaixonado por Direitos Humanos. No segundo ano da faculdade, criou um jornal universitário dedicado a divulgar notícias sobre movimentos políticos na Palestina, no Sudão e na Coreia do Norte. Nadia se pegou lendo sobre lugares que sempre haviam lhe parecido vagos e distantes. Quando contou a ele que tinha recebido uma oferta de bolsa para estudar no exterior, ele a incentivou a se inscrever, e em meados de dezembro ele foi para Pequim e ela, para Oxford.

— É seguro? — perguntou o pai quando Nadia telefonou para contar que havia sido aceita.

— É a Inglaterra, não o Afeganistão.

— Quanto vai custar?

— Minha bolsa cobre — explicou ela, sem mencionar que tinha arranjado um emprego num Noodles & Co. para completar.

— E você já tem todos os documentos? Passaporte e tal?

Shadi a levara à polícia federal para tirar as fotos. Ele já tinha três carimbos no passaporte, de viagens à França, à África do Sul e ao Quênia, e Nadia se deu conta, enquanto esperava no escritório minúsculo, de que a mãe nunca havia sequer saído do país. Essa seria sua vida: fazer o que a mãe nunca fizera. Nadia nunca comemorava esse tipo de coisa, ao contrário dos amigos, que tinham orgulho de serem os primeiros da família a frequentar uma faculdade ou a conseguir um estágio importante. Como ela podia se orgulhar de ter superado as conquistas da mãe, quando havia sido a responsável por emperrar sua vida?

O inverno na Inglaterra era cinza e horrível, mas era melhor que o do Michigan. Qualquer coisa era melhor que o inverno do Michigan. Todo inverno ela achava que ia morrer. Quando chegava aos desoladores meses em que nem via o céu, jurava para si mesma que ia fugir no primeiro voo para a Califórnia. Então a primavera chegava, sempre de maneira inesperada, e Ann Arbor recuperava seus verões calmos e úmidos, permitindo que ela voltasse a se sentir normal, a bronzear as pernas em varandas de restaurantes, a relaxar na cobertura de prédios, a desejar que o sol ficasse no céu por mais tempo. Isso era o que mais tinha surpreendido Nadia em Ann Arbor: podia se sentir normal ali. Em Ann Arbor, ela não era a garota cuja mãe se matou com um tiro na cabeça, era apenas uma garota da Califórnia, namorada de um cara ambicioso, uma aluna que adorava festas mas que conseguia nunca faltar às aulas. Em sua cidade, a perda estava em todos os cantos. Era difícil enxergar através dela, como tentar olhar por uma janela coberta de marcas de dedos. Ela sempre se sentiria presa atrás daquela janela, que a separava do resto do mundo, mas em Ann Arbor pelo menos o vidro parecia mais limpo.

Sempre que conversavam, fosse por Skype, mensagens ou pelo telefone, Aubrey perguntava quando Nadia iria a Oceanside. “Em breve”, respondia, mas sempre encontrava inúmeras razões para não ir: estágios no Wisconsin

e em Minnesota, programa de voluntariado em Detroit no feriado de Ação de Graças, Natal na casa de Shadi, onde não havia menino Jesus nem manjedoura, mas em compensação havia uma árvore enfeitada e um trenó com rena no jardim, e a casa inteira tinha um ar tão americano e invernal quanto um comercial da Coca-Cola. Nadia se perguntou se a família de Shadi havia feito aquilo por ela, para fazê-la se sentir mais à vontade. Será que, caso ela tivesse cancelado a viagem no último minuto, eles teriam guardado toda a decoração e pedido uma pizza? Deitada na cama de Shadi, ela tentou não pensar no pai, passando mais um Natal sozinho, e rolou de lado para olhar pela janela as casas cobertas de neve lá fora.

DOIS ANOS DEPOIS que Nadia Turner sumiu de Oceanside, Luke Sheppard começou a ir ao parque Martin Luther King Jr. para ver os Cobras. Só descobrira o time semiprofissional depois do problema na perna. A partir daí, passou a procurar jogos em todos os cantos: baixava podcasts da NFL e assistia à liga infantil pela janela da caminhonete, ouvindo o assobio alegre do apito enquanto os menininhos, tropeçando sob os uniformes e os capacetes, derrubavam uns aos outros. Os pais, instalados em cadeiras de praia, aplaudiam quando um derrubava o outro, quando eles caíam, quando a bola escapava; basicamente, aplaudiam qualquer coisa que os meninos fizessem. Luke havia ficado sabendo dos Cobras no início daquele ano, um mês depois de ir morar sozinho. Tinha ido ao parque MLK usar a barra de flexões porque não conseguia pagar ao mesmo tempo o aluguel e a academia e, no meio dos exercícios, um ônibus estacionou, em preto e cobre, com o desenho de uma cobra sibilando na lateral. Ele fingira fazer flexões enquanto a equipe saía e se dividia em grupos de treinamento. Os recebedores — esbeltos, magros e esnobes, fáceis de identificar — estavam se reunindo antes de começar. Luke aproximava o corpo do chão, depois voltava a se erguer. A grama subia e descia, e ele sentia os músculos da perna se esticarem, a ponta dos dedos sentindo falta da firmeza áspera da bola.

Isso já fazia três meses. Ele agora pesquisava on-line cada menção à equipe. Aprendera os nomes dos jogadores titulares, em que trabalhavam, seus apelidos, e quando os via na cidade, esperando no posto para trocar o

óleo ou empurrando um carrinho no Walmart, murmurava para si mesmo todas as informações recolhidas (Jim Fenson, *tackle* da direita, bombeiro, Fracote). No sábado, ele ia cedo ao parque para assistir aos treinos. Sentia falta de assumir aquelas posições perfeitas. Queria voltar a ficar em forma, parar de comer frituras, parar de beber cerveja e fumar maconha, voltar a tratar o corpo como uma máquina, um instrumento desprovido de sensações ou necessidades. Baixou o corpo até o chão para mais uma flexão e foi quando viu o treinador indo em sua direção.

— Bem que achei que você não me era estranho — disse Wagner, e sorriu, estendendo a mão. — Eu me lembro de você. Da San Diego. Um *wide receiver* ágil. Mas essa perna…

— Está melhor agora — respondeu Luke.

— É mesmo?

Ele deu uma corrida rápida. A perna direita estava molenga por falta de exercício, a esquerda começou a queimar ao primeiro movimento mais rápido. Quando voltou, Wagner tinha o cenho franzido.

— Está chegando lá — disse. — Olha, me ligue quando estiver boa de vez. Seria bom ter um cara como você no time.

Os Cobras não pagavam os jogadores. Todo o dinheiro arrecadado ia para equipamentos e transporte, mas Luke não ligava. Guardou no bolso o cartão que o treinador lhe deu. Durante todo o caminho até em casa, ficou passando o polegar pelo emblema brilhante de uma cobra que havia ao lado do número de telefone.

— Você não acha que devia se concentrar na sua carreira? — perguntou a mãe no dia seguinte.

Debruçado na mesa da cozinha, Luke remexia o arroz *cajun* no prato. Odiava o jantar de domingo na casa dos pais, mas não a ponto de recusar a comida e a roupa lavada. Logo que entrava, o pai já ia dizendo: "Não vi você na igreja hoje." Como não se dava mais ao trabalho de inventar desculpas mirabolantes, Luke apenas dava de ombros. Enquanto o pai fazia a oração interminável em agradecimento pela refeição, a mente de Luke vagava, e enquanto o pai conversava sobre a Upper Room com a mãe, ele comia em silêncio, imaginando quanto tempo durariam as sobras que levaria para casa. Luke normalmente sobrevivia ao jantar de domingo sem falar muito, mas tinha tocado o cartão do treinador no bolso e sentia uma animação diferente. Pela primeira vez achou que tinha uma novidade que valia a pena

contar. Mas a mãe apenas ergueu as sobrancelhas e o pai suspirou, tirando os óculos.

— Arranje um emprego, Luke — disse o pai.

— Eu já tenho um.

— Um emprego de verdade. Não aquele quebra-galho no restaurante.

— E a sua perna? — perguntou a mãe. — Como vai ser se você se machucar de novo?

— Não dói tanto assim.

— Olha, eu sei que você ama o futebol, mas o momento agora é de ser realista — disse a mãe, balançando a cabeça em pesar.

— Quando você vai assumir alguma responsabilidade, Luke? — completou o pai. — Quando?

Talvez ele estivesse sendo irresponsável, mas não ligava. Só queria ser bom em alguma coisa outra vez. Em junho, tinha adquirido o hábito de correr no parque todos os dias. CJ não sabia lançar a bola numa espiral curta, mas logo aprendeu as manobras, o jeito de fazer uma jogada em ângulo fechado, a outra em curva suave. Sabia para onde lançar e brincava dizendo que, se Luke conseguia pegar as bolas dele, conseguiria pegar as de um *quarterback* de verdade. CJ não era tão ruim quanto imaginava, o que irritava Luke. Apesar de seu talento medíocre, tinha inveja do colega, inveja do corpo que funcionava bem, que seguia ordens sem reclamar, que não havia sido destruído.

— Eu estou lento demais, cara — disse Luke, bufando.

— É por causa da perna. — CJ se jogou na grama, com o velho short cinza de educação física, que ainda trazia seu nome escrito em canetinha. — Vai levar um tempo.

— Eu não tenho tempo. Vamos de novo.

Depois dos treinos noturnos, ele comprava uma cerveja para CJ e os dois bebiam em frente ao Hosie's, vendo as meninas de biquíni saindo da praia com areia grudada nas pernas.

— Tem falado com a sua namorada? — perguntou CJ uma dessas noites.

Luke tomou um gole da cerveja morna, sempre goles lentos, sempre pequenos, para durar mais.

— Quem?

— Aquela menina que você traçava.

— Ela não é minha namorada — retrucou Luke.

— Ouvi falar que ela está morando, sei lá, na Rússia.

— Rússia?

— Alguma merda dessas. Morando na Rússia e transando com um preto africano.

Luke tomou mais um gole de cerveja, bochechando antes de engolir. Quando Nadia fora embora, ele havia passado um bom tempo obcecado em imaginar os caras da faculdade que ela namoraria. Em sua mente, nunca eram atléticos como ele, mas riquinhos com o casaco oficial da universidade, correndo pelo campus com pilhas de livros nos braços. Agora, tinha um nome: Shadi Waleed, algum merdinha de nome árabe. Pesquisou sobre o cara no computador da sala dos funcionários do Fat Charlie's e encontrou alguns artigos que Shadi havia escrito para um jornal chamado *The Blue Review*. Encontrou também um post dele num blog (claro que o cara tinha um blog) sobre futebol, o que foi uma surpresa. Futebol, e nem era o americano. Ficou chocado com o fato de Shadi se interessar por algo ordinário, como esportes, embora o post falasse sobre como era irônico que as esperanças da França em conquistar o título mundial dependessem de um muçulmano. Luke não entendeu o que havia de tão irônico na história, mas devia ser mais uma das coisas que Shadi Waleed sabia e ele, não.

Até que ele foi parar no perfil de Shadi no Facebook — e ficou sem ar ao ver a foto de perfil. Shadi sentado numa cadeira preta na área externa de um restaurante, com Nadia Turner no colo, sorrindo num vestido longo e florido, de óculos escuros, a mão carinhosamente pousada nos ombros do rapaz. Ela parecia mais velha, os traços mais angulosos, as maçãs do rosto mais pronunciadas. Parecia feliz. Luke passou para as outras fotos: a maioria, cartazes de eventos no campus; outras, Shadi ao lado de uma mulher com um lenço cobrindo a cabeça, que devia ser sua mãe. Mas acabava sempre voltando à de Nadia no colo dele. A vida dela continuara como se nada tivesse acontecido, mas Luke estava preso, encravado no passado, sempre se perguntando como teria sido se os dois tivessem tido aquele filho. O filho deles.

— Quem é esse puto? — perguntou um garçom que passava por ali, apontando para o rosto sorridente de Shadi. — Seu namorado?

Luke soltou uma gargalhada, mas se afastou do computador com tanta força que a mesa sacudiu.

———

QUANDO ENTROU PARA os Cobras, Luke achou que sua raiva finalmente iria ceder, mas foi o contrário, só a sentiu crescer. O futebol era um ambiente seguro para manifestá-la. Toda vez que vestia o uniforme, ele acalentava a raiva, mantendo-a em xeque. Da primeira vez que foi atingido no treino, viu uma luz branca, e sua mente foi dominada pela dor, mas depois se forçou a levantar e voltar mancando até o círculo de jogadores. A pancada o fez se sentir normal de novo. Começou a falar bobagens, a provocar homens com o dobro do seu tamanho, que poderiam aleijá-lo com uma única pancada.

— É só isso o que você consegue fazer, bundão? Vem cá, filho da puta, tenta de novo!

Quando retomaram o jogo, o mesmo *linebacker* avançou a toda na direção dele, mas Luke cortou por dentro, ultrapassando o cara enquanto a bola caía em suas mãos e ele disparava para a última jarda. Quase ficou decepcionado por não ser atingido de novo. Sua raiva pertencia ao jogo. Todos os Cobras eram cheios de raiva. Todos tinham uma história de chances perdidas e fama não alcançada: o treinador fodeu com a minha carreira, a dívida da minha família me forçou a largar o futebol e arranjar um emprego, o recrutador não enxergou todo o meu potencial. E nenhuma raiva era mais bem-vinda que a dele, porque Luke era de quem todos tinham mais pena. O mais jovem, o que tivera o futuro roubado de maneira mais injusta, e por isso os outros o tratavam com muita gentileza. Roy Tabbot o chamava para pescar, Edgar Harris trocava o óleo do carro dele de graça, Jeremy Finch lhe emprestou um terno para livrá-lo de ter que alugar um para o casamento de um amigo. "Mas vê se me devolve inteiro, idiota", disse Finch, ao entregar o traje. Era a coisa mais legal que faziam por ele em meses.

Quando não tinha treino, Luke ia aos churrascos do pessoal do time. Enquanto os Cobras discutiam em torno da churrasqueira sobre a melhor maneira de marinar um bife, ele ficava deitado numa cadeira reclinável de plástico. Finch dizia que carne não precisava de marinada nenhuma, nada daquela frescura de merda, bastava comer a droga do bife. Ritter dizia sinto muito, ele não queria comer a carne direto da vaca, e isso não significava que fosse um fresco, mas que não era um homem das cavernas, e Gorman dizia

que deveriam dar ouvidos a Finch porque de frescura ele entendia. As esposas traziam tigelas de salada de batata e macarrão com queijo, às vezes se juntavam ao grupo e davam broncas nos maridos. Luke então pensava: "Eu podia ter uma vida assim."

Sentado ao lado da piscininha das crianças, ele observava os filhos dos Cobras espirrarem água, e quando saíram, pularam nele, e Luke sentiu os corpinhos escorregadios e gelados enquanto tentavam derrubá-lo. Quando escapou do montinho de crianças, deparou-se com uma das esposas — a de Gorman ou de Ritter, ele nunca lembrava — parada ao seu lado, a mão na testa para proteger os olhos do sol. Ela sorria.

— Você tem muito jeito com crianças.

— Obrigado — respondeu ele, envergonhado por se sentir tão feliz em ouvir isso.

Num desses churrascos, já no fim da festa, Luke terminava sua cerveja sentado embaixo de uma tocha que ameaçava se apagar quando contou a Finch que já fora pai, muito tempo antes.

— Essa mulher te sacaneou, cara, só isso que eu te digo — disse Finch. — Se ela quer se livrar do seu filho, você não pode dizer nada. Mas e se ela quisesse ficar com a criança? Adivinha a quem ela ia pedir dinheiro? Quem ia parar na cadeia se não tivesse grana para pagar? Os homens não têm mais direitos nessa porra, não.

Luke terminou a cerveja, observando a chama acima deles tremeluzir e dançar. Sentia-se péssimo, mas se um homem não podia se sentir péssimo no fim da noite depois de encher a cara, então quando poderia?

— Ela me largou — continuou ele. — Foi para a Europa e agora tem um árabe filho da puta comendo ela.

Finch passou o braço em volta do pescoço dele.

— Sinto muito, cara — falou. — É tudo errado, a gente sabe. Eu amo minha mulher mais do que tudo, mas se matar meu filho, eu mato ela também.

Finch tinha os olhos até um pouco saltados, e Luke percebeu que ele estava falando sério. Sentiu-se enjoado de repente. Levantou-se rápido demais, o chão se inclinou e ele ficou tonto, como nas vezes em que, criança, colocava os óculos de leitura da mãe e corria pela casa. Finch não deixou que ele voltasse a pé para casa e o abrigou. A esposa dele forrou o sofá para Luke, apesar de ele insistir que só precisava de um cobertor. O

cuidado dela o comoveu, até entender que ela talvez só não quisesse que ele vomitasse direto no sofá. Ele próprio torceu para que isso não acontecesse. Deitado, sentia as ondulações do estofado debaixo de si, o corpo rígido de dor. Estava grato por tudo que tinha começado a sentir. A esposa de Finch voltou do armário no fim do corredor e Luke fechou os olhos enquanto o cobertor caía sobre ele.

———

A SRA. FINCH se chamava Cherry. Nome de fruta, sobrenome de pássaro.

— Não *Sherry* — corrigia ela. — Todo mundo cisma em me chamar de Sherry. Por que eu ia querer ter nome de bebida?

— Eu estudei no colégio com uma garota chamada Chardonnay — comentou Luke.

— Ah, mas você é um bebê. Aposto que estudou com alguma Cranberry, o pessoal dá cada nome para as crianças hoje em dia!

Ela vivia repetindo aquilo, chamando Luke de bebê. Ele não ligava. Cherry não revelava a idade, mas ele calculava uns trinta e cinco. Não era velha, mas da idade em que as mulheres começam a achar que são. Se algum dia se casasse, decidiu ele, ia querer uma mulher mais velha. Era pressão demais ser o mais velho da relação. Quando o homem é um bebê, a mulher não espera muito dele. Cherry queria cuidar de Luke, e ele se sentia reconfortado pela atenção que recebia, pelas expectativas baixas. Se um ator com mais de cinquenta aparecia na TV, Cherry dizia: "Duvido que você saiba quem é." E ele dava de ombros, mesmo se soubesse, só para fazê-la rir. Ficava sentado ao balcão da cozinha enquanto ela preparava sanduíches para os filhos, e, embora ele nunca pedisse, ela sempre fazia um para ele também.

Ele não se sentia atraído por ela, não da maneira que se sentia em relação a outras mulheres. Ela era gorda. Tinha um sorriso largo demais e o maxilar pronunciado. Era filipina, mas sua infância e juventude no Havaí foram marcadas pela pobreza. Luke nunca nem tinha imaginado que existissem pobres no Havaí.

— Vocês não passam o dia surfando, assando porcos e dançando hula-hula?

Cherry passou dois dias sem falar com ele.

— Você devia desligar essa TV e levantar a bunda daí, Luke — disse ela um tempo depois. — As coisas não caem do céu.

Ela conheceu Finch quando ele foi mandado para Kaneohe Bay. Era garçonete perto dali, num restaurante para turistas chamado Aloha Café, onde o cardápio continha itens com nomes como Salmão Surfista e Lulas ao Luau. Finch pediu Brownies Bronzeados, mas não parava de chamá-los de Brownies Brochados, o que a fez rir. Cherry tinha dezoito anos. Na idade de Luke, já havia se casado, se mudado para o continente e gerado três filhos. Luke gostava das crianças, mas se perguntava se não eram o único motivo para os dois ainda estarem juntos. Quando ia assistir aos jogos com Finch, ficava analisando o casal, tentando ver algum elo invisível entre eles. Mas Finch mal falava com Cherry, e Cherry ficava em silêncio perto de Finch, como se eles tivessem dividido os cômodos da casa, separando-os como países em guerra, lutando por territórios. Cherry sempre na cozinha, passando pela sala como uma turista; Finch desconfortável perto do fogão, escolhendo se esparramar no sofá.

Nas festas dos Cobras, Cherry bebia vinho branco com as outras esposas, sempre com um ar meio entediado. Luke já ouvira as outras mulheres a chamarem de nariz em pé e pensava nas histórias que ela contava, de que seu jantar quando nova era pão com manteiga e açúcar; de que raramente via os pais, funcionários de uma fábrica de frutas enlatadas no Havaí; que crescera achando que todos conheciam os pais apenas vagamente, por meio de sombras entrevistas chegando em casa tarde da noite e beijos na testa ao nascer do sol, semiapagados pelo sono; que mesmo depois de casada e gorda ainda sentia necessidade de estocar comida e outros itens (barras de chocolate em gavetas pouco usadas, roupas velhas guardadas em sacolas no fundo do armário), porque e se não tivessem o suficiente? A pobreza nunca abandona as pessoas, dizia ela. É uma fome que se entranha nos ossos. Mantém você faminto, mesmo depois de satisfeito.

— Vou começar uma dieta nova amanhã — disse ela, abrindo um chocolate que havia escondido numa gaveta cheia de cupons de desconto em supermercados.

— Qual? — perguntou Luke.

— Só posso comer o que os dinossauros comiam.

— Eles não morreram todos?

Cherry riu.

— É por isso que eu gosto de você, Luke.

— Por quê?

— Porque você é sincero. Porque você não diz: "Ah, Cherry, você não precisa fazer dieta." Pura falsidade. Dizem isso, mas é só eu virar as costas que me chamam de gorda.

Luke ficou contente que ela o visse daquela maneira: honesto, prático, pouco sentimental. Pegou-se passando cada vez mais tempo com ela, mesmo sabendo que não era apropriado. Não estava acostumado a ter amigos casados, mas entendia que havia limites e que era preciso respeitá-los. E, mesmo sabendo que não deveria visitá-la quando Finch não estava em casa, às vezes passava por lá antes de entrar no trabalho, no turno da tarde. Em geral, inventava uma desculpa — queria devolver uma chave de boca que Finch tinha emprestado, não encontrava o livro de jogadas, achava que havia deixado a garrafa de água na mesa de centro —, mas na verdade só queria conversar com Cherry, que sempre parecia interessada na vida dele. Ela lhe indicava onde arranjar um emprego que pagasse melhor, sugeria que pensasse em voltar a estudar, mandava parar de ver o Facebook de Nadia.

— Seu erro começa aí. Você não tem nada que ficar bisbilhotando ex. Qual a graça de ver que ela está feliz sem você?

Cherry tinha razão. Ela geralmente tinha razão, e Luke gostava dos seus conselhos. Afinal, não podia mais recorrer à própria mãe desde o dia em que contara sobre a gravidez e ela lhe arranjara o dinheiro. Não a condenava por ajudar com o aborto, mas sabia que algo mudara naquele momento: a mãe havia feito uma coisa da qual ele a julgava incapaz, e os limites do relacionamento dos dois tinham se alterado de repente, deixando-o desorientado, como quem entra no escuro num cômodo conhecido e tateia à procura das paredes, mas encontra apenas o vazio.

"O que as duas lavadeiras estão fofocando?", dizia Finch quando entrava na cozinha e pegava os dois no meio da conversa. Ao que Cherry sempre respondia: "Nada", e encerrava o assunto. Aquilo impressionava Luke, a rapidez da transformação dela. Talvez todas as mulheres fossem metamorfas, capazes de se transformar instantaneamente, dependendo de quem estivesse por perto. Quem Nadia seria perto de Shadi Waleed?

— Eu vi seu vídeo — disse Cherry um dia quando Luke passou lá para devolver um livro que pegara emprestado.

O título era *Blu's Hanging*. Toma, dissera ela, entregando o exemplar. Aqui estão seus havaianos pobres. Ele quase respondera que não precisava daquilo para acreditar nela, mas leu mesmo assim, porque sabia que era importante para Cherry. E gostou bastante, apesar de algumas resenhas na internet afirmarem que o tratamento dado aos personagens filipinos era um pouco racista. Pretendia perguntar a ela se era verdade. Era verdade que, no Havaí, os filipinos eram tratados como negros?

— Que vídeo? — perguntou ele, sem prestar muita atenção, enquanto tentava achar onde enfiar o livro de volta na prateleira.

— Tem algum outro vídeo?

— Ah — fez ele. — Sei.

— O Finch chamou um pessoal aqui. Ficaram assistindo até cansar.

Luke viu claramente a cena: os Cobras reunidos em torno do computador de Finch, rindo enquanto repassavam as imagens dele se machucando. Santo Deus, olha só o Sheppard! Tudo bem, mais uma vez, esperem só, esperem… Puta que pariu! O osso e tudo!

Ele tinha acreditado que fosse um Cobra, mas não era. Era só motivo de riso e asco.

— Posso ver? — perguntou Cherry.

— Você já viu.

Sentiu-se, estranhamente, traído, como se Cherry tivesse a obrigação de adivinhar que não deveria ter assistido.

— Não — retrucou ela. — Sua perna.

Disse isso de maneira tão casual que Luke levou um segundo para entender.

— Por que você quer ver? — perguntou.

— Porque eu quero. Não consigo entender como você consegue andar, muito menos jogar.

Ela estava curiosa, mas não da mesma maneira que os Cobras; não estava atrás de uma risada. Parecia uma pessoa que sai de um carro logo depois da batida, ansiosa para avaliar os danos e se convencer de que não foi pior do que imagina. Ele se sentou na poltrona ao lado da estante e, em silêncio, dobrou a perna da calça de moletom até o joelho. Sua mãe havia chorado ao vê-lo na cama do hospital, a perna destruída erguida à frente. Por não querer preocupá-la, Luke sorriu e disse: "Está tudo bem. Nem dói." O pai havia ligado de Atlanta naquela mesma tarde; ia dar uma das principais

palestras em uma conferência de pastores na mesma noite, mas mandou para o filho um lencinho de oração. Quando a mãe o pôs na perna ferida de Luke, ele não sentiu o poder de cura divino. Não sentiu nada, e talvez desse no mesmo.

Ele estremeceu quando sentiu a mão de Cherry subindo por sua perna até a feia cicatriz marrom que descia até o tornozelo. Ela então se abaixou e beijou a cicatriz, e ele fechou os olhos, acreditando, como uma criança, que o beijo dela pudesse eliminar a dor. Como era fácil de acreditar antigamente, como parecia simples: um beijo de mãe e um corpo que, de alguma maneira, sempre se curava.

———

NA NOITE SEGUINTE, quando foi arrastar o lixo para o beco atrás do Fat Charlie's, ainda pensava no beijo de Cherry. Tinha ido embora logo depois — a filha mais nova dela aparecera no corredor pedindo suco e Cherry se levantara sem olhar para Luke. Estava envergonhada, o que era natural. Mal dava atenção aos outros, mesmo ao marido, como se os dois competissem para ver quem se importava menos. Mas Luke era grato pela bondade dela. Queria ligar para Cherry quando saísse do trabalho. Talvez chamá-la para tomar um chope. Não um chope, talvez um café. Nem gostava de café, mas achava que era o convite certo para mostrar a uma mulher que não estava tentando levá-la para a cama. Arrastou o enorme saco de lixo, jogou-o na caçamba verde. O sol se punha no píer, o céu ardia em laranja. Às vezes Oceanside era linda, mesmo contemplada de um beco sujo.

Estava voltando para dentro do restaurante quando viu os Cobras. Finch, Ritter, Gorman e outros cinco, todos vindo pelo beco.

— Não posso dar cerveja de graça para esse monte de veado — disse Luke. — Nem peçam.

Ele soube que havia alguma coisa errada quando ninguém riu nem devolveu o insulto.

Anos antes, Luke seria ágil e entraria no restaurante a tempo, mas nem chegou a se virar quando veio o gancho de direita de Finch. Apagou antes mesmo de começarem a pisotear sua perna.

SETE

Na fisioterapia, Luke reaprendeu a andar.

Não de uma hora para a outra. Passou as duas primeiras semanas empurrando um andador pelos quatro cantos do andar. Assim conheceu os corredores intimamente, como um policial decora sua rota de patrulha: o linóleo quadriculado verde-claro, o posto de enfermagem, o canto em que as senhoras tricotavam e fofocavam. Ele se arrastava pelos corredores, nunca deixando de se impressionar com o esforço imenso que exigia uma ação simples como colocar um pé na frente do outro. Agora tinha um pino de titânio na perna, do joelho ao tornozelo, que ficaria ali pelo resto da vida. Vai fazer muitos detectores de metal dispararem, disse o cirurgião, mas um dia você vai voltar a andar. Por enquanto, tinha que continuar fortalecendo o tornozelo, dobrando o joelho inchado, trabalhando os músculos isquiossurais e os quadríceps. Ele deslizou o pé para a frente, tentando apoiar o tornozelo no chão, depois os dedos, enquanto o fisioterapeuta, Carlos, o seguia para segurá-lo caso ele caísse. Carlos tinha pai colombiano e mãe nicaraguense, mas todo mundo o chamava de mexicano.

— Sempre mexicano — dizia ele. — Eles me pedem: "*Hola*, Carlos, por que não faz uns tacos para a gente?" Não sei porra nenhuma de tacos. Vão vocês fazer uns tacos para mim, já que gostam tanto dessa merda.

Era verdade. Quando Luke chegara ao centro de reabilitação, a enfermeira disse que o fisioterapeuta dele seria Carlos, o mexicano. "Você vai gostar dele. Muito engraçado. Um cara baixinho, mas bem forte. Os baixinhos são sempre os mais fortes."

Carlos tinha pouco mais de um metro e sessenta, ombros largos e musculosos. Antes, era personal trainer numa academia. Luke sempre imaginara personal trainers como homens imensos, os músculos explodindo da regata, mas Carlos parecia mais um cara em quem você confiaria caso fosse uma dona de casa gorda tentando perder alguns quilos. Era rígido com

Luke, mas sempre o estimulava. Não o deixava esquecer de tomar os remédios, todos, mesmo quando não queria: os antibióticos para evitar infecções, a aspirina para evitar coágulos, os analgésicos. Ajudava-o a se alongar, massageando a perna com creme de aloe vera. Luke estava acostumado com treinadores massageando músculos doloridos, aliviando câimbras e enfaixando tornozelos torcidos, mas dentro de vestiários. Sentia-se desconfortável esparramado na cadeira da sala de fisioterapia enquanto um homem passava hidratante nele. Talvez Carlos fosse gay. Por que outra razão um homem seguiria uma profissão em que precisava alisar outros homens? Mas Luke nunca dizia nada, porque as massagens eram boas. O dano no tecido tinha sido profundo.

— Nossa, aqueles caras realmente odiavam você — disse Carlos. — Não queriam que você voltasse a andar nunca mais.

Luke não contou a verdade aos pais. Uma coisa seria se ele tivesse dormido com Cherry (teria aceitado a punição como um homem), mas ser agredido daquela forma por querer a amizade dela era vergonhoso demais. Além disso, os pais aproveitariam para dizer que tinham sido contra aquela ideia dos Cobras desde o início. Por isso, disse que alguns homens tentaram roubá-lo e que, não, não tinha visto o rosto deles.

Carlos colocava partidas de *fútbol* na TV suspensa enquanto fazia os exercícios diários com Luke. Arfando, apoiando-se na parede, Luke acompanhava a minúscula bola pelo oceano de grama. Sempre achara aquele esporte entediante, mas passou a gostar do ritmo ininterrupto, do movimento constante, das comemorações exuberantes. Talvez tivesse sido bom em futebol, se tentasse. Talvez tivesse encontrado um esporte que amasse e que não destruísse seu corpo.

— Você era um grande homem — disse Carlos certa vez. — Não é mais. Tem que aceitar isso. Tudo bem não ser um grande homem, basta ser um bom homem.

Não importava quem você houvesse sido no mundo lá fora. Na fisioterapia, todo mundo estava na mesma, lutando para recuperar o controle do próprio corpo. Luke era o mais novo em tratamento. A maioria dos pacientes eram idosos, que cruzavam o corredor a toda, empurrando a cadeira de rodas com os pés como crianças grandes demais para o andador. Entre uma sessão e outra, Luke gostava de jogar cartas com os velhinhos no

corredor. Vítimas de derrames, quase todos. O preferido dele era Bill, um guarda penitenciário aposentado, de Los Angeles.

— Eu cresci em Ladera Heights — contou Bill. — Na época em que era um bairro negro. Hoje em dia não dá nem para ir lá. Foi dominado por todos aqueles… — E não terminou a frase, apontando para Carlos. *Mexicanos*.

Bill havia lutado na Guerra da Coreia e foi parar ali depois de levar um tombo na rua e quebrar a bacia. O homem sobreviveu à guerra e a rebeliões de prisioneiros apenas para ser derrubado por um calçamento irregular. Não era casado. Já tinha sido, três vezes, então até era casamenteiro, mas não do tipo que permanece casado. Sempre foi namorador. Luke o via paquerando as enfermeiras, segurando a mão delas quando empurravam sua cadeira pelo corredor, adulando-as para ganhar um cookie extra depois do jantar. Luke costumava achar que se tornaria aquele tipo de homem, aquele que nunca sossega com ninguém, mas de que valia ser assim se aos oitenta anos se veria sozinho num centro de reabilitação motora?

— Você tem alguma garota em vista? — perguntou Bill um dia. — Um cara grandão, jogador… Devem correr atrás de você.

Luke deu de ombros, voltando a embaralhar a pilha de cartas. Tinha pensado em ligar para Nadia uma ou duas vezes, mas o que diria? Que a única coisa que fazia todos os dias era aprender a andar? Que exercícios simples, como erguer os joelhos ou levantar as pernas, o faziam gemer de dor? Que passava horas na cadeira de rodas, jogando pôquer com velhos para passar o tempo?

Certa noite, ele estava distribuindo outra rodada de cartas quando Aubrey Evans surgiu do elevador.

— Oi — disse ela. — As Mães pediram que eu trouxesse isso.

Ela ergueu uma manta de tricô, uma mistura de rosa, verde e cinza que era impressionantemente viva em contraste com as paredes brancas. Ele a levou até seu quarto. Aubrey não disse nada enquanto o acompanhava, Luke avançando devagar com o andador, o equilíbrio vacilando a cada passo. Chegando ao quarto, ele desabou na cama, envergonhado pela falta de fôlego. Aubrey dobrou o cobertor com cuidado e o pôs aos pés do colchão. Ele nunca tinha estado sozinho com ela, só a conhecia da igreja, de vista; parecia uma garota legal e religiosa, mas entediante. As pessoas pareciam

gostar dela. A própria mãe dele. E Nadia, segundo as tantas fotos das duas juntas que vira no Facebook.

— Não sabia que você ainda morava por aqui — disse ele.

— Estou na faculdade. Na Palomar. E trabalhando.

— Onde?

— Na Donut Touch.

Ele riu.

— O que foi? — perguntou Aubrey.

— Nada. É que é um nome bobo.

Ela sorriu.

— Se você estivesse doido por um donut, não se importaria com o nome do lugar.

Luke nem lembrava quando fora a última vez que comera um donut. Mesmo antes de viver à base da comida insossa do hospital, tinha voltado à alimentação saudável de atletas: alimentos nutritivos, frango grelhado e legumes em todas as refeições. E o que ganhara com isso? Ele se levantou, com esforço, apoiando-se no andador.

— Você ainda fala com a Nadia? — perguntou.

— O tempo todo.

— Ela ainda está na Rússia?

— O quê? — Aubrey riu, franzindo o nariz. — Ela nunca foi à Rússia.

— Ah, é?

— Está na Inglaterra. Ficou um tempinho na França, também. — Aubrey fez uma pausa. — Quer ver umas fotos?

Ele queria, mas recusou, baixando o olhar.

— Não, não. É que nunca conheci ninguém que esteve na Rússia.

— Nem eu — respondeu Aubrey. — Mas ela vai para um monte de lugares. Qualquer lugar para onde quer ir, ela vai.

Luke se sentiu bobo por ter passado tanto tempo imaginando Nadia na Rússia com chapéu de pele em frente a prédios coloridos com o alto das torres em formato de pião. Mas, se algum conhecido dele fosse à Rússia, seria ela. Como ele podia ter sequer pensado que ela ficaria em Oceanside com ele, criando o filho dos dois?

Aubrey enfiou a mão na bolsa para pegar as chaves. Estava indo embora. Luke sentiu uma necessidade repentina de mantê-la por perto.

— Oramos por você todo domingo — disse ela. — Se precisar de alguma coisa, me fale.

— Você bem que podia me trazer um donut.

———

NO DIA SEGUINTE, Aubrey levou um donut *red velvet* molhadinho e tão doce que ele esqueceu o nome estúpido da loja. Outras coisas que ela levou, depois: um baralho novo, chicletes, um livro chamado *Por que os cristãos sofrem?* — que ele não leu, mas que deixou na mesa de cabeceira para que ela visse quando fosse visitá-lo —, uma agenda para ele registrar seu progresso, uma pilha de cartões com votos de melhora assinados por membros da Upper Room e uma regata com as palavras ESTILO ANIMAL, que ele usava para fazer exercícios. Aubrey tinha uma beleza discreta que ele passou a apreciar. A beleza de Nadia o atropelava, mas a de Aubrey era como uma pequena vela decorativa, uma chama aconchegante. Quando ela o visitava depois do trabalho, ele a achava uma graça de uniforme: camisa polo preta com o desenho de um donut rosa na frente. Estava sempre mexendo distraidamente na viseira quando saía do elevador, o rabo de cavalo cacheado balançando. Tinha um cheiro doce; cheiro de glacê.

— Já usei um desses — disse ele, apontando para o anel da pureza.

— É mesmo?

— Quando tinha treze anos. Mas minha mão cresceu demais, e meu pai teve que serrar o anel para tirar.

— Está brincando!

Ele ergueu a mão. No anular direito havia uma pequena cicatriz marrom.

— Tudo bem — disse Luke. — Acabei transando com uma menina naquele ano mesmo. Teria acontecido de qualquer maneira, o anel só serviria para me deixar mal.

— Não é para isso — afirmou ela. — Pelo menos não para mim.

— Então para que serve? É tipo um casamento com Jesus?

— É só para lembrar.

— Lembrar o quê?

— Que eu posso ser pura.

Aubrey era uma boa garota. Quanto mais tempo passava com ela, mais Luke percebia como era raro que ele pensasse em alguém como uma pessoa realmente boa. Legal, talvez, mas legal qualquer um pode ser, querendo ou não. Bondade é uma coisa totalmente diferente. Ele até ficou receoso no início, desarmado pela bondade de Aubrey. O que ela queria com ele? Todos queriam alguma coisa, mas o que ela esperava ganhar de um homem cujo mundo havia sido reduzido a quatro corredores? Às vezes os dois jogavam cartas no quarto dele, volta e meia mergulhando a mão num saco de papel cheio de donuts. Outras vezes, ela o levava para fora e os dois ficavam sentados vendo os carros entrarem e saírem do estacionamento. Luke nunca perguntava sobre Nadia, embora tivesse vontade — ele se sentiria exposto se a mencionasse de novo. Além do mais, era como Cherry tinha dito: por que ele insistia em querer ouvir que Nadia estava feliz, que levava uma vida grandiosa, agitada e realizada? Ele não era mais um grande homem. Não seria famoso, como havia sonhado quando criança, chegando a treinar uma assinatura apenas com letras cursivas para quando começasse a autografar bolas. Teria uma vida comum, mas, em vez de deprimi-lo, o pensamento o tranquilizava. Pela primeira vez não se sentia mais preso. Em vez disso, sentia-se seguro.

Ele ensinou Aubrey a jogar pôquer e, depois, vinte e um. Ela aprendeu ambos com uma rapidez surpreendente, e Luke sugeriu irem um dia a Las Vegas para jogar num cassino de verdade. Ela riu. Nunca tinha ido.

— Por que eu iria a Las Vegas? Não vou a festas. Nem jogo.

— Porque é divertido — disse ele. — Tem comida. E espetáculos. Você gosta de teatro, não gosta? A gente pode ir. Quando eu sair daqui.

Ela esboçou um sorriso, puxando uma carta da mão.

— Claro — respondeu. — Legal.

Ela só estava sendo legal, mas mesmo assim Luke se agarrou àquelas palavras, anotando-as na agenda aquela noite.

— O QUE VOCÊ vai fazer quando sair daqui? — perguntou Bill.

Luke acabara de evoluir para as muletas e tentava andar pelo corredor, exaurido e desajeitado. Tinha progredido mais rápido do que esperavam,

segundo Carlos. O enfermeiro lhe dera um pequeno pedômetro, e em um mês Luke já tinha chegado a cinquenta mil passos. Carlos imprimiu para ele um certificado de CME: Caminhante Mais Empolgado, que Aubrey ajudou a pendurar na parede.

— Não sei — respondeu ele.

O Fat Charlie's não aceitava licença médica; substituíra Luke semanas antes. Ele precisava achar um emprego, ou seria obrigado a voltar a morar com os pais, que já tinham gastado muito com o tratamento. Enquanto mancava pelo corredor, calculava mentalmente quanto devia ter custado e se sentia sufocado pelo pensamento. Mais uma dívida. Teria que achar um trabalho logo, talvez em outro restaurante no píer. O que mais ele sabia fazer?

— Não, não — retrucou Bill. — Não é possível que você não queira fazer coisa melhor.

Luke riu.

— Tipo o quê? Quer que eu me candidate a presidente?

— Esse é o problema de vocês, moleques — disse Bill. — Hoje em dia são todos preguiçosos. E sabe por quê? Porque vocês sabem que as garotas dão conta. Homens adultos morando com a mãe, um monte de garotos por aí, sem emprego. Em algum momento a gente virou uma raça de homens que se contentam em deixar as mulheres cuidarem da gente.

Luke crescera ouvindo os idosos da Upper Room fazerem discursos parecidos, dizendo que tinham batalhado muito só para ver a geração dele jogar tudo fora. Como se devesse algo por ser jovem e tivesse que pagar a todos pelas humilhações causadas. Mesmo assim, no entanto, gostava de conversar com os velhos no corredor da clínica, de ouvir suas histórias e imaginar a vida de cada um. Bill nunca dava ouvidos aos fisioterapeutas quando o ensinavam a fazer os exercícios. Era teimoso demais e, com o passar dos anos, se acostumara demais à dor. Quem podia julgá-lo? Era velho e não tinha ninguém esperando por ele lá fora. Só queria falar merda com os amigos e olhar as enfermeiras bonitas. Luke era o único que conseguia fazê-lo sair da cadeira.

— Você é muito bom nisso — disse Carlos.

Luke tinha convencido Bill a terminar o alongamento dos quadríceps, incentivando-o até o homem desabar de volta na cadeira, bufando. Carlos observava, à porta, e ficou impressionando.

— Você devia pensar em fazer fisioterapia — continuou Carlos. — Já está aqui há um tempão mesmo!

Luke contou isso a Aubrey, e no dia seguinte ela levou uma lista impressa de requisitos para trabalhar com fisioterapia. Ele ficou desanimado ao ver que teria que ficar dois anos na faculdade, mas Aubrey disse que o tempo passaria de qualquer maneira, então por que não gastá-lo indo atrás de alguma coisa boa? Com a ajuda dela, Luke relaxou um pouco. Ela tinha razão. Além disso, se havia aprendido alguma coisa ali, foi a ter paciência. Tinha passado os últimos meses reaprendendo a andar. Sentia-se capaz de esperar qualquer coisa.

Quando finalmente foi liberado da clínica, pois já conseguia ficar de pé sozinho com a ajuda de uma bengala, o tempo pareceu correr. Ele sentiu falta dos segundos suaves no centro, dos dias sem distinção entre um e outro, do tempo marcado apenas pelas refeições, as rotinas de exercícios e as visitas de Aubrey. No mundo exterior, o tempo parecia passar correndo, sem que ele nunca conseguisse alcançá-lo. Na clínica ele aprendia rápido e era ágil em comparação com os outros, mas na casa dos pais se sentia em câmera lenta, como se precisasse fazer um esforço três vezes maior para sair da cama e tomar banho, se vestir, preparar o café. Durante o dia, dedicava-se às candidaturas para faculdades de fisioterapia e tentava achar um emprego, mas os trabalhos exigiam qualificação ou a capacidade de levantar pelo menos vinte quilos. Finalmente, resolveu perguntar ao pai se havia alguma possibilidade para ele na Upper Room.

— Talvez eu possa fazer alguma coisa no jardim — sugeriu. — Recolher o lixo. Sei lá, qualquer coisa.

Luke se sentia envergonhado, como quem pede esmola, mas o pai pôs a mão no ombro dele e abriu um sorriso caloroso. Fazia anos que esperava aquele momento, quando o filho único voltaria para casa em humildade e pediria para ajudar no ministério. Talvez tivesse imaginado aquele momento já no nascimento de Luke — um filho homem que um dia herdaria a igreja. Um filho homem ao lado dele no altar, liderando grupos de jovens no estudo da Bíblia, seguindo-o pelos corredores da Upper Room. Como devia ter ficado decepcionado com um filho que idolatrava o futebol, que passava o domingo cultuando a TV, que não havia sido chamado por Deus para fazer nada além de correr e pegar uma bola.

— A igreja está envelhecendo — disse o pai. — Seria bom ter alguém para visitar os enfermos e os que não podem ir à igreja.

— Posso fazer isso — afirmou Luke.

Ele entendia bem de doença. A doença se enterra fundo na pessoa, e, mesmo quando ela está curada, mesmo quando pode ser curada, nunca esquece como é ser traída pelo próprio corpo. Por isso, quando batia na porta das casas, levando refeições para doar, Luke não desejava aos doentes que ficassem curados. Simplesmente passava um tempo com eles enquanto isso não acontecia.

Ainda via Aubrey na Upper Room. No início, tinha temido que ela não conversasse com ele fora da clínica, que a amizade dos dois tivesse sido restrita àquele espaço, mas ela sempre parecia feliz em vê-lo. Nunca ia à casa dele, apesar de Luke já tê-la convidado, mas no culto matutino se sentava ao lado dele, e não no primeiro banco, que era onde Luke se sentava com os pais quando criança, mas nos fundos e perto do corredor, para que ele pudesse esticar a perna ruim. Todo domingo, quando o pai estendia as mãos para abençoar os doentes, Aubrey olhava para ele, e todo domingo quando isso acontecia ele desviava o olhar para as franjas do tapete. Até que um dia ela lhe perguntou, ao pé do ouvido:

— Quer ir lá na frente? Eu vou com você.

Como alguém podia acreditar que a cura era fácil, apenas uma questão de pedir? E quanto aos que continuavam doentes? Era porque não pediam com fé suficiente? Mas Aubrey pegou a mão dele, os dedos tocando a pequena cicatriz da pureza que ele lhe mostrara. As palmas das mãos dos dois se beijaram e ele sentiu, pela primeira vez, que poderia ser completo.

———

UMA NOITE FRIA de maio, Luke abria caminho pela multidão que cercava a lanchonete do estádio, levando um copo descartável cheio da cerveja superfaturada vendida ali. CJ ia atrás, carregando o próprio copo, derramando cerveja na mão. Ele não gostava de beisebol, mas tinha aceitado ir a um jogo do Padres porque os dois mal se viam agora que não trabalhavam mais juntos. CJ queria ir a uma partida de futebol americano — na primavera, sempre dava para assistir a um jogo ou até um treino —,

mas Luke insistiu no beisebol. Não que fizesse questão, mas não conseguiria aguentar mais uma partida de futebol americano. Já tinha dado demais de si àquele esporte. Decidiu encontrar algum novo para amar.

Durante o sétimo *inning*, a multidão começou a cantar enquanto um animador dançava no telão do placar. CJ acompanhou a música mexendo os lábios, como Luke fazia durante os hinos na igreja. Quando se sentaram, CJ tomou um gole da cerveja já tépida e colocou o copo no chão.

— Eu tenho que sair da porra do Fat Charlie's, cara — disse.

— E fazer o quê?

— Não sei. Qualquer coisa. Talvez me alistar.

— Como fuzileiro?

— Sei lá, pode ser. O que é que eu sei fazer?

Ele não conseguia imaginar CJ no quartel, nem arfando pelo deserto com uma arma nas costas. Na verdade, como CJ ia passar no teste de aptidão física? Era bem forte, sem dúvida, mas teria que correr cinco quilômetros, e Luke nunca tinha visto CJ correr nem cem metros.

— E se mandarem você para outro país? — perguntou Luke.

CJ deu de ombros.

— Pelo menos vou estar fazendo alguma coisa da minha vida. Tenho que tomar um rumo, igual a você. Você tem um futuro pela frente. E eu?

Um senhor negro subiu a escada de metal, berrando:

— Olha o amendoim! Quem quer um saco bem gostoso de bolinhas salgadas?

A multidão riu, e Luke tomou um gole da cerveja, enxugando a boca com um guardanapo manchado de gordura. Não estava acostumado a provocar inveja nos outros. Morava com os pais e ganhava da igreja cinquenta dólares por semana, o que parecia mais uma mesada do que um salário. Usava uma bengala quando precisava andar longas distâncias e, no estádio, tinha sido apalpado e cutucado três vezes, pois o pino de metal na perna fazia os detectores dispararem, mas pelo menos estava construindo alguma coisa. Ia começar a faculdade de fisioterapia no segundo semestre e passava os fins de semana com uma garota que o acalmava, que era como uma cola unindo seus cacos. Quando uma morena bonita usando uma camisa retrô de Tony Gwinn passou por Luke, ele se perguntou se Aubrey gostaria de ir a um jogo. Ficaria uma gracinha com o boné dele, e se fossem pegos pela câmera do beijo, talvez ela oferecesse o rosto para ele, sem se

envergonhar com os aplausos da multidão. Ele torceria para que os Padres fizessem um *home run* só para ver o rosto dela quando os fogos de artifício se abrissem no céu.

No fim do oitavo *inning*, um menininho negro engolido por uma camisa imensa do Angels subiu na cadeira, chamando aos berros o vendedor de algodão-doce. O homem não ouviu e já ia descendo os degraus de alumínio.

— Ei! — Luke se levantou, sentindo uma pontada de dor por causa do movimento repentino. — Aqui! — E apontou para o garoto.

O vendedor parou. O menino foi correndo até ele, passando por cima das pernas de todos enquanto sacudia o dinheiro no ar. O vendedor se abaixou com aquele monte de algodões-doces azuis e rosa, e o menino deu um salto, apontando para um dos azuis. Ficou se remexendo com impaciência enquanto o vendedor pegava o troco, depois sorriu, triunfante, empunhando a nuvem colorida. Todos o ajudaram a passar pela fileira de cadeiras, as mãos nas costas do menino para evitar que caísse. Luke sentiu a pele macia do bracinho fino do menino quando ele passou.

— Me conte um segredo — pediu Aubrey mais tarde naquele dia.

Luke estava esticado na cama. Era fim de primavera e o quarto estava quente, mas ele não podia abrir a janela, senão Aubrey sentiria frio. Ela estava sempre com frio. Ele gostava disso, pois se sentia responsável por aquecê-la. Aubrey estava aninhada junto ao peito dele, e Luke baixou a cabeça para lhe dar um beijo na testa. Estavam sozinhos na casa dele, mas Luke sabia que não fariam nada além de ficarem deitados aconchegados um no outro. No início do namoro, ele tentara cavar momentos para ficarem a sós. Sabia que ela estava se guardando, mas certamente não ia se guardar para sempre, era só uma questão de tempo até ela se sentir pronta. Só que ainda não tinham feito nada, meses depois. Quando Aubrey ia à casa dele, muitas vezes os dois nem chegavam perto do quarto. Jantavam com os pais dele ou ficavam sentados no balanço da varanda. Talvez Aubrey não se sentisse confortável de transar na casa do pastor, pensou Luke, então começou a ir à casa dela, embora fosse estranho estar numa casa só de mulheres. O banheiro tinha um balcão cheio de produtos femininos: frascos de todos os tamanhos e formatos, hidratantes, protetor solar para o rosto, óleos de banho, cremes de cabelo sem enxágue. O sabonete rosa da pia deixava sua pele suave e cheirando a talco, o que agredia seu senso de

virilidade, por isso ele passou a lavar as mãos com o detergente laranja da cozinha.

Mas não importava onde estavam, eles nunca transavam. Beijar era permitido e carícias também, mas sempre por cima da roupa e só acima da cintura. Ele nunca tinha namorado uma menina que não vira nua. Luke ardia de desejo, imaginando como seria tocá-la de verdade. À noite, quando conversavam pelo telefone, ele a imaginava na cama, deitada de short e camiseta nos lençóis, sem sutiã. Às vezes se tocava enquanto a ouvia contar como tinha sido o dia, imaginando os mamilos dela salientes sob o algodão branco. Depois, sempre se sentia culpado por manchar a imagem dela. Sujo.

Ele via a forma dos seios dela sob o tecido fino da blusa e teve vontade de tocá-la, mas se conteve. Ela queria um segredo. Queria um momento sério. Ele pensou em falar sobre o menino no estádio. Não tinha parado de pensar na maciez da pele do garoto, mas sabia que soaria esquisito. Ela não entenderia. Nem ele próprio entendia.

— Uma vez eu engravidei uma garota — contou. — Mas ela não teve o bebê.

Aubrey ficou em silêncio.

— Quem era? — perguntou ela, por fim.

— Uma garota que eu conhecia. Eu a amava, mas ela não quis o filho.

— O que aconteceu com ela?

— Faz muito tempo. A gente nunca chegou a conversar direito depois.

Ela pegou a mão dele. Luke se sentiu aliviado, apesar de ainda não conseguir se obrigar a contar toda a verdade.

— Sua vez — disse ele. — Me conte uma coisa que nunca tenha contado a ninguém.

Ela encarou o teto, pensando.

— Quando eu era pequena, achava que tinha superpoderes.

Ele riu.

— Como assim?

— Sentidos mais apurados. Não poderes, porque eu não ficava mais forte. Mas lembra das aulas de biologia, aquela história de que os animais se adaptam ao ambiente? Que, com o passar do tempo, os peixes que habitam o fundo do mar começaram a fazer coisas estranhas, como brilhar no escuro, para poder atrair presas e sobreviver? Tipo isso.

— Que tipo de superpoder?

— Eu sabia se um homem era bom ou mau pelo cheiro. E saía do meu corpo quando ele me tocava.

— Quem?

— E minha audição era incrível — continuou ela. — Eu o ouvia andando pelo apartamento, como um rato pelos canos. Conseguia ouvir ele indo até o meu quarto. E sempre me perguntava por que minha mãe nunca ouvia, mas aí eu lembrava que ela não conseguia. Ela não tinha superpoderes.

Aubrey começou a chorar. Luke envolveu o rosto dela com as mãos desajeitadas, beijou suas bochechas molhadas, seu queixo, sua testa. Enterrou o rosto no pescoço dela, querendo mantê-la ali, impedi-la de sair do corpo.

OITO

Esquecemos Nadia Turner, como se esquece qualquer pessoa distante. Era uma garota bonita que tinha perdido a mãe e batido a caminhonete do pai, mas depois disso escapuliu da nossa mente, a não ser em um momento ou outro. Por exemplo, se alguém perguntava a Robert Turner como estava a filha, ele dizia bem, muito bem, terminando o segundo ano. Ou então, fazendo um estágio no Wisconsin, é, alguma coisa no governo, deve ser. Robert continuava a emprestar a caminhonete. A esposa do pastor não contratou outra assistente. Mas não voltamos a ver Nadia Turner. No feriado de Ação de Graças não a víamos. No recesso de Natal não a víamos. Nem nos longos períodos de férias, enquanto suávamos na sala de orações, lendo os cartões cheios de pedidos. Os meses quentes sempre têm um pico de pedidos de oração.

Apenas anos depois, anos após o boato, as peças começaram a se encaixar. Betty diz, não é estranho que ela nunca ajudasse com as crianças, mesmo seguindo Aubrey Evans para todo canto? Agnes, a mais sensível aos assuntos do espírito, diz que um dia passou por ela no saguão da igreja e viu um bebê a seguindo. Um menininho de meias altas. E que, quando olhou de novo, ele tinha desaparecido. Ah, eu sabia, diz ela, quando surge o assunto Nadia Turner. Eu soube na hora, assim que botei o olho nela. Sempre sei quando uma garota "desengravida".

Depois que um segredo é contado, todos se tornam profetas.

———

UM INVERNO, DEPOIS outro, depois outro. Até que Nadia já tinha passado tanto tempo longe de casa que se sentia mal em voltar. No último ano da faculdade, ela já pensava em Oceanside como uma praia minúscula presa

dentro de um globo de neve: às vezes o tirava da estante e o contemplava, mas não cabia mais dentro dele. Quando a formatura estava próxima, ela prestou o exame final e se candidatou às faculdades de direito da NYU, da Duke e da de Georgetown, qualquer uma que fosse capaz de mantê-la longe de casa. Por fim, escolheu a Universidade de Chicago. Tinha planejado trabalhar em Ann Arbor nas férias de verão e se mudar no segundo semestre, mas sua vida anterior a puxou de volta através de uma ligação esbaforida de Aubrey: Luke a havia pedido em casamento naquela noite. Iam se casar, e ela queria que Nadia fosse a primeira a saber.

— O que houve? — perguntou Shadi quando Nadia desligou. Ele se empoleirou na beirada do sofá. — Achei que ela fosse sua amiga.

— E é.

— Então por que você não está feliz?

— Porque o noivo dela é um babaca.

— Então por que ela vai se casar com ele?

— Porque ela não sabe disso.

Fosse outro homem, mais perceptivo, teria perguntado como Nadia sabia. Mas não Shadi. Ele apenas se levantou e foi preparar macarrão para o jantar. Shadi não fazia certas perguntas sobre a vida anterior dela, porque não queria ouvir as respostas. E ela ficava muito satisfeita em cumprir esse acordo tácito, em evitar qualquer menção ao passado. Não podia contar sobre Luke e o bebê. Shadi era um homem bom e progressista, mas talvez não entendesse a atitude dela. Talvez um aborto parecesse diferente quando era apenas um assunto interessante sobre o qual escrever ou debater no bar, quando o imaginamos distantes de nós, inócuos. E, como não podia contar sobre o bebê, também não conseguia explicar por que tinha ficado tão devastada dois anos antes, quando Aubrey a visitara e contara que estava "se divertindo muito" com Luke. De início, Nadia nem prestou atenção. Ficou tão animada em rever a amiga que mal podia acreditar que Aubrey estava realmente ali, no carro que Shadi emprestara de bom grado para Nadia buscá-la no aeroporto de Detroit. Na viagem até Ann Arbor, ela não parava de olhar para Aubrey e sorrir, já imaginando os bares aonde iriam e as festas de fraternidade que fariam a casa de Cody parecer silenciosa e tranquila como uma biblioteca. Ao apresentar o namorado e os amigos da faculdade para a antiga amiga de escola, duas partes diferentes de sua vida se

encontrariam de maneira sofisticada e madura. Só então ela se deu conta de que Aubrey havia mencionado Luke.

— Oi? — respondera ela.

— Eu disse que Luke e eu temos nos divertido bastante juntos.

— Oi? — repetira Nadia.

— Pois é. Você não acha estranho?

— Por que seria estranho?

— Não sei. A gente nunca foi muito próximo, mas agora…

E não terminou a frase, deixando o mistério no ar. "Se divertindo"… O que aquilo significava? Que estavam transando? Não, Aubrey contaria se tivesse quebrado o voto de castidade, não contaria? Então, se não estavam transando, o que estavam fazendo juntos? Isso foi o que mais incomodou Nadia. Luke estava investindo em Aubrey. Foi passear com ela no zoológico, até comprou néctar para dar aos pássaros. Aubrey mandou fotos dos dois posando em frente à gaiola, Luke cheio de aves tropicais nos braços, e dos dois comemorando o primeiro aniversário de namoro na Disney, Luke com um boné do Pateta, as orelhas compridas caídas. Nadia não conseguia imaginar Luke usando um chapéu engraçadinho em público, muito menos combinando um encontro que exigisse mais esforço do que enviar uma mensagem poucas horas antes. Ele estava diferente. Ou talvez fosse um homem diferente com outra garota, alguém que não ela.

Nadia nunca havia pensado em ter um relacionamento duradouro com ele. Como poderia? O que eles tinham em comum? O que poderia uni-los? Mas ela não parava de ver fotos dos dois sentados na beira de um píer ou jantando na cidade ou posando com o pastor e a sra. Sheppard na cozinha deles no Dia de Ação de Graças. A sra. Sheppard sorrindo, um dos braços na cintura de Aubrey, como se, na verdade, ela é que a tivesse escolhido, selecionado a nora perfeita com anos de antecedência. Que bom que Luke tinha finalmente percebido quem deveria namorar.

— E aí? Você vai? — perguntou Shadi. — Ao casamento?

— Acho que eu tenho que ir.

— Posso ir com você.

Nadia ouviu o sorriso na voz de Shadi, apesar de ele estar de costas. Não era raro ele sugerir aquilo, ir a Oceanside e conhecer o pai dela. Os amigos dos dois faziam brincadeiras e provocações, perguntando quando iam se casar, mas ela sempre evitava falar sobre a possibilidade de assumirem um

compromisso mais sério, mais permanente. Além disso, a mãe de Shadi queria que ele se casasse com uma moça muçulmana, embora gostasse de Nadia.

— Entendi — foi a resposta de Nadia quando ele lhe contou isso. — O que quer que eu faça?

— Nada. Só acho engraçado.

— Meu pai quer que eu me case com um cristão. Isso importa para algumas pessoas.

Nadia ficava incomodada com as insinuações de Shadi sobre o futuro. Ele havia acabado de receber uma oferta de emprego no Google, mas mencionara certa vez, de maneira quase ardilosa, que, se ela quisesse voltar para a Califórnia depois de terminar os estudos, ele poderia pedir transferência para o escritório de Mountain View. Ela riu ao reparar que ele não tinha a menor noção do tamanho da Califórnia. Por acaso não sabia que Mountain View ficava a oito horas de San Diego? Mas mesmo assim aquilo a assustou, aquela vontade de ajustar sua vida à dela. Nadia se apaixonara quando Shadi queria ser repórter internacional, sobrevoando países destruídos por guerras em helicópteros. A independência dele a libertava. Mas então ele resolvera trabalhar em escritório, e Nadia já se sentia sufocada pelas esperanças que ele nutria. À medida que se aproximava o final do curso, ela se pegou provocando brigas; por exemplo, quando disse que pensava em não participar da cerimônia de formatura. Shadi a acusou de estar sendo egoísta.

— A cerimônia não é para quem se forma — argumentou ele. — É para todo mundo que gosta daquelas pessoas. Não acha que seu pai quer ver você recebendo o diploma?

— E você não acha que isso não é da sua conta?

Ela não queria viver aquele momento sem a mãe para vê-la. Sua mãe, que não tinha feito faculdade, mas dizia que um dia faria, sempre um dia. Quando o catálogo da Palomar College chegava pelo correio, ela ficava recostada no balcão analisando os nomes dos cursos em que nunca estudaria. Uma vez, o pai jogou fora o catálogo junto com as propagandas que recebiam, e a mãe começou a revirar a lixeira antes mesmo de ele dizer que já havia levado tudo para a coleta.

— Achei que fosse para jogar fora — disse ele.

— Não, Robert, não. Não era.

Parecia desesperada, como se tivesse perdido muito mais que um simples catálogo que chegava pelo correio a cada seis meses. Na época, a mãe já estava ocupada demais com o trabalho e a família para voltar a estudar, mas sempre dizia a Nadia que esperava vê-la formada. Lembrava isso a ela quando conferia o dever de matemática, quando dava broncas pela caligrafia desleixada ou quando lhe fazia perguntas para verificar se tinha lido os livros paradidáticos. Nadia se via como a culpada pelo fato de a mãe nunca ter feito faculdade e se perguntava se, quando saísse de casa, ela finalmente procuraria uma universidade. Agora a formatura parecia bobagem. Por que ela colocaria uma túnica e um capelo e ficaria suando debaixo do sol se a mãe não estaria lá para tirar fotos com ela e aplaudir quando chamassem seu nome? Em sua mente, ela só via as fotos que as duas nunca tirariam, abraçadas, a mãe com rugas ao redor dos olhos de tanto sorrir.

Nadia pediu desculpas para Shadi naquela noite. Deitou-se nua na cama e ele grunhiu, aproximando o corpo, ereto antes mesmo de se tocarem. Ela sentiu o sabor do sal na pele dele, o ponto em seu pescoço que fazia cócegas enquanto ele vasculhava a mesinha de cabeceira. Nadia tomava pílula, mas sempre o obrigava a usar camisinha também.

— No que você está pensando? — perguntou ele, quando terminaram.

— Odeio quando você faz isso.

— O quê?

— Pergunta o que estou pensando. Assim que você pergunta, me dá um branco.

— Não é um teste — afirmou ele. — Só quero saber como você é.

Mais tarde naquela noite, ela tirou o braço dele de cima de seu corpo. Ficava suada quando ele passava a noite toda abraçado a ela. Às vezes, perguntava a si mesma se só o amava quando estava frio, no meio do inverno, quando tudo estava morto.

———

A VIDA INTEIRA de Aubrey Evans se resumia aos lugares em que ela havia dormido.

A cama da infância, com a cabeceira rosa de princesa, os sofás-camas de parentes depois que o pai foi embora, o banco traseiro do carro da mãe

quando a hospitalidade acabou, a bicama com Mo quando se mudaram para um apartamento novo, a cama da mãe porque odiava dormir sozinha, a própria cama depois que o namorado da mãe foi morar com elas, a própria cama em que o namorado da mãe a tocava, a cama do quarto de hóspedes da irmã quando fugiu e, por fim, a cama de Luke, onde nunca tinham feito amor. A cama de não fazer amor era sua preferida. A normalidade típica de lojas de departamentos refletida na colcha azul quadriculada, sempre um pouco amassada, como se alguém tivesse acabado de se levantar dali. Não havia muito mais na quitinete dele: uma cesta de vime dada pela mãe, que ele enchera de pesos de ginástica, uma caixa de pizza amassada tentando caber na lixeira, pares de tênis alinhados perto da porta, a bengala de madeira apoiada na parede. Na primeira vez que entrara ali, Aubrey ficara paralisada à porta, sem saber o que fazer. Eles nunca haviam ficado a sós de forma tão absoluta, num lugar que não pertencesse a mais ninguém, em que ninguém tinha a chave, em que ninguém poderia interromper. Luke indicou a cama.

— Desculpa — disse ele. — Não tem outro lugar para sentar.

Então se sentaram na cama e viram um filme. Outras coisas que haviam feito naquela cama: comeram pizza em pratos descartáveis, jogaram cartas, jogaram Madden no nível iniciante, assistiram ao Super Bowl, ouviram música pelas caixinhas de som ruins do laptop dela, ficaram de mãos dadas, se beijaram, discutiram e oraram. Dormiram juntos, no sentido literal de dormir. Aubrey pegou no sono nos travesseiros que cheiravam ligeiramente ao perfume de Luke, e ele a abraçou, beijando o pescoço dela enquanto adormecia. Mas Aubrey não teve medo. Todas as camas contam histórias, e a de Luke contava uma diferente. Ao apertar o ouvido no travesseiro, ela não ouvia raiva nenhuma, só o farfalhar das cobertas quando ele se aproximava, e o próprio coração batendo acelerado.

— Você está bem? — perguntou ele. — Toda essa história da festa…

— Está tudo bem.

— Manda ela parar se estiver exagerando. Depois que começa, minha mãe é um trem descarrilhado.

— Ela só quer ajudar.

— Mesmo assim — retrucou ele. — Depois que começa…

Tinham acabado de voltar da casa dos sogros. A sra. Sheppard enlaçou Aubrey pela cintura e a arrastou até o quintal para explicar como seria a

decoração do chá de panela.

— Então: os garçons vão ficar bem ali — dissera a sra. Sheppard, apontando para o meio do quintal. — Mas não perto demais. Não queremos que fiquem olhando as pessoas comendo. O Lou's Catering não seria minha primeira opção, mas, sabe como é, John queria dar uma força à empresa do Lou. Claro que ele não tem nada a dizer enquanto estou planejando as coisas, mas resolve me aparecer cheio de opinião bem na hora em que vou contratar o bufê. Espero que os rapazes do Lou tenham prestado atenção. Eu falei toalhas bordô, mas aposto que vão trazer de um vermelho qualquer.

Se já era exaustivo se preocupar com cada mínimo detalhe, mais exaustivo ainda era fingir se preocupar. Aubrey se sentia culpada por não se importar se as toalhas seriam bordô ou vermelhas. A sra. Sheppard estava se empenhando tanto para produzir um lindo chá de panela, ela deveria pelo menos demonstrar interesse à altura. Mas Aubrey tinha outras preocupações. Meses antes do casamento, já não dormia mais. Como qualquer grande mudança na vida, acontecia tanto gradual quanto repentinamente. Começou perdendo alguns minutos de sono, depois ia se deitar mais tarde e acordava antes mesmo de o despertador tocar. Depois, era uma hora aqui e outra ali, enquanto a noite caía e ela continuava embaixo das cobertas com o laptop queimando a barriga, mais um episódio de série refletido nos óculos. Depois, grandes nacos de tempo, colheradas e mais colheradas, porções que se abriam no meio da noite, quando se levantava para pegar água e, quando voltava, ficava se revirando na cama ou sentada à janela lendo a Bíblia até o sol começar a se infiltrar pelas persianas. Quando chegou abril, já passara a dormir apenas algumas horas por noite, e essas poucas horas a deixavam mais cansada do que se não tivesse dormido nada. Estava desaprendendo a dormir, e não por ansiedade pelo casamento, como todos tentavam convencê-la — é que tinha convidado a mãe e ainda não recebera resposta. As duas possibilidades a assustavam: de a mãe aparecer e a de não aparecer.

— Você só pode estar de sacanagem — disse Monique.

As duas estavam sentadas à mesa da cozinha, que nos últimos meses vivia coberta de revistas de casamento enviadas pela sra. Sheppard. Era o quartel-general, segundo Kasey.

— Relaxa, Mo — respondeu Aubrey. — Ela nem deve vir. A sra. Sheppard disse que eu podia acabar me arrependendo se nem tentasse convidar a mamãe…

— Então você quer que ela venha.

— Não sei.

Mas Aubrey já até via o reencontro: a mãe saindo do trem com uma malinha verde, enquanto as cortinas do passado se abriam. O cabelo dela estaria mais curto, e os cachos tingidos de grisalho balançando ao vento. Estaria usando um cardigã coral abotoado até o pescoço, para se proteger do frio trazido pela brisa da praia, e olharia em volta, protegendo os olhos com a mão, até ver Aubrey. Então ela abriria um sorriso, e, durante o café da manhã, Aubrey notaria todos os pequenos hábitos da mãe: que ela cortava o muffin na diagonal, que ouvia as pessoas de braços cruzados, que sempre conversava com o garçom quando ele vinha perguntar se estava tudo certo. Ela se sentiria uma menininha de novo, encantada com o rosto da mãe.

— Quem liga para o que a sra. Sheppard acha? — disse Mo. — Ela não é sua mãe.

— Nem você — retrucou Aubrey.

Na hora, ficou satisfeita consigo mesma, mas depois se sentiu enjoada ao relembrar os olhos escuros da irmã se arregalando e se enchendo de lágrimas. Os olhos não estavam entre as feições que as duas tinham em comum, herdadas da mãe. Aubrey puxara os olhos do pai, um homem que nenhuma das duas conhecia. Aubrey tinha chorado ao descobrir, quando criança, que Mo era só sua meia-irmã. Não tem problema, dissera Mo, porque eu amo você em dobro.

— De quem é esse casamento? — perguntou Nadia ao telefone aquela noite.

— Meu.

— E quem pode ser a ditadora desse casamento?

— Eu.

— Muito bem. Se Mo não quiser falar com ela, que não fale, mas o casamento é seu e você convida quem quiser. A vida é curta, e se você quer ver sua mãe de novo, é o que tem que fazer.

Aubrey cravou as unhas na palma da mão. Costumava fazer isso logo que foi morar com a irmã. Se tinha um pensamento ruim, ela fechava o punho, apertando com toda a força. A irmã então puxava as mãos dela e as

esfregava, como se estivessem apenas frias. Na beira da cama, ela abriu a mão e observou as pequenas meias-luas bem definidas ficarem vermelhas.

— Aubrey? Está aí? — chamou Nadia, sua voz soando distante.

— Desculpa.

Nem tinha percebido que seria insensível perguntar a Nadia se deveria convidar a mãe.

— Por que está pedindo desculpas? Você não matou minha mãe.

— Mesmo assim.

— Não faça isso.

— Isso o quê?

— Não me trate como se eu fosse uma coitadinha.

— Não é isso. — Aubrey fez uma pausa. — Eu queria ter conhecido sua mãe.

— E eu, a sua.

Aubrey se perguntou se as duas eram as únicas que achavam que não conheciam a própria mãe. Talvez mães fossem inerentemente vastas e insondáveis.

— Como estão as coisas aí no Michigan? — perguntou.

— Frio pra caralho. Ainda nevando. Dá para acreditar?

— Isso que dá querer estações definidas.

— Que se fodam as estações.

Aubrey gostava de ouvir as aventuras de Nadia no Michigan: no primeiro inverno, seus amigos de Chicago a levaram até a loja de departamentos Von Maur para comprar um casaco e botas de inverno, e riram dela por ficar tão fascinada com o lugar, com o pianista tocando ao vivo enquanto ela calçava botas forradas de pelo; ela só escorregou no gelo uma vez, no segundo ano de faculdade, a caminho de uma festa, e se orgulhava de não ter se apoiado com a mão que segurava a cerveja. Nadia também havia morado em outros lugares. Em Madison, capital do Wisconsin, durante o estágio temporário; um semestre em Oxford, na Inglaterra, quando aproveitou alguns fins de semana para conhecer Edimburgo e Berlim; e em Paris, onde ficou com a mochila presa entre as portas do metrô e teve que ser puxada por um bando de parisienses irritados. Aubrey adorava essa história, o fato de Nadia Turner, sempre tão descolada, ter se enrolado de tal forma em uma das cidades mais sofisticadas do planeta. Talvez a gente nunca saiba quem vai

ser no mundo, pensou ela. Talvez a gente seja uma pessoa diferente em cada lugar em que more.

— Conta de novo aquela da Inglaterra — pediu Aubrey. — A do barco.

Era tipo uma jangada, explicara Nadia no e-mail. Ela e alguns amigos tinham ido passear num daqueles barcos no rio Cherwell e ela foi a única que teve coragem de guiar, porque as outras garotas ficaram assustadas pelas histórias de que o remo prendia na lama das margens e o barco acabava virando. E assim Nadia remou enquanto todos bebiam Pimm's e champanhe, e ela mesma bebeu mais do que deveria, já que fazia calor demais. Estava meio tontinha e cansada devido ao esforço físico, mas se manteve firme o tempo todo, deslizando sob as árvores frondosas. Não perdeu o equilíbrio uma vez sequer. Um dos melhores dias de sua vida, contara no e-mail.

Ao telefone, Nadia deu uma risadinha. Aubrey a imaginou em seu apartamento no Michigan, sentada à janela, vendo a neve cair.

UMA SEMANA ANTES do casamento da melhor amiga, Nadia voltou a Oceanside.

Ela aproximou o rosto da janela enquanto o avião descia através da névoa. Copas pontudas de palmeiras surgiram; depois, os telhados vermelhos que cobriam todas as casas. As construções tinham sido a primeira coisa que ela notara ao pousar no Michigan: brancas com telhados de ardósia, como as dos filmes, não de estuque bege e com telhas vermelhas. No banheiro do aeroporto de San Diego, ela arrumou o cabelo enquanto duas mulheres falavam espanhol ao lado e, apesar de entender apenas trechos da conversa, ficou feliz em ouvir aquele familiar som estrangeiro.

Quando saiu do terminal, viu o pai acenando junto à calçada. Era difícil não vê-lo: era o único homem numa caminhonete. Ela não acenou de volta, foi andando na direção dele, arrastando a mala e equilibrando o café. Usava óculos escuros enormes, apesar do céu nublado. Sentia-se enganada pelo tempo fechado. Era como se a cidade soubesse que o sol era a única coisa da qual sentia saudade e lhe tivesse negado até mesmo isso. Quando ela se aproximou, o pai saiu da caminhonete para ajudá-la com a mala. Os dois

trocaram um sorriso tímido, como se tivessem medo de que o outro não sorrisse de volta.

— Vejam só quem apareceu — disse ele.

— Oi, pai.

Ele a puxou para um abraço, que ela retribuiu meio constrangida, com apenas um dos braços, para não derramar o café. Ele parecia igual, apenas um pouco mais velho, a pele mais enrugada, o cabelo com um salpicado de grisalho mais intenso. Nadia se perguntou quem estaria cortando o cabelo dele.

— Que engraçado… — comentou o pai, pegando a rodovia 5. — Você agora bebe café.

Ele esboçou um sorriso, apontando com o queixo para o copo. Antes da faculdade, ela odiava café. Uma vez a mãe tinha lhe dado um gole para experimentar, mas Nadia quase cuspiu. Estava esperando algo doce, como chocolate quente, mas o que veio foi um gosto amargo e esquisito. Agora já nem conseguia mais tomar chocolate quente; no inverno anterior, havia comprado um pote do achocolatado em pó, para melhorar o ânimo, mas jogou tudo fora, de tão enjoativo que achou. O Starbucks do aeroporto mal podia ser considerado café de verdade, e ela já sentia falta da prensa francesa que usavam na casa de Shadi, o que era irônico, porque, da primeira vez que vira aquilo, reclamara que não pretendia fazer um experimento científico e sim tomar um simples cafezinho. Mas não contou nada disso ao pai. Ele não precisava saber que ela acordava tantas manhãs na casa de Shadi.

— Seu amigo vem depois? — perguntou o pai.

— Na sexta. Espero que não tenha problema.

No aeroporto de Detroit, Shadi lhe dera um beijo de despedida. "Sei que você está odiando o fato de ter que ir para casa", dissera ele, acariciando a nuca de Nadia, naquele ponto em que o cabelo encontrava a pele do pescoço. "Você é uma boa amiga." E ela o beijou outra vez, porque não era uma boa amiga, não mesmo. Uma boa amiga não teria que conjurar alegria pelo casamento da melhor amiga, uma boa amiga sentiria isso naturalmente. Estava ansiosa com toda a situação daquela viagem e não sabia se ficava mais tranquila ou mais nervosa quando lembrava que Shadi chegaria depois, para ficar na casa do pai dela.

— E o semestre? — perguntou o pai. — Foi tudo bem?

— Tudo certo.

— E você vai receber o diploma, tudo direitinho?

— Vão mandar para cá.

— Entendi. Muito bom.

— Você não ficou chateado, espero.

Ele deu de ombros.

— Eu teria gostado de ir à sua formatura, mas você deve fazer o que achar melhor.

Ela se apoiou na janela quente enquanto passavam pela lagoa Del Mar. Shadi a havia chamado de egoísta, mas o pai não conseguia nem admitir que estava chateado, o que, de certa maneira, era ainda mais frustrante.

Estacionaram em casa, e o pai insistiu em carregar a mala. Quando entrou, Nadia parou de repente. A casa parecia diferente, com um cheiro diferente, como se fosse um organismo vivo cuja química básica havia mudado. Era possível uma casa perder o cheiro no espaço de alguns anos? Ou ela apenas havia esquecido como era estar ali? Observou a sala e entendeu o que realmente mudara. O pai havia tirado as fotografias. Não todas — ela avançou um passo e viu uma foto de si mesma na mesa lateral e, na lareira, uma da sua formatura no colégio. Só não havia mais as da mãe. Retângulos mais claros marcavam as paredes.

— Como ele pôde fazer isso? — perguntou a Shadi, mais tarde naquele dia. — Ela é minha mãe.

Nadia nunca tinha chorado na frente do namorado, e chorar pelo telefone era tão vergonhoso quanto teria sido cara a cara. Ela se agachou no carpete ao lado da cama, enxugando os olhos com a camiseta.

— Talvez seja doloroso ficar olhando para ela — opinou Shadi.

— É como se ela nunca tivesse existido. Como se ele nunca a tivesse amado.

— Eu acho que ele ainda a ama. E é por isso que dói tanto.

— Desculpa — pediu ela.

— Por quê? Você não fez nada de errado.

— Mesmo assim. Você não ligou para ficar ouvindo essas coisas.

— É a sua vida — disse ele. — Eu quero ouvir.

Nadia fechou os olhos, tentando se lembrar das fotos que ficavam penduradas nas paredes. Antes, passava por aquelas imagens todos os dias, mas agora só restavam lembranças vagas: os pais no dia do casamento, a mãe num jardim, a família no Knott's Berry Farm. Como ela não tinha

decorado todas? Ou talvez tivesse decorado, mas estivesse começando a esquecer. Será que o ar ali dentro estava diferente porque o cheiro da mãe tinha ido embora? Ou será que ela havia apenas esquecido o cheiro da mãe?

———

Os Sheppard moravam num bairro pacato e preguiçoso, numa casa idêntica a tantas outras, todas com telhado ondulado e caramanchão de palmeiras arqueadas. Na varanda da frente, um capacho marrom de boas-vindas dizia Deus abençoe esta casa — se era um pedido ou uma ordem, ficava a cargo do leitor. Na entrada, quadros cobriam as paredes bege (duas mulheres jogando croquet, um quadro mostrando uma procissão funeral que tinham visto no *The Cosby Show*). Perto da escada ficava um piano de mogno tão impecável que dava pena de tocar, e, no tampo, retratos da família dispostos cuidadosamente: o pastor e a esposa sorrindo em frente a uma capela no dia do casamento, os pais orgulhosos posando com o filho recém-nascido, e, mais para a ponta, um Luke adolescente de túnica e capelo, olhos arregalados para a câmera, um sorriso inibido pela prepotência de garoto.

Na tarde do chá de panela, Nadia seguiu as vozes até o quintal, onde mesas redondas cobertas por toalhas se amontoavam no gramado dos Sheppard. A equipe do bufê, um grupo de adolescentes negros de camisa e avental brancos engomados, percorria o quintal servindo água gelada e limonada em copos elegantes. Viu Aubrey do outro lado do quintal, sob uma árvore frondosa, cercada por um grupo de mulheres. Usava um vestido branco com ornamentos dourados que ia até os joelhos, o cabelo preto cacheado na altura dos ombros, e ria, cobrindo a boca com a mão. Era impressionante ver como ela se encaixava perfeitamente ali.

Aubrey abriu um sorriso largo ao ver Nadia se aproximando pelo gramado. Foi saltitando até ela, e as duas colidiram num abraço intenso, batendo os joelhos.

— Não acredito que você voltou! Que saudade!

— Eu também.

Nadia riu, constrangida com aquele abraço no meio do jardim, mas não queria soltá-la.

Aubrey enganchou o braço no dela e a guiou pela festa, passando por mulheres da Upper Room que pareciam chocadas em ver Nadia de novo, como se ela tivesse desaparecido no espaço sideral. Ih, caramba, olha lá quem apareceu, diziam algumas. Outras a abraçavam e eram mais diretas, Vejam só quem lembrou que tem casa. Aos olhos das mulheres, ela era a filha pródiga, na verdade até pior, porque não tinha voltado derrotada e humilhada. Uma filha pródiga poderia despertar a piedade delas, mas Nadia havia abandonado o pai e voltado melhor que antes, com histórias fascinantes de estudos, estágios prestigiosos, um namorado cosmopolita e viagens pelo mundo ("Paris?", disse a irmã Willis quando ouviu a história. "*Uh la la!*"). Será que aquele tempo longe a tornara metida? Ou será que abrira um abismo incontornável entre ela e as mulheres da igreja? Ou, ainda, talvez aquela fissura sempre tivesse existido, e a distância física apenas permitira que ela a enxergasse. No meio da conversa, a sra. Sheppard se aproximou. Usava um tailleur rosa e sapatos cujos saltos afundavam na grama.

— Bem-vinda de volta, querida — disse para Nadia, dando-lhe uma série de tapinhas no ombro.

Nadia queria contar à sra. Sheppard tudo que havia conquistado nos últimos quatro anos. Queria que ela soubesse de sua posição na lista de melhores alunos, dos estágios, das viagens para o exterior. Tinha ido embora dali e crescido na vida, e a sra. Sheppard precisava saber disso, mas, tão rápido quanto chegou, a esposa do pastor foi embora, atravessando o quintal, conversando com outros convidados. Não se importava com nada que Nadia fizera. Qualquer possível interesse havia desaparecido anos antes, assim que Nadia deixou de trabalhar para ela. Assim, Nadia engoliu suas histórias. Deixou-se levar por Aubrey até outro grupinho de mulheres e, quando acabou o tour pela festa, foi até a mesa em que estavam Monique e Kasey. Abraçou as duas, feliz por encontrar pessoas próximas.

— Gostando do espetáculo? — perguntou Monique.

— Não faça isso — pediu Kasey.

— Isso o quê? Vai dizer que não é? Tipo, garçons! Sério, quem ela está querendo impressionar?

Mas quem a sra. Sheppard precisava impressionar? Não, a sra. Sheppard havia feito aquele chá de panela para Aubrey por amor. Nadia imaginou as duas juntas analisando catálogos para casamentos, a sra. Sheppard na prova

do vestido observando Aubrey girar na frente do espelho, os olhos se enchendo de lágrimas, orgulhosa pelo fato de o filho ter encontrado uma boa garota — a garota certa. Como ela devia estar feliz, agora que finalmente tinha conseguido a filha dos sonhos. Durante o almoço, Nadia ficou remexendo a comida e acabou jogando quase tudo no lixo. Sentia-se claustrofóbica ali no quintal, então entrou na casa para usar o banheiro do andar de cima e, sentada na capinha felpuda da tampa do vaso, mandou uma mensagem para Shadi: *Saudade, feioso*. Dali a pouco ele sairia do trabalho, e ela desejou estar em Ann Arbor, no sofá surrado da casa dele ou tomando café numa mesinha externa de alguma cafeteria na Main Street, vendo as pessoas passarem. Ela não pertencia mais a Oceanside, não como Aubrey.

Já havia descido uns dois degraus quando viu o quarto de Luke. Parecia diferente visto do corredor, e, ao se aproximar, Nadia reparou que tinha sido convertido em quarto de hóspedes. Não era mais o quarto de Luke, sem as paredes cobertas de pôsteres de futebol americano, a cama de viúva encostada na parede da janela. Ela se lembrava de entrar ali de fininho, de sempre se sentir estranha tirando a roupa no quarto de infância dele, jogando o sutiã na escrivaninha revestida com papel de parede com estampa de bolas azuis e vermelhas, tirando a calça ao lado de uma prateleira cheia de troféus da liga infantil, beijando-o sob o olhar de Jerry Rice, colado acima da cama.

— Eu não moro mais aqui.

Luke apareceu à porta, atrás dela. Estava arrumado, o rosto lisinho, sem barba e até de óculos, uma armação retangular, comprada na farmácia. "Só uso quando quero parecer inteligente", dissera ele certa vez, dobrando-os com cuidado e guardando-os no bolso da camisa. Ela não tinha entendido. Por que ele não iria querer parecer inteligente sempre?

— Eu saí de casa — continuou Luke. — Estou morando ali perto do rio.

— Não me interessa — respondeu ela, apesar da vergonha por ele saber que ela se interessava, sim. — Eu tenho namorado.

— Eu sei. O africano.

— Ele é americano. Os pais são do Sudão.

Luke deu de ombros. A aparente naturalidade dele a irritou, aquele jeito de falar tão abertamente sobre a vida dela embora não se vissem fazia anos. Tudo que ele sabia tinha sido contado por Aubrey, e Nadia se sentiu traída,

imaginando os dois na cama comentando sobre ela. Luke entrou no quarto, apoiando-se numa bengala de madeira, e ela afastou o olhar enquanto ele passava mancando até desabar na cama, que rangeu sob seu peso.

— Quer saber uma coisa? — perguntou ele.

— O quê?

— Eu roubava coisas da igreja. Quando era pequeno.

— Que mentira.

— Juro.

— Tipo o quê?

— Qualquer coisa. Só para ver se eu conseguia.

Para provar, ele enfiou a mão embaixo da cama e sacou um hinário vinho com a capa de couro rachada. Roubado do banco do piano da mãe Betty, quando ele estava no sexto ano. A irmã Willis o sentenciara a trinta minutos de oração por conversar durante a aula, mas o que ele fez foi explorar a igreja, deitando-se de bruços para olhar embaixo dos bancos, mexendo nas franjas do tapete, passeando pelo altar. O banco do piano o fascinava: um assento em que dava para guardar coisas? Devia ter algo importante e secreto ali dentro, como os livros falsos dos filmes, que os vilões usam para esconder a arma, mas, em vez do arsenal que ele esperava, havia apenas folhas de partituras, canetas esferográficas e o hinário.

— É da minha mãe — gaguejou Nadia.

Ela não via o hinário fazia anos. A mãe o deixava na mesa de cabeceira, mas um dia desapareceu. Passou semanas procurando o livro pela casa.

— Eu sei — disse Luke.

— Ela achou que tivesse perdido.

— Desculpa.

— Por que você não devolveu essa merda?

— Eu me senti mal.

— E aí resolveu ficar com ele?

— Eu esqueci completamente, só encontrei quando fui me mudar. Tinha que devolver para você.

Ele entregou o livro. Nadia se sentou ao lado dele, folheando as páginas finas e de borda prateada. Nomes de cânticos passavam pelos olhos dela, e, quando ela aproximou o rosto, sentiu cheiro de poeira, de couro e, bem distante, o perfume da mãe. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas e a mão quente de Luke tocar suas costas.

———

NO ÚLTIMO FIM de semana antes do casamento, chegou, finalmente, a resposta da mãe de Aubrey, escrita no verso do próprio convite: *Não podemos ir. Mas parabéns!* Ela ficou parada diante da caixa de correio, lendo a mensagem uma, duas, três vezes, antes de devolver o cartão ao envelope e jogá-lo fora. Quando entrou em casa, encontrou a irmã no sofá assistindo ao jornal. Aubrey tirou os sapatos e se instalou ao lado dela, deitando a cabeça no colo de Monique.

— Ela não vem — disse Aubrey.

— Tudo bem.

— É só isso o que você tem a dizer?

— Quer que eu diga o quê?

— Sei lá. — Na TV, um repórter louro entrevistava um bombeiro diante de uma casa em chamas. — É tão ridículo assim eu querer minha mãe no meu casamento?

— Não. Quem gostaria de odiar a própria mãe?

Aubrey fechou os olhos, sentindo Monique tirar seu cabelo da testa. Tinha visitado a irmã em Oceanside pela primeira vez nas férias que antecederam seu último ano no colégio. No aeroporto, Mo a avistou junto à esteira de bagagens e ficou acenando loucamente, como se Aubrey não fosse reconhecê-la. Por fora continuava a mesma: pequena, o cabelo curto que a mãe odiava, mas abriu um sorriso enorme ao abraçar Aubrey e disse: "Caramba, você está uma adulta." Atrás de Mo, uma mulher branca aguardava com as mãos nos bolsos. Vinte e muitos anos, cabelo louro escuro que parecia úmido, um sorriso que mais lembrava um esgar debochado. Usava uma camiseta cinza e uma calça jeans larguinha com a barra dobrada. Ela deu um passou à frente, estendendo a mão.

— É um prazer finalmente conhecer você — disse então. — Fez boa viagem?

Aubrey respondeu que sim, obrigada, e ficaram as três ali paradas num silêncio incômodo até Mo dizer, melhor a gente ir, e pegar a mala de rodinhas enquanto Kasey se encarregava da bolsa de viagem que Aubrey trazia no ombro. Kasey fingiu se dobrar ao peso.

— Nossa, ela é sua irmã *mesmo*! — brincou.

Parecia ser do tipo que tentava ser engraçadinha em momentos de constrangimento, e Aubrey se sentiu meio que obrigada a rir, só para amenizar o clima. No trajeto até a casa delas, Monique e Kasey fizeram perguntas inofensivas sobre a escola e os amigos, e Aubrey deu respostas amenas e concisas. Do banco traseiro, via as duas trocando olhares de preocupação e, ao pararem num sinal, ouviu Mo dizer baixinho: "Ela só está com sono", como sempre fazia quando eram mais novas, falando com a mãe em nome de Aubrey como se a irmã não estivesse ali.

E ela não estava mesmo, não inteiramente. Durante toda a semana, percorreu a casa da irmã como um zumbi. Tinha a sensação de deixar o corpo para trás, no quarto da casa da mãe, sob as mãos de Paul, o hálito quente dele no pescoço, e era como se estivesse flutuando fora do próprio corpo, embora sempre sentindo a força que a puxava de volta. Em seu último dia na cidade, a irmã a levou à praia, e acabaram pegando carona numa excursão. Um senhor de óculos e pochete falava a um pequeno grupo sobre a glória do píer de Oceanside, o maior píer de madeira da Costa Oeste, que havia sido reconstruído seis vezes. Uma tempestade destruíra o original dois séculos antes, mas em dias de maré baixa ainda era possível ver os antigos pilares sob a água. O segundo e o terceiro píeres foram danificados por tempestades, e, nos anos 1920, a inauguração do quarto contou com uma festa que durou três dias. Vinte anos depois, novamente uma tempestade o arrasou.

— Este píer… — disse o guia, batendo o pé. — Este píer aqui foi erguido em 1987. Isso foi ontem! E, enquanto vocês forem vivos, verão outro substituir este, talvez até duas vezes. As tempestades virão, e nós continuaremos reconstruindo.

Pouco depois, já na ponta da estrutura de madeira, Aubrey pediu à irmã para morar com ela. Apertando a mão de Mo, sussurrou: Por favor, não me faça voltar. Mas, durante a lenta caminhada de volta atrás do grupo de excursão, ficou encarando a madeira, exausta só de imaginar a cidade reconstruindo de novo e de novo um píer que, no fim, se desfaria no mar. Não havia nada de especial naquele píer afora o comprimento, nenhum calçadão nem roda-gigante, apenas uma lojinha de iscas marcando o meio e uma lanchonete marcando o fim. Não passava de um pedaço comprido de madeira que insistia em desmoronar e ser refeito, e, anos depois, ela se perguntava se aquele era o objetivo, se às vezes a glória estava em tornar

inteiro novamente o que se quebrara, não no resultado mas no processo de tentar.

No dia seguinte àquele em que recebeu a resposta da mãe, Aubrey encontrou Nadia na praia. Estava deitada na areia, apoiada nos cotovelos, enquanto, ao lado dela na toalha, Nadia se virou de costas. A amiga usava um biquíni preto minúsculo que atraía os olhares de todos os homens, mas parecia indiferente à atenção, como se estivesse tão acostumada a cativar estranhos que já nem notasse. E estava na cara que aquilo era normal para ela. Desde que terminara o colégio, Nadia ficara mais esguia, as roupas mais simples e a maquiagem mais discreta, o que só destacava sua beleza natural. Aubrey se sentia tão gorducha ao lado dela que não conseguia tirar a camiseta e o short largos que tinha vestido por cima do maiô. Ela sempre se sentira a amiga feia, ou aquilo era novidade? Será que estava apenas insegura por causa do que vira sem querer no chá de panela? Havia tentado se convencer de que não era nada, mas ainda não conseguia tirar da cabeça a imagem de Luke e Nadia conversando na cama. Quer dizer, não na cama, mas sentados na cama, aparentando uma casualidade e intimidade própria de velhos amigos. Aubrey deixara os convidados no quintal para procurá-lo e, ao ver os dois no antigo quarto dele, ficara paralisada no corredor, como se fosse ela interrompendo a festa dos dois. Sentira-se tão assustada a cada passo que a aproximava mais de Luke — a primeira vez que ele pegou sua mão, ou que a beijou, ou que a chamou para ficarem juntos na cama dele —, mas Nadia parecia à vontade. Aquela proximidade não era algo novo entre eles. Tinham algum passado em comum, e o fato de nenhum dos dois ter mencionado isso era o que mais a magoava. O passado que não se fala é sempre o pior tipo.

— O que aconteceu entre você e Luke? — perguntou ela.

Nadia não respondeu de imediato. Seus olhos estavam ocultos por grandes óculos de sol, o braço descansando na testa.

— Oi? — disse ela.

— Eu sei que vocês já tiveram alguma coisa.

Ela não tinha certeza, mas, se fingisse que sabia, era mais improvável que Nadia negasse.

— Faz tempo — respondeu ela. — Foi bobagem. Só ficamos algumas vezes e… Você não está com raiva, está?

— Por que eu ficaria com raiva, se não foi nada?

O ciúme e a amargura transpareciam na voz dela, mas que se dane. Por que nenhum dos dois tinha falado nada? Será que a achavam tão frágil assim?

— Ei, eu juro que não foi nada — repetiu Nadia. — Tipo… Eu não falo com ele há anos, foi na época do colégio. Putz, nem sei com quantos garotos eu fiquei no colégio!

Ela deu uma risada curta, zombando de si mesma, depois ergueu um pouco o corpo, tirando areia da barriga. Aubrey se viu refletida nas lentes pretas: a cara fechada, o cabelo amassado de um lado por ter ficado deitada. Sentia-se uma boba por ter reagido daquela forma. Claro que Luke já tinha ficado com outras garotas. Sabia da reputação dele antes de começarem a namorar. E o colégio já parecia tão distante… Ela mesma, na época, tivera altas paixonites por garotos de cujos nomes já nem se lembrava mais. Para Luke, Nadia devia ter sido apenas mais uma conquista. Ou não. Como poderia? Ela era linda, confiante e forte. Não tinha medo só de se sentar na cama de um homem. Provavelmente usava o tipo de camisola e lingerie que Aubrey ganhara dos convidados mais ousados no chá de panela, coisas que ela sabia que nunca vestiria, pois se sentiria ridícula diante de Luke com uma coisinha minúscula de lacinho. Não sabia excitar um homem. Como ia saber do que ele gostava? E se ainda ficasse apavorada quando fosse tocada? Fechou a mão com força, sentindo o alívio cortante das próprias unhas.

———

O SOL COMEÇAVA a baixar no céu quando dois fuzileiros se aproximaram e a chamaram para jogar vôlei. Ambos usavam calção escuro, mas o cabelo raspado de forma idêntica denunciava que eram militares. E não apenas o cabelo, mas a empolgação. O latino atarracado que sorria para Nadia exagerava na simpatia, como todos os jovens fuzileiros que ficavam perto do cinema e do boliche, tentando puxar papo com as moças. Ele se erguia na ponta dos pés como uma criança hiperativa e o rosto ainda era marcado por acne.

— Vamos lá — insistiu o negro e alto. — Precisamos de mais dois jogadores.

Aubrey sentiu que ele a olhava: um olhar direto, como o que a maioria dos homens dirigia a Nadia. Ela desviou o olhar. Sempre ficava nervosa perto de homens estranhos, embora o que abusara dela fosse conhecido. Se um homem próximo fazia uma coisa daquelas, como saber do que um estranho seria capaz?

— Não sou muito chegada a esportes — disse Nadia.

— Você pode ficar no meu time — disse o mais novo. — Eu te ensino a jogar.

Ela sorriu.

— Eu sei jogar. Só não sou boa.

— Tudo bem também — respondeu ele, devolvendo o sorriso. — Eu te ensino a jogar melhor.

Ele se apresentou como JT, iniciais de Jonathan Torres. Elas podiam chamá-lo como preferissem. Não era exatamente bonito, mas tinha um sorriso fácil que pareceu vencer Nadia. E ela arrastou Aubrey, que estava plantada na toalha.

— Vamos lá, Aubrey! Vamos jogar.

— Tudo bem. Mas vou só assistir.

O mais alto, chamado Miller, botou as mãos na cintura e reclamou:

— Nada disso. Não podemos continuar sem você.

Ele parecia Robert Turner, sempre de fala mansa, sempre de prontidão, e, acima de tudo, tinha o mesmo sorriso, que sempre parecia deliberado. Firme. A rede de vôlei estava a apenas uns cem metros. Ela poderia ir embora quando quisesse.

— Tá bom, tá bom — disse, aceitando a mão de Miller para se levantar.

Ele tinha a pele dura e áspera suja de areia.

Foi uma decisão impulsiva, do tipo que Aubrey nunca tomava. De repente, a noite se encheu de possibilidades. Ela podia ser uma garota diferente naquela noite, do tipo que sabia falar com homens estranhos, sem medo. E só podia ser esse tipo de garota porque estava com Nadia. Quando JT voltou com a bola de vôlei, os quatro seguiram juntos até a rede mais próxima. Ele conversava com Nadia o tempo todo, carregando a toalha de praia delas.

— Quantos anos você tem? — perguntou ela. — De verdade.

Ele sorriu.

— Já falei. Vinte.

Ela se virou para Miller.

— Ele está mentindo?

— Sem comentários — respondeu ele.

JT tinha dezoito, como descobriram depois. Depois do jogo, os quatro se espremeram numa mesa do Wienerschnitzel e comeram batatas apimentadas e cachorros-quentes comprados pelos fuzileiros. Os dois tinham discutido no caixa para ver quem ia pagar. Eram amigos fazia seis meses, contou Miller, mas, para os fuzileiros, aquilo era uma vida.

— Vocês deviam ter visto esse moleque — disse Miller, apontando o garfo para JT, um fio de queijo pingando na mesa. — Veio para cá sem um puto no bolso. Não sabia fazer nada. Nem lavar as próprias meias.

Miller tinha vinte e oito anos, era mais esperto, vivido. Saíra do colégio direto para o serviço militar e já fora duas vezes para o Iraque. Perdera parte da audição do ouvido direito quando um morteiro explodiu perto de sua cabeça.

— Não consigo ouvir nada do que você fala — disse ele a Aubrey enquanto comiam. — Você fala tão baixinho…

Ela se aproximou alguns centímetros. Sua coxa ficou colada na dele.

— Melhor assim? — perguntou.

Ele estava apenas tentando provocá-la, tinha pensado Aubrey, até ele baixar a cabeça, as sobrancelhas unidas, tentando escutar o que ela dizia. Miller não era do tipo que fazia joguinhos. JT tinha passado metade da partida fazendo piada e a outra metade perdendo a bola porque só conseguia prestar atenção no biquíni de Nadia. Miller tinha jogado pra valer. Parecia do tipo que não estava disposto a perder em nada, que gritava com a TV quando alguém o vencia no videogame ou dava com a raquete na mesa se rebatia mal, mas não gritou com Aubrey pelas falhas no vôlei e a cada pequeno acerto dela cruzava a quadra para um high five. Será que era da natureza dele ou será que tamanha seriedade era produto das guerras que ele lutara no exterior? JT nunca fora mandado para nenhum conflito, mas sabia que sua hora ia chegar. Não tinha medo. Havia se alistado para isso, para cumprir missões.

— E para aprender coisas e viajar — disse, mastigando batatas. — E para comer cachorro-quente na Califórnia com garotas bonitas.

Já tinha escurecido quando voltaram à praia. JT e Miller jogaram a embalagem de papelão dos dois packs de cerveja na fogueira que acenderam

e que agora queimava tranquilamente no meio das pedras recolhidas, galhos e jornais amassados estalando. Miller tentara fazer fogo sem álcool nem nada porque senão seria fácil demais, disse ele, ajoelhando-se com o isqueiro.

Ele tentou atiçar as brasas empilhando a madeira em formas geométricas complicadas. Era preciso deixar o ar entrar, explicou, mas não demais, para não apagar o fogo. Era preciso encontrar a simetria perfeita, porque o mesmo ar que dava vida às chamas tinha o poder de destruí-las. JT, cansado de esperar, pegou uma garrafa de álcool emprestada de um grupo que acendia outra fogueira ali perto.

— Só um pouquinho — concedeu Miller.

JT encharcou a madeira. As chamas saltaram, as meninas gritaram. JT apenas riu.

— Caralho! — repetiu ele várias vezes. — Viram até onde foi?

Miller se levantou, tirando a areia dos joelhos. Parecia decepcionado.

— Tudo bem — disse Aubrey. — Você quase conseguiu.

Ele sorriu, mas de forma triste. Ela colocara a aliança de volta depois do jogo, e Miller viu. Estava sentada ao lado de Nadia num grande tronco de árvore, as duas enroladas nas toalhas de praia. No ar gelado da noite, elas se aconchegaram uma na outra, dividindo uma Heineken. Aubrey pousou a cabeça no ombro da amiga. De repente, sentiu uma saudade nostálgica das férias que haviam passado juntas, os passeios de carro e os filmes, as horas se balançando na rede. Ela ia se casar e Nadia voltaria para o Michigan. Será que um dia teriam outra época como aquela? Fazia sentido ter saudade de uma amizade que ainda não terminara, ou a saudade em si significava que já havia, sim, terminado?

Do outro lado da fogueira, JT se deixou desabar na areia.

— Quem me dera ficar assim agarradinho com alguém — disse ele.

— Não olhe para mim — brincou Miller, dando um empurrão em JT e arrancando risadinhas das meninas.

Mais tarde, os fuzileiros voltariam para o alojamento, ou talvez fossem patrulhar o cinema em busca de outras garotas, mas por enquanto bastava fingir que eram todos amigos, que se veriam de novo. Miller deu um sorriso triste para Aubrey.

— Aproveitando o restinho de liberdade? — perguntou, indicando a aliança com a cabeça.

Ela ficou em silêncio, pois sentia que sua liberdade não havia nem começado ainda.

— Liberdade… — zombou JT. — E eu aqui nesse marasmo.

Ele ficou quieto por um instante. Miller jogou no fogo mais alguns pedaços de papelão para alimentar as chamas que ameaçavam se extinguir. Então se levantou de um pulo, com um sorriso travesso.

— Estou cansado de ficar sentado. Vamos dar um mergulho!

JT arrancou a camiseta, jogou-a na areia, tirou o chinelo e saiu correndo para o píer, berrando enquanto seguia para a água.

— Vamos! — chamou Aubrey.

— Ficou maluca? — retrucou Nadia. — A água vai estar um gelo.

— Não me importo.

E levantou Nadia com um puxão, fazendo as toalhas caírem na areia. Aubrey a arrastou para longe da fogueira, e as duas estavam correndo pela areia úmida, meio rindo, meio gritando. Logo que saltou para a água gelada, pensou que a irmã a mataria se soubesse o que ela estava fazendo. Faria um discurso sobre pessoas que tinham ficado paraplégicas ao mergulharem em águas rasas, estraçalhando as vértebras. Mas Aubrey pulou e não aconteceu nada. Outra onda gelada veio, encharcando o short que ela não tinha chegado a tirar. JT nadava em círculos em volta delas. Nadia riu, o cabelo se encrespando, e Aubrey jogou a cabeça para trás para boiar ao luar. Miller ficou sozinho na areia, recostado no banheiro de concreto, a camiseta na mão. Aubrey saiu da água.

— Por que você está aqui sozinho? — perguntou.

— Porque vocês são malucos. Não vou pular dali.

— Por quê? Tem medo?

— De morrer? Claro.

Ele havia lutado na guerra. Matara pessoas, ou, se não, ao menos fora treinado para isso. Convivera com a morte, então sabia que não tinha nada de corajoso em não temê-la. Só não a temia quem era burro a ponto de não conhecer a realidade da morte.

— Eu não tenho medo — disse ela.

— De quê? — perguntou ele.

— De você.

Os dois ficaram parados por um minuto. Então Miller passou o braço pela cintura dela. Aubrey não se mexeu. Ele a beijou, suavemente no início,

depois com avidez, e, quando os lábios dele desceram para o pescoço dela, Aubrey ficou paralisada e excitada ao mesmo tempo. Antes de pensar no que estava fazendo, puxou-o para o banheiro às escuras, para o chão gosmento, ainda coberto de areia úmida. Ela mal conseguia enxergá-lo, só o sentia, as mãos grandes em seu corpo. Ele poderia matá-la. Poderia bater a cabeça dela no chão. Poderia estrangulá-la com aquelas mãos enormes e esmagar sua traqueia. Mas Aubrey não se sentiu paralisada pelo perigo, apenas excitada. Montou em Miller, e ele gemeu, a boca ainda colada na dela.

— Eu não tenho nada — sussurrou ele.

Uma camisinha, era o que ele queria dizer. Aubrey virou o rosto. Lá fora, o luar iluminava as ondas, e pela porta do banheiro ela viu Nadia e JT boiando no mar, ainda rindo e jogando água um no outro. Ela saiu de cima de Miller, voltou para o mar e foi nadando até eles, novamente encharcada, sem saber até que ponto era o mar e até que ponto era o próprio corpo.

———

— ACHO QUE ELE gostou de você — comentou Nadia. — O mais velho.

Estavam no carro, vendo o sol nascer sobre o rio San Luis Rey, ou o que restava dele. No verão, o rio secava, deixando a terra rachada serpenteando entre as árvores. Aubrey apoiou a cabeça na janela da caminhonete, e o vidro começou a aquecer seu rosto. Tinha certeza de que ainda sentia na pele o cheiro de Miller. Queria contar a Nadia o que aconteceu no banheiro, contar que havia tomado a iniciativa, que não sentira medo, mas não contou, pelo mesmo motivo que a fizera recusar o número dele ao se despedirem. Sabia que nunca o veria de novo e queria guardar a lembrança só para si. Não sentia alívio algum em contar verdades duras. Nada suaviza as verdades duras.

— Por que você não me contou? — perguntou Aubrey.

— O quê?

— Sobre você e Luke. Você nunca ia me contar se eu não perguntasse.

— Por que eu contaria? Foi no colégio. Não tem importância nenhuma!

— Para mim, tem!

Ela nunca tinha gritado com Nadia, e por um segundo se sentiu imponente ao vê-la acuada. Nadia a abraçou.

— Desculpa — sussurrou Nadia. — Me desculpa, tá? Não vou esconder mais nada de você.

Ela deu um beijo na testa de Aubrey, que estava exausta demais para resistir. Deixou-se descansar junto a Nadia. Era incrível que, mesmo depois de tudo, ainda pudesse sentir algo tão suave quanto os dedos de Nadia no cabelo.

NOVE

Depois que os convites chegaram, não tínhamos outro assunto além do casamento. Pequenos retângulos de papel dourado com uma letra cursiva tão rebuscada que era preciso chegar bem perto do rosto para conseguir ler, dentro de um envelope branco de bordas douradas e fechado com um selo que trazia as iniciais da mãe do noivo, um *L* inclinado apoiado num *S* sinuoso. Todo aquele dourado refletia a luz de tal modo que, quando estávamos todas juntas na hora do café, cada uma com o seu convite na mão, nosso rosto chegava a brilhar. Já sabíamos de vários detalhes secretos do casamento. Judy, esposa do diácono Ray, tinha contado a Flora que o bolo seria da confeitaria Heaven Sent, com três andares e tão doce que era capaz de fazer alguém perder um dente. O Terceiro John contou a Agnes que seriam mais de mil convidados. Durante o bingo, Cordelia, nossa organista, sussurrou para Betty que a recepção seria na própria casa do pastor, com garçons servindo champanhe aos borbotões em bandejas de prata.

Não olhe assim para nós. Na idade em que estamos, já vimos muitos casamentos, até demais, para sermos sinceras. Casamentos tão entediantes que quase pegamos no sono antes mesmo de o pastor começar a falar, casamentos entre indivíduos que sabe-se lá como passou pela cabeça deles a ideia do matrimônio, porque não conseguiam dividir um mísero sanduíche, que dirá uma vida. Mas aquele casamento, aquele, sim, nos fez voltar a ter alguma esperança. No geral, o repertório de jovens da nossa congregação não era algo que nos inspirasse muito. Garotos emburrados e molengas, largados de qualquer jeito nos bancos, e se tentávamos falar com eles, parecia que tinham perdido a língua. Quando éramos moças, conhecíamos rapazes cheios do Espírito, que sabiam recitar trechos da Bíblia de cor (e também rapazes cheios do vício, que sabiam fumar e jogar, mas que pelo menos tinham o bom senso de usar cinto). As meninas de hoje em dia são

ainda piores que os garotos. Nossas mães teriam nos dado uma surra se um dia ousássemos ir à igreja como essas garotas, só mascando chiclete e mexendo no cabelo e rebolando. Todo mundo sabe que a qualidade de uma igreja é medida pela qualidade de suas mulheres, e, quando todas nós ascendermos à glória, quem vai manter esta igreja? Quem vai servir na Sociedade Auxiliadora Feminina? Organizar os encontros das Mulheres de Fé? Distribuir as cestas básicas no Natal? Olhávamos para o futuro e víamos as longas mesas de celebração acumulando poeira no porão, o grupo de estudos bíblicos vazio — isso se essas garotas de hoje não transformarem o templo numa danceteria.

Mas Aubrey Evans era diferente. Quando a vimos chorar no altar, tantos anos atrás, nos lembramos de nós mesmas. De quando éramos apenas meninas nos antigos acampamentos de oração, em nossos vestidos rodados e nossas luvas brancas; meninas que faziam solo no coral e preparavam a típica receita de torta de batata-doce para o retiro da igreja; meninas que se ajoelhavam em igrejas segregadas, forçadas a se sentar nas laterais para que o pastor branco não precisasse olhar para nós. Em Aubrey vimos a nós mesmas, ou pelo menos quem já fomos um dia. Meninas que sentiram aquela primeira faísca de um amor perene. A mão do pastor em nossa testa e caímos, braços abertos e mãos para trás, e gritando pela primeira vez o nome de um homem. Jesus! E quando gritamos o nome de um homem pela segunda vez, foi como uma sombra daquele primeiro momento. Por isso, apesar de não sabermos de onde ela vinha, entendemos por que Aubrey Evans chorava para nunca mais parar quando o pastor lhe perguntou qual graça vinha invocar e ela sussurrou: a salvação.

NA NOITE EM que Shadi chegou, o pai de Nadia os levou para jantar num restaurante do cais chamado Dominic's. Ela tinha passado a manhã toda mergulhada no hinário que Luke devolvera, virando cada página devagar, parando quando encontrava a letra redondinha da mãe nas margens. Na maioria das vezes era uma palavra ou frase sublinhada com caneta azul, palavras aleatórias e abstratas como *paz* ou *refúgio*. Poucas eram as anotações, e essas eram incompreensíveis. Abaixo de um salmo, por

exemplo, ela anotara o que parecia uma lista de compras. Nadia não sabia o que exatamente estava procurando: uma pista, talvez, mas uma pista que explicasse o quê? O motivo para querer morrer? Nadia esperava encontrar o quê ali, um bilhete suicida?

— Faz sentido — comentou Shadi, no trajeto do aeroporto até a casa dela. — A maioria das pessoas não deixa bilhetes?

Em parte, Nadia sempre se sentira aliviada pelo fato de a mãe não ter deixado nenhuma despedida escrita. Achava que tinha sido um ato impulsivo e desesperado, a necessidade da morte a cegando até ela não enxergar mais nada. Se tivesse tido tempo de se sentar e escrever um bilhete, teria voltado atrás. Escrever um bilhete lhe pareceria egoísta, uma tentativa de justificar uma decisão dolorosa por si só. Mas mesmo assim ela examinou atentamente o hinário, na esperança de encontrar qualquer elemento que a ajudasse a entender a mãe.

No jantar, o pai pediu camarão salteado na manteiga e uma garrafa de merlot para os três. Ela não comentou que era a combinação errada. O pai não tomava vinho, muito menos ia a restaurantes refinados como o Dominic's. Estava querendo impressionar Shadi, e a simpatia gratuita entre os dois só a irritou. Quando Shadi chegara à casa deles, o pai tinha feito uma demorada visita guiada, e os dois ficavam idênticos perto um do outro, as mãos nos bolsos da calça. Conversaram tranquilamente sobre assuntos que não interessavam a Nadia — golfe, o time oficial do Michigan —, enquanto ela esperava ao lado, meio constrangida, só ouvindo, como se fosse ela a convidada, conhecendo a família do namorado. Para piorar, em dado momento o pai indicou as paredes vazias, dizendo:

— Desculpe. Como você pode ver, estamos precisando redecorar.

Ambos riram. Ela pediu licença e se afastou, porém, a cada vez que recordava o episódio, mais raiva sentia, de modo que no jantar estava calada e rabugenta.

— Você não tinha o direito de fazer aquilo — disse por fim.

Shadi olhou de relance para ela. O pai ficou esperando, o macarrão pendurado entre os dentes do garfo.

— Aquilo o quê? — perguntou ele.

— Tirar as fotos dela.

O pai cerrou os dentes. Pousou o garfo na beira do prato.

— Nadia, faz quatro anos…

— E daí? É a minha mãe! Como você acha que eu me senti? Entrando em casa e vendo que ela não estava mais lá?

— E não está mesmo — respondeu o pai. — E você também foi embora, mas agora quer vir me dizer como devo viver na minha própria casa? Achou o quê, que todo mundo ia ficar com a vida parada esperando você voltar?

Ele limpou a boca lentamente com o guardanapo, depois se levantou e foi até o banheiro. Nadia se odiou por não ter continuado calada. Apoiou a cabeça nas mãos, e Shadi massageou seu pescoço. Naquela noite, ele foi até o quarto dela na ponta dos pés e entrou embaixo das cobertas. Nadia se sentiu esmagada na cama de solteiro, mas a tristeza a impediu de recusar a companhia.

— Sou uma pessoa horrível — disse ela.

— Não é, não. Tudo bem você ter se irritado.

Nadia ficou repentinamente irritada com a paciência dele. Shadi era infinitamente racional, algo que ela nunca seria. Queria que ao menos uma vez ele se zangasse. Que ao menos uma vez a visse como ela era de verdade.

— Eu transei com o noivo.

O silêncio que se seguiu foi tão prolongado que ela se perguntou se ele havia adormecido.

— Quando? — perguntou Shadi, por fim.

— Quatro anos atrás.

— Bom — respondeu ele, ainda calmo —, então foi quatro anos atrás.

— Ele vai se casar com a minha melhor amiga. Você não se importaria se o seu melhor amigo tivesse transado comigo?

— Se você tivesse dezessete anos na época, não. Com dezessete anos a gente transa com todo mundo.

Shadi a abraçou mais forte. Depois que ele adormeceu, Nadia saiu de sob o braço pesado dele e se sentou à janela. Acabou pegando no sono ao luar, agarrada ao hinário.

———

NADIA CHOROU TRÊS vezes no casamento.

A primeira foi quando Aubrey entrou na igreja, sorrindo, levando um buquê de lírios, o véu branco se estendendo atrás dela como um abismo que

Nadia nunca conseguiria atravessar. A segunda vez foi durante os votos de Luke, escritos por ele mesmo, e ele tremia ao ler em voz alta. Ela observou suas mãos trêmulas, querendo acalmá-las. Seus olhos se encheram de lágrimas uma terceira vez na recepção, durante a primeira dança, enquanto Luke e Aubrey se balançavam ao som de uma música de Brian McKnight. Ele devia estar cantando ao ouvido dela, todo desafinado. Na mesa ao lado de Nadia, o pai observava os dois girarem, os movimentos de Luke um pouco duros por causa da perna. Será que o pai estava pensando na esposa, no dia do próprio casamento? Corria a história de que a cerimônia deles havia custado apenas duzentos dólares. Uma amiga da mãe fez o vestido, outra preparou o bolo, e o restante do bufê foi o típico frango empanado americano e sanduíches. Um casamento econômico, sem dúvida, dizia a mãe, rindo, mas por anos e anos muitos dos convidados insistiam em lembrar como tinha sido divertido. Nadia nunca pensava nos pais como pessoas divertidas, mas talvez fossem na época. Ou será que naquele momento o pai estava imaginando o casamento dela? Nadia olhou para Shadi, que sorriu e apertou sua mão. Ela enxugou os olhos outra vez, tendo descoberto mais uma decepção que causaria ao pai.

Não foi servida bebida alcoólica na festa. Ela não esperava que os Sheppard arcassem com um open bar, mas achava que haveria pelo menos champanhe. Depois de uma hora de festa, pediu licença para ir ao banheiro e saiu para pegar um pouco de ar fresco. Ao sair pelos fundos, ficou surpresa ao ver Luke, recostado numa jardineira alta, a gravata prateada já frouxa.

— O que está fazendo aqui fora? — perguntou ela.

— Eu precisava dar uma descansada — respondeu ele.

— Do seu casamento?

Ele deu de ombros. Nadia odiava quando ele fazia isso, em vez de responder direito. Pelo menos Shadi gostava de conversar sobre as coisas.

— Quer um gole? — ofereceu ele, sacando uma garrafinha do bolso.

Ela riu.

— Aqui? Ficou maluco?

Ele sorriu, e deu de ombros mais uma vez enquanto desenroscava a tampa e oferecia para ela. Nadia sentiu como se fossem crianças, escapulindo de casa para se encontrarem no parque enquanto os pais dormiam. Tomou um golinho, depois outro. O uísque queimava a garganta.

— Conheci seu namorado — disse Luke. — Ele é legal.

— Agora eu gosto de caras legais.

Ele sorriu.

— Ele não parece seu tipo.

— Eu não tenho um tipo.

— Qual é. Todo mundo tem.

— E Aubrey faz o seu?

Soou mais maldoso do que ela pretendia. Era só que ela não entendia o que unira os dois, e talvez nunca entendesse tudo o que havia mudado desde que deixara a cidade. Ele pegou a garrafinha de volta.

— Não — respondeu. — É por isso que eu a amo.

Ela esperava uma libertação. Iria ao casamento e, quando visse os dois se beijando no altar, a pequena parte dentro dela ainda presa a Luke se deixaria vencer. Um clique e o trinco se abriria, libertando-a finalmente. Em vez disso, no entanto, sentia que Luke se enterrava cada vez mais fundo. Sentia o leve ardor de uma antiga fome, de todas as vezes que o quisera, a esperança de que ele segurasse sua mão em público, as noites sonhando que ele finalmente diria que a amava. Com Luke, ela conhecera o amor como algo pelo qual tinha que lutar com unhas e dentes, mas veja só agora, como o amor dele por Aubrey era fácil. Claro. Era fácil amar Aubrey.

Ele ofereceu novamente a garrafinha. Atrás do salão, perto dos canos e das torres prateadas, longe do romance e das luzes, das pessoas tirando fotos e dançando ao som de músicas antigas, os dois beberam juntos e ficaram levemente embriagados e aquecidos, a garrafinha indo e voltando, cada vez mais leve até estar vazia. Luke então a guardou no bolso e os dois voltaram ao salão, em silêncio, como se obedecessem a uma ordem não pronunciada. No saguão, a sra. Sheppard estava parada à porta, mãos na cintura. Com um terninho todo rosa e um grande broche floral, parecia ter sido colhida de uma roseira, com espinhos e tudo.

— Achei você! — exclamou ela. — Está todo mundo procurando o noivo.

— Desculpe. Eu precisava de um tempinho.

— Vamos, venha logo. Você não pode fugir assim.

Ela agarrou o braço do filho, puxando-o de volta para o corredor. Nadia fez menção de ir atrás deles, mas a sra. Sheppard parou à porta.

— Isso tem que acabar — sussurrou ela.

Nadia se sentiu com doze anos outra vez, pega aos beijos, passando vergonha atrás da igreja, e, para sua surpresa, disse o que queria ter dito naquela ocasião:

— Eu não fiz nada de errado.

— Quem você acha que engana, menina? Sabe quantas iguais a você eu já conheci? Sempre atrás do que não é seu. Pois eu estou dizendo que isso tem que acabar agora mesmo. Você já causou problemas demais.

— O que quer dizer com isso?

— Você entendeu muito bem. Quem você acha que lhe deu aquele dinheiro? Acha que Luke tinha seiscentos dólares guardados? Já ajudei você a fazer aquela coisa horrível, agora deixe meu filho em paz.

A sra. Sheppard ergueu a cabeça numa pose que desafiava Nadia a retrucar, e, ao receber apenas silêncio, ajeitou o broche e voltou ao salão. Nadia ficou ali parada por tanto tempo que Shadi foi procurá-la, e apenas assentiu quando ele perguntou se estava tudo bem. Só mais tarde se questionou por que não havia tentado saber como Luke conseguira o dinheiro tão rápido. Em seu desespero, imaginara que ele fosse capaz de qualquer coisa. Agora tinha certeza disso.

———

PELA MANHÃ, OS recém-casados pegariam um avião para a França, dois dias em Nice e dois em Paris. A lua de mel foi o presente oferecido pelos Sheppard, mas com a ajuda de toda a congregação. O valor foi um dos maiores já angariados, segundo o pai lhe contou, e Luke ficou emocionado com a boa vontade demonstrada, pessoas que mal sabiam pronunciar uma palavra em francês, mas que mesmo assim contribuíram para que ele e Aubrey fossem até lá. Ele teria ficado feliz em visitar algum lugar ali por perto: um cruzeiro pelo México, uma viagem para o Havaí… Até se imaginara encontrando Cherry no Aloha Café e pedindo um Mojito Molhado. Mas Aubrey só falava da França. E, apesar de saber que ela só queria ir para lá por causa de Nadia, ele concordou.

Mas isso seria no dia seguinte. Naquela noite, no quarto de hotel, ele se aproximou dela por trás e desceu o zíper do vestido — impressionado, como sempre, com a delicadeza das roupas femininas, os ganchinhos tão

pequenos, os botões tão finos. Na primeira vez que abrira o sutiã de uma garota, tinha se enrolado com o fecho, e um nervosismo semelhante tomou conta dele naquele momento, até certa timidez. Tinha medo de se decepcionar e, acima de tudo, de decepcioná-la. Mas talvez fosse a luz suave do hotel, ou o champanhe trazido pelo serviço de quarto, ou o ambiente romântico do casamento, as flores de seda, a música, a decoração planejada obsessivamente pela mãe. Luke sempre havia separado o sexo do amor, e, agora que os dois se fundiam, ele se sentia tão desajeitado quanto aos catorze anos. Desceu lentamente o zíper do vestido até ver mais e mais pele. Mas Aubrey pôs a mão para trás e o impediu.

— Eu sei sobre você e Nadia. Sei que você dormiu com ela.

Não conseguia ver o rosto de Aubrey. Ela ainda estava inclinada para a frente, uma das mãos segurando o cabelo para não prender no zíper. Ele ficou paralisado, sem saber se deveria negar ou se desculpar.

— Tudo bem — continuou ela. — Só queria que você soubesse que eu sei.

Como ela sabia? Quais partes Nadia havia contado? Ou talvez Aubrey tivesse sentido que havia algo entre os dois, como quem flagra as crianças ainda com tinta no dedo depois de uma travessura. Tinham apenas horas de casados e ele já a magoara. Prometeu a si mesmo ser mais esperto dali para a frente. Passou as mãos nos ombros macios da esposa e beijou sua nuca. Aubrey era uma pessoa melhor que ele, mas isso só o tornaria melhor. Seria um bom marido.

———

NO VOO DE volta para Detroit, Nadia sonhou com Bebê. Bebê, não mais um bebê, agora uma criança, pegando tudo que via pela frente. Puxando os brincos da mãe até ela soltar seus dedos gordinhos. Bebê sempre com sede do rosto dela. Bebê crescendo e aprendendo palavras, soletrando *bola* na cadeirinha do carro a caminho da escola, escrevendo o nome em giz de cera verde na capa de todos os seus livrinhos. Bebê correndo com amigos no parque, empurrando as meninas no balanço. Bebê brincando com argila e voltando para casa cheirando a terra. Bebê pilotando aviõezinhos de brinquedo no quintal com o avô. Bebê procurando fotos escondidas da avó.

Bebê aprendendo a brigar. Bebê aprendendo a beijar. Bebê, já adulto, entrando num avião e jogando a mala no compartimento superior. Ele ajuda uma senhora a fazer o mesmo. Quando pousa, aonde quer que esteja indo, ele manda engraxar os sapatos e encara o espelho negro, vê no reflexo o próprio rosto, o do pai, o dela.

DEZ

Ligaram do hospital Scripps Mercy à meia-noite e Nadia soube antes mesmo de atender que o pai havia morrido.

Estava meio que sonhando e talvez não tivesse ouvido o toque estridente do telefone se Zach não tivesse lhe dado uma cotovelada nas costas. Assim que entreabriu os olhos e viu o número desconhecido na tela iluminada do celular, soube que algo terrível havia acontecido com o pai. Um acidente de carro. Um ataque cardíaco. Deixara o mundo enquanto ela dormia, partindo em silêncio, como a mãe dela. Quando atendeu, no entanto, uma enfermeira informou que Robert Turner havia deixado uma barra cair no peito enquanto fazia exercícios no quintal de casa. Diafragma esmagado, duas costelas quebradas e um pulmão perfurado. Encontrava-se em estado crítico, mas estável.

Ela desligou. Ao seu lado, Zach grunhiu no travesseiro. Tinham se conhecido na aula de Direito Processual Civil I, no primeiro ano da especialização. Era o típico bom rapaz, a pele bronzeada por passeios de barco nos verões do Maine, o cabelo louro bagunçado como o de um Kennedy. O pai, o avô e o bisavô eram advogados. Já Nadia era a primeira da família a estudar; pegava livros da biblioteca porque não podia comprá-los e a tensão causada pela crescente dívida com a instituição de financiamento estudantil só lhe dava mais medo de ser reprovada nas disciplinas. Na primeira investida amorosa dele, numa festa depois das provas do primeiro semestre, ela disse que duvidava que tivessem algo em comum.

— Por quê? — perguntou Zach. — Porque eu sou branco?

Ele gostava de se referir à cor da pele da mesma maneira que todos os brancos liberais: só a mencionava quando se sentia oprimido por ela, e na maior parte do tempo fingia que não existia. No fim das contas, Nadia havia se enganado, pois até que tinham algumas coisas em comum. Ambos

queriam se especializar em Direito Civil, ambos cresceram em cidades costeiras e ambos gostavam de trocar mensagens após longas noites de estudo, inevitavelmente indo dormir juntos. Ela não tinha grandes expectativas, o que era libertador. Ele era um cara legal, e ela estava precisando disso. O término com Shadi a tinha deixado esgotada, e os estudos exigiam cada vez mais dela, transformando-a numa pilha de nervos. Bebia tanto café enquanto estudava que depois de um tempo só o cheiro já a deixava ansiosa. Zach, com seu bom humor, sua beleza fácil e sua presunção de que o mundo se abriria para ele naturalmente, era um conforto. Ela nunca recorrera a ele em busca de apoio emocional, mas, depois, viu como foi bom não estar sozinha quando recebeu o telefonema avisando sobre o estado de saúde do pai. Zach a levou em casa e a ajudou a arrumar a mala. Ela estava aérea, pegando punhados de roupas das gavetas e enfiando-as na mala.

— Você sabia que não vejo meu pai há três anos?

Nadia não ia para casa desde o casamento, desde que a sra. Sheppard a encurralara no saguão. Nos anos seguintes, tinha reexaminado tudo que acontecera naquele último verão antes da faculdade: a inesperada visita do pastor, em que ele demonstrara um estranho interesse no bem-estar dela, como se estivesse avaliando o estrago causado; a frieza da sra. Sheppard durante o trabalho, em contraste com sua gentileza exagerada quando Nadia estava para ir embora. Será que ela temia que Nadia contasse tudo aos outros? Será que tinha sido esse o verdadeiro motivo para ela ter dado o dinheiro do aborto? Não para ajudar, mas para se livrar dela? Nadia a imaginou na fila do banco, deslizando o cartão na maquininha do caixa, enfiando o dinheiro às pressas num envelope em puro pavor de encontrar algum membro da igreja, que de alguma forma saberia a que se destinava aquele maço de notas. Todos aqueles anos, e a sra. Sheppard sempre soube seu segredo. Todos aqueles anos, e Nadia pensando que o estava escondendo quando isso jamais seria possível.

O segredo dela fora revelado, e Luke nem pensou em contar que os pais dele sabiam. Podia tê-la avisado ao lhe entregar o dinheiro. Ela teria ficado chateada, claro, mas estava tão desesperada que não poderia se dar ao luxo de reclamar. Agora, sentia-se apenas irritada. Imaginava o pai no banco da igreja todo domingo, sem suspeitar de nada, enquanto os Sheppard o julgavam. Pobre Robert, ocupado demais carregando coisas na caminhonete

para saber o que acontece na própria casa, cego para tudo que não a própria tristeza. E quanto tempo fazia que ela não falava com o pai? Uma conversa de verdade, não contando a ligação no Natal ou o recado na secretária eletrônica no aniversário dele. O pai não gostava muito de falar ao telefone, e ela estava envolvida demais com a própria vida. Nadia se sentou na beira da cama, repentinamente exausta. Não queria ver o pai num hospital. Odiava hospitais.

No banheiro, Zach estava embalando a escova de dentes dela num saquinho plástico. Parecia fora de lugar ali. Era sempre Nadia que dormia no apartamento dele.

— Se você quer pegar o voo, temos que correr — disse ele.

— Três anos… Meu Deus, o que eu esperava?

— Olha, eu sinto muito por tudo isso, mas temos que ir logo. E amanhã de manhã eu trabalho.

Ele estava inquieto, a escova dela ainda nas mãos. Claro que ele queria ir embora. Estava ajudando Nadia a fazer as malas no meio da noite, o que já era mais do que ela poderia esperar de um homem que não era seu namorado. Nem seu amigo, na verdade. Ela concordou, fechando a mala. Só quando olhou pela janela do avião, observando as luzes néon que marcavam o contorno do aeroporto O'Hare, é que percebeu que não tinha ideia de quando voltaria.

———

ROBERT CHOROU AO vê-la surgir na porta do quarto de hospital. Por causa da dor, ou por estar feliz em vê-la, ou talvez envergonhado por ela vê-lo naquela condição, acamado, a lateral do corpo enfaixada, um tubo saindo do peito. Ela parou à porta, abalada. Não via o pai chorar desde o enterro da mãe, mas aquilo era diferente. Encolhido no banco da igreja, de terno preto, ele se mantivera digno. Imponente, até. Mas ali, na camisola verde-água do hospital, conectado a aparelhos, transmitia pura fragilidade.

— Desculpe — disse ele. — Fiz você vir correndo para cá…

— Ah, papai, está tudo bem, tudo bem. Eu queria mesmo ver você.

Não o chamava assim havia muitos anos. Tinha experimentado a palavra quando ele voltara do exterior pela primeira vez, rolando a palavra na boca,

imaginando como ele reagiria. Estava tão desesperada por ele na época, seguindo o pai pela cozinha, subindo em seu colo enquanto ele via TV, dando tapinhas em seu rosto para sentir as bochechas macias quando ele se barbeava, mas depois ele se tornou uma presença constante, e ela cresceu e descobriu que *pai* combinava mais com ele — uma palavra um tanto brusca, um tanto alheia. A enfermeira puxou a cama dobrável, mas Nadia permaneceu na cadeira, segurando a mão do pai enquanto ele dormia, sua pele grossa e calosa. Não lembrava quando tinha sido a última vez que fizera algo assim tão simples, e teve medo de soltá-la.

Dormiu um sono agitado, e quando acordou, de manhã, deparou-se com Aubrey dormindo na cama dobrável, coberta por uma manta fina. Então lembrou, de repente, que ligara para ela do aeroporto, desesperada e precisando conversar com alguém antes do voo de quatro horas. Mas Aubrey não havia atendido. Mesmo na Califórnia era muito tarde. Nadia deixou uma mensagem longa e confusa na caixa postal. A voz de Aubrey já a confortara, mesmo sendo apenas uma gravação.

Nadia se ajoelhou ao lado da cama dobrável e acariciou o cabelo de Aubrey.

— O que você está fazendo aqui? — sussurrou.

As pálpebras de Aubrey estremeceram antes de se abrir. Ela sempre acordava bem lentamente, voltando ao mundo em ondas. Quantas manhãs aquele rosto tinha sido a primeira visão de Nadia no dia?

— Recebi sua mensagem — disse Aubrey. — Óbvio que eu ia vir.

Não se viam desde o casamento. Todas as vezes que se falavam pelo telefone, Nadia tentava convencer a amiga a visitá-la em Chicago. Seria mais fácil assim. Não conseguiria se hospedar na casa dos dois, cercada por fotos da nova vida deles. Mas Aubrey nunca podia fazer a viagem: estava muito ocupada, tinha acabado de começar no emprego novo, tinha se comprometido com a sra. Sheppard a ajudar na Conferência das Mulheres Atuantes, na cantata infantil, no piquenique anual. Talvez estivesse mesmo muito ocupada ou talvez não quisesse deixar Luke sozinho. Talvez tivesse se tornado aquele tipo de mulher que nunca consegue ir a lugar nenhum sem o marido, que liga a cada cinco minutos e passa o tempo todo se sentindo culpada e deslocada, como um órgão que conseguiu existir fora de um corpo. Quem iria querer ser aquele tipo de esposa? Com medo de se afastar de casa mesmo que só por alguns dias, como se temesse não encontrar sua

vida ali quando voltasse. Ou talvez não fosse medo. Talvez fosse pleno contentamento. Talvez simplesmente não estivesse a fim de ficar longe de Luke. Talvez ele a fizesse feliz e pronto.

— Desculpe — disse Nadia. — Eu não quis…

— Shhh. — Aubrey a abraçou. — Como ele está?

— Estável. É o que dizem. Mas não sei direito, porque o médico ainda não apareceu. Há quanto tempo você está aqui?

— Não se preocupe comigo. Quer café? Vou pegar um café para você.

Aubrey voltou dez minutos depois, trazendo copos com o nome de uma cafeteria que Nadia não reconheceu, mas aceitou mesmo assim, apesar de o aroma lhe lembrar bibliotecas, livros e provas. Já estava ansiosa mesmo, um copo de café não faria diferença. As duas foram para a sala de espera enquanto o médico examinava o peito de Robert à procura de possíveis sinais de infecção. Ele ainda não conseguia se sentar sozinho. Tinha dificuldade para respirar.

— Eles disseram… — Nadia fez uma pausa. — Disseram que se ele não estivesse em tão boa forma, provavelmente não teria sobrevivido.

— Não pense nisso — disse Aubrey. — Ele sobreviveu. É o que importa.

Mas Nadia não conseguia parar de imaginar o pai preso debaixo da barra, imobilizado e sozinho. Se um dos vizinhos não estivesse fazendo um churrasco no quintal, se não o tivesse ouvido gritar, ele teria morrido ali. E ela, preocupada em estudar para o exame da ordem e em fazer sexo casual com garotos brancos, só teria ligado para casa semanas depois. Nem ficaria sabendo da morte dele. Será que alguém saberia? Pousou a cabeça no ombro de Aubrey. Ela cheirava a Luke, como se tivesse saído dos braços dele direto para o hospital. Nadia fechou os olhos e inspirou o aroma familiar.

———

O PAI RECEBEU alta uma semana depois. Nadia ficou aliviada por ir para casa depois de uma semana com as roupas emboladas na mala, uma semana dormindo mal na dura cama dobrável, uma semana bebendo café aguado enquanto o pai tirava radiografias e fazia exames. Uma semana de interminável vaivém de membros da Upper Room entrando e saindo do quarto: a irmã Marjorie, trazendo um pedaço de bolo de libra caseiro; o

Primeiro John, levando a recém-lida biografia de Miles Davis; as Mães, fazendo um estardalhaço e paparicando Robert com as meias que haviam tricotado porque hospitais são sempre tão frios e boas meias grossas nunca são demais; até o pastor, certa manhã, que pôs a mão na testa de Robert e fez uma oração. Todos ficaram um pouco surpresos ao ver Nadia ali, por exemplo o Terceiro John, que levou um susto ao vê-la.

— Olha só quem veio! — disse ele, com um sorriso, como se a ausência dela fosse praticamente uma certeza.

Claro que ela estava ali. Claro que tinha pegado um avião para visitar o pai no hospital. Como poderiam sequer pensar que ela não iria? Será que era por isso que a congregação estava indo em peso visitá-lo? Todos convencidos de que ela não visitaria o pai doente, de que o deixaria abandonado à própria sorte, e por isso tinham se organizado para suprir a falta. Até imaginava a cena, todos cochichando sobre ela depois do culto. Como deviam ter pena dele, a esposa morta e a filha ocupada demais para visitá-lo. Como deviam se sentir nobres, superiores até, por se portarem como a família que ele não tinha.

No táxi a caminho de casa, o pai se virou para a janela como se estivesse feliz por rever o sol. Ainda não conseguia andar sozinho, então ela o ajudou a entrar em casa, segurando-o como a enfermeira havia ensinado. Ao deitá-lo na cama, percebeu que era a primeira vez que entrava naquele quarto desde que o cômodo passara a ser só do pai. Ele ainda dormia no lado esquerdo da cama, como antes, o outro lado ainda intocado, como se a mãe tivesse acabado de se levantar para pegar um copo de água.

— Vá descansar, filha. Vou ficar bem.

Ela hesitou, mas acabou saindo do quarto. O que poderia fazer enquanto ele estivesse cochilando? Nadia tomou um banho e foi se deitar também. Estava quase pegando no sono quando ouviu a campainha tocar. Ao abrir a porta, deu com Luke Sheppard à frente. Ele levava um pote de comida vermelho debaixo de um dos braços, a outra mão apoiada na bengala.

— Sou do ministério dos enfermos — explicou ele. — Posso entrar?

O corpo de Luke irradiava a vida de casado. Ele parecia mais velho e mais cheio; não gordo, apenas satisfeito. Preenchia todo o suéter azul-bebê que obviamente tinha sido presente de Aubrey: a cor suave que ele nunca teria escolhido, o acabamento de qualidade que ele nunca teria notado. E transmitia a satisfação de um homem sem mais grandes decisões a tomar,

um homem que dependia da esposa para comprar seus suéteres. Ele seguiu devagar até a cozinha, apoiando-se na bengala, e perguntou onde deveria colocar a comida.

— Eu não preciso da sua comida — disse ela.

— Não é minha. O pessoal da Upper Room que mandou.

Também havia parado de se barbear. Ela o imaginou largando a gilete na pia (para quê, se estava satisfeito?), e Aubrey brincando com ele ao passar para escovar os dentes. Talvez ela gostasse da barba, das cócegas que fazia quando eles se beijavam. Talvez Luke só fizesse o que a agradava.

— Você contou aos seus pais — disse Nadia.

— O quê?

Uma expressão confusa, mas depois outra emoção modificou seu rosto e ele pareceu abatido. Baixou o olhar para os ladrilhos do piso.

— Eu precisava do dinheiro — explicou.

— Então que inventasse um motivo!

— Eles não teriam me dado. — Luke se aproximou um passo. — Só se fosse por um motivo muito bom.

— E esse era o melhor motivo — retrucou ela. — Que *eu* ia ter um filho seu.

— Não é isso…

— Aposto que sua mãe foi saltitando até o banco…

— Você precisava do dinheiro. Desculpe se eu não contei, só achei… Achei que seria mais fácil assim. Você ficaria preocupada.

— Vá embora.

Ele foi, sem a encarar. Pouco se importava que a havia magoado. Tinha uma vida boa agora, e ela insistia em arrastá-lo de volta para o passado. Durante longos períodos ociosos à tarde, ela pensava nele, impressionada em vê-lo tão tranquilo. Aquilo sempre a assustava nos casamentos: que as pessoas casadas parecessem tão satisfeitas, incapazes de querer mais. Não conseguia se imaginar satisfeita. Estava sempre em busca do desafio seguinte, o trabalho seguinte, a cidade seguinte. A faculdade a tornara crítica e racional, dando-lhe certa aspereza, enquanto Luke cada vez mais se amaciava e se preenchia. Nadia tinha fome o tempo todo — sempre querendo, precisando de mais —, enquanto Luke já havia se afastado da mesa, dando tapinhas na barriga cheia.

———

Marquei uma consulta com o médico, digitou Aubrey. Depois de alguns segundos, veio a resposta de rmiller68:

Grávida?

As regras eram: nada de comentários maliciosos, indiretas, sugestões, apenas conversas tranquilas e amigáveis. Miller tinha enviado um e-mail um ano antes. *Não sei se você se lembra de mim*, começava, mas assim que vira o nome dele na caixa de entrada, ela pensara no beijo suado no chão sujo do banheiro e sentira todo o corpo arder. Claro que lembrava. Ou ele achava que ela era de rolar no chão sujo de banheiros a torto e a direito, a ponto de esquecê-lo entre tantos homens? Aubrey ligou para Nadia, irritada por ela ter dado seu e-mail.

— Minha nossa — respondeu Nadia. — Mas isso faz séculos! Achei que seria divertido. Como eu ia imaginar que ele ia mesmo escrever para você?

Aubrey não teria respondido ao e-mail se Miller não tivesse mencionado que estava alocado no Iraque. Não podia dizer onde, por motivos de segurança, mas ela o imaginou em algum lugar quente e horrível, coberto de poeira, fugindo de bombas. Um soldado sozinho no deserto… Não faria mal responder. Era uma questão de bondade. De patriotismo. Mesmo porque ele estava do outro lado do mundo. Não haveria o risco do chão de banheiro, seria só uma boa conversa entre amigos.

O primeiro nome dele era Russell. Ela imaginava a família e os amigos o chamando de Russ, talvez até Russy, quando ele era pequeno. Ela começou a mandar pacotes endereçados ao tenente Russell Miller, caixas cheias de coisas que ele havia pedido (sabonetes, jujubas, revistas sobre carros) e algumas que não havia pedido: biscoitos caseiros, livros e até uma foto, como a do último Dia das Mães, quando ela faltara à igreja para passear de carro com Mo e Kasey na Pacific Coast Highway. Na foto, estava aconchegada no braço da irmã e a alça da camiseta escorregando um pouco do ombro. Mandou aquela foto para Russell porque estava mais natural do que em qualquer outra. E era uma foto inocente — até a irmã aparecia, Deus do céu —, mas às vezes ela se perguntava se ele tinha notado a alça do top, se ele se imaginara ao lado dela, deslizando o dedo sob a alça. Se

imaginou, nunca disse nada. Só agradeceu. *É como se eu conhecesse sua irmã,* escreveu ele. *Como se ela fosse minha mãe também.*

Ele se sentia sozinho. Ela também, de certa forma. A carga horária de Luke no trabalho estava maior, porque ele acabara de ser promovido a chefe de setor no centro de fisioterapia. E também tinha começado a passar os fins de tarde na Upper Room, ajudando o pai. Com tudo isso, ele não conseguia nem tempo de ir com ela ao médico para falar sobre as dificuldades para engravidar.

— Não posso — disse ele, mordendo uma vagem. — Carlos me botou para orientar dois caras novos.

Ele agora comia daquele jeito, apoiado no balcão da cozinha. Se uma mulher se dá ao trabalho de cozinhar para um homem, pensava Aubrey, o mínimo que ele pode fazer é se sentar para comer.

— Não dá para adiar algum compromisso?

— Tipo o quê?

— Não sei. Eu me sentiria melhor se você fosse comigo.

— E eu me sentiria melhor se as pessoas parassem com essa obsessão com filhos. Ainda somos jovens. Temos tempo.

Fazia um ano que estavam tentando. Ela odiava aquela palavra: *tentando*. Por que era preciso tanto esforço, tanto trabalho, para alcançar algo que milhões de pessoas faziam sem a menor dificuldade todos os anos? Aubrey comprava testes de gravidez no atacado e os usava a cada duas semanas, mesmo quando não havia motivo para achar que estava grávida, como quem joga moedas num poço dos desejos. Quando ia tomar chá com a sra. Sheppard, sentia que a sogra a olhava com pena, do mesmo jeito que se olha para uma criança que está sendo fofa ao não conseguir completar uma tarefa simples. Aubrey ouvia seus conselhos sobre alimentos maravilhosos para a gestação que ela precisava experimentar, sobre vitaminas que algum médico havia recomendado no programa da Oprah. Agora que ela finalmente tinha uma consulta marcada, Luke não podia acompanhá-la.

— Eu não entendo — disse ela a Nadia. — Por que ele age como se não tivesse importância?

Estava à mesa da cozinha de Nadia, observando-a separar os remédios do pai num porta-comprimidos com espaços separados para cada dia.

— Não sei. Talvez você devesse fazer o mesmo. Relaxar, quero dizer.

— Eu estou relaxada. Não pareço relaxada?

— Sim, é só que… Vocês têm tempo, só isso.

Nadia abriu um novo frasco de remédios e começou a contá-los na palma da mão. Parecia cansada e distraída, preocupada demais com o pai para dividir sua atenção, e Aubrey se arrependeu de ter trazido o assunto à tona. Luke sempre dizia o mesmo: eles ainda tinham muito tempo para encomendar um bebê. Mas ela já se sentia um fracasso. Sabia que era sua culpa se não conseguia engravidar, porque Luke já havia feito um bebê, acidentalmente, com alguma garota aí. A menina nem quisera o bebê, enquanto Aubrey era incapaz de gerar a criança pela qual orava toda noite. No entanto, não disse essas coisas em voz alta. Já se sentia egoísta o suficiente falando sobre a consulta enquanto a amiga organizava os remédios. E ela nunca contara a Nadia sobre o bebê abortado de Luke. Nunca contara a ninguém, exceto Russell. Mas era diferente. Russell não era real. Era um fantasma que a assombrava através da tela do computador. À noite, ela fechava o laptop e, com um clique, ele desaparecia.

———

NA FACULDADE, NADIA vivia segundo uma agenda minuciosamente detalhada, cada hora do dia planejada. Já no tempo que passara no hospital, os longos períodos de espera eram pontuados apenas por breves visitas de médicos, ela se sentira flutuando no tempo, completamente desconectada do calendário. Agora, na casa do pai, criara uma nova programação. Não chegou a anotá-la, como fazia no quadro-negro de seu apartamento em Chicago, mas a decorou, e logo o pai também sabia de cor. Ela acordava às seis, conferia a respiração dele e tomava banho. O pai estava dormindo na poltrona da sala — deitar-se era doloroso demais —, por isso ela massageava os ombros dele toda manhã, desfazendo os nós no pescoço. Depois, levava-o ao banheiro, mas só até a porta, pois, ainda orgulhoso, não queria ajuda para tomar banho. No entanto, Nadia tinha cada vez mais consciência de que esse dia se aproximava — se não pelo ferimento, então em algum momento no futuro, já que todos voltamos a ser crianças quando idosos. Talvez a mãe tivesse fugido exatamente disso. Talvez fosse mais fácil ir embora enquanto ainda era jovem e capaz, sem esperar o declínio.

Segundo o médico, a maior preocupação no momento era o risco de uma infecção, mas ela sabia que havia outros riscos também. Pneumonia. Colapso dos pulmões. Excesso de fluidos. E dor. Mesmo se não tivesse mais nenhuma complicação, a dor poderia incapacitá-lo de respirar fundo. Todo dia de manhã ela verificava a temperatura do pai e fazia exercícios respiratórios com ele, dez inspirações profundas por hora. Colocava pacotes de ervilhas congeladas por dentro da camisa por quinze minutos, para diminuir o inchaço. Lembrava a ele de tossir, sempre temendo ver sangue. Após três semanas, ela se pegou observando o catarro que o pai havia expelido num lenço de papel e não sentiu nojo algum. A preocupação anulava qualquer outro sentimento.

Estava começando a pensar como enfermeira, segundo Monique, que inclusive tinha ido à casa deles logo que Robert voltara do hospital, e explicado a Nadia para que servia cada uma das caixas de remédios enfileiradas na cômoda. Ensinou a segurá-lo para aliviar a dor ao tossir, a auscultar o peito para verificar se havia fluidos, a ajudá-lo a dar pequenas voltas pela sala para estimular a circulação sanguínea. Assim, Nadia desenvolvera uma rotina, e na maioria dos dias nem saía de casa.

— Você tem que voltar para a faculdade — disse o pai, finalmente. — Não pode ficar aqui o dia todo à toa.

Ela o estava ajudando a se trocar para dormir, tirando a camisa dos fuzileiros enquanto tentava não olhar para as cicatrizes, para as partes do peito que ainda pareciam feridas.

— Eu não estou à toa — retrucou ela. — Estou estudando para o exame da ordem, a mesma coisa que eu faria em Chicago.

Não podia deixá-lo achar que a vida da filha havia parado por causa dele. Outros pais talvez se sentissem comovidos com isso, mas ele teria vergonha. E Nadia havia herdado isso, a incapacidade de pedir ajuda, como se a necessidade fosse um inconveniente. Ela fazia questão de estudar diante dele, embora não tivesse um pingo de concentração. A cada dez minutos olhava para o pai e jurava ter ouvido um assobio na respiração. Algo preso na garganta, ou líquido se acumulando dentro do peito. Ouvia doenças imaginárias. Sentia-se desmoronar. Uma noite, quando a dor impedia o pai de dormir, ela ficou sentada com ele, segurando sua mão. Queria levá-lo de volta para o hospital, mas ele se recusou.

— O que eles podem fazer? — disse ele, chiando. — Me dar um remédio? Tenho vários aqui. Não preciso de hospital.

Ele contou histórias da guerra, de sua infância na Louisiana com pais que se odiavam. A mãe havia cuidado dele e dos cinco irmãos, enquanto o pai trabalhava longas horas na refinaria de petróleo e gastava o salário em casas de jogo e bordéis. Quando ele chegava em casa, suado e coberto de fuligem, a esposa preparava o banho e passava uma camisa para ele sair outra vez e gastar o fruto de seu trabalho em bebidas e mulheres. Robert nunca entendeu por que a mãe fazia aquilo. Sentava-se na beira da banheira antiga, a trança comprida caindo pelas costas e enrolando na ponta, e jogava água quente no marido. Às vezes colocava uma gota de perfume, e assim um aroma doce preenchia a casa, que geralmente cheirava a comida e poeira. No catecismo, quando o padre falava sobre a mulher que havia jogado o perfume caro nos pés de Jesus, o pai sempre pensava na devoção da mãe. Pelo menos Jesus tinha agradecido. O pai dele nunca manifestou gratidão por nada que a esposa fazia.

Num dia nublado, a mãe estava no jardim, lavando roupas numa bacia, enquanto os filhos jogavam bolinha de gude na varanda. O marido desceu, de banho tomado, perfumado e com a camisa que ela havia engomado e passado. Estava indo à sinuca escoar no jogo tudo que recebera naquela semana. Voltaria de madrugada, com a linda camisa branca que ela havia esfregado, já toda amassada e cheirando a mulher barata. Depois de passar o dia todo na fila das doações, ela a lavaria outra vez. A mãe encarou a bacia, os dedos enrugados na água quente, a pilha de camisas, macacões e cuecas esperando na cesta. Como diria mais tarde, ela sentiu um aperto no peito, como se todas aquelas camisas tivessem se enrolado com força em volta do coração. Não pensou. Seus dedos se fecharam em torno de um picador de gelo largado junto à bomba de água e ela o cravou nas costas do marido. Morreu sangrando sobre o tanque.

— A água ficou vermelha, vermelha — recordou o pai. — Nunca vi nada mais vermelho.

Ele levava o nome do pai, mas não queria ser nada como ele. Alistou-se no corpo de fuzileiros, e os superiores notavam que ele era calmo e quieto, do tipo que prefere ficar sozinho. Era chamado de "coroinha", por causa do escapulário que usava sob o uniforme. Foi transferido para Camp Pendleton, onde teve um colega de alojamento chamado Clarence, e

Clarence era falastrão e charmoso, seu exato oposto, por isso, claro, os dois se tornaram amigos.

— Ele queria que eu conhecesse a irmã — contou o pai. — Achei que ela seria feia. Quando um cara quer que você conheça a irmã dele, normalmente ela é feia. Homens com irmãs bonitas não querem amigo nenhum por perto. Mas ele disse que a gente faria bem um ao outro. — Ele virou a cabeça para a porta de vidro, e lá fora o céu da manhã ganhava tons de rosa. — Era tão linda que eu não consegui acreditar. E muito nova. Acho que eu também era jovem. Depois de ver meu pai morrer sangrando no tanque, nunca mais me senti jovem. Mas sua mãe tinha luz. Quando ela sorriu para mim, meu peito se abriu por inteiro.

Só ao meio-dia o pai finalmente pegou no sono, a cabeça tombada na direção da janela. Naquela tarde, quando a campainha tocou, Nadia estava acordada fazia vinte e quatro horas. Cambaleou até a porta esperando encontrar Aubrey, mas se deparou com Luke segurando um pote de comida apoiado na barriga. Ela sabia que estava com uma cara horrível — magricela e mal-humorada, os olhos fundos e inchados, a blusa larga demais, o cabelo preso num rabo de cavalo emaranhado. Fazia muitas horas que não tomava banho, não dormia nem comia. Ao se ver nos olhos assustados de Luke, sentiu-se um fiapo de si mesma, como um cubo de gelo que se torna uma fina meia-lua depois de um tempo na boca.

Ele a conduziu à cozinha e esquentou um prato de frango com arroz. Abraçando o próprio corpo, ela observou Luke se movendo em silêncio pela cozinha, chegando ao micro-ondas antes que apitasse, fechando a gaveta de talheres sem fazer barulho. Pôs o prato quente diante dela.

— Coma.

— Eu devia ter visitado meu pai.

— Você precisa comer alguma coisa.

— Eu devia ter vindo mais vezes.

— E isso teria mudado alguma coisa? Mesmo se estivesse aqui, o que você poderia ter feito? Tirado os cinquenta quilos de cima dele? — Luke empurrou o prato mais um pouquinho. — Agora você precisa comer. Precisa ter forças para ajudar seu pai.

— Eu o abandonei.

— Você foi estudar. Era o que ele queria.

— Eu o abandonei, que nem ela.

Luke tocou o rosto de Nadia. Ela fechou os olhos, desfazendo-se na suavidade daqueles dedos.

— Não — afirmou ele. — Não é a mesma coisa.

— É, sim. Sinto como se precisasse ser ela por nós dois.

Nadia começou a chorar. Luke puxou a cabeça dela para seu ombro, depois a fez se levantar. No banheiro, ajoelhou-se na perna boa e abriu a água da banheira.

— Por que está fazendo isso? — perguntou ela.

— Porque eu quero cuidar de você.

Mais tarde, ele deixou um copo de água na mesa de cabeceira dela e a colocou na cama. Ela caiu num sono profundo, relaxando pela primeira vez em semanas, porque Luke estava na sala, cuidando do pai dela. Antes de adormecer, pensou em como quisera aquilo quando acordara na clínica de aborto. Que Luke estivesse lá, cuidando dela. Estava cansada de se virar sozinha. Mas agora ele saía para que ela se despisse, como se nunca a tivesse visto nua, como se já não conhecesse os contornos de seu corpo, até a covinha na barriga — onde, segundo a mãe, Deus a havia beijado. Luke beijara aquela mesma covinha, seus lábios encontrando os de Deus. Ela afundou na espuma quente e fechou os olhos.

———

PELA MANHÃ, LUKE trouxe o remédio do pai e Nadia o beijou na cozinha. Ele a envolveu pela cintura, o saco de papel da farmácia amassado na mão. No quarto, as cortinas sopradas pela brisa, Luke a deitou em sua cama de infância, que rangeu sob o peso dos dois. Shhhhhh. Nada dos movimentos apressados da juventude, o vestido puxado até a barriga, a calça dele na altura dos joelhos. Ele desabotoou a camisa, a dobrou, deixou nas costas da cadeira da escrivaninha, desceu as meias de Nadia até os tornozelos, soltou o cabelo recém-lavado dela e enterrou o rosto nos fios. Dessa vez, foram lentos e deliberados, como pessoas machucadas se amam, movendo-se com cuidado para ver até onde aguentavam os músculos debilitados.

ONZE

Não era um caso.

Casos eram para donas de casa alcoólatras e solitárias ou empresários lascivos, adultos de verdade fazendo coisas adultas de verdade, não meninas levando o ex-namorado de colégio para a casa dos pais. Nadia sentia camadas de passado descascando; estava lentamente voltando à antiga vida. Luke em cima dela, seu peso e calor familiares, fazendo todos os homens que vieram depois desaparecerem como neblina de primavera. Ele a visitava todos os dias durante o horário de almoço e ficavam no quarto enquanto o pai de Nadia tirava o cochilo da tarde. Na cama dela, Luke não era mais casado. Não conhecia Aubrey. Ela voltava a ter dezessete anos e a andar na ponta dos pés pela casa de Luke. Mas agora os dois tinham que ser ainda mais silenciosos, tinham que torcer para que a bengala não batesse alto demais no chão.

Quando estavam na cama, Nadia acreditava no impossível. Sentia-se rejuvenescer, a pele recuperar maciez e firmeza, a cabeça se esvaziar dos livros que lera. Luke ainda inteiro, sem precisar tomar aspirina aos punhados. Sem ter amado Aubrey. Quando a beijava, Nadia se sentia intocada, o bebê se desfazia dentro dela, as vidas dos dois se separavam.

Ela se desconectou do tempo, seus dias se dividindo em antes e depois. Antes de Luke, ela limpava a cozinha, levava o pai ao banheiro, dava os remédios, tomava banho. Ajeitava o cabelo, mas nunca se maquiava — empenho demais estragaria a naturalidade dos encontros —, e ajudava o pai a voltar para a poltrona. Depois de Luke, ela tomava outro banho, fechando os olhos sob o vapor, como se a água quente pudesse lavar o que havia acabado de fazer.

Alguns dias eles não transavam. Alguns dias, Luke ficava sentado à mesa da cozinha enquanto ela preparava um sanduíche para ele. Sentia-se observada enquanto cortava o pão ao meio e imaginava que aquele breve

momento era comum para os dois. Então, sentava-se diante de Luke e apoiava uma das pernas no colo dele. Ele comia e, sob a mesa, fazia carinho na panturrilha dela. Casos eram coisas secretas e sombrias, não almoços simples numa cozinha ensolarada enquanto o pai dormia na sala. Mas aqueles dias quietos, vestidos, pareciam os mais traiçoeiros, os mais íntimos.

— Eu amo você — sussurrou ele certa tarde, acariciando a barriga dela.

Nadia não sabia se a declaração era para ela ou para o fantasma do filho que tinham gerado. Seria possível realmente deixar de amar um filho, mesmo nunca o conhecendo? Ou será que o amor se transformava em outra coisa? Ela desejou que ele não tivesse dito nada — estava extrapolando os limites da fantasia dela. O que era amor para Nadia, afinal? A mãe dizia que a amava, mas foi embora. Não há nada mais solitário que o momento em que percebemos que alguém nos abandonou.

— Você me deixou — disse ela. — Você me deixou naquela clínica…

— Mas estou aqui agora. Eu voltei.

———

NO DIA DA consulta, Aubrey ficou na sala de espera vendo o vídeo que passava, sobre doenças cardíacas. Na animação, glóbulos vermelhos desciam por um escorrega, colidindo uns nos outros como carrinhos bate-bate. Era a maior causa de morte entre as mulheres, lembrava o vídeo, que já estava repetindo pela terceira vez. Será que o desenho deveria fazer a pessoa se sentir melhor quanto às chances de o próprio coração estar lentamente a matando? Aubrey suspirou, pegando uma revista. Odiava ir ao médico. Quando se mudara para Oceanside, a irmã a forçara a uma série infindável de consultas. Um clínico fez um exame em que ela tentou não chorar enquanto desabotoava a calça e colocava a fina camisola de papel. Sentia-se enjoada, imaginando Paul se espalhando dentro dela como um vírus. Mas não havia nada de errado, informou o médico, e Aubrey se recusou a falar com Mo durante toda a volta para casa, envergonhada por a irmã ter pensado na possibilidade. Em seguida, foi mandada a um psiquiatra, que lhe prescreveu um antidepressivo, mas o frasco laranja nunca foi aberto, ficou acumulando poeira na gaveta. Depois, uma psicóloga, que fazia perguntas banais sobre a escola — nunca sobre Paul —, mas mesmo assim ela ficava

enjoada durante toda a sessão, porque sentia as perguntas não feitas pairando no ar. Ao sair, entrava no carro de Kasey, apoiava a cabeça na janela e assim ficava até chegarem em casa. À noite, ela ouvia Mo e Kasey discutirem no quarto, as paredes finas demais para mascarar os sussurros irritados.

— Só estou dizendo que ela fica nervosa com aquela médica. O que foi? Vamos mandar sua irmã para outro médico, para tratar disso também?

Uma mariposa surgiu na sala de espera, as asas marrons da finura de uma cicatriz. Aubrey roeu a unha do polegar (um hábito horrível, dizia a mãe) enquanto a mariposa voava em espirais pela sala, passava pela mesa da recepcionista, pela janela que dava para a rua e por duas mulheres sentadas abaixo da TV suspensa, até pousar numa pilha de revistas. Ela ficou olhando a mariposa parada, as asas fechadas como a ponta de uma flecha. A irmã tinha ligado mais cedo, pedindo que Aubrey telefonasse quando saísse do médico. Fazia meses que ela tentava convencê-la a marcar a consulta. Não queria respostas? Será que um diagnóstico — mesmo um ruim — não era melhor do que ficar imaginando explicações para o fato de não conseguir engravidar? Talvez, mas Aubrey odiava a ideia de esperar que um médico dissesse o que havia de errado com seu corpo. E mesmo assim ela havia marcado a consulta, o que só mostrara uma coisa: estava começando a ficar desesperada.

No consultório do dr. Toby, Aubrey se deitou de costas, encarando os olhos de Denzel Washington. O médico colava pôsteres de galãs do cinema no teto. "Ajuda as pacientes a relaxar", explicou ele na primeira consulta, abrindo um sorriso amargo. Ela fechou a mão com força assim que os instrumentos gelados entraram em seu corpo. Ainda ficava tensa quando tinha qualquer coisa dentro de si, mesmo o dedo de Luke. Na noite de núpcias, sentira tanta dor que lágrimas se acumularam nos cantos dos olhos. Mas ela não disse nada, e Luke continuou penetrando-a, lenta e insistentemente. Como ele não tinha notado que a estava machucando? Ou pior: se notou, como não se importou? Se a amava, como podia gostar de algo que lhe causava dor? Mas ela aguentou tudo, porque era o que deveria fazer. A primeira vez sempre doía. A dor era o que fazia uma menina se tornar mulher. A maioria dos marcos da vida de uma mulher são acompanhados pela dor, como a primeira transa ou o nascimento dos filhos. Para os homens, tudo é orgasmo e champanhe.

Ela não imaginava que a segunda vez também doeria, nem a terceira, nem mesmo que agora, anos depois, ainda temesse o momento da primeira penetração. Luke gostava — dava para notar, porque fechava os olhos, ou mordia o lábio —, mas ela sempre cerrava os punhos até se acostumar com o movimento dentro de si. Podia ser psicológico, pelo que lera na internet. Sentia asco ao pensar que Paul talvez ainda estivesse em algum lugar no fundo de sua mente — como se, quando Luke a tocasse, Paul assistisse a tudo do pé da cama. Ou talvez o problema não tivesse nada a ver com Paul. Talvez não ficasse excitada o bastante. O site sugeria que as mulheres verbalizassem seus desejos, mas o que ela deveria dizer? Será que deveria arfar ou fazer voz infantil, como as mulheres sensuais dos filmes? Ou ser rude e vulgar? Os homens realmente gostavam daquilo na cama? Certa vez, Luke disse que gostaria que ela iniciasse mais as transas.

— Tenho a sensação de que você não me quer.

Ela ficou impressionada. Claro que o queria, ele era o único que ela já quisera na vida. Mas não sabia como fazê-lo sentir isso. Sacou os corpetes e as camisolas recebidos no chá de panela, mas bastou observá-los por um instante para voltar a relegá-los ao fundo da gaveta. Comprou chantilly e calda de chocolate, mas nunca conseguia descobrir como fazer uma transição natural da cama para a geladeira, por isso acabou levando tudo para o aniversário de Kasey, para que fossem comidos com bolo e sorvete. Talvez não houvesse nada de errado com seu corpo. Talvez ela só fosse ruim na cama ou o marido estivesse entediado. Talvez se ela fosse mais sexy, mais atraente, se já estivesse grávida.

O dr. Toby disse que ela não precisava se preocupar.

— Está tudo bem. Vocês são jovens e saudáveis. Relaxe. Tome um pouco de vinho.

"Tome um pouco de vinho", como se fosse simples assim. Anos e anos de faculdade para chegar àquele diagnóstico? Ela foi até o escritório da sra. Sheppard, furiosa com o médico por fazê-la perder tempo, mas a sogra falou que ela deveria era ficar feliz. Afinal, podia ter recebido uma notícia ruim. Ele podia ter dito que ela era irremediavelmente estéril, que nunca geraria uma vida. Mas não; Aubrey era saudável.

— Não se preocupe, querida — disse a sra. Sheppard, estendendo o braço por cima da mesa e apertando a mão dela. — Tudo a seu tempo. Não se pode apressar Deus.

Naquela noite, Luke chegou tarde em casa. Aubrey estava dormindo quando o ouviu chegar, sem acender a luz, e tirar a roupa. Nos primeiros dias de casada, ela sempre acordava assustada ao ouvi-lo se mover no escuro. Podia ser qualquer um, andando furtivamente pelo apartamento. Agora ela conhecia a cadência dos passos dele, sabia que ele tirava a calça e a camisa antes de se deitar ao lado dela. Sentiu o aroma familiar, um pouco doce, mas quente. Másculo. A cama dos dois tinha o cheiro dele, e, nas poucas noites que passavam afastados, ela dormia com o travesseiro dele sobre o seu. Fazia o mesmo quando namoravam: deixava uma blusa na cadeira da cozinha em que ele pendurava a jaqueta, para que, quando ele fosse embora, a blusa ficasse com seu cheiro.

Ela rolou para mais perto dele e tocou a barriga quente do marido. Mais alguns centímetros e ela poderia deslizar a mão por dentro da cueca. Poderia beijá-lo e montar nele, como havia feito com Russell, muito antes, num banheiro na praia. Fizera isso com um estranho, mas ainda não conseguia tomar a iniciativa com o próprio marido. No entanto, antes que ela pudesse fazer um movimento, Luke ergueu a mão dela e a beijou. Depois, virou-se para o lado e voltou a dormir.

À LUZ FRACA do fim de tarde, Luke bufava no quintal da casa de Nadia, levantando os pesos do pai dela. Estava matando tempo, esperando que ela esquentasse o jantar, esperando que o pai adormecesse em frente à TV, para passar uma hora no quarto com Nadia. Geralmente passava por lá mais cedo, mas aquela noite lhe trouxera uma surpresa: tinham mudado seu horário no trabalho de última hora, então, quando avisara a Aubrey que ia trabalhar até mais tarde, pela primeira vez não era mentira. Descobriu que mentia melhor do que imaginava. Aquilo o assustava um pouco: como se convencia fácil de que não era errado o que estavam fazendo. Tudo porque Nadia tinha sido a primeira. Seu primeiro amor. Então talvez, de certa maneira, tinha direito ao coração dele. Talvez fosse como sair por um momento da fila do caixa para pegar pão — ninguém podia ficar realmente irritado se você voltasse ao seu lugar. Ela não estava furando a fila porque já estivera ali antes.

Ele grunhiu, empurrando a barra. Tinha começado a fazer aquilo, brincar com os pesos do pai dela. Tinha engordado, e sentira isso de repente, ao ficar nu na frente de Nadia. Na última vez, ele estava no auge da boa forma, cem quilos, cinco por cento de gordura corporal. Desde então, havia ganhado uma camada de gordura na barriga, e os bíceps e as panturrilhas ficaram um pouco flácidos. Ele já estava engordando, como os ex-alunos que iam ver os treinos do time da faculdade nas primeiras semanas de aula — Luke e os colegas tinham rido deles em segredo, homens que não tinham abandonado a dieta de fortalecimento depois de pararem de jogar. Ele ficaria daquele jeito um dia, sabia disso, mas não havia imaginado que esse dia chegaria tão rápido.

Desde que ele e Nadia tinham voltado a dormir juntos, ele começara a comer melhor, a evitar sobremesas e a fazer flexões no chão do banheiro. Sentia-se envergonhado com aquilo, como um adolescente inseguro, mas talvez fosse o que ela queria. Ela o havia amado antes, quando ele era jovem, bonito e cruel. Ele não queria mais ser cruel, mas pelo menos podia voltar a ser bonito.

— Quer ficar com eles?

Ele pôs a barra no lugar e se sentou, os braços ardendo. Nadia estava parada atrás da porta de tela.

— O quê? — perguntou ele.

— Pode levar — explicou ela, apontando para os pesos.

— Mas são do seu pai.

— Ele não precisa. Esses troços quase o mataram.

Ela se recostou na porta, coçando a panturrilha com o pé. Usava uma calça de moletom, o cabelo preso num coque; mais bonita do que nunca. Luke nunca tinha visto aquele lado dela, não da primeira vez. Na época, ela se arrumava toda quando saíam, colocava minissaia, vestidinho, batom. Ele amava aquilo, o cuidado de ficar bonita para ele, mas se sentia ainda mais conectado àquele lado casual que via agora. Aquela era a Nadia de verdade, e se ela lhe permitia vê-la assim era porque confiava nele. Da mesma maneira, sabia que ela vira sua verdadeira face. Aubrey via uma versão melhor do que ele tinha sido, mas Nadia vira seu pior. Ela o quisera, mesmo egoísta. Luke se sentia livre, sabendo que também tinha visto o pior de Nadia. Ela havia traído a melhor amiga com ele. Sentia-se culpada pelo

caso, ele sabia, apesar de não admitir. Admitir significava ter que parar de vê-lo. Era mais fácil negar a culpa.

Por isso ele fingia também. Na cama dela, naquela noite, ele traçou o ombro nu de Nadia, coberto de suor.

— Você pensa naquelas férias? — perguntou.

— Que férias?

— Você sabe.

Às vezes ele se sentia preso ao período de férias anterior à ida dela para a faculdade, questionava-se sobre todas as coisas que teria feito de forma diferente. Se a tivesse buscado na clínica. Se a tivesse convencido a não ir. Se eles pudessem estar exatamente daquela maneira, deitados na cama juntos, mas com um filho de seis anos correndo pela casa.

— Às vezes — respondeu ela.

— Você acha que a gente… — Ele fez uma pausa. — Talvez a gente devesse…

Ela se contraiu nos braços dele, e Luke percebeu que havia ultrapassado um limite. Já sabia quais assuntos não podia discutir com ela. Aubrey. O filho deles. Esperou que ela se afastasse, mas Nadia fez o contrário, aproximou-se mais.

— Shhh.

Ela o beijou no pescoço, pondo a mão embaixo das cobertas.

— Nadia…

— Eu não quero conversar — sussurrou ela.

Ele teria que parar de fazer aquilo, de se perguntar sobre a vida que poderiam ter tido juntos, a família que poderiam ter formado. Tinha que começar a ser grato por tudo que ela lhe dava.

———

BEBÊ TOCANDO O rosto barbado do papai. Bebê adora a pele áspera do papai. Bebê dando pulinhos à janela quando vê o papai chegando de carro. Bebê joga um chocalho, uma chupeta, uma bola. Bebê tem um braço muito forte, dizem os amigos do papai, mas papai torce secretamente para que Bebê saiba pegar bem as bolas. Bebê rebate bolas, Bebê corre pelo campo de futebol, Bebê faz fila para comer gomos de laranja e beber água depois do

treino de basquete. Bebê ouve o vovô falar. Bebê vê jogos no colo do papai. Bebê pergunta a papai sobre a perna, Bebê aprende sobre a fragilidade dos sonhos. Bebê coloca os protetores e aprende sobre a dor. Bebê para de chorar quando apanha. Bebê lança a bola no jardim para o papai, que a pega com perfeição. Bebê não consegue entender por que ainda a deixa cair, mas papai diz que as mãos dele são rígidas demais.

"Você precisa de mãos suaves", diz papai. "É preciso pegar uma bola como se toca uma menina. Com mãos suaves."

SEMANAS APÓS A consulta com o dr. Toby, Aubrey foi ver uma especialista em fertilidade. Lera sobre a dra. Yavari num site, o fórum que acessava escondido fazia alguns meses. Nas noites em que Luke trabalhava até tarde, ela comia na frente do computador, passando lentamente pelo banner lilás gigante no alto da página: *Nunca é esforço demais para quem quer engravidar.* Ela nunca contara a ninguém sobre o site, nem mesmo a Luke. Não queria que ele achasse que ela estava louca por um bebê, desesperada. Mas havia algo de reconfortante em ler os painéis, em conhecer a história de outras mulheres, mulheres em situação pior que a dela. Elas eram, afinal, as que tinham nomes de usuário como FuturaMamãe75 ou EsperandoEngravidar82, as que falavam sobre a última menstruação ou comentavam os dias após a ovulação com estranhos na internet. Aubrey tinha pena daquelas mulheres, com exceção das que tentavam o segundo ou terceiro filho. "Nós só queremos um", pensava ela sempre, fechando o site com irritação. Nos fóruns, uma discussão animada sobre os especialistas em fertilidade da Califórnia mencionava a dra. Yavari, que tinha consultório em La Jolla. Antigas pacientes a chamavam de "fábrica de bebês". O apelido a tranquilizava e incomodava ao mesmo tempo. Ela não queria imaginar seu bebê sendo produzido por uma médica, como uma experiência científica, mas lhe agradava ver que todos depositavam tanta confiança na médica. Talvez fosse o que faltava, consultar uma especialista. Talvez a dra. Yavari pudesse salvá-la de se tornar uma daquelas mulheres tristes dos fóruns. Aubrey ligou para o consultório. Depois, quando Luke disse que não podia faltar ao trabalho, ligou para Nadia e pediu que a acompanhasse.

— Não posso — disse Nadia.

— Por que não?

— Porque… É muito pessoal. Por que não leva a Mo?

— Ela também vai estar trabalhando. E qual o problema de ser pessoal? Até parece que você é uma estranha. — Aubrey deu uma risadinha, mas Nadia ficou em silêncio.

Uma distância silenciosa havia surgido entre as duas desde o retorno de Nadia. Ainda se falavam às vezes, mas não com a frequência que Aubrey esperava. Ela tentava não levar para o lado pessoal as ligações perdidas e as mensagens ignoradas. Nadia estava preocupada com o pai, e a última coisa que precisava era do peso da mágoa de Aubrey nas costas. Mesmo assim, ela sentiu a distância aumentar durante o tempo que Nadia não respondeu.

— Por favor. Eu fico nervosa. E ia me sentir melhor se você estivesse lá.

— Desculpe — respondeu Nadia, por fim. — Estou sendo boba. Claro que vou com você.

Na tarde seguinte, foram ao consultório da dra. Yavari, um prédio bege com palmeiras plantadas na frente. Na sala de espera, fotos emolduradas de bebês surgiam acima da mesa da recepcionista como uma promessa, mas Aubrey se incomodou, pois jogavam na sua cara o que ela queria ter e não conseguia. Nadia, ao seu lado, jogava no celular. Aubrey tentava folhear uma *National Geographic*, mas acabou começando a torcê-la, formando um tubo de papel brilhante.

— Por que você está nervosa? — perguntou Nadia.

— Porque sim. Tenho certeza de que tem alguma coisa errada comigo.

Aubrey ficou tensa, esperando Nadia perguntar como ela poderia saber. Em vez disso, sentiu que ela fazia carinho em sua nuca.

— Não tem nada errado com você — disse a amiga, baixinho.

Por um segundo, Aubrey acreditou.

A dra. Yavari era iraniana, morena, olhos escuros. Devia ter trinta e poucos anos; muito mais nova do que Aubrey esperava. Ela recebeu as duas no consultório com um sorriso, indicando uma cadeira no canto.

— Sua irmã pode esperar ali.

Nenhuma das duas a corrigiu. Estranhos sempre achavam que eram irmãs, primas ou até namoradas, supunha Aubrey. E o que as duas eram? Absolutamente nada. Ela ficava impressionada com a capacidade que tinham de se parecerem fisicamente, de se tornarem família, de assumirem

diversos modos de se amar. Quem elas eram uma para a outra? Nada. Enquanto a médica avaliava sua ficha, Aubrey se sentou na cama de metal, as pernas balançando. No canto da sala, Nadia se recostou num balcão coberto de caixas de luvas descartáveis enquanto a dra. Yavari fazia uma série de perguntas a Aubrey. Qual a regularidade da sua menstruação? O fluxo é intenso ou leve? Alguma doença sexualmente transmissível? Já engravidou? Já fez um aborto?

— O quê?

— Tenho que perguntar — justificou a médica, dando batidinhas com a caneta na prancheta. — Normalmente tento esperar o marido ir embora, porque, sabe como é, foi na época da faculdade, ela nunca contou etc.

— Não — respondeu Aubrey. — Nunca.

Mas ela gostou da compaixão da dra. Yavari. Só esperava que a médica não tivesse julgado que fosse como o tipo de mulher que guardaria um segredo daqueles do marido. Era o que faria, mas odiou pensar que a médica tinha adivinhado.

Depois do exame, a dra. Yavari marcou a segunda consulta, quando fariam uma radiografia para determinar se as trompas estavam abertas, um ultrassom pélvico para testar a espessura do revestimento do útero e conferir se havia cistos nos ovários, além de exames de sangue para medir a produção de hormônios. A médica então saiu da sala, deixando Aubrey à vontade para se vestir, pegando as roupas que Nadia havia dobrado em uma pequena pilha.

— Não acredito que ela perguntou aquilo — comentou Nadia.

— O quê?

— Você sabe. Sobre o aborto. Qual a relevância?

— Não sei. Deve ser relevante, se ela perguntou.

— Mesmo assim. É inacreditável como isso persegue a pessoa.

Mais tarde, Aubrey se perguntaria o que a havia denunciado. O comentário em si ou a suavidade artificial em sua voz, ou até a expressão em seu rosto à luz fluorescente, com uma leve sombra de dor. No segundo que se passou entre Nadia estender o cardigã de volta e Aubrey pegá-lo, ela percebeu que a amiga era A Garota. Desde a confissão de Luke, anos antes, ela pensara muitas vezes naquela menina sem nome nem rosto que se livrara do filho dele. Uma garota que ele havia amado, mas que sumira, como o bebê — ambos desaparecidos para sempre.

Na volta para casa, o trânsito à frente delas ficou pesado. Ela segurava o volante com mais força à medida que o carro avançava lentamente. Ao seu lado, Nadia mexeu no rádio até encontrar uma antiga música de Kanye West que as duas adoravam, que tinham escutado sem parar no quarto dela e dançado juntas na festa de Cody Richardson. Aubrey pensou naquela noite, no efeito do álcool, em como havia sido fácil esquecer tudo que ela não queria lembrar. Podia ter sido qualquer pessoa naquela noite, no vestido justo, dançando numa festa lotada com Nadia. No fim daquela noite, Nadia a envolvera pela cintura e dissera em seu ouvido: "Vamos embora." E ela concordara, percebendo que nem pensara em como faria para ir para casa. Ali, ela soube que tinha com quem contar. Naquela noite, antes de adormecer, sentira a mão de Nadia tocar suas costas. Um gesto rápido — casual, como tirar um fio de cabelo da blusa de alguém —, mas, naquele instante, Aubrey se sentiu extremamente segura.

Depois de deixar a amiga em casa, Aubrey parou na loja de bebidas da esquina. O indiano baixinho ao balcão acenou quando ela entrou. A loja estava vazia: uma moça de cabelo bem louro levava um pack de cerveja para o caixa e dois meninos brigavam por um saco de Cheetos. Ela pegou um pinot noir italiano porque gostou do rótulo prateado. Em casa, bebeu metade da garrafa enquanto se vestia, a outra metade depois de vestir um dos corpetes pretos rendados que ficavam embolados no fundo da gaveta. Alisou os amassados, depois se postou em frente ao espelho, brigando com as alças e os laços. Depois do vinho, ela não conseguiria se despir. Imaginou-se presa no corpete para sempre — será que alguém teria que cortá-lo, como o sogro havia serrado o anel da pureza de Luke?

Terminou o vinho no sofá, ouvindo o leve tiquetaquear do relógio. Quando Luke chegou em casa, ela já estava bêbada e com sono. Tinha planejado atender à porta de corpete, queria que fosse a primeira coisa que ele visse, mas estava lenta demais, por isso quando ele entrou ela ainda estava esparramada no sofá. Luke ficou paralisado diante dela, ainda segurando a chave.

— Está tudo bem? — perguntou.

Ela se levantou rápido demais, perdeu o equilíbrio e se apoiou no braço do sofá.

— Vem cá, vem.

— Você está bêbada?

Ela agarrou o cadarço azul do uniforme dele e o puxou. Pôs a mão dentro da calça dele e sentiu que ele a olhava de uma maneira que nunca havia olhado: com pena de seu desespero. Quando a penetrou, ela fechou os olhos e encontrou conforto na dor.

———

NO DIA SEGUINTE, Luke perguntou a Nadia se podiam sair juntos. O rosto dele, a centímetros do dela, no travesseiro, parecia tímido. Ela havia esquecido que os cílios dele eram curvados. O sol da tarde atravessava as persianas e ela se sentia vagarosa, calorenta, espreguiçando-se sobre os lençóis.

— Talvez ao centro — disse ele. — Ou ao calçadão. Não sei. Aonde você quiser.

Ela traçou as tatuagens dele com o dedo, o labirinto de imagens entrelaçadas que cobriam o braço esquerdo. Da última vez que o despira, sete anos antes, eram poucas, mas agora a manga fechada a fascinava: tribais se estendiam pelo ombro, e perto do cotovelo uma caveira mostrava os dentes. A língua de um demônio se transformava em chamas e dava a volta no pulso. Uma cruz no bíceps e, acima dela, os dizeres: *Por minha conta*. Uma cabeça de leão cobria o peitoral esquerdo, a juba desaparecendo como fumaça. A outra metade do peito dele era macia, sem desenhos, o braço direito intocado. A tinta parava de repente, como se ele tivesse enfiado um braço numa jaqueta e esquecido o outro.

— Por quê? — perguntou ela.

— Por que o quê?

— Por que temos que sair juntos?

Ele levou a mão dela ao coração e rolou de lado. Nadia sempre ouvira falar de homens que odiavam ficar abraçados na cama e ficou surpresa por Luke gostar de ficar na frente, sendo abraçado por ela. Tinha quase rido da primeira vez, mas aquilo fazia sentido de certa maneira, o fato de todos quererem ser abraçados.

Ela o envolveu e beijou suas costas musculosas.

— Não sei — respondeu ele. — Só queria levar você a algum lugar legal.

— E se alguém vir a gente?

— Que vejam. Não estou nem aí.

— Você é casado.

— E se eu não fosse?

Por um instante, ela se deixou imaginar. Como se fosse simples, como se existisse um portão entre ele e a liberdade e bastasse puxar a tranca. Luke era bom naquilo, sempre achava um jeito de fugir. Ela se lembrava de observá-lo em campo, impressionada como o corpo dele parecia saber exatamente em qual segundo virar para a esquerda ou para a direita, sempre consciente da direção em que o perigo apareceria. Ele já havia fugido dela uma vez. Nadia não podia ajudá-lo a fazer o mesmo com Aubrey. Pensou na amiga, sentada na cama de metal do consultório da especialista em fertilidade, como parecia pequena em comparação com seu desejo.

— Você não pode fazer isso — disse Nadia.

— Por que não?

— Porque ela ama você. A gente só está transando, mas ela ama você.

— Não é só sexo. Não diga isso…

— Para mim, é.

Ele se vestiu em silêncio, mas parou no meio, com a calça nos tornozelos. Parecia que ia chorar, e ela se virou de costas. Luke não a amava. Só se sentia culpado. Preso a ela, por tê-la abandonado uma vez, e não por amor, mas por vergonha. Não o deixaria enterrar a culpa nela. Não voltaria a ser um túmulo para homem nenhum.

Luke esqueceu o relógio na mesa de cabeceira. No dia seguinte, Nadia o levou à Upper Room para devolvê-lo. Quando estava entrando no estacionamento, viu a Mãe Betty atravessando a rua, vindo do ponto de ônibus. Betty estava com a carteira de motorista suspensa, por não ter passado na prova de renovação.

— Eles me pegaram nas perguntas — explicou a senhora. — Mas quem é que consegue responder todas aquelas perguntinhas? Eu dirijo há sessenta e seis anos e nunca bati em ninguém, e agora vêm me dizer que não posso dirigir por causa de umas perguntinhas?

Nadia observou a Mãe Betty procurar lentamente a chave e destrancar a porta, a mão trêmula. Não era certo uma mulher da idade dela ter que esperar o ônibus antes do nascer do sol.

— Posso dar uma carona à senhora — disse Nadia, e vasculhou a bolsa atrás de algum papel. — Tome aqui meu telefone. É só me ligar quando

estiver pronta para sair, está bem?

— Não, querida, é muito trabalho.

— Não é trabalho nenhum. De verdade. Por favor.

Ela estendeu o papel. Mãe Betty hesitou, mas depois o aceitou.

— Você tem um coração bondoso — disse. — Sinto isso. Como sua mãe.

Nadia deixou o relógio de Luke na mesa da Mãe Betty e voltou para casa, observando o próprio reflexo no retrovisor. Tocou a imagem, mas não viu o rosto da mãe, apenas o vidro sujo.

DOZE

Anos depois, nos demos conta de que o relógio deveria ter sido suficiente. Os dois únicos motivos para uma mulher estar com o relógio do marido de alguém são:

Ela está dormindo com ele.

Ela conserta relógios.

E Nadia Turner não parecia ser relojoeira. Mas mesmo não tendo entendido tudo naquele momento, ainda assim tínhamos pena de Aubrey. Todo domingo, quando nos reuníamos no saguão da igreja, sentíamos a tristeza dela crescer. Agnes previu a chegada de uma menina, filha de pais que não confiam um no outro. Uma menina que também não confia no mundo, por motivos que não compreende muito bem. Ela sente a frieza se espalhar entre os pais e duvida de tudo: se eles podem fingir que se amam, que outras mentiras podem contar? O que mais o mundo esconde dela, guarda longe de seus olhos?

Talvez ela ouça esta história um dia e se pergunte o que fazer com isso. Uma menina que escondia o medo com sua beleza, um bebê indesejado, uma mãe morta. Não são suas feridas. Todo coração se parte de maneira diferente, e ela conhece o desenho de suas feridas, ela as traça como se fossem as linhas da palma da mão. Sua mãe é viva, e sempre a quiseram. Oraram pela vinda dela, até. Agora ela é adulta, ou pelo menos acha que é. Mas ainda não aprendeu a matemática da tristeza. O peso do que foi perdido sempre é maior do que o peso do que fica. Ela já ouviu o avô falar sobre o bom pastor que deixa noventa e nove ovelhas para ir atrás da que se perdeu.

Mas e o rebanho que ele abandonou?, ela se pergunta. Agora essas ovelhas também não estão perdidas?

———

NAQUELE ANO, NADIA Turner cuidou de nós como uma mãe. Nas manhãs cinzentas, enquanto o pai dormia, pegava a chave deixada na mesa do corredor e saía com a caminhonete. Baixava a janela, botava o braço para fora e atravessava ruas silenciosas, passando por cafés que se preparavam para abrir, mulheres de roupão colocando mochilas nas costas dos filhos em pontos de ônibus, surfistas em trajes de borracha com pranchas em cima de caminhonetes, até chegar a uma casa branca com detalhes em azul. Começou a se sentir uma motorista, descendo para ajudar a Mãe Betty a subir na caminhonete alta, especialmente depois que outras Mães começaram a pedir carona.

— Ah, espero que não se importe — disse a Mãe Betty —, mas eu comentei com Agnes que você poderia levá-la à farmácia.

Não, não, ela não se importava. Aprendeu as curvas das ruas que levavam às casas das Mães. Nunca havia imaginado que tinham casas — não ficaria surpresa se descobrisse que deixavam colchonetes no armário do coral e dormiam nos bancos da igreja. Mas a Mãe Agnes morava num prédio cinza no centro; a Mãe Hattie, numa casa vermelho-ferrugem perto de Back Gate; a Mãe Flora, num lar para idosos que ficava em frente a uma escolinha infantil e uma creche. Vivia cercada pela morte e por crianças, crianças diante da janela dela, sendo levadas à creche, crianças correndo pelo parquinho ou indo de bicicleta para casa. A Mãe Flora era alta e elegante. Tinha sido jogadora de basquete quando nova. Nadia ficou sabendo também de outras coisas: que a Mãe Clarice fora professora de crianças especiais e que os amigos a chamavam de Clara; que a Mãe Hattie era a melhor cozinheira; que a Mãe Betty tinha sido a mais bonita.

Nadia não sabia bem a idade das Mães, mas deviam ter entre oitenta e noventa anos. Não era de se admirar que o governo quisesse tirá-las do volante. Ela sentia pena daquelas mulheres, em especial da Mãe Betty, que acordava antes de todo mundo fazia anos, para chegar à Upper Room com suas chaves, e por isso Nadia se esforçava para buscá-la cedo. Não se sentia mais culpada por sair escondida de casa. O pai estava se recuperando bem. À tarde, ele dava voltas lentas pelo quintal, fazendo os exercícios respiratórios. Ela às vezes o observava pela vidraça, enquanto estudava para o exame da ordem. Não queria deixar transparecer que ainda se preocupava com ele, então, no horário dos remédios, à noite, ela arranjava algo para fazer no quarto dele: tirava pó da mesa de cabeceira, pegava as roupas sujas

ou arrumava os vidros de perfume da mãe. Ela adorava brincar com aqueles frascos, principalmente um preto. A mãe só o passava no pescoço quando saía à noite com o marido. Por isso, quando levava o frasco ao nariz, Nadia sentia saudades das noites em que era legal vê-los sair, porque sabia que iam voltar.

Ela cuidou de nós como penitência, como se passasse os dedos pelas contas de um rosário. Cada quilômetro era uma oração. Se doasse seu tempo de forma altruísta, talvez pudesse esquecer tudo que fizera de errado. Se trabalhasse sem esperar recompensas, se fosse bondosa com pessoas que não lhe dariam nada em troca, talvez seus pecados fossem apagados. Uma tarde, a caminho da farmácia, ela mencionou que havia encontrado o hinário da mãe pouco antes. Encontrado, disse, porque era o jeito mais simples de contar a história: excluindo Luke. As Mães começaram a falar todas ao mesmo tempo, como sempre, atropelando-se e interrompendo-se e terminando as frases umas das outras.

— Ah, ela adorava aquela coisa. Sempre carregava embaixo do braço.

— Não era da mãe dela?

— É, foi o que ela me disse. Ela era pastora, sabia?

— Pastora, não, só dirigia os cultos.

— Ah, é? E qual é a diferença?

— Só é pastor quem tem uma igreja.

— Está bem, ela dirigia cultos. Você sabia disso, menina? Sua avó batizava pessoas no rio.

Nadia sempre quisera saber sobre a avó, mas Elise não gostava de falar muito dela. "Ah, minha mãe era muito rígida", dizia. Ou: "Ela amava muito a Deus." Sempre declarações vagas, genéricas, como se estivesse descrevendo um personagem de um programa que não acompanhava mais. Pelas poucas fotos que havia da avó nos álbuns, parecia uma mulher severa, mas, afora isso, tudo era mistério. Quando contou aquilo às Mães, todas assentiram, como se entendessem.

— Bom, elas não eram muito próximas.

— É um jeito bem gentil de colocar as coisas.

Naquela noite, quando Nadia perguntou ao pai o que as Mães queriam dizer com aquilo, o pai contou que, quando engravidou, a mãe de Nadia foi expulsa de casa.

— Disse que nenhum filho viveria em pecado na casa dela, por isso eu mandei uma passagem de ônibus para a sua mãe e ela veio morar comigo. — Ele suspirou. — Sua avó não queria saber da gente e eu não vi problema nisso, só nunca entendi por que ela não quis conhecer você. Uma coisa era a gente. Mas uma criança? A própria neta? Não conheço ninguém que não queira conhecer os próprios netos.

Então ela perguntou se a avó ainda era viva. Ele deu de ombros.

— Até onde sei, sim. Aposto que ainda está lá no Texas. — Como se lesse os pensamentos da filha, acrescentou: — Eu deixaria isso pra lá. Foi uma escolha. Correr atrás dela não vai levar a nada.

Nadia encontrou uma Polaroid em sépia num álbum de fotos. Mostrava a mãe dela com os irmãos, na frente de casa. Um endereço e uma data estavam anotados no verso. Ela procurou imagens mais recentes da casa na internet e tentou imaginar a mãe ainda menina, dançando na varanda. Talvez a avó ainda morasse lá. Não parecia ser do tipo de mulher que se muda muito. Imaginou o que a avó diria se ela aparecesse na porta dela um dia. Será que tentaria conter lágrimas de gratidão, feliz por finalmente conhecer a neta? Ou será que a mandaria embora, como havia feito com a própria filha? Ou ficaria irritada por ver o pivô da briga materializado bem diante de si?

— A mamãe algum dia pensou em… — Nadia fez uma pausa, traçando os botões dourados da bolsa com o dedo — … em não me ter?

— Como assim?

Ele pôs um comprimido branco na língua e jogou a cabeça para trás.

— Você sabe. — Ela girou os botões para não ter que olhar para o pai enquanto falava a palavra: — Em abortar.

— Alguém disse isso a você?

— Não. Ninguém. Só fiquei pensando.

— Não — respondeu ele. — Nunca. Ela nunca teria feito uma coisa dessas. Você achou… — Ele se interrompeu, e seu olhar suavizou. — Não, querida. A gente amava você. Sempre amamos.

Ela deveria ter ficado feliz, mas não ficou. Queria que a mãe tivesse pelo menos considerado a possibilidade. Que a ideia lhe tivesse passado pela cabeça ao sair do médico, imaginando o rosto da mãe quando soubesse. Ou durante uma conversa sussurrada com o homem que amava. Que tivesse ligado para a clínica para marcar a consulta e desligado aos prantos, que

tivesse ficado na sala de espera, apertando as mãos. Ela não se importaria se a mãe tivesse desistido um segundo antes. Nadia odiava a possibilidade de a mãe não tê-la desejado, mas teria sido melhor olhar no espelho para a duplicata do rosto da mãe e saber que eram iguais.

———

TRÊS SEMANAS DEPOIS de ver Nadia pela última vez, Luke se agachou nos degraus dos fundos de casa e acendeu um fósforo no cimento. Sugestão de Dave. "Acenda uma vela", dissera ele a Luke da última vez que havia ligado. Dave não tinha explicado que tipo de vela. Uma vela aromática como as do banheiro da mãe? Uma velinha branca, típica de mesas de restaurantes? Uma vela vermelha grossa, com a imagem da Virgem Maria, como as que tem nos restaurantes mexicanos? Uma vela de aniversário, fina, pintada nas cores do arco-íris? Qualquer uma, disse Dave, por isso Luke comprou um pacote das finas e brancas. Sentado na escadinha dos fundos, protegia a chama com as mãos. Aquilo traria tranquilidade, segundo Dave. Paz. Mas, assim que a acendeu, Luke sentiu apenas estresse. Uma leve brisa noturna passava pelas árvores. Ele se agachou atrás de um arbusto, tentando proteger a chama, repentinamente responsável por cuidar daquela coisa frágil.

Dave era conselheiro num Centro de Vida Familiar do centro de San Diego. Luke havia encontrado o folheto no para-brisa do carro estacionado diante de um bar, uma semana antes. *Procurando opções?*, perguntava o folheto amarelo, que tinha a imagem de uma mulher grávida segurando a cabeça e de um homem ao lado olhando para o vazio. Luke nunca vira um folheto daqueles, que incluísse a imagem de um homem. Os outros mostravam apenas mulheres, sempre tristes e sozinhas. Nos folhetos dos centros de planejamento familiar, os homens eram tão ausentes quanto na vida real. Tão ausentes quanto ele havia sido. Luke ligou só para descobrir o que ofereciam. Ia desligar. Mas o conselheiro de plantão, Dave, começou a falar sobre um suposto mito de que apenas as mulheres sofrem com um aborto.

— Os homens sofrem um tipo de perda singular — dissera Dave. — Homens sofrem com a perda dos filhos porque deixam de cumprir sua principal função como pai: proteger a família.

Luke nunca havia pensado no assunto daquela maneira. Ele e Nadia não formavam uma família, eram só duas crianças assustadas. Mas e se formassem, na época? E se, por um breve momento, tivessem sido uma família, unidos pela vida que haviam gerado? O que seriam agora? Desde então, ligava para o centro toda noite. Se outra pessoa atendesse, se não fosse Dave, desligava. Tinha contado a ele sobre o menino do jogo de beisebol, anos antes. Dave não o julgara. Era normal, segundo ele, que pais de filhos abortados ficassem tristes. Depois de gerar uma vida, ele sempre seria um pai, não importava o que havia acontecido com a criança.

Luke pegou o celular do bolso e discou, tomando cuidado para manter a vela acesa.

— É você, Luke? — perguntou Dave.

— É.

— Como vai, meu amigo?

— Bem.

— Só bem?

— É.

— Entendo. — Dave pigarreou. — Pensou mais um pouco na ideia de vir até o centro?

— Não posso.

— Vai ajudar, confie em mim. Conversar com alguém cara a cara… É bem melhor do que por telefone. Às vezes a gente só precisa ver alguém, sabe?

— Sei.

— Eu não mordo. Prometo. — Dave riu. — E tenho alguns livros que posso te emprestar, se você vier. Esse aqui… — A voz dele ficou distante, como se estivesse pegando alguma coisa. — Esse é ótimo. Chama-se *O coração de um pai*. É de um cara chamado…

— Tenho que ir.

— Espere um pouco. Não fuja. Vou guardar esse até você estar pronto para vir, beleza?

— Beleza.

— No que está pensando?

— Eu comprei as velas — informou Luke.

— Ótimo! Acenda uma vela. Feche os olhos. Imagine seu filho brincando num campo, aos pés de Jesus.

Luke fechou os olhos, sentindo a chama aquecer seu rosto. Ele tentou imaginar a cena que Dave descrevia, mas viu apenas Nadia — o sorriso, os olhos castanhos —, então sentiu o calor. Uma gota de parafina derretida havia caído em sua mão. Ele raspou a parafina do degrau. Pedacinhos de pedra e terra ficaram presos em sua pele. Deveria ter colocado a vela em alguma coisa. Por que não tinha pensado nisso? Atrás dele, a porta dos fundos se abriu e Aubrey se apoiou no batente, franzindo a testa.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Nada.

— Qual é a da vela, então? Tem parafina em tudo quanto é canto.

Ela mexeu na pocinha branca no degrau com a ponta do sapato. Luke se inclinou para a frente e apagou a vela. Só estava fazendo mais bobagens.

———

— QUANDO É QUE você vai parar quieta, menina? — perguntou a Mãe Betty a Nadia um dia. — Só vive pra lá e pra cá. Acha que a vida é para andar por aí, procurando o que te faz feliz? Isso é sonho e fantasia de menina branca. Você tem que sossegar, achar um bom homem. Veja só Aubrey Evans! Quando você vai fazer o mesmo?

Luke não ia mais visitar seu pai, mas ela às vezes o via na Upper Room. Ele sempre parecia ter vontade de falar com ela, mas não murmurava nem um "oi", os olhos sempre fixos no carpete gasto. O pouco espaço entre os dois parecia elétrico quando se cruzavam num corredor estreito. Não podia mais pensar nele. Precisava se comportar. Começou a encontrar Aubrey na hora do almoço. Tomavam café a uma mesa junto à janela. Ela pensava em contar tudo, mas as palavras sempre ficavam presas no céu da boca. Que bem faria contar a verdade? Tinha terminado com Luke. Que bem faria a Aubrey saber que a havia traído?

Ela nunca ia à casa de Aubrey, mas, uma vez por semana, ia jantar com a amiga na casa de Monique e Kasey. Voltar à casinha branca a fazia se sentir uma adolescente: queria ficar acordada até tarde, tomando sorvete, ou ficar deitada no quintal até o sol baixar, o futuro à espera, imaculado e livre. Ela e Aubrey iam até a loja da esquina comprar lanches ou ficavam no antigo quarto de Aubrey, pintando as unhas. Ela sempre punha os pés da amiga no

colo e pintava as unhas. Sentia que, embora fosse um gesto pequeno, era algo de bom que podia fazer.

Quando o Halloween chegou, Nadia havia se tornado parte tão integrante da Upper Room que o pastor pediu que se encarregasse de cuidar das crianças na festa. Ela aceitou. Fazia praticamente qualquer coisa que qualquer um da igreja pedisse. No início, apenas oferecia carona às Mães, mas, enquanto o pai ainda se recuperava, ela começou a usar a caminhonete dele para levar coisas. Junto com o Segundo John, levou dezenas de cadeiras dobráveis à Sociedade Masculina; foi até o outro lado da cidade buscar uma nova bateria para o coral; levou as cestas básicas ao abrigo. Tinha amadurecido e encontrado Deus, pensavam todos, mas que nada. Estava procurando a mãe. Como não a encontrara em nenhum dos antigos lugares, talvez pudesse achá-la na Upper Room, um lugar que a mãe amara, que visitara logo antes de morrer. Se não pudesse achá-la no último lugar em que ela havia respirado, nunca mais a encontraria.

Para a festa de Halloween, ninguém precisaria carregar nada além das decorações, mas mesmo assim ela concordou em ajudar. Todos os anos, a igreja distribuía doces, a maneira menos ofensiva de celebrar um feriado cujas origens demoníacas preocupavam a todos, mas que era popular demais para ser ignorado. Fantasias eram permitidas, mas só de personagens positivos. Super-heróis, mas não vilões nem pessoas mortas. Figuras bíblicas eram melhores, mas ninguém sabia dizer se isso feria a regra das pessoas mortas. Todos os anos, um espertinho se vestia de múmia e dizia que era Lázaro. Naquela noite, ela mal reconheceu a sala infantil da igreja. A escuridão era obrigatória nas festas de Halloween, mas isso não significava que não podia ser combatida pela luz celestial. As crianças se amontoavam no salão e saíam correndo pelos corredores com sacos cheios de doces. Noés barbados arrastavam bichinhos de pelúcia, Adãos brincavam com maçãs mordidas, Moisés levavam tábuas da lei em papelão debaixo do braço e Marias ninavam bonecas.

Nadia estava sentada à porta, com um balde de doces entre as pernas. Era naqueles momentos que a idade adulta se concretizava: não no passar dos aniversários, mas ao se ver jogando punhados de doces nas sacolas das crianças — agora, era ela quem deveria dar em vez de receber. Aubrey e Luke chegaram mais tarde. Nas mensagens, Aubrey não havia mencionado que ele iria, mas não havia por que dizer, certo? Eram casados, era de se

esperar que estivessem sempre juntos. Luke usava um longo roupão marrom e, sempre que uma criança perguntava qual era sua fantasia, flexionava os músculos e dizia que era Sansão. Só que, de cabelo curto, teve que aguentar as crianças zombando dele a noite toda.

— E você, está fantasiada de quê? — perguntou Aubrey.

Ela carregava uma tesoura. Dalila.

— De nada — respondeu Nadia.

Ela não sabia do que se fantasiar, por isso, quando as crianças perguntavam, ela dizia que não era ninguém, só uma camponesa.

Durante toda a noite, eles ficaram à porta do salão infantil, escutando as risadas. Nadia observou os ex-amantes distribuírem doces sob as estrelas falsas, Sansão sentado numa cadeira de plástico, a perna ruim esticada no corredor porque senão doía. Ele selecionou várias embalagens cor-de-rosa de balas mastigáveis e passou um punhado a Aubrey, porque eram as preferidas dela. Em outro momento, Aubrey pousou a cabeça no ombro dele, e o breve contato pareceu tão íntimo que Nadia desviou o olhar.

A noite estava fria e escura, um fiapo de lua iluminando debilmente o céu. Quando Aubrey foi ao banheiro, Nadia entrou no salão infantil para reabastecer o balde de doces. Debruçou-se na janela, ouvindo o uivar distante dos coiotes. Luke se aproximou.

— Tenho conversado com um cara chamado Dave — disse ele.

— Quem?

— Dave não acha legal que a gente nunca tenha falado sobre ele. — Luke engoliu em seco e esclareceu: — Sobre nosso filho.

Um bando de anjos passou pelos dois em vestidos brancos. Era um universo estranho, confuso: todos santos e não pecadores, anjos e não demônios. Um mundo torto em que jovens tratavam idosas como filhas e traíam as melhores amigas.

— Não precisamos mais manter o luto. Dave diz que ele está no céu agora. — Luke sorriu, pegando a mão dela. — E que sua mãe está com ele no colo.

Ele olhou para fora e, ao brilho suave do luar, quase pareceu em paz ao falar do bebê, que, assim com o amor dos dois, tinha sido milagroso e breve. Ela apertou a mão de Luke. Se era daquilo que ele precisava, queria que ele acreditasse. Que acreditasse em tudo.

———

NAQUELA MANHÃ DE domingo, Aubrey viu um fuzileiro na fila de agradecimentos. Normalmente ela não prestava atenção a rostos quando ficava à porta para os cumprimentos ao fim do culto. Ainda impressionada com as multidões que esperavam para cumprimentar a família do pastor (uma família à qual passara a pertencer), agia mecanicamente, repetindo a mesma saudação, dando abraços, aceitando convites para cafés que depois esqueceria. Nem teria notado o fuzileiro se não fosse pelo uniforme: o azul oficial, quepe sob o braço, botões dourados brilhando. Quando ele deu um passo à frente e ela viu seu rosto, recolheu a mão.

— Ah — fez Aubrey.

Russell Miller sorriu, o mesmo sorriso cheio de propósito que ela vira na praia anos antes, o sorriso de um homem que conhecia a tristeza e despendia muita energia para afastá-la. Aubrey conhecia aquele sorriso, pois o havia praticado e aperfeiçoado por muito tempo. Escondia-se atrás daquele sorriso, mas ninguém o via como ela via em Russell. Ele passou direto por ela para apertar a mão do pastor.

— Linda mensagem, reverendo — disse.

Ela se sentiu exposta de repente, como se toda a igreja fosse notar que estava parada ao lado de Russell e saber. Saber o quê? Que uma vez, dias antes de se casar, ela o havia beijado na praia? Que, depois de se casar, quando Russell deveria ter sido banido para a memória, ela continuava em contato com ele, por e-mail?

— Vamos conversar lá fora — pediu ela.

Meses antes, Russell tinha mandado um e-mail anunciando que sua estadia no exterior estava terminando. *Vou voltar para os Estados Unidos em breve, quer ir almoçar?* Ela odiou a falsa casualidade, como se ele fosse um velho amigo de colégio voltando de viagem e querendo saber das novidades. Claro que ela queria vê-lo outra vez, mas ambos sabiam que ela não podia. Era casada. Era amada por um homem, e seria um erro pedir mais; cobiça, até.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela, já nos fundos da igreja.

— Você não respondeu, então resolvi aparecer.

— Talvez eu tenha tido um motivo para não responder.

— Qual?

— Sou casada.

— Mulheres casadas não podem almoçar?

— Não com estranhos.

— Eu sou um estranho?

Ela suspirou.

— Você entendeu.

— Não — disse ele. — Eu dei a volta ao mundo e só estou pedindo um almoço. Não quis insinuar nada com isso. Você me ajudou a manter a cabeça no lugar enquanto eu estava fora, e quero agradecer de alguma forma. Seu marido pode ir conosco, se quiser.

Ela prometeu falar com Luke, mas na volta para casa ficou em silêncio, olhando pela janela, imaginando-se sobre Russell no chão do banheiro, as mãos grandes dele em sua cintura.

— Está pensando em quê? — perguntou Luke.

— Eu?

Ele sorriu.

— Claro que é você.

— Sei lá. Em nada.

Ele pisou no freio ao se aproximar de um sinal de trânsito. Então tirou uma das mãos de Aubrey do colo dela, levou-a à boca e mordeu um dos dedos.

— O que está fazendo?

Ele sorriu e mordeu o outro.

— Ai! — fez ela, rindo. — Para, seu bobo.

Então Luke beijou a mão dela e segurou-a. Pelo resto do caminho, ela imaginou sua vida presa entre os dentes dele. Tinha que confiar que ele não a morderia.

Dois dias depois, ela encontrou Russell no Ruby's Diner, no píer. Apesar de ele estar usando uma camisa xadrez azul e gravata e ter se levantado quando ela se aproximou da mesa, Aubrey lembrou a si mesma que aquilo não era um encontro. Não havia nada de íntimo nem de romântico em almoçar no píer, onde gaivotas berravam e voavam acima de suas cabeças. Russell pediu uma cerveja para acompanhar o peixe com fritas. Ela pediu uma Coca-Cola e uma salada Caesar, depois uma fatia de torta de limão para dividir — não porque ainda estivesse com fome, mas porque queria

prolongar o momento. Tinha ficado com medo de se sentir desconfortável com ele, mas se surpreendeu, pois se sentia muito à vontade, conversando sobre coisas bobas, como o piquenique da igreja e a irmã. Então Russell perguntou sobre a consulta na clínica de fertilidade.

— Foi tudo bem.

Semanas antes, Aubrey havia recebido uma mensagem do consultório da dra. Yavari, confirmando a segunda consulta. Apagou. Por que voltar? De que adiantava consultar uma especialista para gerar um bebê que Luke não queria? Não era à toa que ele nunca tinha dado a mínima enquanto ela ficava obcecada com a incapacidade de engravidar. Só se importava com o bebê que havia perdido anos antes. Só se importava com o filho que fizera com Nadia.

— Você acha que seu marido quer um menino? — perguntou Russell.

— Não sei. Ele nunca falou nada.

Será que o filho perdido seria menino ou menina? Será que fazia diferença para Luke? Devia ser o que ele queria.

— As pessoas sempre acham que os homens querem meninos — disse Russell. — Pensam que não somos capazes de amar algo que não seja exatamente igual a nós.

— Você não quer um filho?

— Seria perigoso demais — explicou ele. — Meninos negros são alvos fáceis. Meninas negras pelo menos têm uma chance.

— Não sei, não.

— Não? Por que acha que me alistei? Meu pai me disse: "É melhor aprender a atirar antes que algum branco atire em você." E foi o que fiz. Já estive no meio de uma guerra no Iraque, mas eu posso levar uma bala na cabeça andando pela rua no meu próprio país. Você não sabe como é.

Ela riu.

— Estou sempre com medo. Nunca me sinto segura.

— Bom, você tem seu marido para protegê-la.

— É o meu marido quem me machuca. Ele acha que não sei que ele está apaixonado por outra pessoa.

Era a primeira vez que dizia aquilo em voz alta. Havia algo de libertador em admitir que era menos amada. Poderia ter passado a vida inteira sem saber, achando que estava comendo um banquete quando, na verdade, estava recolhendo as migalhas de outra pessoa. Russell pôs a mão sobre a dela.

Aubrey baixou os olhos para sua pele áspera, mas o garçom chegou com a conta e ela se afastou.

———

O PRIMEIRO JOHN contou sobre a torta. Uma fatia de torta de limão, que a esposa dele dividira com um homem num restaurante do píer. Estavam levando cadeiras para a sala de reunião antes do grupo de estudos bíblicos quando o rapaz levantou o assunto, um pouco envergonhado, os olhos baixos. A esposa do diácono tinha almoçado com uma amiga no início da semana e vira Aubrey com um homem. De início, pensou que fosse um membro da Upper Room, mas não se lembrava de já tê-lo visto na igreja. O homem tinha uma expressão faminta. Não afastara o olhar do rosto de Aubrey nem por um segundo.

— Não quero causar confusão nem nada — justificou-se o Primeiro John —, mas eu ia querer saber se fosse comigo.

A torta foi o que mais irritou Luke. Um almoço poderia ser uma refeição comum, mas dividir a sobremesa indicava intimidade. A esposa dele e um estranho mergulhando garfos no creme macio, primeiro o dela, depois o dele, depois o dela outra vez, ganhando um ritmo calmo. O homem devia tê-la observado levar o garfo à boca, o olhar desejoso acompanhando-o até desaparecer entre os lábios. Talvez mais tarde, num canto escuro do estacionamento, tivesse sugado a calda direto da língua dela.

— Como foi seu encontro? — perguntou ele ao voltar para casa.

Aubrey estava sentada no sofá, dobrando as roupas limpas. Usava uma camisa marrom e um cardigã cinza solto, aberto na cintura, o tipo de roupa largada que fazia Luke sentir que os dois eram mais velhos do que tinham o direito de ser.

— Não foi um encontro — respondeu ela.

— E o que foi?

— Um almoço.

— Então por que não me contou?

— Não tenho que avisar você sempre que vou almoçar com alguém.

— Se vai almoçar com um estranho, então tem, sim, porra!

Ele nunca gritava com ela. Às vezes se exaltava, mas sempre se sentia péssimo depois. Aubrey se encolhia quando ele erguia o tom de voz, o que sempre o irritava, como se a tivesse agredido. Luke jamais bateria numa mulher, mas sentia que ela não achava algo impossível de acontecer, por isso se forçava a conter a raiva: baixava a voz, controlava o corpo e nunca socava a parede nem jogava um copo longe, como tanto queria. Nunca quis que a esposa o temesse, como temia a maioria dos homens. Mas ela não temia o homem com quem havia almoçado. Se Luke fosse casado com outra mulher, talvez acreditasse que um almoço era apenas um almoço. Mas conhecia Aubrey. Ela não saía sozinha com amigos homens. Se tinha ido encontrar aquele, era porque significava algo mais.

— Eu nunca pergunto aonde você vai — disse Aubrey, encarando-o. — Nunca falo nada quando você foge para encontrar Nadia.

Ele engoliu em seco.

— Isso é diferente — falou.

— Por quê? Porque você ama Nadia? — Ela deu uma risadinha, balançando a cabeça. — Eu não sou burra. Não estudei direito, mas não sou burra.

— Por favor — pediu ele.

— Pare. Não precisa mais mentir. Você sempre a amou…

— Por favor.

— É ela que você quer.

— Por favor.

A calma dela o assustou. Luke teria entendido se ela tivesse gritado, berrado, chorado ou xingado. Esperava isso, mas Aubrey estava assustadoramente calma. Foi quando percebeu que ela ia deixá-lo. Talvez não naquele instante, mas um dia ele chegaria em casa e encontraria a prateleira do banheiro vazia, um lado do armário sem roupas. Ficaria ainda mais sozinho do que durante o tempo que passara no centro de fisioterapia, antes de Aubrey aparecer com um donut embrulhado com cuidado em papel amassado, um pequeno presente do qual não se julgara merecedor. Ficou à porta enquanto ela dobrava as blusas dele junto ao peito, os braços dela segurando os dele e cruzando-os sobre o coração.

TREZE

— Não sei qual é o problema dessa menina — disse Betty.

Todas olhamos pela persiana e ficamos observando Nadia Turner sair do estacionamento da igreja. Fazia semanas que ela estava quieta e grosseira. Mal falava quando chegava nas casas e era monossilábica quando tentávamos ser simpáticas. Com aquele tipo de companhia, seria melhor pegar um táxi. Se ia nos buscar na igreja, ficava o tempo todo andando de um lado para o outro perto da caminhonete, como se estivesse atrasada ou sei lá o quê. Aonde ela tinha que ir? Quem a esperava? Só o pai, e Robert Turner certamente não iria a lugar algum.

— Vai ver está preocupada com a amiga — opinou Flora.

— Preocupada por quê? Marido e mulher. Gente casada tem problemas.

— Vocês souberam que Aubrey saiu de casa?

— Ah, e quem nunca fez isso uma vez ou duas? — disse Agnes.

— Sabem quantas vezes eu fiz as malas e larguei Ernest? — disse Betty. — Corria para a casa da mamãe, passava uns dias e lá ia eu voltar. Não é nada, não. Assunto de gente casada, é o que é.

— Pois eu ouvi dizer que o rapaz dos Sheppard anda de olho comprido por aí.

— Ele é homem, não é? — afirmou Hattie. — O que essas meninas querem?

— Esse é o problema das meninas negras de hoje em dia — disse Agnes. — São duras demais. Coisas macias aguentam uma surra. Mas, se der um empurrão numa coisa dura, ela se despedaça. A gente tem que ser macia no amor. Amor duro não permanece.

— Eu ainda não entendi o que tudo isso tem a ver com a Nadia Turner. — Betty balançou a cabeça, olhando de novo pela janela. — Não cumprimenta ninguém, não fala nada... E por que fica andando de um lado para o outro assim? Como se tivesse muitos lugares para ir…

Não entendíamos que, quando nos deixava na Upper Room, Nadia andava na frente da caminhonete do pai para poder ver os carros passando na rua. Às vezes, ficava sentada na escadaria da frente por uma ou duas horas, torcendo para ver um jipe verde surgir no estacionamento. Mas nunca via. Ninguém via Aubrey Evans fazia semanas.

———

DURANTE MESES, NADIA repassou na cabeça o dia em que suas mentiras desmoronaram. Um dia normal, um dia tão pouco especial que, depois de algumas semanas, ela conseguiu apreciar as primeiras horas tranquilas, quando ainda tinha a vida intacta. Aquelas horas passaram velozes, e de repente era noite, e ela estava saindo do banho, secando o cabelo com a toalha, quando viu uma luz brilhar no jardim de casa. Foi até a porta e, ao ligar a luz externa e se erguer na ponta dos pés para alcançar o olho mágico, viu Aubrey sentada na varanda.

— O que está fazendo aqui fora, no escuro? — perguntou Nadia, saindo ao encontro dela. — Por que não tocou a campainha?

Ela não ficou confusa com a visita inesperada de Aubrey — tinham intimidade suficiente para aparecer na casa uma da outra sem avisar —, mas não entendeu Aubrey sentada sozinha ali. E se Nadia não tivesse visto os faróis pela janela do banheiro? Ela ia ficar ali para sempre, sem avisar que tinha passado em sua casa? Aubrey não se virou e, durante semanas, quando Nadia pensava na amiga, lembrava-se de encarar as costas dela, a curva delicada do pescoço. Talvez, se Aubrey nunca tivesse se virado, elas poderiam ter ficado suspensas naquele momento para sempre, entre o saber e o não saber, o último puxão em uma amizade já esgarçada nas pontas.

— Como? — perguntou Aubrey.

Ela sabia o quê. Podia adivinhar o porquê. Mas o como era a parte que a deixava confusa. O como de qualquer traição era a parte mais difícil de justificar: como as mentiras tinham sido reunidas, empilhadas e mantidas até a verdade ficar completamente escondida atrás delas.

Então Aubrey se levantou e seguiu em direção ao carro, com Nadia tropeçando atrás dela.

— Aubrey… Eu sinto muito…

— É engraçado como agora vocês sentem muito.

— Juro por Deus, eu me arrependi assim que aconteceu…

— É muita gentileza sua.

— Por favor. Por favor. Fale comigo.

Ela bateu na porta do carro de Aubrey, puxou a maçaneta. Logo acordaria os vizinhos e o pai observaria da janela e se perguntaria por que ela estava chorando e implorando, por que estava agarrada à porta mesmo depois de Aubrey ligar o motor.

— Sai — disse Aubrey, a voz fria, metálica. — Não quero passar por cima do seu pé.

Durante meses, Nadia tentou tudo que podia imaginar. Mandou mensagens, e-mails, deixou recados e ligou, descendo camada por camada pelas formas de tecnologia até mandar uma carta pelo correio. Três páginas de súplicas. Ao longo da carta, foi reduzindo o pedido, como se estivessem numa negociação unilateral: primeiro, pediu seu perdão; depois, um momento para que pudesse se explicar; por fim, apenas que lesse seus e-mails ou ouvisse seus recados, mesmo que nunca mais voltasse a falar com ela. A carta de três páginas foi devolvida fechada. Ela começou a ir até a casa de Monique à tarde. Passava de carro devagar e olhava pela janela, mas nunca via Aubrey entrar nem sair. Sabia que deveria parar — alguém podia notar seu carro dando voltas no quarteirão e chamar a polícia, pensando que fosse uma louca perseguindo alguém ou uma ex-namorada desequilibrada —, mas continuou passando pela casa todos os dias durante três semanas. Num ato final de desespero, uma noite estacionou e tocou a campainha.

— Você não pode mais vir aqui — disse Kasey. — Sabe disso.

Kasey se apoiou no batente da porta, os braços cruzados. Não parecia irritada, apenas incomodada, como se estivesse olhando para um gato que já havia posto para fora muitas vezes, mas que sempre conseguia voltar para dentro de casa.

— Aubrey está? — perguntou Nadia, baixinho, olhando para o capacho.

— Será que você não entende que ela não quer falar com você? Pelo amor de Deus, você e ele não desistem de…

Nadia mexeu no cascalho com o pé, tentando conter as lágrimas. O choro brotara de repente, como um sangramento no nariz. Imaginava Aubrey contando sobre a traição, Monique e Kasey horrorizadas, porque quem não ficaria? Uma menina que tinha morado na casa delas, que haviam

tratado como filha, sobre quem tinham sussurrado tarde da noite, perguntado se não estava quieta demais no jantar. Será que ela está bem? A mãe dela se matou, como ela pode estar bem? Mas você não acha que ela parecia triste hoje?

Kasey suspirou, saindo para a varanda.

— Não pense que isso significa que voltamos a ser amigas. É que eu não aguento ver você chorar.

Nos degraus, Kasey afagou as costas de Nadia enquanto ela enxugava os olhos.

— Meu Deus, onde você estava com a cabeça para fazer uma coisa dessas?

— Eu estraguei tudo.

— Isso é verdade.

— Ela não me dá espaço para pedir desculpas…

— E o que você esperava? Ela ainda está sofrendo, querida.

— Mas o que eu posso fazer? O que eu devo fazer?

— Vai levar tempo. Você tem que deixá-la em paz.

Mas Nadia não conseguia. Não conseguia parar de ligar, de escrever nem de passar pela casa. Era isso que significava amar alguém, não era? Não podia abandoná-la, mesmo que Aubrey a odiasse. Nunca podia abandoná-la. Nadia tentou ligar para o telefone fixo uma ou duas vezes, até Monique atender um dia.

— Você é muito cara de pau mesmo.

— Por favor — pediu Nadia. Era só o que sabia dizer. — Eu só queria falar com ela. Por favor.

— Ninguém mais liga para o que você quer.

———

UM MÊS SE passou, depois dois. Pela manhã, ela preparava o café para o pai: misturando o comum e o descafeinado, como ele gostava. Levava as Mães à Upper Room e à noite preparava o jantar do pai. Pensou em ir embora, mas então o Natal chegou, anunciado apenas por pisca-piscas em palmeiras e faixas grossas de algodão espalhadas pelos jardins, imitando neve. Não passava o Natal em casa desde a morte da mãe. Imaginara todos, oito anos

sem tradições, oito Natais vazia e sozinha. Ninguém para pendurar as meias, fazer biscoitos temáticos nem enrolar guirlandas na lareira. Ninguém para procurar as caixas da garagem em que a mãe escrevera com cuidado *papel de presente* ou *decorações da varanda*. Apenas um Natal californiano sem nenhum enfeite, um dia ensolarado comum. Mas, naquele Natal, Nadia se ajoelhou na garagem com uma tesoura, abrindo com cuidado as caixas fechadas. Pendurou duas meias, não três, e pôs lâmpadas vermelhas e verdes nas arandelas do corredor. Comprou uma árvore no Walmart — nada parecida com os pinheiros verdadeiros de dois metros que o pai antes chegava arrastando pela porta — e a montou na sala, empurrando os galhos espinhosos para que ficassem no lugar. Agarrou entre os dedos a saia de feltro da árvore, felpuda e verde, e a cheirou, tentando sentir algo da mãe. Mas conseguiu apenas aspirar poeira e aroma de pinho.

Depois do Natal, voltou a pensar em ir embora — chegou a marcar o voo e tudo —, mas sempre sentia que algo a impedia. Ainda não. Não podia deixar o pai de novo, ainda não. À noite, arrastava uma cadeira da cozinha até o armário para alcançar os álbuns de fotos que o pai guardava lá no alto. Com o álbum nos joelhos, virava cada página lentamente, analisando fotos de si mesma recém-nascida, pálida, enrugada, olhinhos brilhantes, enrolada numa mantinha amarela. A mãe com ela no colo, na cama do hospital, o cabelo grudado na testa suada. Parecia exausta, mas sorria. Seu corpo havia se dilacerado, mas ela sorria. Virou a página. Agora era um bebê, engatinhando perto de pés anônimos; era uma criança gordinha, correndo atrás de patos no parque; na pré-escola, com um sorriso banguela. Passava pela foto dela bebê no colo do pai, a que havia estudado quando ele estava longe, tão distante e estranho quanto a guerra em si. Ele sorria para a câmera, um sorriso cansado como o da mãe, mas ainda assim parecia contente. Feliz, até.

Às vezes, a caminho do quintal para dar suas voltas lentas, o pai se inclinava para dar uma olhada nos álbuns. Ela virava as páginas que mostravam seu primeiro aniversário, passava por fotos suas na cadeirinha de alimentação, com um chapéu de festa torto na cabeça. Certa noite, ela chegou a uma nova página do fim do álbum que continha fotos da mãe ainda menina, de vestido e meias rendadas, em frente a uma casa, a planície do Texas estendendo-se atrás. Em outra, a mãe era um bebê, mãozinhas enterradas num bolo de aniversário, a carinha toda suja de glacê vermelho e

verde. Um menino mais alto que ela a abraçava, sorrindo para a câmera. Tinha passado glacê no próprio rosto para ficar igual a ela.

Quando o pai se inclinou para o sofá, ela quase fechou o álbum. Mas ele pôs o dedo na página, ao lado da foto do bebê sorridente que se tornaria a mãe dela e, depois, esposa dele.

— Quem é esse? — perguntou Nadia, apontando para o menino.

— Seu tio Clarence. Era muito doido. Pena que você não conheceu. Mas as drogas levaram o coitado. Sempre achei que a guerra fosse matar a gente, mas conseguimos voltar e Clarence fez isso sozinho. Ele me apresentou à sua mãe e agora só eu fiquei. Fui o único que sobrou.

Nadia e o pai eram sobreviventes, abandonados por todos, menos um pelo outro. Via TV com ele depois do jantar e o levava à igreja todo domingo de manhã. Ele já podia dirigir, mas ainda se sentava no banco do carona, e ela se perguntava se o pai temia que ela fosse embora caso não se sentisse mais necessária. Certo domingo, ela entrou com ele no saguão olhando ao redor, como sempre, esperando ver Aubrey. A sra. Sheppard a puxou para um canto.

— Você tem falado com Aubrey? — perguntou ela.

— Ultimamente, não.

A sra. Sheppard inclinou a cabeça um pouco para o lado, sem saber se deveria acreditar. Cruzou os braços.

— Ela não quer falar comigo — disse. — Eu não entendo. Fui até lá outro dia e toquei a campainha, mas ela fingiu que não estava em casa. E aquela mulher branca me disse que Aubrey não está recebendo visitas. Desde quando eu sou visita?

Um ciúme familiar penetrou por entre as costelas de Nadia.

— Sinto muito por isso.

— Ela está grávida, sabia?

Nadia sentiu o ar lhe faltar.

— Sério?

— Está com meu primeiro neto na barriga e nem fala comigo. — A sra. Sheppard se empertigou. — Luke não quer me contar o que aconteceu, mas tenho certeza de que você teve alguma coisa a ver com isso. Eu tentei avisar a Aubrey. Tentei avisar a ela sobre vocês. Mas meninas não ouvem a mãe, nunca.

Naquela manhã de domingo, o pastor secou a testa com o lenço enquanto fazia o convite, pedia que todos que queriam aceitar Jesus no coração fossem até a frente, e Nadia ficou vendo as pessoas se ajoelharem no altar, as mãos erguidas para o céu. Os rostos brilhantes, as cabeças para trás, as mãos erguidas enquanto dançavam e cantavam. Durante a oração, Nadia sempre olhava para os outros, de cabeça baixa e olhos fechados, as mãos estendidas para o altar, enquanto ela se mantinha parada, os braços retos junto ao corpo. Sentiu naquele momento e sentia em todos os momentos de oração no culto, quando observava o salão cheio de fiéis: a austeridade da própria solidão.

Enquanto o coro cantava "Tudo entregarei", ela se debruçou no encosto do banco da frente, incapaz de conter as lágrimas. Nadia sentiu um movimento do pai ao lado e depois a mão dele em suas costas. A outra mão pegou a dela, pele áspera em pele macia.

— Quer que eu ore com você? — sussurrou ele.

Ele vivia em orações e sermões, em escrituras que ela não entendia, e, apesar de aquilo sempre fazê-la se sentir tão distante dele, Nadia assentiu. Fechou os olhos e baixou a cabeça.

NA MANHÃ EM que pensou em voltar para casa, Aubrey estava deitada na cama, tentando abrir o frasco de vitaminas pré-natais. Já deveria estar de pé — tinha colocado o despertador para meia hora antes —, mas a gravidez lhe dava mais sono que o normal. Quando se mudara para a casa da irmã, tinha dormido sem parar, tantas longas horas inexplicáveis que Monique achou que ela estivesse deprimida. Ela riu da ideia — não podia estar apenas triste? Não podia estar desesperada sem uma explicação física, química? —, mas, quando foi consultar o dr. Toby, ele perguntou se ela poderia estar grávida. Ela fez as contas de cabeça e ficou vermelha, lembrando-se da noite embriagada no sofá da sala. O médico estava certo, no fim das contas. Ela só precisava de uma taça de vinho — ou quatro.

— Achei que você devia saber — disse a Luke.

O telefone ficou em silêncio. Aubrey olhou para a tela para ver se a ligação não tinha caído. Quando finalmente falou, Luke parecia

emocionado, e, apesar de tudo, os olhos dela haviam se enchido de lágrimas também.

— A gente pode se encontrar agora? — perguntou ele.

— Agora não.

— Não vou até aí. Não preciso ir até aí, mas que tal ao médico? Posso ir ao médico com você?

— Não estou pronta.

Ele perguntou quando estaria. Tinha abandonado as tentativas iniciais insistentes de convencê-la a voltar para casa e passado a cercá-la a distância: Aubrey o sentia circular em torno dela, esperando. Não o chamou para nenhuma das consultas, mas o informava das novidades importantes — por exemplo, quando ficou sabendo que era menina. "Uma menina, uau", disse Luke várias vezes. Aquilo lhe lembrou Russell perguntando se Luke queria um menino. Mas toda vez que ele repetia "Uma menina, uau", ela ouvia sua voz se erguer em veneração. O bebê agora parecia real, não só um desejo. Ela imaginou Luke erguendo uma menininha acima da cabeça, uma menina com os cachinhos da mãe ou os mais largos do pai, todos reunidos num montinho. Uma menina que não passaria de casa em casa, que não temeria homens andando por corredores, que não temeria nada, mas esticaria os braços enquanto Luke a erguia bem alto, sempre certa de que aterrissaria em segurança no colo do pai.

— Terra para Aubrey.

Monique estava recostada na porta, bocejando, um copo de água nas mãos.

— Eu ia lá pegar — disse Aubrey.

— Eu sei. Mas eu já estava de pé.

— Você não precisa ficar me vigiando.

— Ninguém estava vigiando você. Eu já tinha acordado.

A única coisa mais irritante que a vigilância da irmã era o fato de ela sempre fingir que não a vigiava. Monique afastou os tênis espalhados pelo chão e as caixas que Aubrey ainda não havia desfeito, apesar de ter voltado meses antes, e pôs o copo na cômoda.

— Bom dia, menininha — disse, dirigindo-se à barriga de Aubrey.

Mo sempre dizia que ela deveria falar mais com a bebê. Na vigésima semana, a neném já consegue ouvir. Na vigésima semana, já reconhece a voz da mãe. Mas Aubrey falava com a bebê da mesma maneira que conversava

com Deus: nunca em voz alta, apenas em pensamento. Ela engoliu as vitaminas e abraçou a barriga. Pronto. Odeio tomar essas coisas e fiz isso por você. Faço tudo por você.

— Cadê Kasey? — perguntou Aubrey.

— Dormindo. — Monique sorriu. — Ei, por que a gente não faz um pouco de exercício? Vamos dar uma corrida?

— Não estou a fim.

— Por que não?

— Você é rápida demais.

— Então eu vou mais devagar. Vamos, você tem que sair de casa. Vai te fazer bem.

Monique se levantou, pegando um par de tênis do chão. Não conseguia evitar: sempre arrumava as coisas.

— Acho que vou passar lá em casa hoje — disse Aubrey. — Só para pegar umas coisas depois do trabalho.

Monique parou o que estava fazendo, ajoelhada em frente ao armário.

— Acha mesmo que é uma boa ideia?

— A casa é minha. Você mesma disse isso.

— Mas nem assim você quis pôr seu marido para fora.

— E para onde ele iria?

— Não sei. Devia ter pensado nisso antes.

— Não tem problema, Mo. Hoje ele trabalha até tarde.

— Quer que eu vá com você?

— Está tudo bem. Vou rapidinho.

Naquela noite, ela abriu a porta da frente devagar, como se entrasse na casa de um estranho. Não pôs as chaves no chaveiro que tinha pendurado na parede porque Luke sempre esquecia onde as havia colocado. Não pendurou o casaco no armário nem tirou os sapatos. Parou à mesinha em que deixavam a correspondência: uma pilha de cartas de Nadia. Não abriu nenhuma porque sabia o que diziam, mas as virou para conferir se estavam intactas. Luke também não abrira. Aubrey imaginou, como costumava fazer, os dois sussurrando sobre ela na cama. Pare, disse a si mesma. Um cordão se estendia dela até a neném, e ela se perguntou se, junto com a comida e os nutrientes, estava mandando outras coisas para a filha. Se a bebê sentia sua tristeza. Talvez aquele cordão nunca se partisse. Talvez ela ainda estivesse se alimentando da mãe.

Acendeu a luz do quarto de hóspedes, que os dois tinham pensado em transformar no quarto do bebê. Antes dos anos de infertilidade, quando eram recém-casados e esperançosos, apontando para espaços vazios e conjurando um berço, um móbile de planetas, paredes pintadas com uma cor suave e sonhadora. A irmã levara catálogos de cores, mas Aubrey encarava os amarelos-limão e os verdes-bebê, nada parecidos com o que ela e Luke haviam imaginado. Quando ouviu o clique da fechadura no corredor, fechou os olhos. Tinha mentido para a irmã: sabia que Luke voltava mais cedo para casa às quintas-feiras, mas tinha vergonha de admitir que sentia falta dele. Não podia ser o tipo de mulher que perdoa tão fácil, mas na verdade não se sentia nem um pouco mulher. Carregava uma menina dentro de si, uma menina que era tanto ela quanto Luke, e tinha se tornado três pessoas em uma, uma estranha trindade.

— Nossa — disse Luke quando ela se virou.

Ele não a via desde que ela ligara para avisar que estava grávida. Aubrey sentiu os olhos do marido avaliarem seu corpo, a barriga protuberante, a feia calça de moletom, e se maravilhar com o que viam. Talvez ela não fosse tão bonita quanto Nadia — nem tão corajosa, nem tão inteligente —, mas era a mãe da filha dele. As duas viviam num piso instável que sempre pendia para o amor ou para a inveja, e agora Aubrey finalmente sentia o piso se estabilizar o suficiente para lhe permitir ficar de pé. Ia dar à luz a criança desejada. Tinha algo que Nadia nunca teria e, pela primeira vez, sentiu-se triunfar sobre Nadia Turner.

— Vocês ainda têm se encontrado? — perguntou.

— Não. Nunca mais. Aubrey, eu só…

— Ou se falado?

Luke balançou a cabeça. Ela não perguntou se ele ainda a amava, porque tinha medo da resposta.

— Não voltei para ver você — explicou ela. — Andei pensando no quarto do bebê, e a casa da minha irmã é muito pequena…

— Claro. Vamos fazer aqui. O que você quer? Eu arranjo.

Aubrey imaginou os dois montando o quarto, pedaço por pedaço, como ela e a irmã tinham redecorado o quarto de hóspedes quando ela se mudara. Criara o quarto dos sonhos de Aubrey, um quarto que ela imaginara ao dormir em camas de armar, sofás e hotéis, um quarto que montara na cabeça quando precisava de um lugar para se esconder. O namorado da mãe

a tocava e ela pendurava um quadro, estendia uma colcha grossa sobre a cama, traçava as flores do papel de parede com a ponta dos dedos.

Ela e Luke podiam criar um mundo lindo para a filha, e a menina não saberia de nada.

— Tenho que pensar mais um pouco — disse Aubrey.

— Tudo bem. Tudo bem. Pense o tempo que quiser. — Ele pôs as mãos nos bolsos, avançando um passo hesitante. — Posso… Já está chutando?

— Não. Ainda não. Eu aviso quando começar.

Aubrey se dirigiu à porta, passando pelo porta-chaves, pelo armário e pela mesinha lateral. Então parou e pegou a pilha de cartas. As mais recentes não tinham endereço de remetente, apenas as palavras *Por favor, me perdoe* escritas no envelope em tinta azul manchada.

———

EM FEVEREIRO, ROBERT começou a dar pequenas voltas pelo quarteirão à noite. Usava um casaco esportivo azul-marinho fechado até o pescoço, e Nadia ficava sentada nos degraus da frente de casa, acompanhando a volta lenta, depois mais uma. Ele não precisava mais de ajuda, mas ela ainda fazia pequenas coisas, como preparar o jantar e lavar as roupas. A cada duas semanas, cortava o cabelo dele com a máquina da mãe, imaginando o que ela diria se os visse, se ficaria surpresa que as vidas das duas tivessem se fundido, se ela havia previsto aquilo no instante em que dera um empurrãozinho na filha para dar um beijo no pai. A prova da ordem de fevereiro passou e Nadia começou a pensar na de julho. Ia fazer a prova na Califórnia, não em Illinois, e voltar de vez para casa. Acharia um emprego em algum lugar, talvez no centro de San Diego, a apenas quarenta minutos de Oceanside, para poder continuar levando o pai à igreja aos domingos. Poderia fazer o que toda menina de Oceanside fazia: casar-se com um fuzileiro e não sonhar com outro lugar. Por que não amaria aquele lugar sem invernos nem neve? Poderia encontrar um bom homem e viver naquele verão eterno.

Certa noite, quando o pai virava a esquina, a caminhonete de Luke parou na frente da casa. Ela prendeu a respiração e se levantou rápido enquanto ele saía do carro e se aproximava.

— Oi. Posso entrar?

Ela entrou sem responder. Luke a seguiu. De repente, Nadia se sentiu exposta com a calça de moletom e a camisa larga da Universidade do Michigan, o cabelo num coque frouxo. Olhou para a sala, para o chão sujo, as pilhas de livros na mesa de centro. Mas e daí? Os dias de tentar impressioná-lo haviam acabado, não? E ele a conhecia. Que parte de sua vida era segredo para ele? Os dois pararam à entrada, como se, caso se aventurassem mais para dentro da casa, fossem quebrar um acordo tácito. Então ela foi à cozinha, um cômodo seguro, e ele a seguiu lentamente, as mãos nos bolsos.

— Você soube da Aubrey? — perguntou ele.

— Não.

— Ela pegou as suas cartas.

— Pegou?

— As que você mandou lá para casa. Não sei se leu, mas pegou todas.

Pela primeira vez em meses, o peito de Nadia pareceu mais leve. Aubrey talvez nunca fosse perdoá-la, mas pelo menos sabia que ela lamentava terrivelmente. Encheu um copo de água para Luke.

— Eu soube do bebê — disse ela. — Parabéns.

Ele tomou um longo gole e pousou o copo no balcão.

— Minha mãe?

— Sua mãe.

— Ainda não caiu a ficha. Não sei se todos os homens sentem isso ou se é só… Ela me mandou o ultrassom por e-mail. Acho que sempre me imaginei no consultório com ela, acompanhando tudo.

Nadia pensou na própria ultrassonografia, na mancha branca sem rosto no fundo escuro. Nunca tinha contado a Luke que vira o bebê. Aquilo o magoaria: saber que ela havia visto o filho deles e ele, não. Luke se recostou na parede, enfiou as mãos nos bolsos de novo.

— Eu queria pedir uma coisa — disse ele.

— O quê?

— Você pode falar com a Aubrey?

— Já falei que ela não quer conversar comigo…

— Talvez agora seja diferente — respondeu ele. — Ela pegou as cartas. Você pode contar o que aconteceu: que estava triste por causa do seu pai e que as coisas eram complicadas, por causa de tudo que a gente viveu antes…

— Você quer que eu assuma a culpa.

— Não diga isso.

— É o que você está dizendo, porra!

— Eu quero ver minha filha. Quero conhecer minha menina.

Então eles iam ter uma menina. De certa forma, Nadia se sentiu aliviada. Estava torcendo por isso. Bebê era, ou tinha sido, menino; se o novo bebê fosse menino também, seria como se Bebê tivesse sido não apenas substituído, mas apagado completamente. Era um pensamento bobo. Ela não tinha como saber se Bebê era menino ou não, e como ela ousava se importar com uma criança que nem quisera? Não da maneira que Luke queria aquela menina. Nadia podia fazer aquilo por ele, levar a porrada. Imaginou-se contando aquela versão da história, a versão em que a mãe dele com certeza já acreditava. Tinha seduzido Luke, enganado um homem bom que só estava tentando ajudá-la a cuidar do pai doente. Será que Aubrey acreditaria? Será que alguma mulher acreditaria, a não ser aquela que precisava acreditar?

— Espero que ela perdoe você — disse Nadia. — Espero que você a apoie. Você nunca me apoiou. Me largou naquela clínica. Eu tive que lidar com tudo sozinha…

— Nadia…

— Sinto muito, mas não vou mentir por você. Não vou mais mentir para ela.

Luke saiu em silêncio. Ela o acompanhou até a porta, onde o pai estava parado, tirando o casaco.

— O que houve? — perguntou ele quando Luke passou.

— Nada — respondeu Nadia. — Luke só veio dar um oi.

———

TODA UMA INFÂNCIA de presentes de natal horríveis vivia nas gavetas de Nadia. O pai os encontrou na tarde em que vasculhou as coisas da filha. Nunca teve jeito para presentes — a esposa sempre foi melhor —, mas ainda assim passava horas, todo mês de dezembro, em lojas de departamento, escolhendo colares com formas curvas, braceletes de berloques, qualquer coisa coberta de pedras cor-de-rosa transparentes.

Coisas bonitinhas e femininas que achava que uma menina fosse querer, como um pijama com a foto de um ator estampada, bijuterias pesadas, uma capinha de celular lilás. Encontrou a maioria dos presentes na mesa de cabeceira, enquanto vasculhava as coisas da filha. Queria pensar que ela havia guardado tudo aquilo porque valorizava seus presentes, mas sabia que não era verdade. Nadia não era sentimental, não em relação a ele. Amor não era igual a sentimento. Era mais provável que não tivesse se dado ao trabalho de jogar fora. No fundo de uma gaveta, achou o presente de que mais se orgulhava: uma caixinha de cerâmica coberta de flores de lavanda em relevo. Ao comprá-la, tinha se lembrado de um porta-joias da mãe. Quando menino, passava os dedos pelas flores esculpidas, encantado com os objetos femininos, belos apenas para serem belos.

Não sabia o que estava procurando. Um recibo? Um documento médico? Alguma prova de que a clínica que ela mencionara na conversa com Luke não era a do centro da cidade. Quando Nadia estacionou na frente da casa, ele já havia esvaziado a gaveta da mesinha e coberto a colcha da cama dela com carteiras metálicas, meias felpudas e brincos brilhantes ainda na embalagem. Quando entrou no quarto, ela o encontrou sentado na beirada da cama, a caixinha de cerâmica no colo. Segurando um minúsculo par de pezinhos de bebê dourados.

CATORZE

De manhã bem cedo, o silêncio reinava na Upper Room. Nadia sabia disso porque, anos antes, havia passado todas as manhãs das férias ali. Na época com dezessete anos, ferida e desesperada para provar que era merecedora de atenção, atravessava sozinha os corredores mergulhados em silêncio, levando uma xícara de café da sala do pastor para a esposa dele. Tinha feito aquela jornada todo dia, e, quando servia a xícara fumegante sob o olhar atento da Mãe Betty, ela sempre olhava para a porta fechada do pastor e se perguntava o que ele fazia ali dentro. O trabalho do pastor parecia misterioso, ao contrário do da esposa, que era prático e zeloso. Às vezes ele chegava ao escritório depois de Nadia e sorria para ela ao passar, com uma Bíblia grossa debaixo do braço. Outras vezes, Nadia chegava e o via ao telefone, de costas para a porta, brincando com o fio enrolado. Certa vez, vira o pastor levar um casal a sua sala e imaginara como ele conduzia uma sessão de aconselhamento. Recostando-se na cadeira de couro barulhenta em momentos estratégicos — ele se afastaria quando quisesse demonstrar algo e se aproximaria quando o casal falasse — e falando com um tom sábio e compreensivo. Naquela época, ela se perguntara sobre o tipo de pessoa que marcava reuniões com o pastor de manhã bem cedo. Deviam ser as pessoas mais feridas, as que mais precisavam de ajuda, as que tinham medo de que alguém da congregação descobrisse seus problemas. Nadia nunca havia imaginado que, anos depois, ela e o pai seriam aquelas pessoas. Que chegariam à sala do pastor quando o sol ainda começava a iluminar o céu.

O pastor levou um susto quando os dois entraram. Estava sentado à mesa, debruçado sobre a Bíblia aberta e com uma pilha de blocos de anotações, provavelmente escrevendo um sermão, o que fez a chegada inesperada deles parecer ainda mais inadequada. Mas o pai tinha entrado no quarto dela naquela manhã e dito, com tanta firmeza que ela não conseguiu negar: "Nós vamos falar com o pastor." Nadia passara uma longa noite

acordada imaginando o pai sentado na cama dela, cercado pelas gavetas vazias, segurando os pezinhos de bebê. Os olhos cheios de lágrimas.

— Você mexeu nas minhas coisas? — perguntara ela, baixinho.

— Você fez isso? Fez isso e escondeu de mim?

Ele tinha se recusado a dizer o nome do pecado dela, o que a deixara ainda mais envergonhada. Por isso, Nadia contou a verdade: que tinha namorado Luke escondido, que tinha engravidado, que os Sheppard tinham dado o dinheiro para o aborto. O pai ouviu em silêncio, a cabeça baixa, contorcendo as mãos, e, depois que Nadia terminou, ficou um bom tempo sentado, até finalmente se levantar e sair do quarto. Estava em choque, e ela não entendia por quê. Será que ele já não sabia que não era possível conhecer alguém de verdade? A mãe não havia ensinado aquilo a eles? Agora ela e o pai estavam à porta da sala do pastor e ele olhava para os dois. Pigarreou, indicando as cadeiras de cor vinho diante da mesa.

— Sentem-se — convidou ele, calmo.

— Não — respondeu o pai. — Você não me dá ordens. Ela era só uma menina, seu filho da puta, e você sabia o que seu filho tinha feito…

— Nós resolvemos tudo, Robert…

— Resolveu como? Você que resolveu? Foi você que mandou minha filha fazer aquilo? Ou foi seu garoto?

— Vamos conversar — pediu o pastor, levantando-se. — Ficar irritado não vai resolver nada…

— Estou irritado mesmo! Você não ficaria irritado, pastor? Se fosse uma filha sua?

Ele queria culpar alguém. Como seria fácil permitir. Ela poderia ser a menina inocente, forçada a fazer a cirurgia não natural por um garoto egoísta e um pai hipócrita. Atrás da mesa, o pastor esfregou os olhos, como se a verdade o tivesse exaurido.

— Eu sabia — disse ele. — Eu sabia que não devíamos ter dado o dinheiro. É arrogância interferir em uma vida que Deus criou.

— Não — respondeu ela. — Ninguém me obrigou a fazer nada. Eu não podia… Não queria ter um filho.

— E aí você vai e mata a criança? — perguntou o pai.

Ele estava com nojo dela, o que era pior que raiva. Afinal, ele e a mãe não haviam decidido tê-la? Não a haviam criado, apesar de tudo? Qual era o problema dela? Por que não conseguira ser forte?

— Ninguém me obrigou a fazer nada — repetiu Nadia.

Sua mãe estava morta, tinha ido embora havia muito tempo, mas ficaria orgulhosa em saber que a filha não culpava ninguém pelas próprias escolhas. Ao menos isso.

———

EM SUA ÚLTIMA noite na Califórnia, Nadia pediu ao motorista de táxi que parasse na casa de Monique e Kasey antes de ir para o aeroporto. Ficou dentro do carro estacionado por cinco minutos, vendo o valor no taxímetro aumentar, até que o taxista filipino, grande e forte, abriu a janela para acender um cigarro.

— Você vai entrar ou…

— Só um minuto.

Ele deu de ombros e bateu as cinzas para o lado de fora. Ela encostou a cabeça no vidro, vendo a fumaça formar espirais. O pai tinha ficado parado à porta do quarto dela, observando-a fazer as malas. "Você não precisa ir embora", disse, várias vezes. Se tinha sido por vontade de fazê-la ficar ou por educação, ela não sabia. Ele devia estar se sentando em sua poltrona naquele momento, voltando a se acostumar com o silêncio. Talvez ligasse a TV para preencher a casa com algum barulho. Talvez sentisse falta da simplicidade de sua vida sem ela, de todas as rotinas simples. Teria que encontrar outra igreja — não havia encarado o pastor ao deixar a sala dele —, mas que outra igreja precisaria de um homem solitário e sua caminhonete? Imaginou o pai indo de igreja em igreja, sempre carregando o peso de outras pessoas, sem guardar nada para si mesmo.

Nadia finalmente saiu do táxi e tocou a campainha. Depois do segundo toque, Aubrey entreabriu a porta. A barriga se curvava como uma bola de vôlei sobre a calça larga. Estava grávida da maneira que um dia Nadia havia temido ficar: alguns dias após o teste de gravidez, ela ergueu a camiseta na frente do espelho e encarou a barriga reta, que inchou diante de seus olhos até pender sobre a calça. Quando ligou para marcar a consulta na clínica, o homem que atendeu disse que, antes de marcar uma data, ela precisava ouvir uma gravação que explicava suas outras opções. "Sinto muito", disse ele. "Eles exigem que a gente faça isso." Ele realmente parecia lamentar muito e,

quando ela ficou em silêncio do outro lado da linha, disse que não havia maneira de saber se a mulher realmente ouvia tudo aquilo. Por isso, assim que a gravação começou, Nadia pousou o telefone na mesa. Não precisava ouvir nada para saber que não queria carregar o peso da vida de outra pessoa.

Mas Aubrey não parecia assustada. Estava à vontade, com um suéter largo, a mão na barriga, como se quisesse ter certeza de que ainda estava ali. Aubrey queria o bebê, essa era a diferença. Se a queremos, a magia é um milagre; se não a queremos, é uma maldição.

— Parabéns — disse Nadia.

Tentou sorrir. Era a parte mais difícil, não? Quando a naturalidade de uma amizade começava a exigir um esforço imenso. Quando era preciso ficar no capacho em vez de entrar. Ela analisou o rosto de Aubrey, procurando bondade ou raiva, mas não achou nada, apenas uma calma silenciosa. Aubrey olhou para baixo, fechando ainda mais o suéter.

— Você mentiu para mim — disse ela.

— Eu sei.

— Durante anos. Vocês dois.

— E eu sinto muito. Eu não sabia como…

— Aquele táxi é seu?

Ela sentiu o olhar de Aubrey passar por cima de seu ombro e chegar ao taxista que fumava na calçada.

— Vou embora hoje — disse Nadia.

— Vai ficar quanto tempo fora?

— Não sei.

— Então esse é o seu plano. Você faz isso comigo e simplesmente vai embora.

— Posso entrar um pouco?

Aubrey hesitou. Por um longo instante, Nadia achou que a amiga diria não, mas ela deu um passo para o lado e Nadia entrou na casinha branca que um dia fora sua, passou pelas caixas de papelão espalhadas e foi até a cozinha, onde a imagem de uma ultrassonografia estava presa na geladeira. Ela se aproximou. Lá estava: uma menininha. Vinte semanas, saudável, dez dedos nas mãos, dez nos pés. Na vigésima semana, o bebê já parecia humano.

— Meu pai ficou sabendo — disse Nadia. — Do meu aborto.

— Ah. — A voz de Aubrey soou mais carinhosa. — Ele ficou bravo?

Nadia deu de ombros. Não queria falar sobre o pai, não naquele instante. Voltou a olhar para a ultrassonografia na geladeira, imaginando-se na sala de exame, segurando a mão de Aubrey enquanto o médico passava o sensor pela barriga dela. O médico riria quando entrasse na sala lotada; as pacientes não costumavam levar a família inteira. Ninguém o corrigiria nem diria que Nadia não era da família. Ela se juntaria ao grupo que cercava Aubrey (Monique seguraria a outra mão da irmã, e Kasey, seus ombros) e as quatro mulheres veriam a bebê aparecer, iluminada por trás e desenhada em branco. Será que a neném sentiria o encantamento de todas a observando? Será que se sentiria já cercada de amor antes mesmo de nascer? E quando não era desejado, será que o bebê sentia também?

— Como é? — perguntou Nadia. — Estar grávida?

— É estranho. Seu corpo não é mais seu. Pessoas estranhas tocam na sua barriga e perguntam de quantas semanas você está. Por que elas acham que podem fazer isso? Mas você não é mais só você. Às vezes isso é assustador, porque eu nunca mais vou ser só eu, e às vezes isso é legal, porque vou ser mais que isso. — Ela se recostou na parede. — Mas outras vezes eu penso: "E se eu não amar este bebê?"

— Claro que vai. Como poderia não amar?

— Não sei. Foi o que aconteceu com a gente, não foi?

Às vezes Nadia desejava que isso fosse verdade. Seria muito mais simples acreditar que não fora amada. Seria muito mais simples odiar a mãe por tê-la abandonado. Mas então se lembrava da mãe catando conchas para ela na praia ou acordada a noite toda quando ela estava doente, sentindo a testa da filha e depois a beijando, como se o beijo pudesse detectar a febre melhor que um termômetro. Se nada na vida da mãe tinha sido simples, nem a vida nem a morte, a lembrança que ficara dela também não seria.

— Talvez elas amassem a gente — disse Nadia. — Talvez tenham amado da melhor maneira que conseguiam.

— Isso é ainda mais assustador.

Ela abraçou a barriga. Ali dentro havia uma pessoa, o que era ao mesmo tempo milagroso e aterrorizante. Quem ela seria quando não fosse mais apenas uma?

— Já escolheu o nome?

Aubrey pensou por um momento, depois balançou a cabeça. Estava mentindo. Provavelmente já pensava em listas de nomes desde que o bebê era apenas um sonho. Mas não ia contar a Nadia, e Nadia não tinha o direito de saber. Mesmo assim, depois que deu um abraço de despedida em Aubrey, depois que entrou no táxi, depois que apoiou a cabeça na janela do avião e viu San Diego encolher sob si, Nadia se imaginou no hospital, um dia depois de receber o telefonema. Ela andaria diante do vidro do berçário, observando fileiras de recém-nascidos de touquinha rosa ou azul até encontrá-la. E a reconheceria, uma trouxinha rosa de luz etérea, uma criança gerada por duas pessoas que ela sempre amaria. E reconheceria a bebê que nunca viria a conhecer.

NO PRINCÍPIO ERA a palavra, e a palavra trouxe o fim.

A notícia se espalhou em dois dias, graças a Betty. Mais tarde, ela diria que não quisera causar problemas. Sim, tinha espalhado informações pessoais e particulares, mas só porque não percebera que eram tão pessoais e particulares assim. Estava fazendo seu trabalho matinal, destrancando as portas da igreja, quando ouviu gritos na sala do pastor. Claro que foi conferir o que estava acontecendo. Não era seu dever? E se o pastor precisasse de ajuda? Coisas mais insanas já haviam acontecido. Certa vez tinha lido no *USA Today* que um pastor do Tennessee levara uma facada de um maluco de sua congregação. E vira uma reportagem no *60 Minutes* sobre uma igreja em Cleveland assaltada por criminosos que, por acaso, sabiam exatamente onde ficava o dinheiro dos dízimos. Quando perguntamos o que ela faria caso o pastor estivesse mesmo em perigo, ela fez desdém da pergunta e insistiu para que a deixássemos contar a história. Então Betty foi investigar os gritos e, ao se aproximar, olhou pela janelinha na porta do pastor, e adivinhem quem estava lá dentro?

— Robert Turner — sussurrou ela para toda a mesa no bingo. — Berrando sem parar. Ele mandou o pastor para aquele lugar. Dá para acreditar?

Claro que não dava, por isso Betty estava tão feliz em contar. Mal conseguíamos imaginar Robert irritado, muito menos xingando o pastor na

própria sala.

— Por quê? — perguntou Hattie.

— Não sei — respondeu Betty, mas, pelo sorriso que se abriu devagar, soubemos que ela tinha um palpite. — Só sei que a filha dele estava lá e que Robert não parava de dizer: "Ela era só uma menina!", e o pastor disse que só tinha feito ajudar a tal menina, mas Robert disse que a filha era dele e que ninguém mais tinha que ajudar a filha dele com nada. — Ela fez uma pausa para concluir: — Sabem o que eu acho? Eu acho que nessa história tinha um bebê e que depois não tinha mais.

Ficamos nauseadas, mas não chocadas. Líamos sobre aquilo todos os dias no jornal, meninas se livrando de bebês. Não era nenhuma novidade. Quando crianças, todas tivemos uma amiga, uma prima ou uma irmã que foi mandada para morar com uma tia quando a envergonhada mãe ficou sabendo do estado interessante da filha. Nossas mães haviam acolhido algumas dessas meninas e nós as tínhamos visto trocar de roupa através das frestas nas portas. Já havíamos visto mulheres grávidas, mas a gravidez num corpo de menina é diferente, a barriga redonda pendurada sobre a calcinha de algodão com fitinha rosa. Durante anos, tínhamos nos encolhido quando meninos nos tocavam, temendo que um toque em nossas coxas nos colocasse na mesma situação. Mas, se tivéssemos sido mandadas para longe, teríamos, como elas, seguido com a gestação e voltado para casa como mães. As meninas brancas acabavam de bucho cheio tanto quanto nós, negras, mas pelo menos tínhamos a decência de manter os buchos.

— Vocês acham que…?

— Claro.

— Misericórdia!

— E Latrice sabe, será?

— Tem alguma coisa que ela não saiba?

A garota dos Turner e o bebê rejeitado. Durante dias, não pensamos em outra coisa, e, apesar de termos prometido manter o segredo entre nós, as cartas foram sendo postas na mesa mesmo assim. Mais tarde, nos culparíamos, apesar de nunca termos conseguido determinar quem foi a primeira a abrir a boca. Teria sido a própria Betty, tão desesperada para chamar atenção que, depois de contar a história, não conseguira se conter e fizera um novo show para outra pessoa? Ou talvez Hattie, que ia de carona para casa com a irmã Willis, uma mulher que todo mundo sabia que não

conseguia ficar de bico fechado? Ou talvez alguém tivesse simplesmente ouvido nossa conversa no bingo e a história tivesse se espalhado. Todas éramos culpadas de certa maneira, ou seja, nenhuma era culpada. Mas todas ficamos surpresa no domingo seguinte, quando Magdalena Price saiu do culto no meio do sermão. O pastor tirou os olhos do discurso e, quando a viu sair, gaguejou por um instante, como se tivesse se perdido. Ele falava sobre superar o medo, um sermão que já havíamos ouvido dezenas de vezes. O que teria dito para ofendê-la? Então, na quarta-feira, durante o estudo bíblico, ouvimos o Terceiro John dizer ao irmão Winston que o pastor havia pagado cinco mil dólares para que Nadia Turner tirasse o bebê. Senão, como ela teria conseguido frequentar aquela universidade? Na imaginação da Upper Room, a menina foi ficando mais nova, o cheque ficava maior, os motivos do pastor, mais sombrios. Ele ajudara a matar a criança por temer que aquilo afetasse a igreja dele, ou talvez não quisesse que sua família se misturasse com os Turner. Lembra como a mãe dela era maluca? Lembrar… Como se alguma de nós conseguisse esquecer.

Então o repórter apareceu. Um rapaz branco, recém-saído da faculdade, com calça cor de mamão e um rabo de cavalo louro. No início não levamos o garoto a sério, por causa da calça cor de mamão e tal, mas ele disse que tinha ficado sabendo que nosso pastor pagara a uma menina grávida menor de idade para se livrar da barriga e que será que podíamos falar rapidinho sobre isso? Ficou parado na escadaria da igreja, de pernas abertas, a caneta a postos no bloquinho — que nem os policiais, a mão sobre o coldre, como se para lembrar que podem tirar nossa vida quando quiserem. Dissemos que não sabíamos de nada. Ele suspirou e fechou o bloquinho.

— Achei que mulheres sábias como as senhoras fossem querer saber o que o pastor anda fazendo — disse ele.

Quisemos enxotá-lo daquela escadaria com uma vassoura. Fora! Fora da nossa casa! Quem era ele para ficar bisbilhotando, levantando nosso tapete? Quem era ele para ficar contando nossas histórias? Mas a reportagem saiu de qualquer maneira. Parece que a tia de um dos fotógrafos frequentava a Upper Room e se dispôs a falar. A partir daí, já não importava muito se a história era verdade. O terremoto veio, o que esperávamos havia anos. Não apareciam novos membros. Não apareciam os antigos também. Os pastores locais começaram a recusar convites para nos visitar e pararam de convidar o

pastor para suas igrejas. Betty dizia que tinha dias em que ficava na sala do pastor de perna para o ar, sem agenda para cuidar, sem reuniões para marcar.

Anos depois, quando as portas da Upper Room finalmente se fecharam, fomos visitar Latrice Sheppard. Ela nos convidou a entrar. Ofereceu chá e biscoitos, mas nunca um pedido de desculpas.

— Fiz o que qualquer mãe teria feito. Aquela menina devia me agradecer. Eu dei a vida a ela.

Mas nenhuma de nós sabia que tipo de vida Nadia Turner estava levando. Fazia anos que não a víamos. Hattie dizia que morava em uma das cidades grandes da Costa Leste, como Nova York ou Boston. Havia se tornado uma advogada importante e morava num prédio alto com um porteiro que batia continência quando ela entrava correndo, fugindo da neve. Betty dizia que ela nunca parava quieta e que ainda viajava pelo mundo, de Paris a Roma à Cidade do Cabo, sem nunca descansar. Flora dizia que tinha ficado sabendo pela CNN de uma mulher que havia tentado se matar no Millenium Park. Não sabia o nome, mas, pela foto, parecia muito a garota dos Turner, a mesma pele âmbar e os mesmos olhos claros. Será? Agnes dizia que não sabia, mas que sentira na alma que a menina pensaria em se matar quando crescesse, talvez mais de uma vez, mas que em todas elas escolheria viver. Tinha a mãe dentro de si, segurando uma faca, mas sua alma carregava uma pedra. Toda vez que as duas se enfrentavam, saía uma faísca. Toda a sua vida, aquela faísca.

———

NÓS A VIMOS uma última vez.

Um ano atrás, talvez, numa manhã de domingo que, como todas as manhãs de domingo desde o fim da Upper Room, passamos juntas. Estávamos velhas demais para encontrar uma nova igreja, por isso todo domingo nos reuníamos para ler a Palavra de Deus e orar. Ninguém mais nos deixa pedidos de oração, mas intercedemos por eles mesmo assim, imaginando quais serão, hoje, as necessidades de nossa antiga congregação. Se Tracy Robinson ainda bebe demais, se Robert Turner já deixou de lado o luto pela esposa. Oramos por Aubrey Evans e Luke Sheppard, que, nos últimos dias da Upper Room, vimos juntos carregando a filha — juntos,

mas não tanto, assim como é possível consertar um buraco numa calça gasta e nem por isso ela volta a ficar nova. Nas manhãs de domingo, oramos por todos que lembramos e, depois, nos sentamos na varanda do quarto de Flora e almoçamos. Mas, naquele domingo, olhamos para fora e vimos a caminhonete de Robert Turner vindo pela rua. Ficamos muito animadas em vê-lo, mas, em vez dele, era Nadia ao volante. Mais velha, com uns trinta anos, mas a cara era a mesma, o cabelo caindo nos ombros, óculos escuros cobrindo olhos que brilhavam ao sol. A mão esquerda, para fora da janela, não tinha aliança, mas imaginamos que ela tivesse um homem em algum lugar, um homem do qual poderia se livrar quando quisesse porque nunca aceitaria a possibilidade de ser abandonada. Por que tinha voltado para a cidade? Flora supôs que Robert estivesse mal de saúde outra vez, mas então Hattie notou as caixas de papelão dobradas na caçamba. Talvez estivesse ajudando o pai a se mudar. Talvez o estivesse levando para morar com ela, sabe-se lá onde, e talvez por isso parecesse tão tranquila, porque seria a última vez que entraria na casa da falecida mãe. Agnes jurou ter visto uma bolsa rosa da Barbie no banco. Um presente para a filha de Aubrey? Imaginamos Nadia subindo os degraus com o presente e se ajoelhando diante da menina, uma menina que não existiria se o filho dela existisse.

Então ela sumiu ao virar a esquina e, tão rápido quanto surgiu, ela foi embora. Nunca saberemos por que voltou, mas ainda hoje pensamos nela. Vemos toda a extensão de sua vida se desenrolando em fios coloridos e corremos atrás deles, enrolando-os nas mãos à medida que se esticam. Ela hoje tem a idade da mãe. O dobro dessa idade. A nossa idade. Você é nossa mãe. Estamos entrando em você.

AGRADECIMENTOS

Infinitos obrigadas para as seguintes pessoas, que tornaram este livro possível:

Julia Kardon, a agente dos meus sonhos, que todos os dias me salva com seus conselhos e sua perspicácia. Obrigada por sempre acreditar. Não há nenhuma outra pessoa que eu escolheria para ter no meu canto do ringue. Todos da agência Mary Evans, em especial Mary Gaule, cujos feedback e apoio significaram muito para mim. Sarah McGrath, cuja edição incisiva melhorou este livro a cada passo; Danya Kukafka, pela ajuda inestimável nos bastidores; e todas as pessoas incríveis da Riverhead, cujo entusiasmo contagioso tornou tão divertido o processo de publicação do meu primeiro livro.

Aos professores e funcionários do Helen Zell Writers Program, especialmente Peter Ho Davies, Eileen Pollack, Nicholas Delbanco e Sugi Ganeshananthan, que me ajudaram a transformar um primeiro rascunho num texto final e, depois, num livro.

A meus colegas de talento extraordinário, que a cada oficina me desafiaram com dicas e comentários. Um agradecimento especial a Jia Tolention, que editou e publicou meu primeiro ensaio; a Rachel Green, Derrick Austin e Mairead Small Staid, que, com gentileza e bom humor, me mantiveram aquecida durante três invernos no Michigan; e a Chris McCormick, meu amigo do interior, pelas sessões de brainstorming inesperadas, as viagens de última hora e pelos infinitos conselhos. Ao entrar na pós-graduação, eu esperava apenas melhorar minha escrita — que presente foi conhecer vocês!

Aos professores de escrita criativa que foram meus mentores em Stanford, em especial Ammi Keller, que me incentivou durante a criação do primeiro rascunho aleatório, e Stephanie Soileau, que me desafiou durante

minha primeira revisão verdadeira. Vocês leram meus rascunhos iniciais com muita seriedade e generosidade, pelo qual serei eternamente grata.

A Ashley Buckner, que bateu na porta do meu quarto no alojamento certa noite para me chamar para jantar e, anos depois, é aquela pessoa sem a qual eu não imaginaria minha vida; Brian Wanyoike, que me incentiva a ter uma vida ampla e a pensar de maneira elaborada; Ashley Moffett, minha primeira amiga e primeira leitora. A minha família, por todo amor e apoio. E a todos os escritores, artistas e estudiosos que foram mães para mim, que me deram uma língua, que me deram a vida.

SOBRE A AUTORA



© Emma Trim

Brit Bennett nasceu e cresceu no sul da Califórnia. Formou-se na Universidade de Stanford e se especializou em literatura pela Universidade do Michigan, onde recebeu o Hopwood Award e o Hurston/Wright Award de 2014. Tem textos publicados na *New Yorker*, na *The New York Times Magazine*, na *Jezebel* e em outros veículos de renome. *As Mães* é seu primeiro romance.